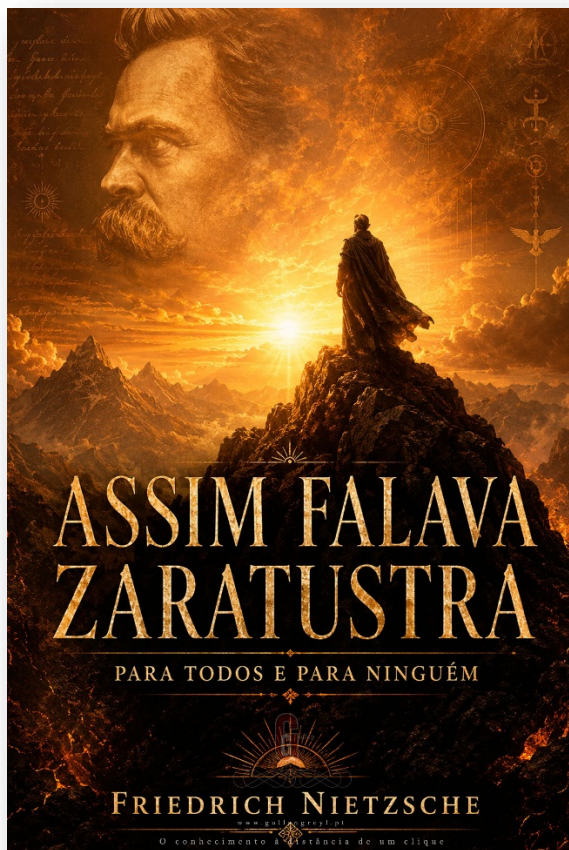


ASSIM FALAVA ZARATUSTRA

Para Todos e Para Ninguém



Autor: Friedrich Nietzsche

Edição e Preparação Digital: Gullan Grey!

Edição original: Also sprach Zarathustra, 1883.

Edição portuguesa concluída em 04-22-2023



Livroteca Gullan Grey!

Sinopse

Em “Assim Falava Zaratustra”, Friedrich Nietzsche apresenta uma das mais poderosas meditações filosóficas sobre a transformação humana. Pela voz de Zaratustra, o autor anuncia a morte dos antigos valores e desafia o homem a deixar de ser uma meta para se tornar uma ponte — uma passagem entre aquilo que é e aquilo que ainda pode criar.

Ao longo de discursos, parábolas e imagens poéticas, surgem temas como o Super-homem, a vontade de poder, o eterno retorno, a crítica à religião, à moral herdada, ao conformismo e ao “último homem”, figura de uma humanidade satisfeita, passiva e incapaz de se superar.

A obra não oferece uma doutrina fechada. Propõe antes um caminho de transformação: suportar o peso dos valores recebidos, libertar-se deles e alcançar a inocência criadora de quem é capaz de afirmar a vida e instituir novos sentidos.

Intenso, simbólico e provocador, “Assim Falava Zaratustra” é um convite a abandonar as velhas tábuas, permanecer fiel à terra e assumir a responsabilidade de criar aquilo que poderá superar o próprio homem.

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

PRIMEIRA PARTE	1
O Anúncio do Super-Homem e os Caminhos do Criador	1
Prólogo de Zaratustra	1
Os Discursos de Zaratustra	30
1. As Três Metamorfoses	30
2. As Cátedras da Virtude	34
3. Dos Visionários do Além	39
4. Dos que Desprezam o Corpo	45
5. Das Paixões de Alegria e de Dor	48
6. Do Pálido Criminoso	52
7. Ler e Escrever	56
8. A Árvore na Montanha	59
9. Dos Pregadores da Morte	64
10. Da Guerra dos Guerreiros	68
11. O Novo Ídolo	72
12. As Moscas da Praça Pública	76
13. Da Castidade	82
14. Do Amigo	85
15. Dos Mil e Um Fins	88
16. Do Amor ao Próximo	92
17. Dos Caminhos do Criador	96
18. Das Mulherzinhas Novas e Velhas	100
19. Da Picada da Víbora	105
20. Do Filho e do Casamento	108
21. Da Morte Voluntária	112
22. Da Virtude Dádiosa	117
SEGUNDA PARTE	126
A Vontade de Poder e a Vitória Sobre Si Mesmo	126
1. A Criança ao Espelho	127
2. Nas Ilhas Afortunadas	132
3. Dos Misericordiosos	137
4. Dos Sacerdotes	142
5. Dos Virtuosos	147
6. Da Canalha	153

7. Das Tarântulas	158
8. Dos Sábios Célebres	164
9. Noturno.....	169
10. O Canto do Baile	173
11. O Canto do Sepulcro	178
12. Da Vitória Sobre Si Mesmo	184
13. Das Almas Sublimes	190
14. Do País da Cultura.....	195
15. Do Imaculado Conhecimento	200
16. Dos Doutos.....	206
17. Dos Poetas	210
18. Dos Grandes Acontecimentos	216
19. O Profeta.....	223
20. Da Redenção	229
21. Da Prudência Humana	238
22. A Hora do Supremo Silêncio	244
TERCEIRA PARTE.....	251
O Eterno Retorno e a Criação de Novas Tábuas	251
1. O Viajante	252
2. Da Visão e do Enigma	257
3. Da Beatitude Involuntária.....	266
4. Antes da Aurora	272
5. Da Virtude Amesquinhadora	278
6. No Monte das Oliveiras	289
7. De Passagem.....	294
8. Dos Trânsfugas.....	300
9. O Regresso	307
10. Dos Três Males.....	314
11. Do Espírito de Gravidade	322
12. Das Antigas e das Novas Tábuas.....	329
13. O Convalescente	364
14. Da Grande Nostalgia	376
15. O Segundo Canto de Baile	381
16. Os Sete Selos (ou: Sim e Amen).....	388
QUARTA PARTE	395

Os Homens Superiores e a Última Provação de Zaratustra.....	395
1. A Oferta de Mel	396
2. O Grito de Angústia	403
3 Diálogo com os Reis	409
4. A Sanguessuga	416
5. O Encantador	422
6. Na Disponibilidade.....	437
7. O Homem Mais Hediondo	445
8. O Mendigo Voluntário	454
9. A Sombra.....	461
10. Meio-Dia	467
11. A Saudação.....	472
12. A Ceia	482
13. Do Homem Superior	485
14. O Canto da Melancolia	503
15. Da Ciência	510
16. Entre as Filhas do Deserto	515
17. O Despertar.....	523
18. A Festa do Burro	529
19. O Canto da Embriaguez	536
20. O Sinal	548

ASSIM FALAVA
ZARATUSTRA

Para Todos e Para Ninguém

Friedrich Nietzsche

PRIMEIRA PARTE

O Anúncio do Super-Homem e os Caminhos do Criador

Esta parte estabelece todo o campo fundamental da obra. Zaratustra desce da montanha, anuncia o Super-Homem, apresenta o homem como ponte e inicia a destruição dos valores herdados. As três metamorfoses — camelo, leão e criança — definem o percurso da transformação: suportar, libertar-se e criar. Os discursos seguintes tratam do corpo, da terra, da virtude, do Estado, da solidão, da amizade, do casamento, da morte e da criação de novos valores.

valores herdados → libertação → criação de si → Super-Homem

Prólogo de Zaratustra

1

Quando Zaratustra chegou aos trinta anos, deixou a sua pátria e o lago da sua pátria, e foi para a montanha. Ali viveu, alimentando-se da sua sagesa e da sua soledade, e dez anos passaram sem que se cansasse. Mas sucedeu que o seu coração mudou, e uma manhã, tendo-se levantado com a aurora, pôs-se em frente do sol e assim lhe falou:

«Ó grande astro! Que seria da tua felicidade, se te faltassem aqueles a quem iluminas?

Faz dez anos que sobes até à minha caverna; e ter-te-ias aborrecido da tua luz e deste trajeto, se não estivéssemos aqui, eu, a minha águia e a minha serpente.

Mas nós esperávamos-te todas as manhãs, para tomar o teu supérfluo e te dar graças.

Vê: enfastiei-me da minha sagesa, como a abelha que acumulasse demasiado mel; tenho precisão de mãos que se estendam para mim.

Queria dar, prodigalizar a minha sagesa, até ao dia em que os homens sábios entre os homens se sentissem felizes por ser loucos, e os pobres felizes por serem ricos.

Para isso vai ser-me necessário descer às profundidades, como tu fazes todas as noites, quando mergulhas abaixo do mar para ir levar a tua luz ao mundo subterrâneo, astro transbordante de riqueza.

Terei de declinar como tu, como dizem os homens para os quais quero descer.

Abençoa-me, pois, olho afável que pode ver sem inveja mesmo o excesso de felicidade!

Abençoa a taça que vai transbordar, e que o seu ouro corrente vá levar por todos os lados o reflexo da tua felicidade!

Olha: esta taça aspira a esvaziar-se de novo, e Zaratustra aspira a tornar a ser homem»,

Assim principiou o declínio de Zaratustra.

2

Zaratustra desceu sozinho da montanha sem encontrar ninguém pelo caminho. Mas ao chegar aos bosques, viu de repente levantar-

se diante dele um ancião que tinha deixado o seu eremitério para procurar raízes na floresta. E o ancião falou a Zaratustra desta maneira:

«Este viandante não me é desconhecido; passou por aqui há muitos anos. Chamava-se Zaratustra; mas mudou.

Nesse tempo, levavas as tuas cinzas para a montanha; é o teu fogo que levas agora para o vale? Não te arreceias do castigo reservado aos incendiários?

Sim, reconheço Zaratustra. O seu olhar é límpido e o seu lábio está virgem de qualquer desgosto. Não está ele a avançar num passo de dança?

Zaratustra mudou, Zaratustra voltou a ser menino,

Zaratustra despertou. Que vens procurar entre os que dormem?

Vivias na tua solidão como no seio de um oceano, e esse oceano te levava. Desgraçado, queres então saltar em terra? Desgraçado, queres então tornar a arrastar tu mesmo o peso do teu corpo?»

Zaratustra respondeu:

«Amo os homens».

«Então por que é que — redarguiu o santo — me retirei para a floresta e para este deserto? Não foi também por amar demasiado os homens?»

Agora amo a Deus; não amo os homens. O homem é uma criatura demasiado imperfeita para o meu gosto. O amor pelo homem matar-me-ia».

Zaratustra respondeu:

«Quem está a falar de amor?! Levo uma dádiva aos homens».

«Nada lhes dêis — obtemperou o santo. — Toma-lhes antes uma parte do fardo, que os ajudarás a carregar; nada lhes dará mais prazer; e possas, também tu, achar-te bem!

E se lhes queres dar uma dádiva, que seja uma esmola, e ainda assim espera que te peçam».

«Não — replicou Zaratustra — eu não dou esmolas. — Não sou pobre bastante para isso».

O santo pôs-se a rir de Zaratustra e falou assim:

«Nesse caso, procura que eles aceitem os tesouros. Eles desconfiam dos solitários e não são capazes de acreditar que lhes vamos oferecer alguma coisa.

O som dos nossos passos pelas ruas acorda um eco demasiado solitário. É por isso que à noite, nas suas camas, quando ouvem passar um homem, muito antes do nascer do sol, eles perguntam: «Onde irá este ladrão?»

Não vás para entre os homens, fica nas montanhas. É melhor ires fazer companhia aos animais.

Por que não queres ser como eu — urso entre os ursos, ave entre as aves?»

«E que faz o santo na floresta?» perguntou Zaratustra.

O santo respondeu:

«Faço canções e canto-as, e enquanto faço as minhas canções, rio, choro e murmuro, e é essa a minha maneira de louvar a Deus.

Cantando, chorando, rindo e murmurando, louvo ao Deus que é o meu Deus, Mas deixa ver: que dádiva nos trazes?»

Ao ouvir estas palavras, Zaratustra despediu-se do santo e disse-lhe:

«Não me faltariam dádivas para vos fazer! Mas deixai-me ir embora depressa, com medo de vos tirar alguma coisa!»

E assim se separaram um do outro, o ancião e o homem feito, rindo como duas crianças.

Mas uma vez que Zaratustra ficou só, falou assim ao seu coração:

«Será possível! Este santo velho na sua floresta ainda não ouviu dizer que *Deus morreu!*»

3

Quando Zaratustra chegou à cidade vizinha, que está situada na margem das florestas, encontrou uma grande multidão na praça pública. Por que estava anunciado o espetáculo de um funâmbulo. E Zaratustra dirigiu-se ao povo nestes termos:

«*Eu vos anuncio o Super-homem. O homem só existe para ser superado. Que fizestes para o superar?*»

Até agora todos os seres criaram alguma coisa que os supera, e vós quereis ser o refluxo desta grande maré e regressar ao animal em vez de superar o homem?

Que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Tal será o homem para o Super-homem: uma irrisão ou uma dolorosa vergonha.

Percorrestes o caminho que vai do verme ao homem, e ainda em vós resta muito do verme. Outrora fostes macacos, e mesmo agora o homem é mais macaco do que todos os macacos.

Mesmo o mais sage de todos vós não passa de um ser híbrido e disparatado, meio-planta, meio-fantasma. Acaso vos disse para vos tornardes fantasmas ou plantas?

Eis que vos anuncio o *Super-homem*.

O Super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: possa o Super-homem tornar-se o sentido da terra!

Exorto-vos, meus irmãos, a que permaneçais fiéis à terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supraterrrestres. Conscientemente ou não, são envenenadores.

São menosprezadores da vida, moribundos, intoxicados de quem a terra está cansada: que pereçam pois!

Noutros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias, mas Deus morreu e com ele morreram esses blasfemadores. De ora em diante, o crime mais atroz, é blasfemar da terra e ter em maior conta as entranhas do impenetrável do que o sentido da terra.

Noutros tempos a alma lançava ao corpo um olhar de desdém; e nada era mais estimado do que este desprezo. A alma queria um corpo fraco, horrível, famélico. Julgava libertar-se deste modo do corpo e da terra.

E essa mesma alma, oh como era ainda fraca, horrível e famélica!
E essa alma descobria na crueldade o seu deleite!

Mas vós, meus irmãos, dizei-me: que diz o vosso corpo da vossa alma? Não é a vossa alma miséria, imundície e conformidade lastimosa?

Na verdade, o homem é um rio lamacento. É preciso ser pelo menos o mar para absorver em si um rio lamacento sem se toldar.

Pois bem, eu vos anuncio o Super-homem. É ele esse mar, nele se irá perder o vosso grande desprezo.

Qual pode ser o maior acontecimento da vossa vida? É a hora do grande desprezo. A hora em que vos enfastie a vossa própria felicidade, e a vossa razão e a vossa virtude.

A hora em que digais: «Que importa a minha felicidade! Não passa de miséria, imundície e conformidade lastimosa. Ora a minha felicidade deveria ser uma justificação da existência.»

A hora em que digais: «Que importa a minha razão! Terá ela fome de saber, como o leão tem fome de carniça? Não passa de miséria, imundície e conformidade lastimosa.»

A hora em que digais: «Que importa a minha virtude? Ainda não me enlouqueceu. Estou farto do meu bem e do meu mal! Tudo isso é apenas miséria, imundície e conformidade lastimosa.»

A hora em que digais: «Que importa a minha justiça? Não me parece que seja ainda todo fogo e todo chama. Ora o justo é todo fogo, todo chama.»

A hora em que digais: «Que importa a minha piedade! Não é a piedade a cruz onde se crava aquele que ama os homens? Ora a minha piedade não me crucificou.»

Já vos dissestes estas coisas? Já lançastes este grito? Ai! Não vos ter eu ouvido falar já assim!

Não são os vossos pecados, é a vossa morna satisfação que clama ao céu; é a vossa parcimónia, mesmo no pecado, que clama ao céu.

Onde está o raio que vos irá lambar com a sua chama? Onde está o delírio contra o qual será necessário inocular-vos?

Vede, eu anuncio-vos o Super-homem. É ele esse raio, é ele esse delírio!»

Assim que Zaratustra disse isto, um homem gritou do meio da multidão:

«Já chega de falar desse saltimbanco! Agora mostra-no-lo!»

E toda a gente se ria de Zaratustra. Mas o saltimbanco, julgando que estas palavras lhe eram dirigidas, começou imediatamente a trabalhar.

4

Entretanto Zaratustra olhava a multidão com assombro. E falou assim:

«O homem é uma corda estendida entre o animal e o Super-homem — uma corda sobre um abismo.

É perigoso vencer o abismo — é perigoso ir por este caminho — é perigoso olhar para trás — é perigoso ter uma tontura e parar de repente!

A grandeza do Homem está em ele ser uma ponte e não uma meta; o que se pode amar no Homem é ser ele transição e perdição.

Amo os que só sabem viver com a condição de perecer, porque perecendo se superam.

Amo aqueles a quem enche um grande desprezo, pois trazem consigo o respeito supremo, são as flechas do desejo apontadas para a outra margem.

Amo aqueles que não precisam de procurar para além das estrelas uma razão para perecer e se sacrificar, mas que se imolam pela terra, para que a terra venha a ser o império do Super-homem.

Amo o que vive apenas para saber, e que quer saber a fim de permitir que um dia o Super-homem viva. É assim que à sua maneira deseja a sua própria perda.

Amo o que trabalha e inventa a fim de construir um dia a residência do Super-homem e preparar para a sua vinda à terra, o animal e a planta; é assim que à sua maneira deseja a sua própria perda.

Amo o que ama a sua virtude; porque a virtude é desejo de perecer e flecha do infinito desejo.

Amo o que reserva para si a menor gota do seu espírito, mas que é a quintessência da sua própria virtude; é no estado de espírito quintessenciado que atravessará a ponte.

Amo o que faz da sua virtude a sua tendência e o seu destino; pois é assim que por amor da sua virtude, quer ao mesmo tempo continuar a viver e deixar de viver.

Amo o que não quer ter demasiadas virtudes. Uma virtude, é mais virtude do que duas, é um nó mais forte a que se aferra o destino.

Amo o que prodigaliza a sua alma, o que recusa qualquer gratidão e nunca a restitui; pois dá sempre e não reserva nada para si.

Amo o que se envergonha quando vê os dados cair a seu favor e que pergunta ao ver tal: «Estarei a fazer batota?» Porque o seu desejo é perecer.

Amo o que espalha uma rima de palavras de ouro perante as suas obras e cumpre sempre com usura o que prometeu; o seu desejo é perecer.

Amo o que justifica antecipadamente os vindouros e redime os do passado; porque o seu desejo é perecer pelos de agora.

Amo o que castiga o seu Deus porque ama o seu Deus; pois perecerá com a cólera do seu Deus.

Amo aquele cuja alma é profunda, mesmo nas feridas, e que pode morrer de qualquer acidente fútil; porque é de bom grado que passará a ponte.

Amo aquele que tem a alma transbordante, a ponto de perder a consciência de si mesmo e nele carrega todas as coisas! Assim é a totalidade das coisas que causa a sua perda.

Amo o que tem o espírito e o coração livres; a sua cabeça apenas serve de entranhas ao seu coração, e é o seu coração que o leva a perecer.

Amo todos os que se parecem com as gotas pesadas que caem uma a uma da sombria nuvem suspensa sobre os homens; anunciam que o relâmpago está próximo, perecem por serem os anunciadores.

Vede: eu sou o anunciador de raio, eu sou uma pesada gota caída da nuvem; mas este raio, é o *Super-homem*».

Depois de Zaratustra pronunciar estas palavras, considerou outra vez a multidão em silêncio.

«Ei-los — disse no seu coração — ei-los que se riem; não me compreendem, eu não sou a boca que convém a estes ouvidos.

Terei de principiar por lhes rebentar os tímpanos para que aprendam a ouvir com os olhos? Terei de tocar címbalos e berrar como pregadores de quaresma? Ou só acreditarão no palavreado dos gagos?

Há uma coisa de que se sentem orgulhosos. Como se chamará a coisa de que se sentem orgulhosos?

Chama-se cultura, é o que os distingue dos cabreiros. É por isso que não gostam nada que os tratem com desdém. É ao seu orgulho que me vou dirigir.

Falar-lhes-ei do que de mais desprezível existe no mundo, quer dizer do *Último Homem*.»

E Zaratustra falou ao povo nestes termos:

«É tempo que o homem se determine um objetivo. É tempo que o homem plante o germe da sua esperança suprema.

O seu solo está ainda bastante rico para tal. Mas um dia, esse solo, tornado pobre e avaro, deixará de poder dar nascença a uma grande árvore.

Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lançará por sobre a humanidade a seta do seu desejo, em que a corda do seu arco terá desaprendido de se esticar.

Eu vo-lo digo: é preciso ter ainda um caos dentro de si para gerar uma estrela dançante. Eu vo-lo digo: tendes ainda um caos dentro de vós.

Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem se tornará incapaz de gerar uma estrela dançante. Ai! O que se aproxima, é a época do homem mais desprezível, do que nem se poderá desprezar a si mesmo.

Olhai! Vou-vos mostrar o *Último Homem*:

«O que é amar? O que é criar? O que é desejar? O que é uma estrela?» Assim falará o Último Homem, piscando os olhos.

A terra ter-se-á então tornado exígua, nela se verá saltitar o Último Homem, que apouca todas as coisas. A sua espécie é tão indestrutível como a do pulgão; o Último Homem será o que viver mais tempo.

«Descobrimos a felicidade» dirão os Últimos Homens, piscando os olhos.

Terão abandonado as regiões onde a vida é rigorosa; pois o homem precisa de calor. Ainda se amará o próximo e se roçará por ele, porque é necessário calor.

A doença, a desconfiança hão-de parecer-lhe outros tantos pecados; é só preciso ver onde se põem os pés! Insensato é aquele que ainda tropeça nas pedras e nos homens!

Algum veneno de vez em quando, coisa que proporciona sonhos agradáveis. E muito veneno para acabar, a fim de ter uma morte agradável.

Trabalhar-se-á ainda, porque o trabalho distrai. Mas ter-se-á cuidado para que esta distração nunca se torne fatigante.

Uma pessoa deixará de se tornar rica ou pobre; são duas coisas demasiado penosas. Quem quererá ainda governar? Quem quererá ainda obedecer? São duas coisas demasiado penosas.

Nenhum pastor e um só rebanho! Todos quererão a mesma coisa, todos serão iguais; quem quer que tiver um sentimento diferente entrará voluntariamente no manicómio.

«Noutro tempo toda a gente era doida», dirão os mais sagazes, piscando os olhos.

Ser-se-á sagaz, saber-se-á tudo o que se passou antigamente; desta maneira se terá com que zombar sem cessar. Ainda se questionará, mas depressa surgirá a reconciliação, com medo de estragar a digestão.

Ter-se-á um pouquinho de prazer durante o dia e um pouquinho de prazer durante a noite; mas respeitar-se-á a saúde.

«Descobrimos a felicidade», dirão os Últimos Homens, piscando os olhos.

Aqui terminou o primeiro discurso de Zaratustra, que também se chama Prólogo; pois neste ponto foi interrompido pelos gritos e pela hilaridade da multidão.

«Dá-nos esse último homem, Zaratustra, — gritavam; — torna-nos semelhantes a esses Últimos Homens! E fica com o teu Super-Homem!»

E o povo todo exultava e dava estalos com a língua. Mas Zaratustra afligiu-se e disse para consigo:

«Não me compreendem nada, eu não sou a boca que convém a estes ouvidos.

Vivi tempo de mais nas montanhas, ouvi de mais os ribeiros e as árvores; e agora falo-lhes como se fala aos cabreiros.

A minha alma não ficou nada abalada, é clara como a montanha pela manhã. Mas eles julgam-me frio, tomam-me por um sinistro chocarreiro.

E ei-los olhando para mim e troçando; e não contentes em troçar, odeiam-me ainda por cima. Há gelo nos seus risos.»

6

Mas sucedeu então uma coisa que fez emudecer todas as bocas e atraiu todos os olhares. Entrementes, pusera-se a trabalhar o saltimbanco; saíra de uma pequena poterna e andava pela maroma presa a duas torres, sobre a praça e a multidão; mas quando estava justamente a meio caminho, abriu-se outra vez a portinha donde saltou um rapaz cheio de cores que parecia um palhaço, o qual correu a grandes passos para o primeiro.

«Depressa, coxelas — gritava com a sua horrível voz — depressa, mandrião, manhoso, cara deslavada! E toma cuidado para que não te pise os calcanhares! Que fazes

metido entre estas duas torres? Na torre devias tu estar metido, impedes o caminho a outro melhor do que tu.»

E a cada palavra se aproximava mais; mas quando estava apenas a um passo do primeiro, sucedeu qualquer coisa terrível que fez calar todas as bocas e atraiu todos os olhares: o recém-vindo lançou um grito diabólico e saltou por cima do que lhe interceptava o caminho.

Ora este, ao ver a vitória do seu rival, perdeu a cabeça e caiu da corda; deitou fora o balancim e precipitou-se ainda mais depressa no abismo, com um redemoinho de braços e de pernas. A praça e a multidão pareciam o mar quando se desencadeia a tormenta; todos fugiram atropeladamente para todos os lados, sobretudo do sítio onde devia cair o corpo.

Mas Zaratustra não se mexeu, e o corpo caiu justamente perto dele, pisado e despedaçado, mas vivo ainda. Passado um momento o ferido recuperou os sentidos e viu Zaratustra ajoelhado a seu lado.

«Que fazes aqui? — acabou por dizer. — Já há muito que sabia que o Diabo me pregaria uma rasteira. Agora vai-me levar para o inferno. Queres impedi-lo?»

«Amigo, — respondeu Zaratustra, — palavra de honra que tudo isso em que estás a falar não existe; não há Diabo nem inferno. A tua

alma ainda há-de morrer mais depressa do que o teu corpo; não tenhas pois receio».

O homem lançou um olhar desconfiado.

«Se dizes a verdade — continuou — não perderei nada ao perder a vida, Não passo de um animal a quem ensinaram a dançar, a poder de pancadas e de fome».

«Não — contrapôs Zaratustra. — Fizeste do perigo o teu ofício, e isso nada tem de desprezível.

Agora vais morrer por causa do teu ofício, e atendendo a isso vou enterrar-te por minhas mãos.»

O moribundo já não respondeu a estas palavras; mas moveu a mão como se procurasse a de Zaratustra para lhe agradecer.

7

Entretanto abeirava-se a noite e a praça sumia-se nas trevas; então a multidão dispersou-se, porque até a curiosidade e o pavor cansam. Mas Zaratustra continuava sentado no chão ao lado do morto, abismado nas suas reflexões; e esquecia-se do tempo.

Por fim fez-se noite e um vento frio soprou sobre o solitário. Então Zaratustra levantou-se e disse consigo:

«Na verdade, Zaratustra fez hoje uma boa pescaria! Não um homem, mas um cadáver!

A vida humana é sinistra e sempre desprovida de sentido; basta um palhaço para lhe ser fatal.

Hei-de ensinar aos homens o sentido da sua existência, quero dizer o Super-homem, o relâmpago que deve jorrar da sombria nuvem humana.

Mas estou ainda muito longe deles, e os meus pensamentos têm um sentido que não fala aos seus sentidos. Os homens ainda só veem em mim um meio termo entre um louco e um cadáver.

Obscura é a noite, obscuros são os caminhos de Zaratustra. Anda, companheiro rígido e gelado! Levar-te-ei ao sítio onde por minhas mãos te enterrarei.»

8

Tendo assim falado para consigo, Zaratustra deitou o cadáver às costas e pôs-se a caminho. Ainda não andara cem passos quando

se lhe acercou furtivamente um homem e lhe segredou algumas palavras ao ouvido; ora o que falava, era o palhaço da torre.

«Sai desta cidade — disse ele —, ó Zaratustra, há aqui demasiada gente que te odeia. Os bons e os justos odeiam-te e dizem que tu os desprezas; os fiéis da verdadeira crença odeiam-te e dizem que és um perigo para a multidão. Ainda tiveste sorte que se rissem de ti; e na verdade falaste como um truão. Tiveste sorte em te associar com o vilão desse morto; rebaixando-te dessa forma salvaste-te por hoje. Mas sai desta cidade — senão amanhã poderei saltar por cima das tuas costas, um vivo por cima de um morto.»

Tendo assim falado, o homem desapareceu; mas Zaratustra seguiu o seu caminho ao longo das ruazinhas escuras.

À porta da cidade encontrou os coveiros; levantando os seus archotes à altura do seu rosto reconheceram Zaratustra e troçaram muito dele.

«Cá temos Zaratustra a carregar este burro morto! Bravo! Zaratustra tornou-se coveiro! Porque não iremos sujar as nossas mãos com semelhante peça! Com que então Zaratustra quer roubar o seu alimento ao Diabo? Enfim, deixemos isso; muita coragem e bom apetite! Oxalá o Diabo não seja melhor ladrão do que Zaratustra! É capaz de os levar aos dois, de os devorar a ambos!»

E desataram a rir, enquanto iam cochichando uns com os outros. Zaratustra não respondeu palavra e seguiu o seu caminho. Depois de ter caminhado durante duas horas, e vencido florestas e pântanos, cansou-se de ouvir o uivo esfomeado dos lobos, e também ele se sentiu atormentado pela fome. Por esse motivo parou diante de uma casa isolada onde brilhava uma luz.

«A fome assalta-me como um salteador — disse Zaratustra. — A minha fome assalta-me no meio das florestas e dos pântanos, em plena noite.

A minha fome tem estranhos caprichos. Muitas vezes só me aparece depois de comer, e hoje em todo o dia não apareceu. Onde estaria escondida?»

Assim dizendo, Zaratustra bateu à porta da casa.

Logo apareceu um ancião com uma luz, que perguntou:

«Quem vem a minha casa perturbar o meu fraco sono?»

«Um vivo e um morto — respondeu Zaratustra.

— Dê-me de comer e de beber, esqueci-me de o fazer durante o dia. O que dá de comer ao faminto reconforta a sua própria alma; assim fala a sabedoria.»

O ancião afastou-se, mas logo regressou e ofereceu a Zaratustra pão e vinho.

«Ruim terra é esta para os que têm fome — disse ele. — É por isso que aqui moro. Vêm ao meu eremitério homens e animais. Mas diz ao teu companheiro que coma e beba também, ele está mais cansado do que tu.»

Zaratustra respondeu:

«O meu companheiro está morto, não será fácil decidi-lo a comer».

«Nada tenho com isso — resmungou o ancião. — O que bate à minha porta deve aceitar o que lhe ofereço. Come, e passa bem!»

Zaratustra caminhou durante mais duas horas, confiando-se ao caminho e à luz das estrelas; porque estava acostumado a caminhar de noite e gostava de olhar em pleno rosto todos os que dormiam. Mas quando principiou a madrugada, Zaratustra achou-se numa espessa floresta onde já se não via mais nenhum caminho. Então pousou o cadáver no côncavo de uma árvore, à altura da sua cabeça — pois queria livrá-lo dos lobos — e deitou-se também, no chão, no musgo. No mesmo instante adormeceu, cansado de corpo, mas com a alma tranquila.

9

Zaratustra dormiu muito tempo, e passaram sobre o seu rosto não só a aurora mas também a manhã. Por fim abriu os olhos; admirado, Zaratustra olhou para a floresta e para o silêncio, admirado olhou para dentro de si mesmo. Ergueu-se precipitado, como navegante que de súbito avista terra, e soltou um grito de alegria: porque se dava conta de uma verdade nova. E falou deste modo ao seu coração:

«Um raio de luz me atravessa a alma; preciso de companheiros, e de companheiros vivos, não de companheiros mortos e de cadáveres que levo para onde quero.

É de companheiros vivos que preciso, de companheiros que me seguirão porque quererão seguir-me, e seguir-me para onde eu quiser.

Um raio de luz me atravessa: não é à multidão que Zaratustra deve falar, mas a companheiros.

Zaratustra não deve ser pastor de um rebanho nem o cão do pastor.

Vim apartar do rebanho muitas ovelhas. É preciso que a multidão e o rebanho se irrite comigo; Zaratustra quer que os pastores vejam nele um salteador.

Eu digo pastores; mas eles chamam-se a si próprios os fiéis da verdadeira crença. Eu digo pastores; mas eles chamam-se a si próprios os bons e os justos.

Vede-os, a esses bons e a esses justos! A quem odeiam mais? Ao que lhes despedaça as tábuas de valores, o destruidor, o criminoso; ora esse, é o criador.

O criador procura companheiros e não cadáveres; não quer nem rebanhos nem fiéis. Procura criadores para se associarem a ele, desses que gravam valores novos em tábuas novas.

O criador procura companheiros que o ajudem na sua colheita, porque nele tudo está sazonado para a ceifa. Mas faltam-lhe cem foices, e por isso arranca as espigas aos punhados, e irrita-se. O criador procura companheiros, dos que sabem afiar as suas foices. Chamar-lhes-ão destruidores e desprezadores do Bem e do Mal. Mas são ceifeiros, que ceifam primeiro e descansam depois.

Zaratustra procura homens que queiram criar com ele, ceifar com ele, descansar com ele. Que se importa ele com rebanhos, pastores e cadáveres?

E tu, primeiro companheiro meu, descansa em paz! Enterrei-te cuidadosamente na tua árvore oca, deixo-te bem abrigado dos lobos.

Mas separo-me de ti, os tempos estão sazoados. Entre o crepúsculo e a aurora surgiu-me uma verdade nova.

Não devo ser pastor nem coveiro. Deixarei até de falar ao povo; foi pela última vez que falei a um morto.

Quero unir-me aos criadores, aos ceifeiros, aos que descansam só depois de cumprido o trabalho; mostrar-lhes-ei o arco-íris e todas as escadas que levam ao Super-homem.

Entoarei o meu cântico aos solitários; aos que se retiraram sozinhos ou aos pares para a solidão; e a quem quer que tenha ainda ouvidos para as coisas inauditas, confranger-lhe-ei o coração com a minha ventura.

Caminho para o meu fim, sigo o meu caminho; saltarei por cima dos hesitantes e dos retardatários. Assim o meu avanço apressará a sua perda!»

10

Assim falara Zaratustra ao seu coração quando o sol atingia o seu zénite; depois dirigiu para as alturas um olhar indagador, porque ouvia por cima de si o grito penetrante de uma ave. E eis que uma Águia descrevia largos círculos no ar, e uma Serpente

estava suspensa dela, não como uma presa, mas como amiga; pois se enroscava ao pescoço da ave.

«Eis os meus animais! — disse Zaratustra, com o coração cheio de alegria.

O animal mais arrogante que o sol cobre e o animal mais astuto que o sol cobre. Saíram em exploração.

Querem saber se Zaratustra ainda está vivo. E, de facto, estarei ainda vivo?

Descobri que é mais perigoso viver entre os Homens do que entre os animais. Perigosas sendas percorre Zaratustra. Guiem-me os meus animais!»

Depois de dizer estas frases, Zaratustra recordou-se das palavras do santo da floresta; suspirou e falou assim ao seu coração:

«Devo ser mais sage! Devo ser pura sageza, como a minha serpente.

Peço, porém, o impossível; pedirei, pois, que a minha Altivez caminhe sempre a par da minha Prudência,

E se um dia a minha Prudência me abandonar — ai!, agrada-lhe tanto fugir! — possa então a minha Altivez voar com a minha Loucura!»

Assim começou o declínio de Zaratustra.

1. As Três Metamorfoses

Vou dizer-vos as três metamorfoses do espírito: como o espírito se muda em camelo, e o camelo em leão, e o leão, finalmente, em criança.

Há muitas coisas que parecem pesadas ao espírito, ao espírito robusto e paciente, e todo imbuído de respeito; a sua força reclama fardos pesados, os mais pesados que existam no mundo.

«O que é que há de mais pesado para transportar?» — pergunta o espírito transformado em besta de carga, e ajoelha-se como o camelo que pede que o carreguem bem.

«Qual é a tarefa mais pesada, ó heróis?» — pergunta o espírito transformado em besta de carga, a fim de a assumir, a fim de gozar com a minha força.

Não será rebaixarmo-nos para o nosso orgulho padecer? Deixar refulgir a nossa loucura para zombarmos da nossa sensatez?

Não será abandonarmos uma causa triunfante? Escalar altas montanhas a fim de tentar o Tentador? Não será sustentarmo-nos

com bolotas e erva do conhecimento, e obrigar a alma a jejuar por amor da verdade?

Ou será estar enfermo e despedir os consoladores e estabelecer amizade com os surdos que nunca ouvem o que queremos?

Ou será submergirmo-nos numa água lodosa, se esta é a água da verdade, e não afastarmos de nós as frias rãs e os abrasados sapos?

Ou será amar os que nos desprezam e estender a mão ao fantasma que nos procura assustar?

Mas o espírito transformado em besta de carga toma sobre si todos estes pesados fardos; semelhante ao camelo carregado que se apressa a ganhar o deserto, assim ele se apressa a ganhar o seu deserto.

E aí, naquela extrema solidão, produz-se a segunda metamorfose; o espírito torna-se leão. Entende conquistar a sua liberdade e ser o rei do seu próprio deserto.

Procura então o seu último senhor; será o inimigo deste último senhor e do seu último Deus; quer lutar com o grande dragão, e vencê-lo.

Qual é este grande dragão a que o espírito já não quer chamar nem senhor, nem Deus? O nome do grande dragão é «Tu deves». Mas o espírito do leão diz: «Eu quero».

O «tu deves» impede-lhe o caminho, rebrilhante de ouro, coberto de escamas; e em cada uma das suas escamas brilham em letras de ouro estas palavras: «Tu deves».

Valores milenários brilham nessas escamas, e o mais poderoso de todos os dragões fala assim: «Em mim brilha o valor de todas as coisas.

Todos os valores foram já criados no passado, e eu sou a soma de todos os valores criados.» Na verdade, para o futuro não deve existir o «eu quero». Assim fala o dragão.

Meus irmãos, para que serve o leão do espírito? Não bastará o animal paciente, resignado e respeitador?

Criar valores novos é coisa para que o próprio leão não está apto; mas libertar-se a fim de ficar apto a criar valores novos, eis o que pode fazer a força do leão.

Para conquistar a sua própria liberdade e o direito sagrado de dizer não, mesmo ao dever, para isso, meus irmãos, é preciso ser leão.

Conquistar o direito a valores novos, é a tarefa mais temível para um espírito paciente e laborioso. E decerto vê nisso um ato de rapina e de rapacidade.

O que ele amava outrora como bem, bem mais sagrado, é o «Tu deves». Precisa agora de descobrir a ilusão e o arbitrário mesmo no fundo do que há de mais sagrado no mundo, a fim de conquistar depois de um rude combate o direito de se libertar deste laço; para exercer semelhante violência, é preciso ser leão.

Dizei me, porém, irmãos, que poderá fazer a criança, de que o próprio leão tenha, sido incapaz?

Para que será preciso que o altivo leão tenha de se mudar ainda em criança?

É que a criança é inocência e esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira por si própria, primeiro móbil, afirmação santa.

Na verdade, irmãos, para jogar o jogo dos criadores é preciso ser uma santa afirmação; o espírito quer agora a sua própria vontade; tendo perdido o mundo, conquista o seu próprio mundo.

Disse-vos as três metamorfoses do espírito: como o espírito se mudou em camelo, o camelo em leão, e finalmente o leão em criança».

Assim falava Zaratustra, e morava nesse tempo na cidade que se chama Vaca malhada.

2. As Cátedras da Virtude

Elogiaram a Zaratustra um sábio que falava doutamente do sono e da virtude, acrescentando que estava cumulado de honrarias e de dinheiro e que todos os mancebos acorriam junto da sua cátedra. Zaratustra foi ter com ele, e sentou-se junto da sua cátedra como todos os seus discípulos. E o sábio falou assim:

«Honrai e respeitai o sono! É o primeiro princípio. E fugi de todos os que dormem mal e ficam acordados de noite.

O próprio ladrão se envergonha em presença do sono, o seu passo leve passa furtivo na noite. Mas aquele que à noite está de vigília é sem pudor, é sem pudor que usa a sua trompa.

Saber dormir não é um caso insignificante; é preciso ter estado acordado um dia inteiro para o conseguir,

Dez vezes ao dia deves conseguir uma vitória sobre ti mesmo; eis o que cria uma grande fadiga, eis o ópio da alma.

Dez vezes deves reconciliar-te contigo mesmo; pois vencermos é amargo, e o que não vence o seu rancor dorme mal.

Procura descobrir dez verdades todos os dias, com receio de passares a noite a procurar a verdade e que a tua alma fique faminta.

Dez vezes ao dia procura rir e estar alegre, senão serás atormentado à noite pelo teu estômago, esse pai da melancolia.

Ainda que seja uma verdade pouco conhecida, é preciso ter todas as virtudes para dormir bem.

Irei dar um falso testemunho? Irei cometer o adultério?

Cobiçarei a serva do próximo? Tudo isto combina mal com um bom sono.

E mesmo no caso de possuímos todas as virtudes, é preciso acrescentar esta virtuosidade, saber adormecer a tempo as próprias virtudes.

É mister que estas lindas mulherzinhas se não desavenham, E por tua causa, desgraçado!

Paz com Deus e com o próximo, eis o que exige um bom sono. E paz com o diabo do próximo. Se não virá assombrar-te a noite.

Respeito à autoridade, obediência à autoridade, mesmo claudicante. Eis o que exige um bom sono.

Será culpa minha se o poder gosta de andar com pernas zambras?

Aquele que gosta de pastar as suas ovelhas no mais verde prado, para mim será sempre o melhor pastor; eis o que favorece um bom sono.

Não ambiciono nem grandes honras nem grandes riquezas; exacerbam a bÍlis. Dorme-se mal, porém, sem uma boa reputação e um pequeno tesoiro.

Gosto mais de receber uma sociedade reduzida do que uma má companhia; mas é mister que saiba chegar e retirar-se no momento oportuno. É isto que favorece um bom sono.

Também me agradam muito os pobres de espírito; ajudam a dormir bem. Bem-aventurados os pobres de espírito, mormente quando se lhes dá sempre razão.

Assim se passa o dia do homem virtuoso. Quando chega a noite, livro-me bem de chamar o sono. O sono, que é o rei das virtudes, não gosta nada de ser chamado.

Somente volto a pensar em tudo o que fiz e pensei durante o dia. E ruminando com uma paciência de vaca, vou-me perguntando: quais foram as tuas dez vitórias sobre ti mesmo?

E as tuas dez reconciliações, e as tuas dez verdades, e as dez gargalhadas que te alegraram o coração?

Assim sonhando e embalado pelos meus quarenta pensamentos, sinto-me de súbito tomado pelo sono que não chamei, ele, rei de todas as virtudes.

O sono bate-me nos olhos, que se tornam pesados. O sono aflora-me os lábios, que ficam entreabertos.

Na verdade aparece com passos de veludo, o mais suave ladrão, e rouba-me os pensamentos; e fico estúpido, tanto como esta própria cátedra.

Mas não lhe resistirei muito tempo; e eis-me já deitado.»

Depois de ter ouvido o sábio falar desta maneira, Zaratustra riu-se consigo próprio, pois uma luz se tinha acendido nele. E disse para consigo:

«Parece-me doido este sábio com os seus quarenta pensamentos; mas creio que compreende bem o sono.

Bem-aventurados os que habitem ao pé deste sábio! Um sono assim é contagioso, mesmo através de uma parede espessa.

Um encanto emana da sua própria cátedra. Não é em vão que os jovens se vêm sentar aos pés deste pregador da virtude.

A sua sabedoria consiste em velar para dormir bem. E, na verdade, se à vida faltasse senso e eu tivesse de eleger qualquer absurdidade, é o género de absurdo que eu próprio preferiria.

Mas agora compreendo o que se procurava primeiro que tudo antigamente, quando se procuravam mestres de virtude: procurava-se garantir um bom sono e virtudes coroadas de dormideiras.

Para todos estes ilustres sábios catedráticos, a sabedoria era um sono sem sonhos; não conheciam na vida sentido mais elevado.

Ainda hoje existem pessoas que se parecem com este pregador de virtude, e nem todas são assim honestas; mas o seu tempo passou já. E não ficarão muito tempo de pé; ei-las já deitadas.

Bem-aventuradas são elas por terem sono; porque não tardarão a adormecer.»

Assim falava Zaratustra.

3. Dos Visionários do Além

Também Zaratustra, como todos os elucidados do além, tinha outrora lançado a seta da sua ilusão para além da humanidade. O mundo pareceu-lhe então ser a obra de um Deus doente e atormentado.

«O mundo parecia-me um sonho, um poema inventado por um Deus. Uma nuvem irisada abrindo-se diante dos olhos de um divino descontente.

Bem e mal, alegria e desgosto, eu e tu — outras tantas nuvens irisadas diante dos seus olhos criadores. O Criador queria desviar de si próprio o olhar: foi então que criou o mundo.

Para quem sofre é uma alegria inebriante desviar os olhos do seu próprio sofrimento e esquecê-lo. O mundo, antigamente, parecia-me alegria inebriante e esquecimento de si.

Este mundo, eternamente imperfeito, imagem de uma eterna contradição e imperfeita imagem, apareceu-me como uma alegria inebriante para o seu imperfeito Criador. Tal era a imagem que fazia do mundo,

Da mesma maneira, semelhante a todos os visionários do outro mundo, lancei para além do homem a seta do meu desejo ilusório. Para além do homem, na verdade?

Ai!, meus irmãos, este Deus que eu criei era obra humana e loucura humana, como todos os deuses.

Era homem, um pobre fragmento de homem e de mim, fantasma saído da minha cinza e da minha chama, e decerto nunca veio do além.

Que sucedeu, meus irmãos? Soube dominar-me, se bem que sofredor; levei as minhas cinzas para a montanha, inventei uma chama mais clara. E vede, o fantasma dissipou-se.

Agora que estou curado, seria para mim um sofrimento e um tormento acreditar em semelhantes fantasmas. Eis o que tenho a dizer a essas pessoas do Além.

Sufrimento e impotência; eis o que criaram todos os aléns, e esse breve desvario de felicidade que só conhece aquele que mais sofre.

A fadiga que com um único salto, um salto mortal, quer atingir o extremo, essa pobre fadiga ignorante que não quer ao menos um maior querer, foi ela que criou todos os deuses e todos os além-mundos.

Acreditai-me, meus irmãos! Foi o corpo desesperando do corpo que passou pelas últimas paredes os dedos tateantes do espírito extraviado.

Acreditai-me, meus irmãos! Foi o corpo desesperando da terra que ouviu falar as entranhas do ser.

Quis então derrubar as últimas paredes com a cabeça, para lá meter a cabeça, e não só a cabeça: quis passar todo inteiro para o «outro mundo».

Mas furta-se às capturas do homem, esse outro mundo, esse mundo desumano e desnaturado, esse nada celeste; e as entranhas do ser não dizem nada ao homem, a não ser que lhe falem pela própria voz do homem.

É deveras difícil, na verdade, demonstrar o ser e obrigá-lo a falar! Dizei-me, meus irmãos: não é a coisa mais insólita também a melhor demonstrada?

De facto, este Eu cheio de contradição e de confusão, é ainda o que fala mais destramente do seu ser, este Eu que cria, que quer e que julga, este Eu, medida e valor das coisas.

E este ser lealíssimo, o Eu, fala do corpo e quer o corpo, mesmo quando sonha e divaga ou esvoaça, com as asas partidas.

O Eu aprende a exprimir-se com uma lealdade crescente; e quanto mais aprende, mais palavras acha para recitar os louvores do corpo e da terra.

Este Eu ensinou-me um novo orgulho, que ensino aos homens: não voltar a ocultar a cabeça na areia das coisas celestes, mas a levantar bem alto esta cabeça terrestre que dá à terra o seu sentido.

Ensino aos homens uma nova vontade: querer conscientemente o caminho que o homem percorreu cegamente, considerá-lo bom e não mais fugir dele furtivamente, como fazem os doentes e os moribundos.

Foram os doentes e os moribundos que menosprezaram o corpo e a terra e inventaram as realidades celestes e as gotas de sangue

redentor; mas até esses venenos doces e lúgubres os foram buscar ao corpo e à terra!

Queriam fugir da sua miséria, e as estrelas pareciam-lhes demasiado longe. Então suspiraram: «Oh!, se houvesse caminhos celestes para alcançar outra existência e outra felicidade!» Foi então que inventaram os seus artifícios e as suas sangrentas beberagens.

E julgaram-se então libertados do corpo e da terra, os ingratos! Mas a quem deviam o espasmo e a voluptuosidade do seu êxtase? Ao seu corpo e a esta terra.

Zaratustra é pleno de indulgência para os doentes. Na verdade, não o enfadam as suas formas de se consolarem ou de se mostrarem ingratos. Portanto, curem-se, superem-se e criem um corpo superior!

Zaratustra também se não enfada com o convalescente que dá à sua ilusão um olhar de ternura e vai à meia-noite assombrar a tumba do seu deus; mas as suas lágrimas são elas próprias doença, e doença do corpo.

Houve sempre muitos enfermos entre os poetas e os que buscam a Deus; perseguem com um ódio furioso os discípulos do conhecimento, e a mais nova das virtudes que se chama proibidade.

Olham sempre para trás, para as idades das trevas; nesse tempo, decerto, a loucura e a fé tinham um rosto diferente, a demência da razão passava por aproximar o homem de Deus, e a dúvida passava por pecado.

Conheço demasiado bem essas pessoas que se acreditam semelhantes a Deus; querem que se acredite nelas, e que a dúvida seja considerada pecado. E também sei de sobra no que elas acreditam acima de tudo.

Na verdade não é nos mundos do além nem nas gotas de sangue redentor; é sobretudo no corpo que elas acreditam, também elas, e o seu próprio corpo é para elas a coisa em si.

Mas é para elas uma coisa doente, e de boa vontade se quereriam ver livres dela. Por isso escutam os pregadores da morte e pregam elas próprias os «além-mundos».

Preferi antes, meus irmãos, a voz do corpo são. É uma voz mais leal e mais pura.

O corpo são, realizado, construído com esquadro, fala com mais lealdade e mais pureza; e fala do sentido da terra».

Assim falava Zaratustra.

4. Dos que Desprezam o Corpo

«Tenho uma palavra a dizer aos que desprezam o corpo. Não lhes peço para mudar de opinião nem de doutrina, mas desfazerem-se do seu próprio corpo — o que os tornará mudos.

— “Eu sou corpo e alma” assim fala a criança. E por que não havemos de falar como as crianças?

Mas o homem desperto para a consciência e para o conhecimento diz: “Todo eu sou corpo e nada mais; a alma é uma palavra que designa uma parte do corpo.”

O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade unânime, um estado de guerra e paz, um rebanho e o seu pastor.

Essa pequena razão a que dás o nome de teu espírito, é meu irmão, é apenas um instrumento do teu corpo, e um bem pequeno instrumento, um brinquedo da tua grande razão.

Tu dizes «eu» e orgulhas-te desta palavra. Mas há qualquer coisa de maior, em que te recusas a acreditar, é o teu corpo e a sua grande razão; ele não diz eu, mas procede como Eu.

Aquilo que a inteligência pressente, aquilo que o espírito reconhece nunca em si têm seu fim. Mas a inteligência e o espírito

quereriam convencer-te que são o fim de todas as coisas; tal é a sua soberba.

Inteligência e espírito não passam de instrumentos e de brinquedos; o Em si está situado para além deles. O Em si informa-se também pelos olhos dos sentidos, ouve também pelos ouvidos do espírito.

O Em si está sempre à escuta, alerta; compara, submete, conquista, destrói. Reina, e é também soberano do Eu.

Por detrás dos teus pensamentos e dos teus sentimentos, meu irmão, há um senhor poderoso, um sábio desconhecido, que se chama o Em si. Habita no teu corpo, é o teu corpo.

Há mais razão no teu corpo do que na própria essência da tua sabedoria. E quem sabe por que é que o teu corpo necessita da essência da tua sabedoria?

O teu Em si ri-se do teu Eu e dos seus saltos arrogantes. “Que significam para mim esses saltos e esses voos do pensamento?” — diz. — Desviam-me do meu objetivo. Porque eu sou o guia e inspiro-lhe todos os seus pensamentos».

O Em si diz ao Eu: “Sofre agora.” E o Eu sofre e pergunta-se como há-de proceder para deixar de sofrer — é para esse fim que lhe deve servir o pensamento.

O Em si diz ao Eu: “Agora goza.” E o Eu sente alegria e pergunta-se como há-de fazer para experimentar ainda muitas vezes a alegria — é para esse fim que lhe deve servir o pensamento.

Quero dizer uma coisa aos que desprezam o corpo. Aquilo que desprezam é a substância a que devem respeito. Quem foi que criou estima e desprezo, valor e vontade?

O Em si criador criou para seu uso o respeito e o desprezo, criou para seu uso a alegria e a dor. O corpo criador criou o espírito para seu uso, para ser a mão da sua vontade.

Até na vossa loucura e no vosso desdém, desprezadores do corpo, servis o vosso Em si. Eu vo-lo digo: é o vosso Em si que quer morrer e se afasta da vida.

Já não pode fazer o que mais desejaria: criar aquilo que o ultrapasse; é esse o objeto do seu desejo supremo, de todo o seu fervor.

É porém tarde de mais para isso — por isso o vosso Em si quer morrer, ó desprezadores do corpo.

O vosso Em si quer perecer, e por esta razão vos transformastes em desprezadores do corpo. Porque não podeis criar já o que vos supere.

E é por isso que vos revoltais contra a vida e a terra. Existe um ciúme inconsciente no olhar oblíquo do vosso menosprezo.

Não irei pelo vosso caminho, desprezadores do corpo. Vós não sois as pontes que levam ao Super-homem».

Assim falava Zaratustra.

5. Das Paixões de Alegria e de Dor

«Se tens uma virtude que seja tua, ó meu irmão, não a tens em comum com ninguém.

Decerto, podes querer chamá-la pelo seu nome e acariciá-la; podes querer puxar-lhe a orelha e brincar com ela.

E bem vê! Dás-lhe um nome que te é comum e à multidão, tornas-te povo e rebanho nas tuas relações com a virtude!

Mais te valia dizer: «Inefável e inominável é aquele que faz o tormento e a delícia da minha alma, e que além disso é a fome das minhas entranhas».

Seja a tua virtude demasiado alta para usar um nome familiar, e se te é necessário falar dela, não te envergonhes de balbuciar.

Fala, então, e balbucia: «É ao meu bem que amo, só assim me agrada, é assim que compreendo o Bem.

Não o quero de modo algum como mandamento de um Deus, não o quero de modo algum como instituição nem necessidades humanas; não o quero de modo algum como guia que me oriente para regiões transcendentais ou paraísos.

Aquela que amo é uma virtude terrestre, não há nela malícia alguma, e também não possui muito senso comum.

Mas é uma ave que construiu o seu ninho em mim, por isso lhe quero e a acaricio – incubo em mim os seus ovos de ouro».

É assim que deves balbuciar e elogiar a tua virtude.

Dantes tinhas paixões que dizias más. Mas agora só tens virtudes; nasceram das tuas paixões.

Impuseste a essas paixões os teus fins supremos; então passaram a ser as tuas virtudes e as tuas alegrias.

E ainda que fosses da raça dos coléricos ou dos voluptuosos, ou dos fanáticos, ou dos vingativos, as tuas paixões acabariam por se tornar virtudes, e anjos todos os teus demónios.

Dantes tinhas no teu antro cães selvagens, mas acabaram por se converter em pássaros e amaviosos cantores.

Extraíste um bálsamo dos teus venenos; ordenhaste a vaca da Aflição e agora bebes o doce leite dos seus úberes.

E nenhum mal nasce de ti de ora em diante, a não ser aquele que resulta da luta das tuas virtudes.

Irmão, és feliz se só tens uma virtude e não várias; pois passas mais ligeiro a ponte,

É uma distinção ter muitas virtudes, mas é sorte bem dura; e não são poucos os que se têm ido matar ao deserto, cansados de serem combate e campo de batalha das suas próprias virtudes.

Irmão, serão um mal a guerra e as batalhas? Mas são males necessários, e é necessário que as tuas virtudes tenham ciúmes umas

das outras e estejam desconfiadas umas das outras e se caluniem entre elas.

Repara como cada uma das tuas virtudes é ávida de tudo possuir, cada uma quer que a totalidade da tua alma lhe sirva de arauto, quer toda a tua força na cólera, no ódio e no amor.

Cada virtude é ciosa das outras, e o ciúme é uma coisa terrível. As próprias virtudes podem morrer por ciúme,

O que anda em redor da chama do ciúme, acaba, como o escorpião, por voltar contra si mesmo o seu aguilhão envenenado.

Ai! meu irmão, nunca viste uma virtude caluniar-se e apunhalar-se a si própria?

O homem é um ser que deve superar-se, por isso necessitas amar as tuas virtudes — porque por elas morrerás».

Assim falava Zaratustra.

6. Do Pálido Criminoso

«Vós, juízes e sacrificadores, não quereis matar enquanto a besta não tiver curvado a cabeça? Vede, o pálido criminoso inclinou a cabeça, o seu olhar exprime o supremo Desprezo.

«O meu Eu é o que deve ser superado, o meu Eu inspira-me o profundo desprezo do homem» — eis o que diz este olhar.

O momento em que se condenou foi o seu apogeu; não o deixeis descer deste cimo para a sua baixa.

Para aquele que tanto sofre por si, não há redenção possível, a não ser uma morte rápida.

Quando matais, ó juízes, que seja por compaixão e não por vindicta. E, ao matar, procurai justificar a própria vida.

Não basta que vos reconcilieis com aqueles que ides fazer morrer. Que a vossa tristeza seja amor pelo Super-homem; assim justificareis a vossa própria sobrevivência.

Deveis-lhe chamar «inimigo» e não «malfeitor», «enfermo» e não «infame», «louco» e não «pecador».

E tu, juiz vermelho, se confessasses em voz alta aquilo de que te tornaste culpado em pensamento, toda a gente gritaria: «Abaixo esta imundície, esta serpente venenosa!»

Uma coisa porém é o pensamento, outra coisa o ato, outra coisa a imagem do ato. Não há entre eles nenhum laço de causalidade.

Foi uma imagem que fez empalidecer este homem lívido. Estava à altura do seu ato quando o perpetrou, mas não suportou a sua imagem depois de o ter consumado.

Vê-se apenas como o autor de um único ato, desde então. É a isso que chamo a sua loucura; tomou a exceção pela norma.

Um risco de giz hipnotiza a galinha: o ato praticado hipnotizou a sua pobre razão; é a isso que chamo a loucura *depois* do ato.

Ouvi, ó juízes! Há também outra loucura, a loucura *antes* do ato. Ah! Ainda não penetraste profundamente nessa alma.

Assim fala o juiz vermelho: «Por que foi que esse homem matou? Para roubar», Mas eu vos digo: «A sua alma tinha sede de sangue, não de rapina: tinha sede da felicidade da faca».

Mas a sua pobre razão não compreendeu esta loucura e persuadiu-o de outra coisa: «Que importa o sangue? — disse ela. — Nem ao menos queres aproveitar para roubar? Ou para te vingar?»

E ouviu a sua pobre razão, cuja linguagem pesava sobre ele como chumbo — então roubou depois de ter matado. Não se queria envergonhar da sua loucura.

E agora o chumbo do seu crime volta a pesar sobre ele, e a sua pobre razão parece-lhe tão embotada, tão paralisada, tão torpe!

Se ao menos pudesse abanar a cabeça o seu fardo cairia. Mas quem poderá abanar esta cabeça?

Quem é este homem? Um novelo de doenças que sonham em lançar-se pelo mundo para nele procurarem a sua presa.

Quem é este homem? Um nó de serpentes ferozes que raras vezes estão em paz umas com as outras; então abrem caminho uma para cada lado a procurar presa pelo mundo.

Vede este pobre corpo. Os seus sofrimentos, os seus desejos, a sua pobre alma tentou interpretá-los como uma sede de crime, como a aspiração ao prazer da faca.

O que hoje cai doente sucumbe ao mal de hoje, quer fazer sofrer os outros com aquilo que o faz sofrer. Mas houve outros tempos e outras espécies de bem e de mal.

Dantes o mal, era a dúvida, e o desejo de ser Em si. O doente, era herético ou a feiticeira; e era como herético ou como feiticeira que padecia e queria padecer.

Mas trata-se de coisas que vos recusais a ouvir; prejudica, dizeis, aqueles a quem chamais pessoas de bem. Mas que me importam a mim as vossas pessoas de bem?

Nas vossas pessoas de bem há muitíssimas coisas que me repugnam, e não decerto o mal que nelas existe. Desejaria que tivessem uma loucura que as levasse a perecer, como esse pálido criminoso.

Na verdade quereria que a sua loucura se chamasse verdade ou lealdade ou justiça; mas a sua virtude serve-lhes para viver durante muito tempo em mísera conformidade.

Eu sou um parapeito na margem do rio; agarre-me quem puder. Mas não sou vossa mula».

Assim falava Zaratustra.

7. Ler e Escrever

«De quanto se escreve, só amo o que alguém escreve com o seu sangue. Escreve com sangue, e descobrirás que o sangue é espírito.

Não é nada fácil compreender o sangue alheio; eu detesto todos os que leem como ociosos.

Quando se conhece o leitor, já nada se faz pelo leitor. Mais um século de leitores, e o próprio espírito será um fedor.

Que toda a gente tenha o direito de aprender a ler, eis o que com a continuação vos aborrece não somente de escrever mas de pensar.

Outrora o espírito era Deus, depois fez-se homem, agora transforma-se na população.

O que escreve com o seu sangue e em máximas não quer ser lido, mas decorado.

Nas montanhas, o caminho mais curto vai de cima a cima; mas para isso é preciso ter pernas altas. As máximas devem ser cumieiras, e aqueles a quem as destinas devem ser esbeltos e altos.

O ar leve e puro, o perigo próximo e o espírito pleno de alegre malícia, tudo isto se harmoniza maravilhosamente.

Gosto de me ver rodeado por duendes maliciosos, porque sou corajoso. A coragem afugenta os fantasmas, mas cria os seus próprios duendes. A coragem gosta de rir.

Sinto todas as coisas diferentemente de vós; a nuvem que distingo abaixo de mim, escura e carregada, e de que me rio — é para vós uma nuvem tempestuosa.

Vós olhais para cima, porque aspirais a elevar-vos. E eu, como estou no alto, olho para baixo.

Qual de vós sabe ainda rir, mesmo depois de ter atingido o alto?

O que escala os mais elevados montes ri-se das cenas trágicas do palco como da gravidade trágica da vida,

Corajosos, despreocupados, zombeteiros, imperiosos, assim nos quer a sabedoria; é mulher e só pode amar guerreiros.

Vós me dizeis: «A vida é um fardo pesado». Mas para que vos servem o vosso orgulho matinal e a vossa resignação da tarde?

A vida é um fardo pesado? Não vos mostreis tão contristados! Não passamos todos de uns bons burrinhos e burrinhas de carga.

Que temos de comum com o botão de rosa que verga sob o peso de uma gota de orvalho?

É verdade que se amamos a vida, é por estarmos mais habituados a amar do que a viver.

Há sempre o seu quê de loucura no amor. Mas há sempre o seu quê de razão na loucura.

E quanto a mim, que gosto da vida, parece-me que aqueles que melhor se entendem com a felicidade, são as borboletas e as bolas de sabão, e tudo o que entre os homens se lhes assemelhe.

Ver revoltear essas alminhas aladas e loucas, graciosas e movediças, é o que arranca a Zaratustra vontade de chorar e de cantar.

Eu só podia acreditar num Deus que soubesse dançar.

E quando vi o meu Diabo, achei-o grave, meticuloso, profundo, solene; era o espírito de Gravidade. É ele que faz cair todas as coisas.

Não é a cólera, é o riso que mata. Adiante! Matemos o espírito de Gravidade!

Eu aprendi a andar: desde então deixei de esperar que me empurrassem para mudar de sítio.

Vede como me sinto leve; vede, estou a voar; vede, agora vejo-me do alto, como um pássaro; vede, um Deus dança em mim».

Assim falava Zaratustra.

8. A Árvore na Montanha

Zaratustra, tinha notado que um mancebo o evitava. E uma tarde, ao atravessar sozinho as montanhas que dominam a cidade denominada «Vaca Malhada», eis que encontrou no seu caminho esse mancebo sentado ao pé de uma árvore, dirigindo ao vale um olhar cansado. Zaratustra enlaçou a árvore a que o mancebo se encostava e disse:

«Se eu quisesse sacudir esta árvore com as minhas mãos, não seria capaz.

Mas o vento, que não vemos, açoita-a e dobra-a como lhe apraz. As mãos invisíveis são hábeis entre todas em nos dobrar e açoitar à sua vontade».

A tais palavras o mancebo levantou-se estupefato e exclamou:

«Estou a ouvir Zaratustra, e era precisamente nele que estava a pensar».

Zaratustra explicou:

«Que te leva a ter medo? O que sucede à árvore sucede ao homem.

Quanto mais aspira a subir para as alturas e para a luz, mais as suas raízes aspiram a mergulhar na terra, nas trevas, nas profunduras — no mal».

«Sim, no mal — exclamou o mancebo. — Como é possível teres descoberto a minha alma?»

Zaratustra sorriu e disse:

«Há almas que nunca descobriremos, a não ser que as tenhamos inventado».

«Sim, no mal!» — repetiu o mancebo — «Disseste a verdade, Zaratustra. Já não tenho confiança em mim desde que aspiro a elevar-me às alturas e já ninguém tem confiança em mim. A que se deve isto?

Mudo depressa demais. O meu Eu de hoje contradiz o meu Eu de ontem. Com frequência salto degraus quando subo — e nenhum degrau mo perdoa.

Quando chego acima, acho-me sempre só. Ninguém me dirige a palavra, a solidão glacial obriga-me a tiritar. O que venho eu então procurar nas alturas?

O meu desejo e o meu desprezo crescem a par; quanta mais me elevo, mais desprezo o que se eleva.

Que vai ele procurar nas alturas? Como me envergonho de subir aos tropeções! Como troço do meu fôlego ofegante! Como odeio aquele que tem asas! Como me sinto cansado de ter subido tão alto!»

Aqui o mancebo calou-se. E Zaratustra, olhando atento a árvore a que estavam encostados, assim lhe falou:

«Esta árvore cresceu solitária na montanha; ultrapassou no seu crescimento homens e animais.

E se quisesse falar, ninguém havia que a pudesse compreender, tanto cresceu.

Agora espera, espera sem cessar — mas o quê? Habita demasiado perto da morada das nuvens, decerto espera o raio que não tardará a vir».

Quando Zaratustra acabava de dizer estas palavras, o mancebo dominado por uma violenta agitação, exclamou:

«É verdade, Zaratustra, dizes bem. Ao procurar as alturas, aspirava à minha queda, e tu és o raio que esperava. Olha: que sou eu desde que tu nos apareceste? Foi a inveja que te tenho que me destruiu!» Assim falou o mancebo, chorando amargamente.

Zaratustra, cingindo-o com o seu braço, levou-o consigo. E depois de andarem juntos durante algum tempo, Zaratustra começou a falar assim:

«Tenho o coração dilacerado. Melhor do que as tuas palavras, dizem-me os teus olhos o perigo em que estás.

Ainda não és livre, procuras ainda a verdade. Foi esta procura que te fez passar noites em claro, e exasperou a tua consciência.

Queres escalar as livres alturas, a tua alma aspira às estrelas. Mas os teus maus instintos também têm sede de liberdade.

Os teus cães selvagens querem libertar-te; ladram de alegria na tua cave enquanto o teu espírito tende a abrir todas as prisões.

Tu és ainda, como verifico, um prisioneiro que sonha com a liberdade. Ai! A alma destes presos torna-se prudente, mas também astuta e má.

Até o espírito libertado precisa ainda de se purificar. Guarda ainda sobre si a sombra da sua prisão e o cheiro a bafio; é preciso ainda que a sua vista se purifique.

É certo, conheço o perigo em que estás. Mas conjuro-te, em nome do meu amor e da minha esperança, não repudies nem o teu amor nem a tua esperança!

Ainda te reconheces nobre, assim como nobre te reconhecem os que te querem mal e te olham com maus olhos. Fica sabendo que o homem nobre é uma pedra de toque no caminho de todos os outros.

Até para os bons o nobre é um obstáculo, e até quando lhe chamam bom, é tão somente uma maneira de o pôr de parte.

O homem nobre quer criar alguma coisa nova e uma nova virtude. O bom deseja as velhas coisas, e conservar tudo o que é velho.

E o perigo para o nobre, contudo, não é tornar-se bom, mas insolente, trocista e destruidor.

Ah! Quantos nobres corações assim conheci, que perderam a sua mais elevada esperança! E depois caluniaram todas as elevadas esperanças.

Desde então têm vivido uma vida de minguadas aspirações, feita de alegrias breves, sem ver mais longe que de um dia para outro.

«O espírito é também voluptuosidade», diziam. E quebravam as asas do seu espírito. Agora rastejam e maculam tudo quanto consomem.

Noutro tempo pensavam fazer-se heróis; agora são apenas gozadores. O herói é para eles aflição e espanto.

Mas, em nome do meu amor e da minha esperança, eu te conjuro: não repudies o herói que há em ti! Venera piedosamente a tua mais elevada esperança!»

Assim falava Zaratustra.

9. Dos Pregadores da Morte

«Há pregadores da morte, e a terra está cheia de pessoas a quem se devia pregar que desapareçam da vida.

A terra está cheia de pessoas supérfluas, e os que estão demais estragam a vida. Procuremos então, com o engodo da «vida eterna», persuadi-los a deixar esta vida!

«Amarelos» se costuma chamar aos pregadores da morte — ou então «pretos». Mas eu vo-los mostrarei também sob muitas outras cores.

Os mais terríveis são os que têm dentro de si a fera, e que só podem escolher entre as concupiscências e as mortificações. E até no seu prazer existe mortificação!

Homens temíveis, que nem sequer estão ainda ao nível de homem! Preguem, pois, o abandono da vida, e desapareçam eles próprios!

Eis os tísicos da alma; mal nasceram começaram logo a morrer e têm sede das doutrinas de cansaço e de renúncia.

Quereriam estar mortos, e devemos aceitar-lhes o desejo. Livremo-nos de acordar estes mortos e de tocar nestas sepulturas vivas!

Basta encontrarem um doente, um velho ou um cadáver; e exclamam imediatamente: «A vida está reprovada».

Os reprovados, contudo, são eles unicamente, eles e o seu olhar que só vê uma das faces da existência.

Sumidos numa densa melancolia e apaixonadamente ávidos dos mais leves acasos que podem causar a morte, ei-los que esperam, de dentes cerrados.

Ou então estendem a mão para doces, e ao mesmo tempo zombam da sua própria criancice; estão encostados à vida como uma palhinha, e escarnecem da força que ainda os agarra a esta palhinha.

A sua sabedoria diz: «Louco é aquele que se agarra à vida, mas pertencemos a tais loucos. E esta é a maior loucura da vida».

«A vida é apenas sofrimento», dizem os outros; e não mentem. Tratem portanto de desaparecer vós próprios. Fazei cessar uma vida que é apenas sofrimento.

Eis o que devia ensinar a vossa virtude: «Deves-te matar a ti mesmo. Deves desaparecer diante de ti mesmo».

«A luxúria é pecado — dizem alguns dos que pregam a morte. — Caminhemos separados e deixemos de engendrar».

«É doloroso dar à luz — dizem os outros — e para que serve dar à luz? Só damos à luz infelizes desgraçados». Também estes são pregadores da morte.

«E preciso ser compassivo — dizem os terceiros. — Recebei tudo o que tenho. Recebei o que sou. Assim ficarei menos ligado à vida».

Se fossem verdadeiramente compassivos, tornariam a vida intolerável ao próximo. Ser maus, seria para eles a verdadeira forma de serem bondosos.

Mas querem apenas libertar-se da vida: pouco lhes importa prender outros a ela mais solidamente com as suas cadeias e as suas dádivas.

E vós outros também, cuja vida é apenas inquietação e trabalho encarniçado, não estais cansadíssimos da vida? Não estais bastante sazoados, e mais que sazoados, para a pregação da morte?

Vós todos que amais o trabalho encarniçado e tudo o que é rápido, novo, desconhecido, é porque tendes dificuldade em vos suportar a vós próprios; o vosso ardor no trabalho é uma maneira de fugirdes de vós próprios, e de vos esquecerdes.

Se tivésseis mais fé na vida, não vos entregáveis tanto ao momento corrente. Mas não tendes substância bastante para saber esperar, nem sequer para serdes preguiçosos.

Por toda a parte ressoa a voz dos que pregam a morte; e a terra está cheia de seres a quem é mister pregar a morte.

Ou a «vida eterna» — que para mim é o mesmo — contanto que se vão depressa».

Assim falava Zaratustra.

10. Da Guerra dos Guerreiros

«Não nos preocupamos em ser poupados pelos nossos melhores inimigos, nem tão-pouco por aqueles a quem amamos do fundo do coração. Deixai-me, portanto, dizer-vos a verdade.

Guerreiros, meus irmãos, amo-vos de todo o coração. Eu sou semelhante a vós, sempre o fui.

E sou também o vosso melhor inimigo. Deixai-me, portanto, dizer-vos a verdade.

Conheço o ódio e a inveja que vivem nos vossos corações. Não tendes suficiente grandeza de alma para ignorar o ódio e a inveja. Sede, portanto, bastante grandes para vos não envergonhardes disso!

E se não podeis ser santos do Conhecimento, sede ao menos os seus guerreiros. Os guerreiros do Conhecimento, que são os companheiros e os precursores dessa santidade.

Vejo muitos soldados: oxalá possa ver muitos guerreiros. Chama-se «uniforme» aquilo que vestem; não seja porém, «uni-forme» o que esse traje oculta.

Desejo que sejais daqueles cujo olhar está sempre à procura de um adversário — do vosso adversário. E nalguns de vós se descobre o ódio à primeira vista.

Procurai um inimigo, fazei a vossa guerra, uma guerra por vossos pensamentos. E se o vosso pensamento sucumbe, que a vossa probidade, ao menos cante vitória.

Amai a paz como um meio de novas guerras, e a paz breve mais do que a prolongada.

Não vos aconselho o trabalho, mas a luta. Não vos aconselho a paz mas a vitória. Seja o vosso trabalho uma luta, seja a vossa paz uma vitória!

Não é possível guardar silêncio e permanecer tranquilo senão quando se possui um arco e uma flecha: de outro modo o tempo passa em falatórios e em querelas. Seja a vossa paz uma vitória!

Dizeis que é a boa causa que santifica a própria guerra ? Mas, eu vo-lo digo, é a boa guerra que santifica todas as causas.

A guerra e a coragem fizeram mais coisas grandes do que a caridade. Não foi a vossa piedade, mas a vossa bravura que até hoje socorreu os miseráveis.

«O que vem a ser o bem»? perguntais. O bem é ser valente. Deixai as meninas dizer: «o bem é o que é ao mesmo tempo bonito e tocante».

Chamam-vos gente sem coração; mas o vosso coração é sincero, e a mim agrada-me o pudor da vossa cordialidade. Não tendes vergonha da vossa superabundância, como outros têm pudor da sua indigência.

Sois feios? Seja, meus irmãos. Envolvei-vos em sublime; é o manto da fealdade.

E quando a vossa alma cresce, torna-se presunçosa, e na vossa grandeza há maldade. Conheço-vos.

A maldade é o campo onde se encontram o presunçoso e o débil. Mas não se compreendem. Conheço-vos.

O que precisais, são inimigos para odiar, não inimigos para desprezar. Deveis sentir-vos orgulhosos do vosso adversário. Então os triunfos do vosso adversário serão também vossos.

A revolta é a nobreza do escravo. Seja a obediência a vossa nobreza. Seja a obediência o vosso próprio mandato.

Para um verdadeiro guerreiro, «tu deves» soa melhor do que «eu quero» Mesmo aquilo de que mais gostais, fazei-o como se vo-lo ordenassem.

Que o vosso amor à vida seja amor pela vossa mais elevada esperança, e que a vossa mais elevada esperança seja o mais alto pensamento da vida.

Mas o vosso mais alto pensamento, deveis ouvi-lo de mim, e é este: o homem é aquilo que deve ser superado.

Vivei assim a vossa vida de obediência e de guerra. Que importa que a vida seja longa! Que guerreiro quererá poupar-se?

Não uso de branduras convosco, amo-vos de todo o coração, guerreiros, meus irmãos.

Assim falava Zaratustra.

11. O Novo Ídolo

«Em certos lugares do mundo há ainda povos e rebanhos, mas não entre nós, irmãos; entre nós só há Estados.

O Estado? O que vem a ser isso? Vamos! Abri os ouvidos, porque vos vou falar da morte dos povos.

O Estado é o mais frio dos monstros frios. É frio mesmo quando mente; e eis aqui a mentira que sai da sua boca: «Eu o Estado, sou o povo».

Mentira! Os que criaram os povos e suspenderam sobre as suas cabeças uma fé e um amor, esses eram criadores; assim serviram a vida.

Mas destruidores armaram laços à multidão, e a isso chamam Estado; suspendem sobre as suas cabeças um gládio e mil apetites.

Nos pontos onde ainda há um povo, ele não compreende nada do Estado e odeia-o como uma maldição, como um pecado contra a moral e o direito.

Eu vos dou este sinal: cada povo fala uma língua particular em matéria de bem e de mal que o vizinho não compreende. Invento para seu uso uma língua em matéria de moral e de direito.

Mas o Estado sabe mentir em todas as línguas do bem e do mal; e em tudo quanto diz, mente; e quanto tem, roubou-o.

Tudo nele é falso; morde com dentes postiços, esse impaciente. Até as suas entranhas são falsas.

A confusão de todas as línguas do bem e do mal, eis o sinal que vos dou; tal é o sinal do Estado. Na verdade, é um sintoma da vontade de morrer. Na verdade, é um convite aos pregadores da morte.

Vêm ao mundo homens demais. O Estado foi inventado para os supérfluos.

Vede como ele atrai os supérfluos! Como os engole e os mastiga e os volta a mastigar!

Na terra não há nada maior do que eu; eu sou o dedo soberano de Deus» — assim grita o monstro. E não são só os que têm vista curta e ouvidos sensíveis que se ajoelham diante dele!

Ai! Também em vós, grandes almas, ele sussurra as suas sinistras mentiras. Ai! Ele adivinha os corações ricos que gostam de se prodigalizar.

Sim; adivinha-vos a vós também, vencedores do Deus de outrora. Cansastes-vos do combate, e agora a vossa fadiga pôs-se ao serviço do novo ídolo.

Ele quereria rodear-se de heróis e de homens respeitáveis. Este monstro frio gosta de se aquecer ao sol das boas consciências.

Dar-vos-á tudo, contanto que o adoreis, a este novo ídolo; comprará por este preço o brilho da vossa virtude e o olhar dos vossos olhos altivos.

Quer servir-se de vós como de um isco para a multidão. Sim, inventou com isso uma máquina infernal, um corcel da morte, tilintante sob o seu ajazamento de honras divinas.

Sim, inventou assim para uso da multidão uma forma de morte que se glorifica de ser vida; na verdade era o melhor serviço que se podia prestar aos predicadores da morte.

O Estado é o lugar onde todos se perdem, os bons e os maus; onde o lento suicídio de todos se chama «a vida».

Vede, pois, esses supérfluos! Estão sempre doentes, vomitam a sua bília; é a isso que chamam jornais. Entredevoram-se e nem sequer chegam a digerir-se.

Vede, pois, esses supérfluos! Adquirem riquezas e só se tornam mais pobres. Querem o poder, e primeiro de tudo a alavanca do poder, muito dinheiro — esses impotentes!

Vede trepar esses ágeis macacos! Trepam uns por cima dos outros e arrastam-se mutuamente para o lodo e para o abismo.

Todos querem ascender ao trono; é a sua loucura; como se a felicidade estivesse no trono. Muitas vezes é a lama que está no trono, e muitas vezes é o trono que está plantado no lodo.

São todos loucos, eu vo-lo digo, outros tantos macacos trepadores e febris. O seu ídolo, esse monstro frio, cheira mal; também eles, esses idólatras, cheiram mal.

Quereis por agora abafar na exalação das suas goelas e dos seus apetites, ó meus irmãos? Arrancai antes as janelas, e saltai para o ar livre!

Evitai esse cheiro odioso! Evitai cair na idolatria desses supérfluos!

Evitai esse cheiro odioso! Afastai-vos do fumo desses sacrifícios humanos!

Para aqueles que se exilam voluntariamente, solitários ou aos pares, ainda há vagos muitos sítios onde sopra o hálito dos mares silenciosos.

Ainda resta uma vida livre às almas grandes. Na verdade, quando se possui pouco, tanto menos se é possuído. Abençoada seja uma modesta pobreza!

Onde acaba o Estado começa o homem que não é supérfluo; onde acaba o Estado começa o canto da necessidade, a melodia única, insubstituível.

Onde *acaba* o Estado — olhai para lá, meus irmãos! Não distinguis o arco íris e as pontes que levam ao Super-homem?»

Assim falava Zaratustra.

12. As Moscas da Praça Pública

«Foge, meu amigo, refugia-te na tua solidão! Vejo-te aturdido pelo estrondo dos grandes homens e apoquentado pelos agulhões dos pequenos.

Os penedos e as florestas saberão calar-se, gravemente, na tua companhia.

Assemelha-te de novo à tua árvore querida, a árvore de ampla ramagem, que escuta silenciosa suspensa sobre o mar.

Onde cessa a solidão começa a praça pública; e onde começa a praça pública começa também o ruído dos grandes cómicos e o zumbido das moscas venenosas.

No mundo, as melhores coisas não são nada apreciadas se não houver alguém que as ponha em cena; a estes encenadores é que a multidão chama grandes homens.

A multidão não tem nada o sentido do que é grande, quero dizer do que é criador. Mas é sensível aos encenadores e aos atores das grandes coisas.

O mundo gira em torno dos inventores de valores novos; gira com um movimento invisível. Mas, em torno dos comediantes, gravita a multidão e a glória; e diz-se que «assim vai o mundo».

O comediante tem espírito, mas um espírito despojado de consciência. Acredita sempre naquilo que lhe permite levar os outros a acreditar — nele.

Amanhã terá uma fé nova, e depois de amanhã outra mais nova. Possui perceções rápidas, como a multidão, e intuições variáveis.

Derribar: chama a isto demonstrar. Enlouquecer: chama a isto convencer. E o sangue é para ele a melhor das razões.

A uma verdade apenas feita para ouvidos delicados, chama mentira e nada. No fundo, só acredita nos deuses que provocam muito barulho no mundo.

A praça pública está cheia de truões solenes e a multidão vangloria-se dos seus grandes homens; saúda neles os senhores do momento.

Mas o momento oprime-os e por isso oprimem-te por sua vez. E também a ti exigem que lhes respondas com um sim ou com um não. Desgraçado de ti se te quiseres colocar entre o pró e o contra!

Não invejes esses intransigentes, esses impacientes, adorador da verdade! Nunca a verdade se abandonou nos braços dos intransigentes.

Não tenhas medo desses impulsivos: só na praça pública assediam uma pessoa para lhe arrancarem um sim ou um não.

A vida das fontes profundas decorre com vagar; têm de esperar muito tempo antes de saberem o que caiu na sua profundidade.

Tudo o que é grande foge da praça pública e da fama; é longe da praça pública e da fama que sempre viveram os inventores de valores novos.

Foge, meu amigo, refugia-te na solidão! Vejo-te aguilhoado pelas moscas venenosas. Refugia-te onde sopra um vento rijo e forte!

Refugia-te na tua solidão! Viveste muito perto dos pequenos e dos miseráveis. Foge da sua vingança invisível! A teu respeito só têm um sentimento, a vingança.

Não levantes mais a mão contra eles! São inumeráveis; o teu destino não é ser enxota-moscas!

São inumeráveis, esses pequenos, esses miseráveis; e já se viram altivos edifícios reduzidos a escombros pela ação das gotas da chuva e das ervas más.

Não és de pedra, mas já estás corroído por essas gotículas. Acabarás por te despedaçar, por te quebrar sob todas essas gotas.

Vejo-te espicaçado pelas moscas venenosas, sangrando por cem arranhões, e o teu orgulho nem uma só vez se quer encolerizar.

Querem o teu sangue com a maior inocência; as suas almas anémicas reclamam sangue e picam com a maior inocência.

Mas tu, coração profundo, sofres profundamente com feridas mesmo leves; e antes de terem cicatrizado, já a mesma bicharia vem rastejar pela tua mão.

Pareces-me altivo demais para matar esses glutões; mas toma cuidado que não venhas a ser condenado a suportar toda a sua venenosa injustiça!

Aparecem a zumbir à tua volta; mesmo quando te louvam, o seu louvor é pura importunidade. O que eles querem, é estar o mais perto possível da tua pele e do teu sangue.

Adulam-te como se adula um deus ou um diabo! Choram e choramingam diante de ti como diante de um deus ou de um diabo. Que importa? Não passam de adutores e de choramingas, nada mais.

Também sucede fazerem-se amáveis contigo, mas foi sempre essa a astúcia dos cobardes. Ora os cobardes são astutos.

A sua alma mesquinha pensa muito em ti; acham-te inquietante. Aquilo com que as pessoas se inquietam muito acaba sempre por se tornar inquietante.

Castigam-te pelas tuas virtudes todas. Só te perdoam de todo o coração os teus erros.

Indulgente e equânime como és, dizes: «Não têm culpa da sua própria mesquinhez». Mas a sua alma acanhada pensa: «A existência de tudo o que é grande pecado».

Mesmo quando és benévolo com eles, eles pensam que os desprezas; e as tuas boas obras são-te pagas com dissimuladas malfeitorias.

O teu mudo orgulho desagrada-lhes sempre; rejubilam sempre que acertas em ser bastante modesto para seres vaidoso.

O que reconhecemos nos outros, é também o que neles atizamos. Livra-te, portanto, dos pequenos.

Na tua presença sentem-se pequenos, e a sua baixaza é como um carvão que se avermelha e choca contra ti uma invisível vingança.

Não notaste que se calavam muitas vezes bruscamente quando te aproximavas e que a sua força parece abandoná-los como o fumo abandona o fogo que se apaga?

Sim, meu amigo, és a má consciência do teu próximo; porque nenhum está à tua altura. Por isso te odeiam e quereriam sugar-te o sangue.

Os teus próximos hão-de ser sempre moscas venenosas; a tua grandeza só os torna mais venenosos e mais importunos.

Foge, meu amigo; refugia-te na tua solidão, onde sopra um vento rijo e forte. Não é teu destino ser enxota-moscas».

Assim falava Zaratustra.

13. Da Castidade

«Gosto da floresta. Vive-se mal nas cidades, pois nelas se encontram muitos humanos em cio.

Não vale mais cair nas mãos de um assassino do que nos sonhos de uma mulher com cio?

Se não, olhai para estes homens: os seus olhos o dizem, não conhecem nada de melhor no mundo do que deitar-se com uma mulher.

Têm um depósito de lodo no fundo da alma; e coitados deles, se o seu lodo, para cúmulo, tem inteligência!

Se ao menos fósseis puramente e simplesmente animais! Mas o animal tem a inocência por si.

Será isto aconselhar-vos a que mateis os vossos sentidos?
Aconselho-vos a inocência dos sentidos.

Será isto aconselhar-vos a castidade? Nalguns a castidade é uma virtude, mas em muitos é quase um vício.

É bem possível que sejam continentes; mas a vil Sensualidade mantém-se de sentinela e trai a sua cobiça em tudo o que fazem.

Até nos cimos da sua virtude e nas zonas frias do espírito, os persegue e inquieta a besta monstruosa.

E com que gentileza ela sabe mendigar um pedaço de espírito, essa vil Sensualidade, quando se lhe nega um pedaço de carne.

Amais as tragédias e tudo o que despedaça o coração? For isso desconfio da vossa Sensualidade.

Tendes olhos demasiado cruéis e um ar de sensualidade lúbrica quando olhais para os que sofrem. Não será simplesmente porque a vossa sensualidade disfarçou e usa o nome de compaixão?

E também vos proporei esta parábola: muitos já que querendo expulsar o diabo que traziam em si se mudaram eles próprios em cerdos.

Se a castidade vos pesa, é preciso afastar-vos dela, com receio que a castidade se torne para vós o caminho do inferno, isto é, da lama e da lubricidade da alma.

Estive a falar-vos de coisas imundas? Para mim não é isso o pior.

No é quando a verdade é imunda, é quando não passa de uma água sem profundidade que ao herói do conhecimento repugna a lá mergulhar.

Na verdade, há homens castos por essência; são de coração mais meigo, riem de mais bom grado e mais frequentemente do que vós.

Riem-se até da castidade; e perguntam: «O que vem a ser a castidade? Não será uma loucura? Mas essa loucura veio ter connosco, não fomos nós que a buscámos.

Oferecemos a esta estranha a hospitalidade do nosso coração; veio habitar em nós; que se demore tanto quanto queira!»

Assim falava Zaratustra.

14. Do Amigo

«Tenho sempre junto de mim uma presença importuna», pensa o solitário. «A repetição de um vezes um, acaba por fazer dois, com o correr do tempo.

Eu e Mim lançaram-se num diálogo demasiado veemente. Como seria ele suportável, se não houvesse o amigo?»

Para o solitário, o amigo é sempre um terceiro; O terceiro é a válvula que impede a conversação dos dois de se abismar nas profundidades.

Ai! Existem sempre demasiados abismos para todos os solitários. É por isso que têm uma tal sede do amigo, e à sua altura.

A nossa fé em outrem revela aquilo que desejaríamos poder acreditar de nós próprios. O nosso desejo de um amigo acaba por nos trair.

E muitas vezes a amizade só serve para saltar por cima da inveja. E muitas vezes só atacamos e criamos um inimigo para escondermos que somos vulneráveis.

«Sê, de todos, o menos meu inimigo!» — assim fala o verdadeiro respeito que não ousa solicitar a amizade.

Se quisermos ter um amigo, é preciso também lutar por ele; e para lutar é mister poder ser inimigo.

É preciso honrar no amigo o próprio inimigo. Podes aproximar-te do teu amigo sem passar para o seu campo?

É preciso ter no amigo o melhor inimigo. É resistindo-lhe que ficarás mais perto do seu coração.

Não queres usar nenhum véu para o teu amigo? Pensas honrá-lo mostrando-te tal como és? Mas para te agradecer, ele manda-te para o diabo.

O que não dissimula nada de si, excita a nossa indignação; eis por que vos é tão necessário recear a nudez. Se fôsseis deuses, decerto, seria dos vossos vestidos que teríeis vergonha.

Nunca te adornarás demais para o teu amigo; porque deves ser para ele a seta do desejo lançado para o Super-homem.

Já viste dormir o teu amigo, para o conheceres tal como é? Qual é então o rosto habitual do teu amigo? É o teu próprio rosto, visto num espelho tosco e imperfeito.

Já viste dormir o teu amigo? Não tiveste medo vendo-o tal como é? Ó, meu amigo, o Homem é o que deve ser ultrapassado.

É preciso que o amigo se tenha tornado mestre na arte de adivinhar e de se calar; defende-te de querer ver tudo. Que o teu sonho te revele o que faz o teu amigo que vela.

Seja a tua compaixão adivinhadora; sabe primeiro se o teu amigo deseja a tua compaixão. Talvez ame em ti o olhar passível e a contemplação da eternidade.

Que a tua compaixão pelo teu amigo se dissimule sob uma rude casca: parte um dente sobre esta compaixão; ela terá então finura e suavidade.

Serás para o teu amigo ar puro e solidão, e pão e reconforto? Mais de um que não pode quebrar as suas próprias cadeias soube todavia libertar o seu amigo.

És escravo? Não poderás ser amigo. És tirano? Não poderás ter amigos.

Houve durante muito tempo na mulher um escravo e um tirano escondidos. Por isso a mulher ainda não é capaz de amizade: apenas conhece o amor.

Há injustiça no amor da mulher, e cegueira para tudo quanto não ama. E mesmo no amor iluminado da mulher fica sempre, ao lado da luz, a surpresa, o relâmpago e a noite.

A mulher ainda não é capaz de amizade; gatas, eis o que são as mulheres, ou aves; ou, no máximo, vacas.

A mulher ainda não é capaz de amizade. Mas dissei-me vós, homens, qual de entre vós é porventura capaz de amizade?

Ai, que pobreza a vossa! E quão grande a parcimónia das vossas almas! O que dais ao vosso amigo, estou pronto a oferecê-lo ao meu inimigo, e não me sentirei pobre por isso.

A camaradagem existe: possa a amizade nascer!»

Assim falava Zaratustra.

15. Dos Mil e Um Fins

Zaratustra viu muitos países e muitos povos; descobriu assim o bem e o mal de numerosos povos.

Em parte nenhuma do mundo Zaratustra encontrou maior poder na terra do que o bem e o mal.

Nenhum povo poderia viver se não começasse por fixar valores, e se faz empenho em permanecer não pode adotar as avaliações do vizinho.

«Muitas coisas que um povo considera boas são para outro apenas vergonha e irrisão; eis o que descobri. Vi muitas vezes chamar más a coisas que alhures eram decoradas com a púrpura das honrarias.

Nunca dois vizinhos se compreendem; cada um deles se espanta com a loucura e a maldade do outro.

Sobre cada povo está suspenso um quadro de valores; é o quadro das suas vitórias sobre ele próprio; é a voz da sua vontade de poder.

Chama-se honroso a tudo o que parece difícil; o que é indispensável e difícil ao mesmo tempo, chama-se bem; e o supremo recurso no perigo mais extremo, o que há de mais raro e de mais difícil, chama-se sagrado.

O que garante a um povo domínio, vitória e esplendor, o que excita o terror e a inveja do vizinho, passa por nobre, por primordial, é a norma e o sentido de todas as coisas.

Verdadeiramente, meu irmão, desde que conheças os perigos, o solo, o clima e os vizinhos do teu povo, poderás adivinhar a lei que rege as suas vitórias sobre ele próprio, e saberás por que escolheu esta ou aquela escada para subir para a realização das suas esperanças.

«É preciso ser o primeiro em todas as coisas e superar todos os outros; a tua alma ciumenta não deve amar ninguém senão o amigos»

eis o que fez outrora palpitar a alma grega; era para ela o caminho da grandeza.

«Dizer a verdade e saber manejar o arco e as flechas» — eis o que parecia precioso e difícil ao povo a quem devo o meu nome, este nome que me é caro e difícil de transportar.

«Honrar pai e mãe, e estar-lhes submetido até às raízes do ser» — outro povo fixou por cima da sua cabeça esta tábua das suas vitórias sobre si próprio, e com ela foi poderoso e eterno.

«Ser leal, e por amor desta lealdade votar a sua honra e o seu sangue a uma causa ainda que má e arriscada» — outro povo soube vencer-se graças a este preceito, e tendo-se assim dominado, achou-se fecundado, tornou-se pesado e inchado de grandes esperanças.

Na verdade, os homens deram-se a si próprios a sua regra do bem e do mal. Na verdade, não a tomaram nem a encontraram, e não lhes apareceu como uma voz vinda do céu.

Foi o homem que deu às coisas o seu valor, a fim de as pôr em segurança; foi ele que lhes deu um sentido — um sentido humano. É por isso que se chama «homem» — o medidor das coisas¹.

Medir é criar — ouvi, ó criadores! São as vossas medidas que transformam as coisas medidas em tesouros e em jóias.

Medir, é avaliar; sem esta avaliação a existência seria uma noz chocha. Ouvi, ó criadores!

Os valores mudam quando os criadores mudam. Se queremos criar, é necessário começar por destruir.

Os criadores de valores foram primeiro povos, e só mais tarde indivíduos. Na verdade, o indivíduo foi a última criatura a aparecer.

Antigamente os povos gravaram sobre si as tábuas do bem. O amor que quer dominar e o amor que quer obedecer, criaram juntos essas tábuas.

O prazer do rebanho é mais antigo do que o prazer do indivíduo. E enquanto a boa consciência é a do rebanho, é a má consciência que fala quando dizemos: Eu.

Na verdade, o Eu astuto, o Eu sem coração que procura no bem da maioria o seu próprio bem não está na origem do rebanho: marque o declínio.

Foram sempre as almas amorosas e fecundas que criaram o bem e o mal. As virtudes fulguram todas com os fogos do amor e os fogos da cólera.

Zaratustra viu muitos países e povos, e em parte nenhuma do mundo encontrou maior poder na terra que o das obras do amor; ora o seu nome, é «bem» e «mal».

Na verdade, poderosa é a força que reside num tal elogio e numa tal censura. Dizei-me, ó meus irmãos, quem a poderá derrubar? Dizei-me, quem poderá domar este monstro? Dizei-me quem poderá encadear esta besta de mil cervizes?

Até ao presente tem havido mil fins diferentes, porque houve milhares de povos. O que falta, é a cadeia lançada a estas mil cervizes, o que falta, é um fim único. A humanidade ainda não tem fim.

Mas dizei-me, irmãos, se a humanidade sofre por lhe faltar fim, não será porque ainda não existe humanidade?»

Assim falava Zaratustra.

16. Do Amor ao Próximo

«Vós outros andais muito solícitos em redor do próximo, e a vossa solicitude exprime-se com belas palavras. Mas eu vos digo: o vosso amor ao próximo é apenas o vosso mau amor por vós próprios.

É para fugirdes de vós que cirandais em volta do próximo, e quereríeis converter isso numa virtude; mas pus a claro o vosso desinteresse.

O Tu é mais antigo do que o Eu; o Tu passa por santo, o Eu ainda não: por isso o homem anda diligente em volta do próximo.

Acaso vos aconselho o amor ao próximo? Antes vos aconselharia a fugir do próximo e a amar apenas o remoto!

Acima do amor ao próximo, há o amor pelo longínquo e pelo futuro; acima do amor pela humanidade coloco o amor às coisas e aos fantasmas.

Esse fantasma que corre diante de ti, meu irmão, é mais belo do que tu. Por que não lhe dás a tua carne e os teus ossos? Mas tens-lhe medo e procuras refúgio junto do teu próximo.

Não suportais a vossa própria companhia, e não vos amais bastante; procurais então seduzir o próximo com o vosso amor e doirar-vos com a sua ilusão.

Quisera que todos os próximos e a sua sequela se vos tornassem intoleráveis; assim teríeis que extrair de vós mesmos o amigo de coração transbordante.

Convocais uma testemunha quando quereis dizer bem de vós; e logo que a haveis induzido a pensar bem da vossa pessoa, vós mesmos pensais bem da vossa pessoa.

É mentiroso não só o que fala contra a sua consciência, mas também o que fala contra a sua inconsciência.

Ora é assim que falais de vós no comércio diário, e que enganais o próximo e a vós mesmos.

Assim fala o louco: «O comércio dos homens estraga o carácter, sobretudo quando não temos carácter».

Um procura o próximo porque se procura, o outro porque aspira a perder-se. O vosso mau amor por vós próprios converte a vossa solidão num cativeiro.

São os mais afastados que pagam pelo vosso amor ao próximo; e desde que estais cinco reunidos, é preciso que exista em alguma parte um sexto para morrer.

Também não me agradam as vossas festas; encontrei nelas demasiados comediantes, e os próprios espetadores se conduzem amiúde como comediantes.

Não vos falo do próximo, mas do amigo. Seja o amigo para vós a festa da terra e o pressentimento do Super-homem.

Falo-vos do amigo de coração transbordante. Mas é preciso saber ser esponja quando se quer ser amado por corações transbordantes.

Falo-vos do amigo que traz o mundo em si, acabado como uma taça transbordante de bênçãos, do amigo criador que vos oferece a todo o instante um mundo acabado.

E do mesmo modo que vê o mundo desenrolar-se ante seus olhos, vê-o enrolar-se outras vezes em espiras nas quais o bem é produzido pelo mal e os fins nascem do acaso.

Sejam o porvir e as coisas mais longínquas as causas do teu labor de hoje; no teu amigo debes amar o Super-homem que é a razão do teu ser.

Meus irmãos, não vos aconselho o amor ao próximo, aconselho-vos o amor ao longínquo».

Assim falava Zaratustra.

17. Dos Caminhos do Criador

«Queres, meu irmão, ir para a solidão? Queres procurar o caminho que leva a ti mesmo? Espera ainda um pouco e ouve.

«O que procura, facilmente se transvia. Toda a solidão é um pecado». Assim fala a multidão, o rebanho; e tu pertenceste ao rebanho durante muito tempo.

Ainda durante muito tempo a voz do rebanho há-de falar no fundo de ti. E quando disseres: «A minha consciência já não tem nada de comum com a vossa», isso será para ti queixa e dor.

Porque foi ainda esta consciência comum que produziu esta dor; e a última centelha dessa consciência lança ainda um reflexo sobre a tristeza.

Mas queres seguir o caminho da tristeza, o caminho para ti mesmo? Então mostra-me se tens esse direito e essa força.

Acaso és força nova e direito novo? Primeiro movimento? Roda que gira por si mesma? Podes obrigar as estrelas a gravitar à tua volta?

Ai! Vemos tantas ansiedades pelas alturas! Tantas contorções de ambiciosos! Mostra-me que não és nem um gozador nem um ambicioso.

Ai! Existem tantos pensamentos grandes que apenas fazem o mesmo que um fole: inchando aumentam o vazio.

Declaras-te livre? O que quero conhecer é o teu pensamento fundamental; não quero saber qual é o jugo que sacudiste.

Pertencerás tu aos que *têm direito* de se subtrair ao jugo? Há quem perca o seu último valor no dia em que se liberta da sua sujeição.

Livre de quê? Zaratustra pouco se importa com isso. Mas que o teu olhar me diga claramente *para que fim* és livre.

Saberás prescrever-te a ti mesmo o teu bem e o teu mal, e suspender a tua vontade por cima de ti como uma lei? Saberás ser o teu próprio juiz e o vingador da tua própria lei?

Terrível é estar a sós com o juiz e o vingador da nossa própria lei! É como um astro precipitado no espaço vazio e no meio do sopro gelado da solidão.

Ainda hoje se atormenta a multidão, ó solitário; ainda hoje dispões de toda a tua coragem, e das tuas esperanças.

Mas vem o dia em que te cansarás da tua solidão, em que o teu orgulho se abaterá, em que a tua coragem rangerá os dentes. Então clamarás: «Estou só!»

Um dia a tua grandeza escapará da tua vista e a tua baixeza agarrar-te-á pelo pescoço, o teu pensamento mais sublime amedrontar-te-á, como um fantasma. Um dia clamarás: «Tudo é falso!»

Há sentimentos que procuram matar o solitário; se o não conseguem, então, que seja ele a matá-los! Mas haverá em ti o estofado de um assassino?

Meu irmão, já conheces a palavra «desprezo»? E o cúmulo da tua justiça: ser justo para com os que te desprezam?

Obrigaste muita gente a mudar de opinião a teu respeito; odeiam-te terrivelmente. Abeiraste-te deles, mas passaste adiante; é coisa que nunca te perdoarão.

Elevas-te acima deles; mas quanto mais te elevas, tanto mais pequeno te veem os olhos dos invejosos. E o mais odiado, é aquele que tem asas.

«Como quereríeis ser justos para comigo? — assim é que lhe devias falar. — Eu elegi para meu destino a vossa injustiça».

Eles lançam sobre o solitário a injustiça e a baixeza; mas, meu irmão, se queres ser uma estrela, nem por isso os hás-de iluminar menos.

E livra-te dos bons e dos justos! Agrada-lhes crucificar os que inventam a sua própria virtude — odeiam o solitário.

E livra-te da santa simplicidade! Tudo o que não é simples lhe parece ímpio; também ela gosta de brincar com o fogo — o fogo das fogueiras.

E livra-te também dos teus acessos de ternura pelos homens! O solitário estende depressa demais a mão ao primeiro que aparece.

Há homens a quem não deves estender a mão, mas a pata; e faz com que a tua pata tenha garras!

Mas serás sempre para ti mesmo o teu pior inimigo; sempre à espreita, és tu que te vigias pessoalmente no fundo das cavernas e das florestas.

Solitário, segues o caminho que te leva a ti próprio, e aos teus sete demónios.

Sentir-te-ás herege e feiticeiro e adivinho e louco e incrédulo e ímpio e malvado aos teus próprios olhos.

É mister que te queiras consumir na tua própria chama; como poderias renascer, se não fosses primeiro consumido?

Solitário, segues o caminho dos criadores. Procuras fazer nascer um Deus dos teus sete demónios.

Solitário, segues o caminho do amoroso; amas-te a ti mesmo e por isso te desprezas como só sabem desprezar os amorosos.

É por desprezo que o amoroso quer criar. Que saberá do amor aquele que não sentiu nenhum constrangimento em desprezar o que amava?

Volta para a tua solidão, ó meu irmão, com o teu amor e o teu desejo criador; e mais tarde somente a justiça te seguirá até lá, claudicando.

Volta para a tua solidão, meu irmão, e as minhas lágrimas vão contigo. Amo o homem que quer criar o que ultrapassa, e que disso perece».

Assim falava Zaratustra.

18. Das Mulherzinhas Novas e Velhas

«Por que deslizas tão furtivamente ao crepúsculo, Zaratustra? E que escondes com tanto cuidado debaixo da tua capa?

É algum tesouro que te deram? Ou um filho que te nasceu? Ou seguirás agora pelos atalhos dos ladrões, tu, o amigo dos maus?»

— Na verdade, meu irmão — respondeu Zaratustra, — foi um tesouro que me deram, uma pequena verdade que levo comigo.

Mas é rebelde como uma criança; e se não lhe tapasse a boca gritaria desaforadamente.

Caminhava eu hoje solitário pelo meu caminho, à hora em que o sol declina, quando encontrei uma velhinha que falou assim à minha alma:

«Zaratustra muitas vezes se dirigiu a nós, as mulheres, mas nunca falou das mulheres».

E respondi-lhe: «É só aos homens que se deve falar das mulheres».

«Também me podes falar das mulheres, disse ela, sou bastante velha para esquecer tudo logo a seguir».

Acedendo ao desejo da velhinha, disse-lhe assim:

«Na mulher tudo é um enigma, mas este enigma tem uma solução; e essa solução é a maternidade.

Para a mulher o homem é um meio; o fim é sempre o filho. Mas o que é a mulher para o homem?

O homem digno deste nome só ama duas coisas: o perigo e o jogo. É por isso que ele deseja a mulher, que é brinquedo mais perigoso.

O homem deve ser educado para a guerra, a mulher para prazer do guerreiro: fora disto tudo é loucura.

O guerreiro não gosta dos frutos adocicados. É por isso que ele ama a mulher; a mulher mais doce tem sempre o seu quê de amargo.

A mulher, melhor do que o homem, compreende as crianças; mas o homem é criança, mais do que a mulher.

Em todo o homem digno deste nome se oculta uma criança, que deseja brincar. Ei, mulheres, procurai descobrir a criança escondida no homem!

Seja a mulher um brinquedo puro e delicado, semelhante ao diamante, cintilando com as virtudes de um mundo que ainda não existe.

Fazei cintilar no vosso amor o fulgor de uma estrela remota. Que a vossa esperança seja: «Nasça de mim o Super-homem!»

Seja corajoso o vosso amor! Fortalecidos com o vosso amor, enfrentai aquilo de que tendes medo.

Cifre-se a vossa honra no vosso amor! Geralmente a mulher pouco entende da honra. Mas a vossa honra, é amar mais do que fordes amadas e nunca serdes as segundas.

Tema o homem a mulher, quando a mulher ama: ela não recuará diante de nenhum sacrifício, e tudo o mais lhe parecerá sem valor.

Tema o homem a mulher, quando a mulher odeia: porque, no fundo, o homem é maldoso; mas a mulher é perversa.

Qual é o homem a quem a mulher odeia acima de todos os demais? O ferro disse um dia ao íman: «É a ti que odeio mais do que tudo; atrais-me, mas não tens força bastante para me sujeitar.»

A felicidade do homem está em dizer: Eu quero. A felicidade da mulher, está em poder dizer: ele quer.

«Até que enfim, o mundo acaba de atingir a perfeição», tal é o pensamento de todas as mulheres no instante em que se submetem por amor.

E a mulher tem necessidade de obedecer e de dar uma profundidade à sua superfície. A alma da mulher é superficial, é uma superfície movediça e agitada sobre uma grande profundidade.

Mas a alma do homem é profunda, a sua corrente brame em grutas subterrâneas; a mulher pressente essa força, mas não a compreende».

Então a velhinha respondeu-lhe:

«Zaratustra disse coisas muito agradáveis, sobretudo para as que são bastante novas para isso.

Coisa estranha, Zaratustra conhece pouco as mulheres, e contudo julga-as bem. Será porque em matéria de mulheres não há nada impossível?

Aceita agora em troca uma pequena verdade. Sinto-me suficientemente velha para ta dizer.

Embrulha-a bem e tapa-lhe a boca com receio que ela grite demasiado alto, essa pequena verdade».

«Dá-me, ó mulher, essa pequena verdade!» disse eu.

E a velhinha falou assim:

«Frequentas as mulheres? Não te esqueças do chicote!»

Assim falava Zaratustra.

19. Da Picada da Víbora

Zaratustra tinha adormecido um dia debaixo de uma figueira, porque fazia calor, e tinha tapado a cara com o braço. Nisto chegou uma víbora que lhe mordeu no pescoço, e Zaratustra soltou um grito de dor. Afastando o braço da cara, olhou a cobra; então ela reconheceu os olhos de Zaratustra, contorceu-se desajeitadamente e quis escapar-se.

«Ainda não!, disse Zaratustra, ainda não te agradeçi! Acordaste-me a tempo. Tenho ainda muito que andar».

«O caminho que te resta já não é muito grande, disse tristemente a víbora; o meu veneno é mortal».

Zaratustra pôs-se a rir:

«Quando foi que o veneno de uma cobra matou um dragão? — perguntou ele. — Reabsorve o teu veneno. Não és suficientemente rica para me fazeres presente dele».

Então a víbora tornou a enlaçar-lhe o pescoço e sugou-lhe a ferida. Quando um dia Zaratustra estava a contar esta história aos seus discípulos, eles perguntaram-lhe:

«E qual é, ó Zaratustra, a moral do teu conto?»

Zaratustra respondeu-lhes:

«Os bons e os justos chamam-me o destruidor da moral: o meu conto é imoral.

Se tendes, porém, um inimigo, defendei-vos de lhe pagar o mal com o bem; sentir-se-á humilhado. Demonstrei-lhe, antes, que vos fez um bem.

Zangai-vos contra ele, pois isso valerá mais do que humilhá-lo. E se vos amaldiçoarem, não me agrada nada que vós queirais abençoar. Respondei antes com outra maldição.

E se vos fizeram uma grande injustiça, respondi imediatamente com cinco injustiças pequenas. Horroriza ver o homem que nunca sofre outro peso senão o da injustiça sofrida.

Já o sabíeis? Uma injustiça partilhada é quase um direito. E para ser capaz de praticar uma injustiça, é necessário ter a força de suportar uma injustiça.

Uma pequena vingança é mais humana do que nenhuma. E quando o castigo não constitui um direito e uma honra, mesmo para o delinquente, também não estimo os vossos castigos.

É mais nobre aceitar a injustiça sofrida do que reivindicar o seu direito, sobretudo quando estamos no nosso direito. Mas é preciso ser bastante rico para isso.

Não me agrada a vossa fria injustiça; nos olhos dos vossos juízes, vejo luzir o olhar do verdugo e o relâmpago do seu gelado cutelo.

Dizei-me, onde se encontra a justiça que é amor clarividente?

Inventai, pois, peço-vos, um amor pronto a suportar não somente todos os castigos, mas também todas as faltas!

Inventai, pois, a justiça que absolva todos os homens, exceto aquele que julga!

Quereis ouvir mais? No que quer ser rigorosamente justo, a própria mentira é sinal de brandura.

Mas como poderia eu ser rigorosamente justo? Como poderia dar a cada um o que *lhe pertence*? Basta-me dar a cada um o que *me pertence*.

Enfim, irmãos, livrai-vos de ser injustos com os solitários. Como poderia um solitário esquecer ? Como poderia devolver?

O Solitário é como um poço sem fundo. É fácil lançar nele uma pedra; mas uma vez a pedra chegada ao fundo, dizei-me, quem se atreverá a tirá-la?

Livrai-vos então de ofender o Solitário. Mas se vos acontecer ofendê-lo, então, matai-o também!»

Assim falava Zaratustra.

20. Do Filho e do Casamento

«Tenho uma pergunta, mas para ti só, meu irmão. Lanço-a na tua alma como uma sonda para lhe conhecer a profundidade.

És jovem, e desejas mulher e filho. Eu, porém, te pergunto, serás homem *que tenha o direito* de desejar um filho?

És vitorioso, senhor de ti e dos teus sentidos, senhor das tuas virtudes? É o que te pergunto.

Ou pelo contrário são o animal e a necessidade animal que falam nesse desejo? Ou a solidão? Ou o descontentamento de ti mesmo?

A tua vitória e a tua liberdade é que deveriam desejar o filho. Então levantarás monumentos vivos à tua vitória e à tua libertação.

Terás de construir qualquer coisa que te seja superior. Mas peço-te que primeiro te tenhas construído bem a ti mesmo, retangular de corpo e alma.

Não se trata somente de propagar a tua raça, mas de a levar mais acima! É a isso que te deve ajudar o jardim do casamento.

Terás de criar um corpo superior, um primeiro móbil, uma roda que gire por si própria — terás de criar um criador.

Casamento: chamo assim à vontade de dois criarem o ser único que deverá superar aqueles que o puseram no mundo. Respeito mútuo, eis o que constitui o casamento no meu entender, respeito recíproco dos que são animados por tal vontade.

Tal deve ser o sentido e a verdade do teu casamento. Mas isso a que a plebe, a multidão dos supérfluos chama casamento, ai! Que nome lhe hei-de dar?

Ai! Esta miséria da alma a dois! Ai! Esta imundície da alma a dois!
Ai! Esta mísera conformidade entre dois!

Eis ao que chamam casamento. E pretendem que os seus casamentos estão inscritos no céu!

Pois bem, eu não quero esse céu dos supérfluos! Não, não amo estas bestas enredadas nas redes celestes!

E fique longe de mim esse Deus que vem coxeando abençoar o que não uniu!

Não vos riais de semelhantes casamentos. Que filho não teria razão para chorar por causa dos seus pais?

Certo homem parecia-me respeitável e suficientemente amadurecido para compreender o sentido da terra — mas quando vi a mulher dele, a terra pareceu-me uma casa de doidos.

Na verdade, queria que a terra se convulsionasse quando um santo se acasala com uma pata.

Tal outro partiu como um herói em busca da verdade e só capturou uma mentira engalanada. É a isso que ele chama o seu casamento.

Tal outro parecia reservado nas suas relações e difícil no seu gosto. Mas estragou com um único golpe e para sempre a sua companhia. É a isso que ele chama o seu casamento.

Um terceiro procurava uma criada dotada com as virtudes de um anjo. Mas de repente foi ele que se transformou em criado de uma mulher, e seria agora tempo que se tornasse em anjo ainda por cima.

Só encontrei compradores prudentes, e todos têm os olhos plenos de astúcia. Mas o mais astuto, quando se casa, compra às cegas.

Muitas breves loucuras — é a isso que chamais amor. E o casamento acaba com essas loucuras — por uma grande tolice.

O vosso amor à mulher, e o amor da mulher pelo homem: ah! Se fosse compaixão para deuses doentes e ocultos! Mas o mais das vezes são apenas dois animais que se farejam.

E até o vosso melhor amor nunca é mais do que metáfora extática e ardor doloroso. É um archote que vos deve iluminar o caminho para os cimos mais elevados.

Um dia amareis para além de vós próprios. Aprendei, pois, primeiro a amar assim. Por isso vos foi preciso beber o cálice amargo do vosso amor.

Existe amargura mesmo no cálice do melhor amor; assim nos inspira o desejo do Super-homem; que te dá sede, ó criador!

Sede do criador, seta do desejo lançada para o Super-homem; diz-me, meu irmão, é isso que procuras no casamento?

Semelhante vontade, semelhante casamento são-me sagrados para sempre».

Assim Falava Zaratustra.

21. Da Morte Voluntária

Muitos morrem tarde demais, e alguns morrem demasiado cedo. O preceito: «Morre a tempo!» ainda nos é estranho,

Morre a tempo; tal é o conselho de Zaratustra.

Mas como poderá morrer a tempo, aquele que nunca viveu a tempo? Mais valia que não tivesse nascido. É o conselho que dou aos supérfluos.

Mas os próprios supérfluos ligam demasiada importância à sua morte, e a noz mais chocha exige ainda que a partam.

Todos tomam a morte a sério, mas a morte ainda não é uma festa. Os homens ainda não aprenderam a celebrar as suas mais belas festas.

Eu vos mostrarei uma morte que é a chancela da realização, uma morte que é para os vivos um agulhão e uma promessa.

O homem que soube cumprir o seu destino morre como vencedor de uma morte que é sua, rodeado por aqueles que são esperança e promessa.

É assim que devíamos aprender a morrer; e nunca se deveria celebrar festa sem que um tal moribundo aí aparecesse para dar a sua consagração aos juramentos dos vivos.

Não há nada mais grande do que morrer assim e, em segundo lugar, morrer em pleno combate, prodigalizando uma grande alma.

Odiosa ao combatente como ao vencedor é a vossa morte gesticulando que avança rastejando como um ladrão, e que contudo se apresenta como soberana.

Faço-vos o elogio da minha morte, a morte voluntária, que virá porque eu quero.

Mas quando o quererei? Aquele que tem um desígnio e um herdeiro escolhe morrer no momento mais favorável a este desígnio e a esse herdeiro.

E é por respeito pelo seu desígnio e pelo seu herdeiro que renuncia um dia a ornar com grinaldas murchas o santuário da vida.

Eu vo-lo digo, não me quero parecer com os cordeiros que esticam o comprimento dos seus fios enquanto eles mesmos caminham aos recuões.

Há quem se torne demasiado velho para as suas virtudes e para as suas vitórias; uma boca desdentada deixa de ter direito a todas as verdades.

E quem quer que ambicione a glória deve saber despedir-se das honras a tempo, e praticar a arte difícil de se retirar a tempo.

É preciso fugir no preciso momento em que vos começam a tomar gosto; bem o sabem os que querem ser amados muito tempo».

Decerto há maçãs ácidas cujo destino é aguardar até ao último dia de Outono, para se tornarem de repente maduras, douradas e encarquilhadas.

Nuns é o coração que primeiro envelhece; noutros é o espírito. E alguns são velhos desde a sua juventude; mas a juventude que aparece tarde é a que dura mais tempo.

Há os que falham a sua vida; um verme venenoso lhes rói o coração. Tratem por isso de acertar ainda melhor na sua morte.

Outros nunca se tornam doces e apodrecem já no Verão. Só a cobardia os sustenta no ramo.

Há demasiados homens que vivem e que durante muito tempo pendem dos seus ramos. Venha uma tempestade que sacuda da árvore todos os frutos podres ou bichados!

Venham os pregadores da morte pronta! Eis as verdadeiras tempestades que eu gostaria de ver sacudir a árvore da vida. Mas só ouço pregar morte lenta e paciência para com a existência terrestre.

Ah! Predicais a paciência para com a existência terrestre? É esta existência terrestre que tem muita paciência convosco, blasfemadores!

Na verdade, morreu muito cedo aquele Hebreu a quem honram os pregadores da morte lenta; e para muitos Homens foi uma fatalidade ter ele morrido cedo demais.

Ele só conhecia ainda as lágrimas e a melancolia dos Hebreus, e o ódio dos bons e dos justos — o Hebreu Jesus. E por isso o desejo da morte o acometeu subitamente.

Por que não ficou ele no deserto, longe dos bons e dos justos?! Talvez houvesse aprendido a viver a amar a terra — e a rir ainda por cima!

Crede-me, meus irmãos, ele morreu cedo demais! Ele próprio se retrataria da sua doutrina se tivesse chegado à minha idade. Era bastante nobre para se retratar!

Mas não estava ainda maduro. O amor do jovem é sem maturidade, e é por falta de maturidade que odeia os homens e a terra. Tem ainda presas e trôpegas a alma e as asas do espírito.

No homem, contudo, há mais de criança do que no jovem, e menos melancolia; compreende melhor a morte e a vida.

Livre para morrer e livre na morte, negador sagrado quando já não é tempo de afirmar, é assim que ele sabe morrer e viver.

Não seja a vossa morte uma blasfêmia contra os homens e contra a terra, meus amigos; eis a graça que imploro ao mel da vossa alma.

Que no momento de morrer o vosso espírito e a vossa virtude brilhem ainda, como o arrebol do poente abrasa a terra; caso contrário, não tereis sabido morrer.

Assim quero eu morrer, de tal modo que, ó meus amigos, amásseis melhor a terra por causa de mim; quero tornar-me terra para procurar o repouso naquela que me gerou.

Na verdade, Zaratustra tinha um objetivo para o qual lançou a sua bala; agora, meus amigos, sois vós que herdais o meu objetivo, e a vós envio a minha bala de ouro.

Prefiro a todas as coisas, amigos, ver-vos lançar a bala de ouro. E é por isso que me demoro ainda um pouco na terra. Perdoai-mo!»

22. Da Virtude Dádiosa

1

Quando Zaratustra deixou a cidade que o seu coração amava e cujo nome é a Vaca malhada, muitos dos que se diziam seus discípulos seguiram-no e escoltaram-no. Assim chegaram a uma encruzilhada. Então Zaratustra disse-lhes que preferia prosseguir sozinho o seu caminho, porque era amigo das caminhadas solitárias. Mas os seus discípulos ofereceram-lhe um bastão cujo castão era uma serpente de ouro enroscando-se em torno do sol. O bastão agradou a Zaratustra que se apoiou nele; depois falou assim aos seus discípulos:

«Dizei-me: como alcançou o ouro o mais alto valor? É por ser raro e inútil, de brilho cintilante e brando; dá-se sempre.

É por ser a imagem da virtude suprema que adquiriu o valor supremo. O olhar do que dá brilha como o ouro. Um raio dourado basta para reconciliar a lua e o sol.

Rara é a virtude suprema, inútil, cintilante e de doce fulgor; a virtude suprema é a virtude que dá.

Em verdade vos adivinho, meus discípulos: vós tendes-vos esforçado como eu a praticar a virtude que dá. Que tendes de comum com os gatos ou os lobos ?

Tendes sede de vos oferecer a vós próprios como vítimas e como oferendas; por isso desejais acumular todas as riquezas possíveis nas vossas almas.

A vossa alma é insaciável de tesouros e de jóias, porque a vossa virtude tem a vontade insaciável de dar.

Obrigais todas as coisas a aproximarem-se de vós e a penetrar em vós, a fim de refluírem em seguida como fonte manante, como dons do vosso amor.

Na verdade, um amor tão generoso saqueia todos os tesouros; mas eu vo-lo digo, esse egoísmo é são e sagrado.

Há outro egoísmo, um egoísmo indigente, famélico, que só procura roubar, o egoísmo dos doentes, o egoísmo doente.

É com olhos de ladrão que fita tudo o que brilha; é com uma avidez famélica que mede o que tem abundantemente que comer; e gira sem cessar em torno da mesa dos que dão.

Esta avidez exprime a doença e uma invisível degenerescência; a avidez deste egoísmo rapace revela um corpo doente.

Dizei-me, meus irmãos, o que há para nós de mau e de pior? Não é a degenerescência? E nós pressentimos uma degenerescência logo que falta a virtude generosa.

O nosso caminho é um caminho que ascende, da espécie para a espécie superior. Mas o que nos faz fremir, é o espírito degenerado que diz: «tudo para mim».

O nosso espírito lança-se para as alturas; serve assim de símbolo ao nosso corpo, e é imagem de uma ascensão. Os nomes das virtudes são outros tantos símbolos desta ascensão.

O corpo avança, ao longo da história, evoluindo e lutando sem cessar. E o espírito? Que é ele para o corpo? Para que lhe serve? É o arauto das suas lutas e das suas vitórias, é o seu companheiro e o seu eco.

Os diversos nomes do bem e do mal são outras tantas parábolas; não exprimem nada, sugerem. Louco é o que espera deles o saber!

Respeitai, meus irmãos, a hora, qualquer que seja, em que o vosso espírito quer falar por metáforas: é então que nasce a vossa virtude.

Nesse instante o vosso corpo eleva-se acima dele mesmo e ressuscita. A sua alegria arrebatada o espírito que se torna criador; avalia, ama e prodigaliza os seus dons a todas as coisas.

O momento em que o vosso coração se derrama, largo e abundante como um rio, bênção e perigo para os ribeirinhos, é a hora em que nasce a vossa virtude.

A hora em que vos sentis acima do louvor e da censura; em que a vossa vontade entende mandar em todas as coisas, como uma vontade apaixonada, é a hora em que nasce a vossa virtude.

O momento em que desprezais o conforto e a cama fofa, em que nunca vos julgais bastante longe da moleza para repousar, é o momento em que nasce a vossa virtude.

A hora em que tendes apenas uma vontade única, em que essa esquina de todas as necessidades se transforma para vós na própria necessidade, é o momento em que nasce a vossa virtude.

Na verdade, exprime um novo bem e um novo mal. Na verdade, é um novo e profundo murmúrio de água borbulhante, e a voz de uma fonte nova!

É uma força, uma virtude novas; é um pensamento dominador que envolve uma alma avisada, um sol de ouro, e, enrolada à sua volta, a serpente do conhecimento.»

2

Aqui Zaratustra calou-se um bocado e olhou os discípulos com ternura. Em seguida prosseguiu assim — e a sua voz estava alterada:

«Meus irmãos permaneci fiéis à terra com toda a força da vossa virtude! Estejam ao serviço da terra o vosso amor generoso e a vossa inteligência. Eu vo-lo rogo, e a isso vos conjuro.

Não deixeis a vossa virtude fugir das coisas terrestres e bater as asas contra as paredes da eternidade. Ai! Houve sempre tanta virtude que se extraviou durante o voo!

Restituí, como eu, restituí à terra a virtude extraviada, restituí-a ao corpo e à vida, para que dê terra o seu verdadeiro sentido, um sentido humano.

O espírito, tal como a virtude, tem-se extraviado e enganado de mil maneiras diferentes. Ai! Ainda agora habitam no nosso corpo todas essas loucuras e esses enganos; tornaram-se corpo e vontade.

A inteligência e a virtude extraviaram-se de mil maneiras diferentes até hoje. O próprio homem não passa de um esboço. Ai! Quanta ignorância e quanto erro se incorporaram em nós!

Não é somente a razão dos séculos, mas também a sua loucura que se revelam em nós. Como é perigoso carregar uma herança!

Lutamos ainda passo a passo com o gigante Acaso; e até hoje reinou sobre a humanidade inteira a insânia, a falta de sentido.

Sirvam o vosso espírito e a vossa virtude o sentido da terra, meus irmãos; renovai o valor de todas as coisas. É por isso que deveis combater, É por isso que deveis criar!

O corpo purifica-se pelo saber; eleva-se por tentativas conscientes; para o servidor do conhecimento todos os instintos são santificados; e chegada ao cume a alma está cheia de alegria.

Médico, cura-te a ti mesmo; curarás o teu doente por acréscimo. A tua melhor cura será mostrar-lhe um homem que se curou a si mesmo.

Há ainda mil sendas que nunca foram pisadas, mil fontes de saúde, centenas de ilhotas secretas da vida. Ainda não se descobriu nem esgotou o próprio homem, nem a terra do homem.

Vigiai e escutai, ó solitários! Do fundo do futuro chegam até nós brisas com misteriosas palpitações de asas; e os que têm ouvidos apurados percebem a fausta notícia.

Solitários de hoje, que viveis à margem, um dia formareis um povo; vós que a vós próprios vos elegestes, dareis nascimento a um povo eleito; e desse povo nascerá o Super-homem.

Na verdade, a terra acabará por se tornar, algum dia, uma morada salutar. Já a envolve um odor novo, um eflúvio salubre — e uma nova esperança.

3

Depois de ter assim falado, Zaratustra emudeceu como um homem que ainda não disse a última palavra. Sopesou demoradamente o bastão, como que perplexo. Por fim falou assim e a sua voz estava alterada:

«Agora, meus discípulos, vou-me embora sozinho. Ide-vos vós também para longe daqui e ide sozinhos. Tal é a minha vontade.

Na verdade, sou eu que vos dou este conselho: afastai-vos de mim e precavei-vos contra Zaratustra. E melhor ainda: envergonhai-vos dele! Talvez vos tenha enganado!

O homem que procura a verdade deve poder não somente amar os seus inimigos mas também odiar os seus amigos.

É mal recompensar um mestre a ficar sempre na posição de discípulo. E por que não quereis desfolhar as flores da minha coroa?

Tendes veneração por mim; mas que sucederá se um dia a vossa veneração cair? Defendei-vos de serdes esmagados pela queda de uma estátua.

Dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa Zaratustra? Acreditais em mim? Mas que importam todos os crentes!

Vós ainda não vos havíeis procurado quando me encontrastes. Assim fazem todos os crentes, é por isso que a fé importa tão pouco.

Agora vos mando que me percais e vos encontreis a vós próprios; e só quando todos me houverdes renegado tornarei para junto de vós.

Na verdade, meus irmãos, então procurarei com outros olhos os meus amigos perdidos; eu vos amarei então com outro amor.

E uma vez mais voltareis a ser meus amigos e os filhos de uma única esperança; então, pela terceira vez, voltarei para junto de vós a fim de celebrar convosco o grande Meio-Dia.

E o grande Meio-Dia, será o momento em que o homem, chegado a meio do caminho que vai do animal para o Super-homem, celebrará como sua esperança suprema o caminho declinante do ocaso; porque é o caminho para uma nova manhã.

No momento de perecer considerar-se-á feliz por passar para outra esfera; e para ele o sol do conhecimento atingirá o seu zénite.

«Todos os deuses morreram, o que queremos agora, é que viva o Super-homem»; tal será um dia, chegado o grande Meio-Dia, a nossa suprema vontade.»

Assim falava Zaratustra.

¹ Nietzsche serve-se de um jogo etimológico arbitrário baseado na palavra *Mensch* (de *mannisco*, diminutivo de *Mann*) que liga com o latim *mensuratio*.

SEGUNDA PARTE

A Vontade de Poder e a Vitória Sobre Si Mesmo

Zaratustra regressa aos homens porque a sua doutrina foi deformada. O movimento desta parte é mais combativo e interior: crítica à piedade, aos sacerdotes, aos virtuosos, aos pregadores da igualdade e aos sábios célebres; confronto com a canalha, com a cultura e com os falsos valores; aprofundamento da vontade de poder, da redenção e da criação.

Aqui, a superação deixa de ser apenas anúncio e torna-se luta dentro do próprio criador:

forças interiores → conflito → domínio de si → criação de valores

*«... e só quando todos me houverdes renegado,
tornarei para junto de vós.
Na verdade, meus irmãos, então procurarei
com outros olhos os meus amigos
perdidos; eu vos amarei então com outro
amor.»*
Zaratustra, 1.ª parte.
(Da Virtude Dádivosa)

1. A Criança ao Espelho

Depois disto Zaratustra tornou para a sua montanha e para a soledade da sua caverna, apartando-se dos homens; esperando tal como o semeador que lançou a sua semente. Mas a alma enchia-se-lhe de impaciência e de desejos dos que amava, pois ainda tinha muito para lhes dar. O que há, com efeito, de mais difícil no mundo, é, por amor, fechar a mão aberta e conservar o pudor prodigalizando-se.

Assim viu o solitário escoarem-se os meses e os anos; mas a sua sagesa aumentava e fazia-o padecer com a sua superabundância.

Uma manhã, contudo, despertando antes da aurora, meditou por muito tempo na cama e por fim disse consigo:

«Por que senti durante o sonho um terror tão grande que acordei? Não vi aproximar-se de mim uma criança trazendo um espelho?»

«Ó Zaratustra», disse-me a criança, «vê-te a este espelho!»

Quando, porém, olhei para o espelho, soltei um grito e deu-me um baque o coração, porque não era a mim que via, mas a cara contorcida e o ríctus de um diabo.

Na verdade, compreendo muito bem o significado e a advertência do sonho: *a minha doutrina* está em perigo, o joio quer passar por trigo.

Os meus inimigos tornaram-se poderosos e desfiguraram a minha doutrina, a ponto de os meus amigos se sentirem envergonhados dos dons que lhes fiz.

Perdi os meus amigos; chegou o momento de ir procurar os meus amigos perdidos.»

Dizendo estas palavras Zaratustra sobressaltou-se, não como um homem angustiado e que procura tomar fôlego, mas antes como um vidente e um aedo possuído pelo espírito. A sua águia e a sua serpente fitavam-no estupefactas; porque o seu rosto mostrava como um reflexo de aurora o fulgor da sua próxima ventura.

«Que me sucedeu, queridos animais?, disse Zaratustra. Não estou transformado? Não me assaltou a felicidade como uma tempestade?

A minha ventura é louca e apenas dirá loucuras; é ainda muito jovem, suportai-a com paciência!

Voltei a ferir-me com a minha ventura; sirvam-me de médicos todos os que sofrem!

Posso agora tornar a descer para os meus amigos e também para os meus inimigos. Zaratustra vai poder falar novamente e prodigalizar o seu amor aos seus prediletos!

O meu impaciente amor transborda em torrentes, que descem todas as encostas para o nascente e para o ocaso. Do alto dos montes silenciosos e das nuvens tempestuosas da minha dor, a minha alma lança-se com estrondo para os vales.

Demasiado tempo me estive consumindo de desejo, com os olhos perdidos na distância.

Demasiado tempo pertenci à solidão; esqueci a arte de me calar.

Agora sou apenas uma boca, um estrondo de rio descendo de elevadas penhas; vou precipitar os meus discursos nos vales,

E ainda que o rio do meu amor se chocasse com qualquer obstáculo intransponível, qual rio não acabaria por encontrar o caminho do mar?

Sem dúvida há um lago em mim, um lago solitário que se basta a si mesmo; mas o rio do meu amor arrastá-lo-á para a planície, para o mar.

Sigo por caminhos novos, pois me foi dada uma palavra nova. À semelhança de todos os criadores, estou cansado das línguas antigas. O meu espírito recusa-se a caminhar mais tempo com sandálias usadas.

Para mim todas as linguagens são morosas; salto para o teu carro, tempestade! E também te fustigarei com a minha malícia!

Lançar-me-ei como um grito, como um clamor de alegria para além dos mares longínquos, até às Ilhas Afortunadas onde moram os meus amigos:

...e entre eles os meus inimigos! Como os amo a todos, agora, pela única razão de lhes poder falar! Os meus próprios inimigos fazem parte da minha ventura.

E quando quero montar no meu mais feroso cavalo, nada me ajuda tanto como o meu dardo, é o melhor estribo para o meu pé:

...este dardo que lanço contra os meus inimigos! Como estou grato aos meus inimigos por poder lançá-lo outra vez!

A minha nuvem estava cheia até às bordas; por entre os risos dos relâmpagos lançarei para os vales rajadas de granizo.

Formidavelmente se alevantará o meu peito, e soprará a sua tempestade nas montanhas; e assim ficará aliviado.

Na verdade, a minha felicidade e a minha liberdade desabarão sobre vós como a tempestade, e os meus inimigos julgarão que é o Maligno que se desencadeia sobre as suas cabeças. E vós também, meus amigos, vós tereis medo da minha sagesa selvagem e, quem sabe? Talvez vos ponhais em fuga como os meus inimigos.

Ah! Saiba eu tornar a atrair-vos com flautas pastoris! Aprenda a rugir com ternura a minha leoa Sabedoria! Quantas coisas aprendemos os dois juntos!

A minha sagesa selvagem foi fecundada nas solidões das montanhas; nas pedras áridas pariu o seu filho, o seu leãozinho recém-nascido.

Eis que na sua loucura corre através do deserto inexorável e procura por toda a parte macios relvados, a minha velha sagesa selvagem.

É na doce relva dos vossos corações, meus amigos, é no côncavo da vossa ternura que ela desejaria depositar o que tem de mais caro!»

Assim falava Zaratustra.

2. Nas Ilhas Afortunadas

«Os figos caem das árvores. São doces e açucarados, e conforme caem assim se lhes abre a vermelha pele. Eu sou o aquilão que deita abaixo os figos maduros.

Assim os meus preceitos vos caem aos pés, meus amigos, semelhantes a figos maduros; bebei-lhe o suco e a polpa fresca. Estamos cercados pelo Outono e pelo céu puro da tarde.

Vede que plenitude em torno de nós! É do seio da profusão que é belo lançar um olhar para os mares longínquos!

Outrora invocava-se Deus deixando errar os olhos pelos mares longínquos, mas eu ensinei-vos a invocar o Super-homem.

Deus é apenas uma conjetura, mas não quero que as vossas conjeturas ultrapassem a medida da vossa vontade criadora.

Poderíeis criar um Deus? Pois então não me volteis a falar dos deuses! Poderíeis, contudo, criar o Super-homem.

Talvez não em vós, meus irmãos, mas podeis transformar-vos em pais e ascendentes do Super-homem; é isso o que de melhor podeis criar.

Deus é uma conjetura, mas quero que as vossas conjeturas se detenham nos limites do pensável.

Podeis pensar Deus? Mas é necessário que a vossa vontade de encontrar o Verdadeiro transforme todas as coisas em realidade que o homem possa pensar, ver e sentir! Tendes de levar o pensamento até ao limite dos vossos próprios sentidos.

E o que chamáveis mundo deve ser criado novamente por vós. A vossa razão, a vossa imagem, a vossa vontade, o vosso amor devem tornar-se o vosso próprio mundo. E será aí, na verdade, que encontrareis a vossa felicidade, discípulos do Conhecimento.

E como poderíeis suportar a vida sem esta esperança, discípulos do Conhecimento? Não poderíeis aceitar ter sido colocados pelo nascimento num mundo inconcebível nem num mundo irracional.

E para vos abrir todo o meu coração, meus amigos, dir-vos-ei: Se existissem deuses, como poderia eu suportar não ser Deus? Portanto, não há deuses.

Eis a conclusão que tirei, mas agora é ela que me tira a mim mesmo.

Deus não passa de conjetura; mas quem poderia esgotar sem morrer todos os tormentos desta conjetura? Será necessário tirar ao criador a sua fé, à águia o seu voo para as alturas que lhe pertencem?

Deus é um pensamento que torce tudo o que é direito e faz girar tudo o que está fixo. Quê? Não existiria já o tempo, e todo o perecível seria mentira ?

Este pensamento produz vertigem no esqueleto humano e náuseas no estômago; na verdade, semelhante conjetura é das que fazem andar a cabeça à roda.

Chamo malignas e desumanas a todas estas teorias de um Ser único e absoluto e imutável e satisfeito e imperecível.

O imperecível — é apenas um símbolo! E os poetas mentem demais.

Mas os melhores símbolos são os que falam do tempo e do devir; devem ser louvor e justificação de tudo o que é efêmero.

Criar — eis o que nos emancipa da dor, o que nos alivia a vida.

Mas para que nasça o criador, é necessária muita dor e numerosas metamorfoses.

Sim, criadores, a vossa vida será rica em amargas agonias! E sereis assim os defensores e os advogados de tudo o que é efémero.

Se o criador deve ser ele próprio a criança que se trata de dar à luz, é preciso que ele aceite também ser a mãe em trabalho de parto e as dores do parto.

Na verdade, o meu caminho fez-me passar através de centenas de almas, de centenas de berços e de dolorosos partos. Passei por muitas despedidas, conheço o desgarramento das últimas horas.

Mas assim o quer a minha vontade criadora, o meu destino. Ou, para dizer mais francamente, é esse o destino que me impõe a minha vontade criadora.

Todo o ser sensível sofre em mim por se sentir aprisionado, mas a minha vontade intervém sempre para me libertar e me dar a alegria.

Querer é libertação; tal é a verdadeira conceção da vontade e da liberdade; eis o que Zaratustra ensina.

Não querer mais, não julgar mais, não criar mais! Oh! Possa esta grande lassidão ser-me sempre estranha!

Na investigação do conhecimento só experimento o prazer da minha vontade, ocupada em engendrar, em engrandecer; e se o meu conhecimento conserva em mim a sua inocência, é porque ela conserva sempre a vontade de ser fecunda.

Foi esta vontade que me afastou de Deus e dos deuses; que nos ficaria para criar, se houvesse deuses?

A minha ardente vontade de criar impele-me sempre de novo para os homens, assim como o martelo é impelido para a pedra.

Ai! Ó humanos, é na pedra que dorme a imagem que procuro, a que é para mim a imagem das minhas imagens. Oh! Por que deve ela dormir na mais dura, na mais feia das gangas?

Agora o martelo encarna-se cruelmente contra a sua prisão. A pedra despedaça-se: que me importa?

Acabarei a minha estátua, porque me apareceu uma Sombra, visitou-me uma vez o que há de mais silencioso e mais leve no mundo.

A beleza do Super-homem visitou-me como uma Sombra. Ah! Meus irmãos, que me importam de ora em diante — os deuses?»

Assim falava Zaratustra.

3. Dos Misericordiosos

«Meus amigos, aos ouvidos do vosso amigo chegaram palavras zombeteiras: «Olhem para Zaratustra! Então não passa entre nós como pelo meio dos animais?»»

Mais valeria dizer: «Aquele que procura o conhecimento é realmente, no meio dos homens, um homem no meio dos animais.»

E o próprio homem, para aquele que possui o conhecimento, não passa de um animal de faces vermelhas.

Mas por que tem ele faces vermelhas? Não será por que há tido que se envergonhar amiudadas vezes?

Ó meus amigos! Assim fala o discípulo do conhecimento: Vergonha, vergonha, vergonha — é esta a história da humanidade.

E por isso o homem de coração nobre impõe a si mesmo o dever de nunca humilhar ninguém; impõe-se uma justa vergonha em presença de tudo o que sofre.

Na verdade, não me agradam nada os misericordiosos que se comprazem na sua misericórdia: são demasiado faltos de pudor.

Se não me posso impedir de experimentar a piedade, não quero ao menos que se diga que sou piedoso; e se o for, gosto de o ser à distância.

Agrada-me também ocultar a cara e fugir antes de ser reconhecido! É assim que vos recomendo que ajais, amigos.

Possa o meu destino trazer-me sempre ao meu caminho apenas corações como os vossos, estranhos à dor, e aqueles com quem tenho o direito de repartir a minha esperança, a minha comida e o meu mel.

Na verdade, tenho feito muitas coisas pelos que sofrem, mas sempre me pareceu melhor trabalhar por aumentar a minha alegria.

Desde que o homem é homem, tem conhecido muito pouco a alegria; eis, meus irmãos, o único pecado original.

E se aprendermos a apreciar melhor a alegria, melhor nos esqueceremos de fazer mal aos outros e de inventar dores.

Por isso lavo a mão que ajudou o desgraçado, por isso limpo ainda a alma.

Porque tive vergonha da sua vergonha mesmo vendo sofrer o que sofre; e quando acudi em seu socorro feri duramente o seu orgulho.

As grandes obrigações produzem não a gratidão mas o ressentimento; e o miúdo benefício que não se pode esquecer transforma-se em verme roedor.

«Aceitai apenas com altivez! Aceitai um benefício como se dispensa um favor!» É o conselho que dou aos que não têm nada para dar.

Mas eu sou dos que dão; agrada-me dar, como amigo que satisfaz os seus amigos. Quanto aos estranhos e aos pobres, que colham por si sós os frutos da minha árvore; ficarão menos humilhados.

Dever-se-ia, porém, suprimir completamente os mendigos. Na verdade, irritamo-nos por lhes dar e irritamo-nos por não lhes dar.

Assim sucede com os pecadores e as consciências manchadas. Acreditai-me, meus amigos, os remorsos ensinam a morder.

Mas o pior, são os pensamentos mesquinhos. Na verdade, mais vale fazer mal do que pensar abjetamente.

Decerto dizeis: «O prazer que nos causam estas pequenas maldades poupa-nos mais de um grande delito.» Mas neste domínio, é necessário nada poupar.

A má ação é como abcesso, irrita e comicha e rebenta — fala com franqueza.

«Vede: sou uma enfermidade» — assim fala a má ação; é a sua franqueza.

Mas o pensamento mesquinho é semelhante a um bolor; acachapa-se, agacha-se e esconde-se, até que o corpo inteiro esteja corroído e murcho por um ror de pequenos cogumelos.

Todavia eis as palavras que segredo ao ouvido de quem está possuído pelo demónio: «Mais vale, no fim de contas, que deixes crescer o teu demónio! Para ti também existe um caminho de grandeza!»

Ai, meus irmãos! Sabemos de mais uns dos outros; e há quem chegue a ser transparente para nós, sem que possamos, por muito tempo, nem trazê-lo à luz do dia nem passar adiante.

É difícil viver com os homens porque é difícil guardar silêncio.

E aquele com quem somos mais injustos não é o que nos é antipático, mas aquele que nos é perfeitamente indiferente.

Se o teu amigo está doente, oferece asilo ao seu sofrimento, mas sê para ele um leito duro, um leito de campanha; é assim que lhe serás mais útil.

E se o teu amigo te faz mal, diz-lhe: «Perdoe-te o mal que me fizeste; mas o mal que a ti próprio fizeste, como to poderei perdoar?»

Assim fala todo o amor grande; supera até o perdão, até a piedade.

É preciso conter o coração; porque se lhe soltássemos as rédeas, depressa vos faria perder a cabeça.

Ai! Onde se praticam mais loucuras do que entre os misericordiosos? E haverá no mundo maior causa de sofrimento do que as loucuras dos misericordiosos?

Pobres dos que amam, se não sabem dominar a sua própria piedade!

O diabo falou-me um dia assim: «Deus também tem o seu inferno; é o seu amor pelos homens.»

E recentemente ouvi-lhe dizer estas palavras: «Deus morreu; foi a sua piedade pelos homens que o matou.»

Previno-vos, portanto, contra a piedade; é deste lado do horizonte que uma nuvem carregada ameaça o homem. Na verdade, conheço os sinais anunciadores da tempestade.

Mas lembrai-vos também destas palavras: Todo o grande amor supera a sua própria piedade; porque ele quer — criar aquilo que ama.

«Sacrifico-me ao meu amor, e ao meu próximo como a mim mesmo», assim falam todos os criadores.

Mas os criadores são cruéis.»

Assim falava Zaratustra.

4. Dos Sacerdotes

E um dia Zaratustra, chamando os seus discípulos com um sinal, disse-lhes estas palavras:

«Olhai esses sacerdotes; conquanto sejam meus inimigos, passai junto deles em silêncio e com a espada embainhada.

Também entre eles há heróis; muitos deles sofreram muito; por isso querem fazer sofrer os outros.

São inimigos cheios de astúcia; nada há mais vingativo do que a sua humildade. E quem os atacar, corre o risco de ser maculado.

Mas o meu sangue é aparentado com o deles: e eu quero que o meu sangue seja honrado até neles.»

E quando passaram, Zaratustra foi embargado pela dor; e depois de lutar um instante com a dor, começou a falar assim:

«Tenho pena daqueles sacerdotes. Repugnam-me também, é verdade que é para mim o que menos me importa desde que vivo entre os homens.

Mas tenho compaixão e sempre tive compaixão deles; são aos meus olhos prisioneiros e reprovados. Aquele a quem chamam o seu Salvador ligou-os com algemas.

Algemas dos valores falsos e das palavras ilusórias! Ai! Haja quem os salve do seu Salvador!

Sacudidos sobre o mar, julgaram um dia arribar a uma ilha; mas afinal não passava de um monstro adormecido.

Falsos valores e palavras ilusórias, eis os piores monstros para os humanos; neles a fatalidade fica muito tempo adormecida ou vigiando.

Depois um dia sobressalta-se e desperta e devora e traga aqueles que sobre ela tinham construído as suas cabanas.

Oh! Olhai para as cabanas que estes padres construíram, estas cavernas embalsamadas a que chamam igrejas.

Esta luz artificial, este ar pesado! A alma é entravada na sua expansão para as alturas.

Pelo contrário, o seu credo ordena: «Vós, pecadores, subi de joelhos as escadas!»

Na verdade, prefiro antes a insolência do que os olhos revolvidos pelo seu pudor e pela sua devoção.

Quem construiu estas cavernas e estas escadas de penitência? Não eram homens que se queriam esconder e que tinham vergonha de si próprios em face do céu límpido?

E só quando o céu límpido brilhar de novo através das abóbadas rebentadas e contemplar a erva e as vermelhas papoilas das paredes rebentadas, só então inclinarei o meu coração perante os santuários deste Deus.

Eles chamaram Deus ao que os contrariava e os fazia sofrer; e na verdade havia heroísmo na sua devoção.

E não souberam amar ao seu Deus senão crucificando o homem!

Quiseram viver como cadáveres, amortalharam de negro o seu cadáver; e até nos seus discursos percebo o odioso mofo das câmaras mortuárias.

E viver junto deles, é viver junto dos negros pântanos no fundo dos quais o sapo modula a sua doce e melancólica canção.

Seria preciso entoarem-me melhores cânticos para me fazer acreditar no seu Salvador; seria preciso que os seus discípulos tivessem mais aparência de redimidos.

Queria vê-los nus: porque só a beleza devia pregar o arrependimento. Mas quem se deixará convencer por esta tristeza coberta de roupas?

Na verdade, nem os seus próprios Salvadores são filhos da liberdade nem desceram do sétimo céu da liberdade. Na verdade, nunca puseram os pés no tapete do conhecimento!

O espírito desses Salvadores estava repleto de lacunas, mas em cada uma destas lacunas tinham colocado a sua ilusão, o seu tapaburacos a que chamavam Deus.

O seu espírito estava mergulhado na sua piedade, e quando se inchavam e se enchiam de piedade, sempre alguma grande loucura flutuava à superfície.

Ousadamente lançavam o seu rebanho no caminho, dando gritos; como se não houvesse mais do que um caminho que vai dar ao futuro. Na verdade, os próprios pastores não passavam de carneiros.

Tais pastores tinham espírito pequeno e almas grandes; mas, meus irmãos, quão exíguas são essas almas, mesmo as mais espaçosas!

No caminho que trilharam deixaram sinais sangrentos, e a sua loucura proclamava que a verdade se demonstra pelo sangue derramado.

Mas o sangue é o pior testemunho da verdade; o sangue envenena a doutrina mais pura e muda-a em loucura, em ódio no fundo dos corações.

E mesmo que alguém atravessasse o fogo pela sua doutrina, isso o que prova? Vale sem dúvida mais que a nossa própria lei nasça do nosso próprio braseiro.

Coração ardente e cabeça fria; quando estas duas coisas se reúnem nasce o furacão, o «Salvador».

Na verdade houve homens maiores e melhor nascidos do que aqueles a quem o povo chama Salvadores, esses furacões devastadores.

E é mister que sejais libertados daqueles que são ainda maiores do que todos os Salvadores, se quereis encontrar o caminho da liberdade.

Ainda nunca existiu o Super-homem. Tenho visto a nu todos os homens, o maior e o mais pequeno.

Parecem-se ainda demais uns com os outros. Na verdade, até o maior me pareceu — demasiado humano.»

Assim falava Zaratustra.

5. Dos Virtuosos

«É com grande reforço de tempestades e de celestes pirotécnicas que é preciso falar aos sentidos frouxos e adormecidos.

Mas a beleza fala em voz baixa; só se insinua nas almas mais despertas.

Hoje o meu escudo estremeceu docemente e sorriu-me; era o riso sagrado, o estremecimento sagrado da beleza.

Era de vós, homens virtuosos, que se ria hoje a minha beleza. E ouvi a sua voz dizer-me: «Ainda por cima querem ser pagos!»

Vós quereis ainda por cima ser pagos, homens virtuosos! Quereis uma recompensa pela vossa virtude, e o céu em troca da terra, e a eternidade em troca do dia presente!

E entretanto censurais-me por ensinar que não há celeste distribuidor de recompensas e de retribuições? E na verdade, nem sequer ensino que a virtude seja recompensa de si própria.

Ai! É essa a minha pena; até no mais profundo das coisas se introduziu a mentira da recompensa e do castigo, e até no fundo das vossas almas, ó virtuosos!

A minha palavra, porém, semelhante ao colmilho do javali, dilacerará o solo das vossas almas; serei para vós uma relha de charrua.

Será necessário trazer para a luz todos os mistérios das vossas almas; é quando tiverdes sido lavrados até ao fundo e despedaçados à face do sol, que a vossa mentira poderá ser destrinchada da vossa verdade.

Porque a vossa verdade, ei-la: sois demasiado limpos para o limo destas palavras: vingança, castigo, recompensa, retribuição.

Amais a vossa virtude como a mãe ama o filho; mas quando se ouviu dizer que uma mãe quisesse ser paga pelo seu amor?

Nada vos é mais caro do que a vossa virtude; aspirais ao ciclo das metamorfoses; todos os ciclos giram e se enrolam sobre si mesmos para voltarem finalmente a si.

E tudo o que realiza a vossa virtude é semelhante a uma estrela já apagada cuja luz está ainda a caminho e em migração. Até quando caminhará ela ainda?

Assim a luz da vossa virtude se propaga ainda depois do ato realizado. Bem poderá a obra ser esquecida e morta, o seu raio luminoso continuará a viver e a percorrer o espaço.

Seja a vossa virtude o vosso próprio Eu e não um corpo estranho, uma epiderme, uma capa! Seja a verdade profunda das vossas almas, ó virtuosos!

Mas há também alguns, é verdade, para quem a virtude é um espasmo produzido pelas disciplinas, e vós ouvistes de sobra os seus gritos!

E há outros que chamam virtude à preguiça dos seus vícios; e quando alguma vez o seu ódio ou a sua inveja se preparam para adormecer, a sua «justiça» desperta e esfrega os olhos sonolentos.

E há outros que vêm arrastados para o abismo; é o seu demónio que para lá os arrasta. Mas quanto mais aí se enterram, mais os seus olhos brilham, mais ardentemente aspiram ao seu Deus.

Ai! Também o grito desses chegou aos vossos ouvidos, ó virtuosos: «Tudo o que eu não sou é a isso que chamo Deus e a virtude».

E há outros que andam pesadamente, chiando como carroças transportando uma carrada de pedra, ladeira abaixo; têm sempre na boca as palavras de dignidade e de virtude; aquilo a que chamam virtude, é o casco que lhes serve de travão.

E há outros que parecem simples relógios bem montados; produzem o seu tique-taque e querem que esse tique-taque se chame virtude.

Na verdade, estes divertem-me; onde quer que encontro tais relógios, dou-lhes corda com grande reforço de zombarias, e conto que eles sussurrarão ainda por cima.

E outros orgulham-se da sua parcela de justiça e cometem em seu nome todos os abusos, de modo que o mundo está submerso sob a sua injustiça.

Ai! Como a palavra virtude soa mal nas suas bocas! E quando dizem: «Sou justo», é num tom em que se percebe: «estou vingado»¹.

Quereriam que a virtude rebentasse os olhos dos seus inimigos; e só se elevam para rebaixar os outros.

E há outros ainda que apodrecem no seu pântano e que falam por entre o caniçado, dizendo: «A virtude consiste em estagnar tranquilamente no pântano.

Não mordemos ninguém e evitamos os que nos querem morder, e em todas as coisas somos da opinião que se nos dá».

E há outros ainda que gostam da mímica e pensam: «A virtude é apenas a mímica».

Os seus joelhos estão sempre dobrados, as suas mãos postas em louvor da virtude, mas o coração está alheio a tudo isso.

E há outros que pensam que para ser virtuosos basta dizer: «A virtude é necessária». Mas no fundo só acreditam na necessidade de polícia.

E alguns, incapazes de discernir a grandeza do homem, declaram que a virtude se reduz a ver de muito perto as baixezas: deste modo chamam virtude à sua malevolência.

E alguns desejam ser edificados e castigados, e chamam a isso virtude. E outros querem ser perturbados, e também a isso chamam virtude.

Assim quase todos julgam ter alguma parte na virtude, ou pelo menos acreditam conhecer alguma coisa em matéria de «bem» e de «mal».

Mas Zaratustra não veio de modo algum para dizer a todos esses mentirosos e a esses loucos: «Que sabeis vós da virtude? Que poderíeis saber da virtude?»

Veio para que vós, meus amigos, vos desgostásseis das velhas fórmulas que tereis aprendido dos mentirosos e dos insensatos; para que vos canseis das palavras «recompensa», «represálias», «castigo», «justa vingança»; para que vos canseis de dizer que «uma ação é boa quando é desinteressada».

Ah! Meus amigos, quando estiverdes todos nos vossos atos, como a mãe está toda no seu filho, direi que é essa a vossa definição da virtude.

Verdadeiramente, tirei-vos palavras às centenas, e os brinquedos favoritos da vossa virtude; e eis que vos enfadais comigo como crianças amuadas.

Brincavam à beira do mar e eis que veio a onda e lhes levou os brinquedos; e agora choram.

Mas a mesma onda lhes trará novos brinquedos e espalhará a seus pés novas conchas coloridas.

Assim se consolarão, e tal como elas tereis, meus amigos, consolações e novas conchas coloridas!»

Assim falava Zaratustra.

6. Da Canalha

«A vida é uma fonte de alegria; mas onde quer que a canalha vá beber, todas as fontes estão envenenadas.

Amo tudo o que é puro, mas não posso ver as bocarras grotescas nem a sede dos impuros.

Lançaram as suas vistas para o fundo do poço; agora o poço reflete o seu repugnante sorriso.

Envenenaram a água santa com a sua lubricidade, e ao chamar alegria aos seus sonhos imundos, envenenaram as palavras ainda por cima.

A chama empina-se quando negam ao fogo os seus corações húmidos, o próprio espírito estala e fumega quando a canalha se abeira do fogo.

A fruta torna-se melada e enjoativa nas suas mãos, o seu olhar basta para secar a árvore de fruto.

E mais de um que se desgostou da vida foi desgostado pela canalha; não quis partilhar com a canalha a água, a chama e o fruto.

E mais de um se retirou para o deserto para lá morrer de sede com as feras, de preferência a sentar-se em companhia dos imundos cameleiros à volta da cisterna.

E mais de um que avançava como exterminador, semelhante à saraivada que devasta os campos, só queria pôr o pé na boca da canalha e calar-lhe o bico.

E o que me foi mais duro de engolir, não foi saber que a própria vida requer inimizade, morte e torturas.

Mas um dia fiz a mim próprio esta pergunta que quase me sufocava: O quê? Terá a vida também *necessidade* da canalha ?

Será necessário haver fontes envenenadas, fogos pestilentos, sonhos maculados, e vermes no pão da vida?

Não é o meu ódio, mas o meu nojo que me devora a vida. Ai! Quantas vezes me enfastiou o espírito ao ver que a própria canalha tem espírito!

E voltei costas aos dominadores assim que vi o que hoje chamam dominar: quer dizer traficar e mercadejar a respeito do poder — traficar com a canalha!

E vivi entre os povos de língua estranha, e tapei os ouvidos a fim de ignorar sempre a linguagem do seu negócio e os seus regateios à volta do poder.

E atravessei com repugnância, tapando o nariz, tudo o que é de ontem e de hoje; na verdade tudo o que é de ontem ou de hoje, empesta a canalha escrevinhadora.

Durante muito tempo vivi como enfermo, cego, surdo e mudo, de preferência a viver com a canalha dos poderosos, dos escrevinhadores e dos debochados.

Penosamente, com cautela, o meu espírito subiu muitas escadas; a menor esmola de alegria a reconfortava; arrastava-se como um cego, apoiado no seu bastão.

Que me sucedeu, então? Como me curei desta aversão? Como rejuvenesceu o meu olhar? Como atingi com um golpe de asa as alturas onde nenhuma canalha já atulha à beira das fontes?

Foi a minha própria aversão que me deu asas e o dom de descobrir estes mananciais? Na verdade tive de voar ao mais alto dos montes para tornar a encontrar a fonte da alegria.

Oh! Encontrei-a, meus irmãos! Aqui, no mais alto dos montes, brota para mim a fonte da alegria. E há uma vida onde a canalha nunca molhou os lábios.

Fonte da alegria, quase brotas com demasiada violência! E amiúde esvazias a taça querendo enchê-la.

Ainda tenho que aprender a aproximar-me de ti mais moderadamente; o meu coração acorre ao teu encontro com demasiada pressa.

O meu coração onde arde o estio, o meu breve estio ardente, melancólico, bêbedo de alegria: quanto anela pela tua frescura este coração estival!

Dissipada a tristeza hesitante da minha primavera! Abalada a malícia dos meus flocos de neve em pleno Junho! Já sou apenas verão e pleno meio dia de verão.

Estio nas maiores alturas, fontes frescas, silêncio bem aventurado: ó meus amigos, vinde, e o silêncio se inchará com uma felicidade ainda maior.

Porque esta é a nossa altura e a nossa pátria; aqui estamos muito alto para os impuros e para a sua sede.

Mergulhai os vossos olhares puros no fundo da minha fonte de alegria, amigos. Como poderia turvar-se? Sorrir-vos-á com toda a sua pureza.

Construiremos o nosso ninho na árvore do futuro. As águias nos trarão o sustento, ó solitários!

Na verdade, os impuros não terão nenhuma parte neste sustento! Julgariam devorar o fogo e queimar a garganta.

Na verdade, não oferecemos aqui asilo aos impuros. A nossa ventura faria nos seus corpos e nos seus espíritos o efeito de uma caverna de gelo.

Porque vivemos muito alto por cima deles, como os ventos fortes, na vizinhança das águias, das neves e do sol; assim vivem os ventos fortes.

E à semelhança do vento, soprarei sobre eles e o meu espírito cortará a respiração ao seu; assim o quer o meu futuro.

Na verdade, Zaratustra sopra como um vento forte por cima de todas as partes baixas. E eis o conselho que dá aos seus inimigos e aos tossidores e aos cuspidores: «Livrai-vos de cuspir *contra* o vento!»

Assim falava Zaratustra.

7. Das Tarântulas

«Eis a toca da Tarântula! Queres vê-la a ela mesma? Eis a sua teia. Toca-lhe. Estremecerá.

Ei-la que não se faz rogada. Benvinda sejas Tarântula! Trazes nas costas o teu triângulo preto e a tua marca, e também sei o que há na tua alma.

Na tua alma aninha-se a vingança; a tua mordedura produz uma crosta negrusca; o veneno da tua alma faz torvelinhar as almas.

Assim vos falarei em parábola, a vós que levantai torvelinhos nas almas, pregadores da igualdade. Não passais de tarântulas, habita-vos o rancor escondido.

Eu, porém, acabarei por descobrir os vossos esconderijos; por isso me rio na vossa cara com o meu riso das alturas.

Também despedaço a vossa teia, para que o furor vos faça sair das vossas cavernas de mentira, e faça jorrar imediatamente as vossas palavras de «justiça».

Porque libertar o *homem de qualquer pensamento de vingança*, é para mim a ponte que leva às mais altas esperanças, e o arco íris que sucede às grandes tormentas.

Mas completamente diversa é a vontade das tarântulas. «Aquilo a que chamamos justiça, é encher o mundo com as tempestades da nossa vingança» — eis o que dizem entre si.

«Queremos exercer a nossa vingança e injuriar todos os que não são semelhantes a nós outras» — eis o que se juram as tarântulas no seu coração.

«E a virtude consistirá de ora em diante, em querer a igualdade para todos; perseguiremos com os nossos gritos todos os que detêm o poder».

É assim, sacerdotes da igualdade, que a tirânica loucura da impotência reclama em altos gritos «a igualdade»; os vossos mais secretos desejos de tiranos assim se disfarçam sob nomes virtuosos.

Vaidade acrimoniosa, inveja contida, talvez vaidade e inveja ancestrais, eis o que de vós sai como uma chama e como uma loucura de vingança.

O que o pai nele recalcou, o filho o exprime em palavras, e muitas vezes o filho me traiu o segredo do pai.

Parecem-se com entusiastas, mas não é o coração que neles arde, é a vingança. E quando se mostram subtis e frios, não é o espírito, é a inveja que os torna subtis e frios.

Os seus zelos levam-nos também às sendas dos pensadores; a marca do seu ciúme, é que eles vão sempre demasiado longe, e o seu cansaço acaba por adormecer no meio da neve.

Todos os seus lamentos têm acentos de vingança, todos os seus elogios traem a intenção de prejudicar; e a felicidade, para eles, é arvorar-se em juízes.

Dou-vos, portanto, este conselho, meus amigos: desconfiai sempre de todos os que sentem poderosamente o desejo de castigar.

São pessoas de má raça e de má casta; nas suas faces assomam o polícia e o verdugo.

Desconfiai de todos os que falam muito da sua própria justiça. Na verdade, não é só o mal que falta às suas almas.

E se se chamam a si mesmos «os bons e os justos», não esqueçais que para serem fariseus só lhes falta — o poder.

Meus amigos, não quero ser misturado nem confundido com os outros.

Há quem pregue a minha doutrina da vida, mas são ao mesmo tempo pregadores da igualdade e tarântulas.

Aranhas venenosas, que dizem louvores da vida, se bem que estejam acaçapadas nos seus covis, afastadas da vida; é a sua maneira de fazer mal.

Procuram prejudicar os que têm atualmente o poder, porque é entre estes que a pregação da morte é ainda mais familiar.

Se fosse de outro modo, as Tarântulas mudariam de doutrina; porque noutro tempo foram excelentes em caluniar a vida e em queimar hereges.

Não quero que me misturem nem que me confundam com estes pregadores da igualdade. Porque a justiça me diz assim: «os homens não são iguais».

Não devem tão-pouco chegar a sê-lo! Que seria o meu amor ao Super-homem, se eu falasse de outro modo?

Será por mil pontes e mil caminhos que os homens se devem precipitar à conquista do porvir; é preciso que haja entre eles mais guerras e desigualdades; eis o que me inspira o meu grande amor!

Será por necessidade de combate que eles inventarão imagens e fantasmas, e essas imagens e esses fantasmas servir-lhes-ão para travar batalhas supremas uns aos outros.

Bom e mau, rico e pobre, nobre e vilão, e todos os outros nomes de valores são outras tantas armas e emblemas tilintantes que devem ajudar a vida a superar-se sem cessar.

A própria vida, para subir mais alto, constrói arcos e degraus, de onde poderá escutar os horizontes longínquos e as belezas que encantam o coração; é por isso que necessita das alturas.

E porque necessita das alturas, são-lhe também necessários degraus, e a resistência que os degraus opõem aos que os sobem. A vida quer-se elevar, e ao elevar-se superar-se a si mesma.

E vede, meus amigos! Ao lado do antro da Tarântula, elevam-se as ruínas de um antigo santuário. Olhai-as com olhos radiosos.

Na verdade, o que aqui em outros dias elevou estas pedras para com elas exprimir o impulso da sua alma conhecia tão bem como o maior dos sábios o segredo da vida.

O que aqui nos ensina com a parábola mais surpreendente, é que toda a beleza contém luta e desigualdade, guerra e poder e tirania.

Vede a divina beleza destas abóbadas e destes arcos que lutam e se quebram uns contra os outros; vede-os lançar assaltos de luz e de sombra no seu divino esforço.

Na mesma certeza infalível, na mesma beleza sejamos também inimigos, meus amigos! Enlacemo-nos divinamente uns contra os outros!

Desventura! Também a mim me picou a Tarântula, essa velha inimiga! Com uma admirável e divina certeza picou-me no dedo!

«É preciso um castigo, é precisa uma justiça, pensa ela; é preciso que não se cantem aqui impunemente os louvores da inimizade!»

Sim, está vingada! Pobre de mim! Por vingança ela vai-me inocular a sua vertigem.

Mas com medo que a sua vertigem me domine, a mim também, meus amigos, atai-me fortemente a esta coluna. Antes quero ser transformado em estilista do que em turbilhão de rancor!

Na verdade, Zaratustra não é nem um turbilhão nem uma tromba, e se é verdade que é bailarino, pelo menos não dança a tarantela.»

Assim falava Zaratustra.

8. Dos Sábios Célebres

Todos vós, os sábios célebres, nunca fostes mais do que os servidores do povo e da superstição popular, e não os servidores da verdade. E é precisamente por isso que vos têm honrado.

E por isso também foi tolerada a vossa incredulidade, porque parecia uma brincadeira, um rodeio engenhoso que vos levava ao povo. Assim o amo deixa exultar os seus escravos e regozija-se até com a sua petulância.

Mas aquele que o povo odeia, com um ódio de cães pelo lobo, é o espírito livre, inimigo das algemas, o incrédulo que assombra as florestas.

Persegui-lo até ao seu esconderijo, é aquilo que o povo, em todos os tempos, chamou ter o «sentido da justiça»; e ainda por cima açula contra o solitário os seus mais ferozes mastins.

«Porque a verdade está onde o povo está!» — é um clamor que em todos os tempos se tem repetido.

Queríeis assentar na razão a piedade tradicional do vosso povo e é a isso que chamais «a vontade de encontrar a verdade», ó sábios célebres!

E o vosso coração insiste em dizer: «eu saí do povo, foi também do povo que me veio a voz divina».

Teimosos e prudentes como burros, sempre tomastes a defesa do povo.

E mais de um potentado que queria estar em boas relações com o povo, atrelou à dianteira dos seus corcéis um burrico, um sábio célebre.

E agora, ó sábios célebres, quisera que acabásseis de arrojard para longe de vós a pele de leão, a vossa pelagem de carneiro, toda manchada, a vossa juba de explorador, de investigador, de conquistador.

Ai! Para aprender a acreditar na vossa «veracidade» seria primeiro necessário ver-vos destruir todos os vossos respeitos tradicionais.

Por mim, chamo verídico aquele que vai para os desertos sem Deus, depois de ter aniquilado o seu coração pleno de veneração.

No meio da areia fulva, queimado pelo sol, morrendo de sede, acontece- lhe olhar com avidez para as ilhas de copiosas fontes onde os vivos repousam sob a sombra das árvores.

Mas a sua sede não o convence de modo nenhum a imitar esses satisfeitos; sabe que há ídolos em todos os oásis.

Faminta, violenta, solitária, ímpia, tal deve ser a vontade leonina.

Livre de uma fidelidade servil, livre dos deuses e dos cultos, sem medo e terrível, grande e solitária, tal deve ser a vontade do verídico.

No deserto sempre têm vivido os verídicos, os espíritos livres, como senhores do deserto; mas nas cidades residem os sábios célebres e bem alimentados — os animais de tiro.

Porque são eles que puxam sempre, como burros, a carripa do *povo!*

Não porque lhes queira mal por isso; mas na minha opinião não passam de criados e de animais de tiro, mesmo sob o seu arnês coberto de doirados.

E muitas vezes são bons servidores, dignos de louvor. Por que assim fala a virtude: «Se é forçoso seres servidor, procura aquele a quem os teus serviços sejam mais úteis.

O espírito e a virtude do teu amo devem aumentar por estares ao seu serviço; e assim tu mesmo te engrandeces com o seu espírito e a sua virtude».

E na verdade, sábios célebres, servidores do povo, aumentastes vós próprios à medida que cresciam o espírito e a virtude do povo, e o povo aumentou graças a vós. Digo isto em vossa honra.

Mas continuais a ser povo até nas vossas virtudes, povo de olhos fracos, povo estranho ao *espírito*.

O espírito é a vida que sacrifica na sua própria carne; o seu tormento aumenta o seu saber — já o sabíeis?

E a felicidade do espírito, é ter recebido a unção santa e a efusão de lágrimas que dele fazem a vítima designada para o sacrifício — já o sabíeis?

E a cegueira do cego, as suas hesitações, as suas apalpadelas testemunham ainda o poder do sol que ele olhou de frente — já o sabíeis?

E acumulando montanhas que o discípulo do conhecimento deve aprender a construir. Transportar montanhas é para o espírito pouca coisa: já o sabíeis?

Vós conheceis as centelhas que lança o espírito, mas não vedes que ele é uma bigorna, ignorais a crueldade do seu martelo.

Na verdade, vós não conheceis a altivez do espírito, mas suportaríeis menos ainda a modéstia do espírito, se ela quisesse falar.

E nunca até agora conseguistes mergulhar o vosso espírito numa fossa cheia de neve: não tendes calor bastante para isso! Ignorais também, por conseguinte, a alegria extasiada que ao espírito dá o frio do gelo.

Tratais sempre o espírito de maneira demasiado familiar, e fizestes da sabedoria um hospital e um asilo de maus poetas.

Vós não sois águias; nunca saboreastes os terrores do espírito. E a menos que se seja ave, não devemos construir o ninho por cima dos abismos.

Pareceis-me túbios; ora qualquer conhecimento profundo é gelado. Frias como gelo são as fontes mais secretas do espírito; refrescam e divertem as mãos ardentes, os ardentes filhos da ação.

Bem vos vejo lá, respeitáveis e rígidos, a espinha direita, ó sábios célebres! Não estais em luta nem com as rajadas de vento nem com as de uma forte vontade.

Nunca vistes cruzar o mar, estremecendo sob a impetuosidade do vento, uma vela trémula e enfunada?

Semelhante à vela, estremecendo sob a impetuosidade do espírito, assim cruza o mar a minha sabedoria, a minha selvática sabedoria!

Mas vós, servidores do povo, sábios célebres, como *poderíeis* acompanhar-me alguma vez?»

Assim falava Zaratustra.

9. Noturno

«É noite; eis que se eleva mais a voz das fontes jorrantes. E a minha alma é também uma fonte jorrante.

É noite; eis que despertam todos os cantos dos apaixonados. E a minha alma é também um canto de apaixonado.

Há uma sede em mim, insaciada, insaciável, que quer elevar a voz. Há em mim um anelo de amor, um desejo que fala a linguagem do amor.

Eu sou luz: Ai! Se eu fosse trevas! Mas a minha solidão, é estar rodeado de luz.

Ah! Se eu fosse sombra e trevas! Como me desalteraria nos seios da luz!

E como vos abençoaria, mesmo a vós, estrelinhas cintilantes, vermes luzentes do céu! E a luz que me désseis encher-me-ia de ventura.

Mas eu vivo encerrado na minha própria luz, voltando a absorver as chamas que de mim brotam.

Não conheço o prazer de receber; e frequentemente tenho sonhado que há ainda mais felicidade em roubar do que em receber.

A minha pobreza reside em que a minha mão nunca se cansa de dar; o que invejo, são os olhares ávidos e as noites completamente iluminadas de desejo.

Ó sorte maldita de todos os que dão! Ó eclipse do meu sol! Ó desejo de desejar! Ó fome devoradora no coração da saciedade!

Recebem o que lhes dou, mas acaso lhes pude tocar a alma? Há um abismo entre dar e receber; e o abismo mais estreito é o último a fechar-se.

Nasce uma fome na minha beleza; quereria fazer sofrer os que ilumino, despojar aqueles que cumulo; tal é a minha fome de maldade.

Retirando a minha mão quando me estendem a sua, semelhante à cascata que hesita antes da queda e hesita ainda na sua queda, assim eu tenho fome de maldade.

Tal é a vingança que imagina a minha riqueza excessiva, tal é a perfídia que jorra da minha solidão.

A felicidade de dar morre no momento em que dou, a minha virtude cansa-se da sua própria profusão.

Dando sem cessar, corre-se o risco de perder qualquer pudor; à força de dar, o coração e a mão acabam por se tornarem calejados.

Os meus olhos já se não arrasam de lágrimas ao ver a vergonha dos que imploram; a minha mão endurecida já não sente o tremor das mãos que encho.

Para onde foram as lágrimas dos meus olhos e a macieza do meu coração? Ó solidão de todos os que dão! Ó silêncio de tudo o que luz!

Inúmeros sóis gravitam no espaço deserto; a sua luz fala a todos os corpos tenebrosos; só para mim emudeceu.

Oh! Tal é a inimizade da luz para com tudo o que brilha; inexorável, prossegue o seu caminho.

Profundamente injustos para com tudo o que brilha, indiferentes aos outros sóis, assim gravitam os sóis.

Semelhantes à tempestade, os sóis percorrem as suas órbitas, é esse o seu caminho. Só obedecem à sua vontade inexorável; é essa a sua frieza.

Só vós, criaturas sombrias e tenebrosas, tirais da luz dos astros o vosso calor. Só vós bebeis o leite e o reconforto nos úberes da luz!

Ai! Tudo é gelo à minha volta, a minha mão queima-se em contato com o gelo! Ai! Tenho sede de experimentar a vossa sede!

É noite: ai, por que hei-de eu ser luz? E sede de trevas! E solidão!

É noite: eis que de mim brota como uma fonte o meu desejo de elevar a voz.

É noite: eis que se eleva mais alto a voz das fontes borbotantes. E também a minha alma é fonte borbotante.

É noite: eis que despertam todos os cantos dos apaixonados. E também a minha alma é canto de apaixonado.»

Assim falava Zaratustra.

10. O Canto do Baile

Uma tarde, atravessava Zaratustra a floresta com os seus discípulos; e procurando uma fonte, eis que chegou a um verde prado fechado por árvores e matagais: estavam lá raparigas dançando umas com as outras. Logo que reconheceram Zaratustra deixaram de bailar; mas Zaratustra aproximou-se amigavelmente delas e disse-lhes estas palavras:

«Não pareis de bailar, encantadoras meninas! Não é um desmancha-prazeres de mau olhar que se aproxima de vós, não é um inimigo das jovens.

Sou o advogado de Deus ante o diabo. O diabo é o espírito da Gravidade. Como, ó vaporosas!, poderia eu ser inimigo das vossas danças divinas ou dos vossos pés juvenis de graciosos tornozelos?

Decerto, sou uma floresta de árvores escuras e de trevas; mas os que não têm medo da minha sombra descobrirão roseirais debaixo dos meus ciprestes.

E também aí encontrarão o pequenino deus preferido das donzelas; repousa junto da fonte, imóvel e de olhos cerrados.

Na verdade, adormeceu em pleno dia, o folgazão; deve ter apanhado muitas borboletas.

Não vos agasteis comigo, formosas bailadeiras, se fustigo um tanto, o pequenino deus. Vai sem dúvida gritar e chorar; mas mesmo quando chora se presta ao riso.

E com lágrimas nos olhos vos deve pedir que lhe concedais uma dança; e eu próprio acompanharei essa dança com uma canção, uma canção para dançar, um canto que mofa do espírito de Gravidade, meu muito alto e muito poderoso diabo, que os homens dizem ser o «senhor do mundo».

E eis a canção que Zaratustra cantou enquanto Cupido dançava com as jovens:

«Ainda há pouco mergulhei os olhos no teu olhar, ó Vida, e parecia-me mergulhar num abismo sem fundo.

Mas tu voltaste a pescar-me, agarrado ao teu anzol de ouro; desatas-te a rir, com ar trocista, quando te declarei insondável.

«Assim falam todos os peixes, disseste; o que eles não conseguem sondar é declarado insondável.

Mas sou apenas, quanto a mim, volúvel e selvagem, mulher em todas as coisas, e nada virtuosa, posto que para vós, homens, eu seja «a profunda», ou «a fiel», ou «a eterna», ou «a misteriosa».

Mas vós, homens, ó virtuosos, emprestai-nos sempre as vossas próprias virtudes!»

Assim ria ela, a inacreditável; mas nunca acredito nela, nem nela nem no seu riso, quando diz mal de si própria.

E um dia em que me entretinha a sós com a minha selvagem sabedoria, disse-me ela: «Tu queres, tu desejas, tu amas, e é por isso que cantas louvores à vida!»

Pouco me faltou para lhe dar uma resposta irritada e dizer umas verdades à minha sabedoria irritada; e não há resposta mais dura do que dizer à sabedoria as «suas verdades».

Tais são as relações que mantemos entre os três. No fundo do coração apenas amo a vida, e na verdade nunca a amo tanto como quando a odeio.

Mas se sou complacente para a minha sabedoria (e às vezes demais). é porque me lembra muito a vida.

Tem os mesmos olhos, o mesmo riso, o mesmo anzol dourado; será culpa minha se assim são tão parecidas?

E quando um dia a vida me perguntou: «Mas o que é a sabedoria?», eu respondi pressurosamente: «Ah! Sim, a sabedoria!»

Estamos sedentos dela e não nos saciamos, olhamo-la através do seu véu, queremos captá-la com uma rede.

É formosa? Como sabê-lo? Até as carpas mais velhas, porém, mordem ainda os seus iscos.

É versátil e caprichosa; muitas vezes lhe vi morder os lábios e erriçar o cabelo com o pente.

Talvez seja má e pérfida, e mulher em todas as coisas; mas nunca é tão sedutora como quando diz mal de si mesma».

Quando assim respondi à vida, ela riu-se maldosamente e cerrou os olhos. «Mas de quem falas tu? — disse. — É de mim, sem dúvida?

E mesmo admitindo que tivesses razão, serão coisas que se me digam na cara? Mas agora fala-me também da tua sabedoria».

Ai! E então tornaste a abrir os olhos, Vida bem amada. E de novo me pareceu cair no coração do insondável.

Assim cantava Zaratustra. Mas acabada a dança e afastadas as donzelas, sentiu-se triste.

«O sol já se pôs há muito — disse por fim. — O prado está húmido, sente-se a frescura dos bosques.

Cerca-me uma presença desconhecida e fita-me com olhar pensativo. O quê? Ainda vives, Zaratustra?

Porquê? Para quê? Como? Para ir onde? Para ficar onde? De que maneira? Não será uma loucura viver ainda?

Ai! Meus amigos, é a noite que assim me interroga. Perdoai-me a tristeza.

Caiu a noite. Perdoai-me, se a noite cai».

Assim falava Zaratustra.

11. O Canto do Sepulcro

«Além está a Ilha dos Sepulcros, a ilha muda; além estão também os sepulcros da minha juventude. Quero lá levar uma coroa viva de verdura imortal».

E tendo assim resolvido no meu coração, atravessei o mar.

«Ó imagens e visões da minha juventude! Olhares de amor, momentos divinos! Como vos desvanecestes depressa! Penso hoje em vós como em mortos bem-amados.

Exalais para mim um suave perfume, mortos bem-amados, um perfume que alivia o coração e faz correr as lágrimas. Verdadeiramente, comove e alivia o coração do navegador solitário.

Sou eu ainda o mais rico e o mais digno de inveja, eu, o mais solitário entre todos. Porque vos possuí, e vós me possuis ainda. Dizei-me: qual outro foi mais cumulado do que eu com as maçãs vermelhas caídas da árvore?

Continuei a ser o património e o terriço do vosso amor, onde florescem, em vossa memória, ó meus amados, silvestres virtudes de todas as cores!

Ai! Nós outros éramos feitos para viver juntos, estranhas e deliciosas maravilhas; viesteis para mim, precedendo o meu desejo, não como pássaros espantados, mas confiando no amigo confiante.

Sim, feitos como eu para a afeição fiel, para eternidades de ternura; será necessário agora que vos dê um nome que lembre que fosteis infiéis, fulgores divinos, instantes divinos? Ainda não aprendi a dar-vos outros nomes.

Na verdade, morrestes demasiado cedo, ó fugitivos. Não que me tenhais fugido, nem que eu vos tenha fugido. Somos inocentes uns e outros da nossa mútua infidelidade.

Foi para me matarem que vos estrangularam, cantores das minhas esperanças! Sim, foi contra vós, bem-amados, que a maldade sempre arremessou as suas flechas a fim de me alcançarem o coração.

E alcançou! Não éreis vós o meu mais caro bem? Vós éreis meus, eu era vosso; por isso tivestes de morrer novos e prematuramente.

Dispararam flechas sobre o que eu tinha de mais vulnerável, sobre vós cuja epiderme era suave como uma penugem, como um sorriso que morre ao primeiro olhar.

Mas, assim o declaro aos meus inimigos, o que é um assassinato comparado com o que me fizestes?

O que me fizestes é pior do que todos os assassinatos, tiraste-me o que ninguém me poderia dar — eis o que tenho a dizer-vos, meus inimigos!

Porque assassinastes as visões e os graciosos prodígios da minha juventude! Tirastes-me os meus companheiros de recreio, os espíritos bem-aventurados! Em sua memória deponho aqui esta coroa, e rogo-vos uma praga.

Malditos sejais, meus inimigos! Porque abreviastes a minha parte de eternidade. Quebraste-me como um som que expira na noite gelada! Só a vi brilhar um instante como o fulgor de um olhar — o espaço de um abrir e fechar de olhos.

Antigamente, em horas propícias, a minha pureza dizia: «Para mim todos os seres devem ser divinos».

Então precipitastes sobre mim imundos fantasmas. Ai! Para onde fugiu, aquela hora propícia?

«Todos os dias devem ser sagrados para mim» — assim falava antigamente a minha jovem sabedoria, e decerto é essa realmente a linguagem de uma sabedoria prazenteira.

Mas então, meus inimigos, vós roubastes-me as minhas noites, vendeste-las ao tormento e à insónia; para onde fugiu, ai!, aquela prazenteira sabedoria?

Antigamente reclamava que me dessem pássaros de felizes presságios; e vós pusestes no meu caminho uma monstruosa coruja, um pássaro de mau augúrio.

Ai! Para onde fugiu então o meu doce desejo? Um dia fiz voto de renunciar a toda a repugnância; então mudastes os meus próximos e os meus vizinhos em úlceras purulentas. Ai! Para onde fugiram os meus nobres votos?

Como cego percorri venturosos caminhos; então vós arrojastes imundícies ao caminho do cego; e ei-lo agora repugnado da sua antiga senda.

E no dia em que consumei a minha proeza mais árdua e celebrei a minha mais alta vitória sobre mim próprio, levastes os que me estimavam a clamar que nunca eu lhes tinha causado maior dano.

Na verdade, assim procedestes sempre; amargastes-me o meu melhor mel e o zelo das minhas melhores abelhas.

Sempre recomendastes à minha caridade os mendigos mais insolentes; sempre apinhastes em torno da minha compaixão os mais incuráveis desavergonhados. Assim feristes as minhas virtudes na sua fé.

E quando oferecia como sacrifício o bem mais sagrado que possuía, a vossa «devoção» apressava-se a ajuntar dádivas mais pingues, de modo que as emanações da vossa gordura afogavam o mais sagrado que eu tinha.

E no dia em que quis bailar como ainda nunca bailara, e para além de todos os céus, cativastes com artifícios o meu cantor preferido.

E entoou uma melodia medonha e lúgubre; ai! zumbiu-me aos ouvidos como a mais fúnebre trompa!

Cantor mortífero, instrumento da maldade dos outros, inocente entre todos! Eu estava a preparar-me para a mais bela das danças, quando as tuas vieram matar os meus transportes.

Só na dança sei exprimir as parábolas das verdades supremas, e agora a minha parábola mais sublime ficou-me inexpressa nos membros.

Inexpressa, não libertada, a minha suprema esperança ficou prisioneira. E vi morrerem todas as visões que tinham consolado a minha mocidade.

Como o pude suportar? Como me pude resignar a semelhantes feridas, e triunfar delas? Como conseguiu a minha alma ressuscitar do fundo desses túmulos?

Decerto, trago em mim uma força invulnerável, incoercível, capaz de fazer saltar os rochedos; é a *minha vontade*. Avança em silêncio, imutável ao longo dos anos.

A minha antiga vontade, para percorrer o seu caminho, serve-se dos meus pés; a sua resolução é dura até ao âmago, invulnerável.

Eu só sou invulnerável no calcanhar! Conseguiste então sobreviver, sempre igual a ti mesma, vontade paciente, espírito paciente! Sempre conseguiste voltar a emergir dos túmulos.

Em ti ainda vive o irredimido da minha mocidade; sob os traços da juventude e da vida vens cheia de esperança sentar-te sobre os escombros amarelecidos das sepulturas.

Sim, saúdo em ti a destruidora de todas as sepulturas. Salve, ó minha vontade! Porque somente onde há sepulturas é que há ressurreições!»

Assim cantava Zaratustra.

12. Da Vitória Sobre Si Mesmo

«A vontade de encontrar o verdadeiro»: tal é o nome que dais, ó sábios insignes, à força que vos impele e vos incendeia.

Vontade de tornar concebível tudo quanto existe: é o nome que eu dou ao vosso desejo.

Quereis primeiro tornar imaginável tudo quanto existe: porque duvidais com justa desconfiança que tudo seja antecipadamente imaginável.

É mister, porém, que tudo se submeta e curve perante vós. Assim o exige a vossa vontade; que tudo se amacie e se submeta ao espírito, que tudo se reduza a ser o seu espelho e o seu reflexo.

É essa toda a vossa vontade, sábios insignes, e é uma vontade de poder, mesmo quando tendes na boca as palavras de bem e de mal e juízos de valor.

Quereis primeiro criar um mundo tal que possais adorá-lo de joelhos; é a vossa última esperança, a vossa suprema embriaguez.

Os simples, todavia, o povo, são semelhantes ao rio por onde avança um barquinho e no barco vão, solenes e mascarados, os juízos de valor.

Pusestes a vossa vontade e os vossos valores no rio do porvir; estas crenças do povo a respeito do bom e do mau revelam uma muito antiga vontade de poder.

Fostes vós, sábios insignes, que instalastes esses passageiros no barquinho, depois de os terdes enfeitado com adornos e nomes sumptuosos — fostes vós e a vossa vontade dominadora.

Agora o rio arrasta o vosso barco, arrasta-o contra sua vontade. Que lhe importa que faça escumar a vaga que fende e que se rebele contra a quilha?

Não é o rio que vos ameaça; nem a morte da vossa noção do bem e do mal, sábios insignes; é a vossa própria vontade, a vossa vontade de poder, a vontade vital, inesgotável e criadora.

Mas para compreenderdes o que tenho para vos dizer sobre o bem e o mal, vou acrescentar mais uma palavra a respeito da vida e da natureza de todo o vivo.

Eu tenho seguido o rasto dos vivos, nos caminhos grandes e nos pequenos, a fim de lhe conhecer a natureza.

Quando a sua boca estava fechada, captei-lhe o olhar nos meus cem espelhos, para que esse olhar me falasse, e esse olhar falou-me.

Ora por toda a parte onde encontrei o ser vivo, ouvi falar em obediência. Tudo o que é vivo obedece.

Eis aqui o segundo ponto: ordena-se ao que não sabe obedecer a si mesmo. Tal é o costume entre os vivos.

O que aprendi em terceiro lugar, é que dar ordens é mais difícil do que obedecer. Não somente porque aquele que ordena suporta o peso de todos os que lhe obedecem, e essa carga o faz correr o risco de ficar esmagado, mas porque reconheci que mandar comporta uma possibilidade e um risco, e sempre que manda, o vivo arrisca a sua vida no jogo.

E até quando é a si próprio que se manda, não escapa à expiação. Torna-se fatalmente juiz, vingador e vítima da sua própria lei.

Como é isso possível? — perguntei a mim próprio. — Que é que decide o vivo a obedecer e a mandar, e a obedecer mesmo mandando?

Ouvi agora as minhas palavras, ó sábios insignes! Examinai seriamente se penetrei na alma da vida e até às últimas pregas do seu coração!

Onde quer que encontrasse o que é vivo, encontrei a vontade de domínio, e até na vontade do que obedece, encontrei a vontade de ser senhor.

Se o fraco serve o forte, é que a isso é inclinado pela sua vontade, que quer por sua vez tornar-se senhora de outras mais fracas do que ela; é essa a única alegria à qual não é capaz de renunciar.

E do mesmo modo que o inferior se submete ao superior, a fim de gozar por sua vez o prazer de dominar o mais ínfimo, assim o maior se entrega também e arrisca a vida pelo poder.

Quando o maior entra na liça por sua vez, toma sobre si riscos e perigos, é um lançamento de dados com a morte.

E sacrifícios, e serviços prestados, e olhares apaixonados, são ainda manifestações da vontade de poder.

Por caminhos secretos, o mais fraco insinua-se na praça forte e chega até ao coração do poderoso; e aí rouba-lhe o poder.

Eis o segredo que a vida me confiou: «Olha — disse — eu sou o que é estrangido a superar-se a si mesmo até ao infinito.

Quer chameis a esta necessidade instinto genésico ou instinto de finalidade ou tendência ascensional para o que é mais alto, mais

longínquo, mais complexo, tudo isso vem a dar no mesmo, é apenas um único e mesmo segredo.

Prefiro desaparecer e renunciar a essa única aspiração; e na verdade, quando se veem morrer os seres e cair as folhas, é que a vida se sacrifica, — por amor ao poder.

Por que será mister que eu seja luta, e devir, e finalidade, e contradição? Ai! Aquele que adivinha a minha vontade adivinha quão *tortuosos* são os caminhos que precisa seguir.

Seja qual for a coisa por mim criada, e o amor da minha criatura e adversário do meu amor; assim o quer a minha vontade.

E tu também, investigador da verdade, não és mais do que uma das sendas, uma das pistas da minha vontade; na verdade, a minha vontade de poder segue também os vestígios da tua vontade de encontrar a verdade.

Certamente não encontrou a verdade aquele que pôs a circular a fórmula da «*vontade de viver*»; não há tal vontade.

Porque o que não existe não pode querer existir; e como poderia o que existe desejar ainda a existência?

Só há vontade na vida; mas esta vontade não é querer viver; na verdade ela é vontade de domínio.

Há muitas coisas que o vivente coloca acima da própria vida, mas nesta mesma estima, o que fala, é a vontade de domínio.

Eis o que a vida me ensinou outrora; foi o que me permitiu, sábios insignes, resolver ainda por cima o enigma dos vossos corações.

Em verdade vos digo, bem e mal, noções imutáveis, não existem. Tudo trabalha para incessantemente se ultrapassar.

Os vossos juízos de valor e as vossas teorias do bem e do mal são meios de exercer o poder. Avaliadores, é esse o amor secreto com que brilham os vossos corações, fremindo e transbordando.

Mas há uma força maior que extrai dos vossos valores o seu crescimento, e uma nova vitória sobre si, que parte os ovos e as cascas dos ovos.

E aquele que tem a vocação de inovar em matéria de bem e de mal começará necessariamente por destruir e quebrar os valores.

Assim a maior malignidade é parte integrante da bondade suprema, quero dizer daquela que é criadora.

Falemos destas coisas, sábios insignes, embora vos custe muito. O silêncio é ainda pior. Todas as verdades caladas se tornam venenosas.

E que importa se tudo quanto é frágil se vem aniquilar nas nossas verdades? Há ainda tantas casas para edificar!»

Assim falava Zaratustra.

13. Das Almas Sublimes

«Tranquilo é o fundo do mar que trago em mim; quem adivinharia que oculta monstros divertidos?

Imutável é a minha profundidade, mas cintila de enigmas e de gargalhadas flutuantes.

Hoje vi um homem sublime, solene, um penitente do espírito. Oh! Como a minha alma se riu de o ver assim tão feio!

Inflando o peito, semelhante aos que enchem o peito de ar, assim se apresentava este homem sublime, não abrindo a boca.

Engalanado com feias verdades, com as suas polainas de caça, e coberto de vestidos rotos, trazia sobre ele muitos espinhos, mas não vi uma única rosa.

Ainda não conhece o riso nem a beleza. Foi com ar sombrio que esse caçador voltou das florestas do conhecimento.

Lutou com animais selvagens, mas a sua própria gravidade ainda trai a fera, e mal domada.

Ainda se assemelha ao tigre prestes a saltar; mas não aprecio nada estas almas tensas, não são do meu gosto todos estes recalçados.

E vós, amigos, dizei-me que questões de gostos e de cores não se discutem? Mas a vida inteira, contudo, não passa de uma querela a respeito dos gostos e das cores.

O gosto é a um tempo o peso, a balança e o pesador; e ai de toda a coisa viva que quisesse viver sem querela a respeito dos pesos, da balança e do peso!

Se esse homem sublime se enfastiasse da sua sublimidade, só então começaria a embelezar-se, e então poderia apreciá-lo e achar-se gosto.

E só quando se apartar de si poderá, com um salto, saltar para fora da sua sombra — e, na verdade, lançar-se com um impulso para o seu sol.

Demasiado tempo esteve sentado à sombra, este penitente do espírito; as suas faces empalideceram, e quase o matou de fome a espera.

Ainda há desdém nos seus olhos, e uma prega de repugnância no canto dos seus lábios. É verdade que descansa agora, mas ainda não se estendeu ao sol.

Deveria fazer como o touro, e a sua felicidade deveria rescender a terra e não ao desprezo da terra.

Queria vê-lo como um touro branco que sopra e muge diante do arado, e o seu mugido deveria cantar o louvor das coisas terrenas.

O seu semblante está ainda sombrio; nele se projeta a sombra da sua mão; o pensamento, nos seus olhos, está ainda misturado com a sombra.

A sua própria ação lança uma sombra sobre ele; a mão lança uma sombra sobre o que atua. Ele ainda não domina o seu ato.

Agrada-me a sua nuca de touro, mas quereria ver-lhe também o olhar do anjo.

É ainda necessário que se desfaça da sua vontade de herói, quero que se sinta à vontade nas alturas e não somente colocado muito alto; o próprio éter o deveria elevar, aliviado de qualquer vontade.

Dominou feras, decifrou enigmas; mas precisava também que ele se tornasse o redentor dos seus monstros e dos seus enigmas; precisava transformá-los em filhos divinos.

O seu Conhecimento ainda não aprendeu a sorrir sem nada invejar; a onda da sua paixão ainda não se acalmou na beleza.

Na verdade, não é na saciedade que o seu desejo se deve abismar em silêncio, mas na beleza. A graça faz parte da magnanimidade dos magnânicos.

Um braço negligentemente pousado atrás da cabeça; eis como deveria repousar o herói, dominando até o seu repouso.

Mas é precisamente ao herói que é mais difícil atingir a Beleza; a beleza é inexequível para toda a vontade violenta.

Um toque a mais ou a menos, aqui é muito, aqui é o essencial.

Conservar os músculos descontraídos e a vontade desembaraçada, é o que há de mais difícil para vós, homens sublimes!

Quando o poder se torna clemente e condescende com o visível a essa condescendência chamo eu beleza.

De ninguém exijo tanto a beleza como de ti, ó poderoso; e a tua bondade deveria ser o teu derradeiro triunfo.

Sei-te capaz de todo o mal possível; é por isso que exijo de ti o bem.

Na verdade, tenho-me rido amiúde dos débeis que se julgam bons por terem as mãos entorpecidas!

Deverias rivalizar em virtude com a coluna; quando mais ela se eleva, mais se embeleza e se afina, ao mesmo tempo que se torna interiormente mais resistente e mais dura.

Sim, homem sublime, um dia serás belo e apresentarás um espelho à tua própria beleza.

Então a tua alma estremecerá de desejos divinos, e na tua própria vaidade haverá adoração!

Porque reside aqui o segredo da alma; quando o herói a abandona, então somente vê aproximar-se dela em sonhos — o Superherói.»

Assim falava Zaratustra.

14. Do País da Cultura

O meu impulso levou-me demasiado longe pelo futuro; e fui dominado por um calafrio de horror.

E tendo lançado os olhos em torno de mim, eis que reparei que o tempo era o meu único companheiro.

Tornei então para trás, para o meu país, voando precipitadamente, cada vez mais apressado; assim cheguei até vós, homens de hoje, ao país da cultura.

Pela primeira vez vos concedi um olhar e um preconceito favorável; na verdade, era o impulso do coração que me levava para vós.

E o que me sucedeu? Apesar do medo que me invadiu, não pude impedir-me de rir. Nunca os meus olhos tinham visto semelhante bizzarria.

Ria sem poder parar, enquanto me iam tremendo as pernas e o coração também. «É aqui, na verdade, a pátria de todos os vasos coloridos», pensei.

Com a face e os membros iluminados por cinquenta cores diferentes, assim me aparecíeis, para meu assombro, homens atuais, e cercados por cinquenta espelhos que adulavam e repetiam o efeito das vossas cores.

Na verdade, não poderíeis usar melhores máscaras do que os vossos próprios rostos, homens atuais. Quem vos poderia então reconhecer?

Completamente pintalgados com os hieróglifos do passado, esses mesmos signos cobertos com sinais novos, assim conseguistes ocultarvos de todos os augures.

E ainda que fosse aquele que sonda o coração e as entranhas, quem acreditaria que tivésseis entranhas? Pareceis formados por cores e por bocados de papel colados juntos.

Através dos vossos véus, vemos transparecer a variedade de todos os tempos e de todos os povos; todos os costumes e todas as crenças se exprimem confundidas através das vossas atitudes.

Se vos despojassem dos vossos véus, dos vossos panejamentos, das vossas cores, da vossa mímica, apenas vos ficaria com que espantar os pássaros.

Na verdade, eu mesmo sou esse pássaro espantado que uma vez vos viu nus e sem rebiques, e fugi ao ver o vosso esqueleto fazer-me sinais de amizade.

Antes ser empreiteiro nos infernos junto das sombras do passado! As Sombras dos infernos são mais gordas e mais consistentes do que vós.

O que é amargo às minhas entranhas, é que vos não posso suportar nem nus nem vestidos, homens atuais!

Tudo o que inquieta no futuro, e tudo o que alguma vez pode espantar pássaros transviados inspira ainda mais quietude e calma do que o vosso «realismo».

Porque a vossa pretensão é dizer: «Nós estamos inteiramente apegados ao real, isentos de qualquer crença ou superstição». E assim encheis o papo — se bem que não tenhais papo algum!

Sim, como seria possível vós crerdes, com efeito, sob as vossas confusões de cores, vós que sois pinturas de tudo quanto se tem acreditado?

Vós sois a viva refutação da fé, a rotura de todos os pensamentos; *inaptos para acreditar*, tal é o epíteto que vos dou, ó realistas.

Todos os sonhos e todo o palavreado dos séculos argumentam uns contra os outros nos vossos espíritos, e os sonhos e o palavreado dos séculos estavam ainda mais perto do real do que toda a vossa lucidez.

Sois estéreis: *por isso* vos falta a fé. Todos os que, porém, nasceram criadores sempre tiveram sonhos proféticos e souberam ler presságios nas estrelas; tiveram fé na fé!

Vós sois portas entreabertas, no limiar das quais os coveiros aguardam. E o vosso realismo consiste em dizer: «Tudo merece desaparecer».

Ai! Eis-vos diante de mim, homens estéreis, com as vossas costelas descarnadas! E quantos de entre vós já tiveram uma suspeita desta verdade.

E dizem: «Enquanto estava a dormir, um deus me deve ter tirado qualquer coisa. Na verdade, o suficiente para fabricar uma mulherzinha!

É estranho como me sinto desprovido de costelas!» Assim se exprimiu já este ou aquele homem atual.

Sim, fazeis-me rir, homens atuais! E sobretudo quando vos assombrais de vós próprios.

E pobre de mim se não me pudesse rir do vosso assombro e se tivesse de tragar o licor nauseabundo das vossas escudelas!

Mas decerto não me pesareis grande coisa, a mim que tenho tantas coisas pesadas para levar. E que me importa que escaravelhos e mosquitos venham acrescentar-se à minha carga?

A verdade é que a minha carga não será mais pesada por isso. E não será de vós, homens de agora, que me virá o grande cansaço.

Ai! Onde poderei ainda subir na minha nostalgia? Do alto de todos os píncaros procuro com o olhar a pátria dos meus pais e das minhas mães.

Mas não encontrei pátria em parte alguma; nunca passo de um forasteiro em todas as cidades, e de partida em todas as portas.

Os homens atuais, para quem há pouco se inclinava o meu coração, agora são-me estranhos e provocam-me o riso, e vejo-me expulso das pátrias e das terras natais.

Já não amo, pois, senão o *país dos meus filhos*, a ilha desconhecida no coração dos mares longínquos; é para ela que me orientarei, sem me cansar.

Na pessoa dos nossos filhos quero remediar o facto de ter sido filho de meus pais; e no futuro todo quero remediar este presente!»

Assim falava Zaratustra.

15. Do Imaculado Conhecimento

Ontem, quando a lua nasceu, pareceu-me que ia dar à luz um sol, tão avultada e prenhe jazia no horizonte.

Mas esta prenhez era mentirosa, e mais julgaria a lua homem do que mulher.

Claro que também é muito pouco homem, este noctâmbulo medroso. Na verdade, é a sua consciência torva que arrasta pelos telhados.

Porque é um monge que vive na lua, um monge libidinoso e invejoso que cobiça a terra e todas as alegrias dos que amam.

Não, não me agrada esse gato cheio de cio pelos telhados. Horrorizam-me todos os que circundam em volta das janelas semicerradas.

Passeia com o seu passo assolapado e silencioso por alfombras de estrelas, mas não gosto destes passos estafados que não são acompanhados pelo tilintar das esporas.

Os passos do homem leal falam; mas o gato desliza sem rumor pelo solo. Ora a lua aproxima-se com passos macios, como um gato, e sem lealdade.

A vós, hipócritas sentimentais, adeptos do «conhecimento puro» dedico esta parábola. A vós chamo eu libidinosos.

Vós também amais a terra e as coisas terrenas; bem vos compreendi! Mas o vosso amor mistura-se com a vergonha e a má consciência: pareceis-vos com a lua. Persuadiram o vosso espírito de que era necessário desprezar a terra, mas não converteram as vossas entranhas, que são o que há de mais poderoso em vós.

E agora o vosso espírito tem vergonha de obedecer às vossas entranhas, e para se furtar à sua vergonha segue por caminhos escuros e mentirosos.

E eis como o vosso espírito de falsidade insiste ainda: «O ideal, para mim, seria olhar a vida sem qualquer cobiça, e não como os cães, com a língua de fora.

O que seria ser feliz na contemplação pura, isenta da rapacidade e da avidez do egoísmo, ser frio e gris como a cinza, dos pés à cabeça, mas com olhos embriagados e lunares.

O que eu preferiria, sugere-se a si mesmo o espírito enganado, seria amar a terra com um amor lunar e só aflorar a sua beleza com os olhos.

A isto chamaria eu o Imaculado Conhecimento de todas as coisas, e seria nada pedir às coisas, senão poder apresentar-lhes um espelho de cem faces».

Ó sentimentais hipócritas! Ó libidinosos! Falta-vos a inocência do desejo, e é por isso que acabais por caluniar o desejo.

Na verdade, não amais a terra como criadores, como procriadores, como amigos do devir.

Onde há inocência? Onde há vontade de engendrar. E o que quer criar alguma coisa que o supera é, para mim, aquele cuja vontade é mais pura.

Onde há beleza? Onde toda a minha vontade *me obriga a querer*; onde eu quero amar e perecer a fim de que uma certa imagem não fique unicamente reduzida a imagem.

Amar e perecer; são coisas que andam a par há eternidades. Querer amar, é aceitar até a morte. Eis o que vos quero dizer, cobardes que vós sois!

E para cúmulo, eis que os vossos ambíguos olhares de castrados pretendem ter «serenidade»! E o que se abandona às apalpadelas dos olhos pusilânimes, era isso que se deveria batizar de belo? Ó profanadores das palavras nobres!

Mas a vossa maldição, espíritos imaculados, puros contempladores, é que nunca haveis de dar à luz, por mais avultados, por mais prenhes que apareçais no horizonte.

Na verdade, encheis a boca com palavras nobres; e quereis fazer-nos acreditar que o vosso coração transborda, ó embusteiros?

Quanto a mim, contento-me com palavras humildes, desprezadas, informes; a mim agrada-me recolher o que cai da vossa mesa durante os vossos festins.

Mas posso, apesar de tudo, dizer-vos a verdade, hipócritas. Com as minhas arestas, as minhas conchas e as minhas folhas espinhosas posso, ó hipócritas, picar-vos o nariz.

O ar está sempre viciado em redor de vós e dos vossos festins, porque os vossos pensamentos impuros, as vossas mentiras e as vossas dissimulações contaminam a atmosfera.

Ousai, pois, em primeiro lugar, ter fé em vós próprios e no que tendes no vosso ventre! O que não tem fé em si mesmo, mente sempre.

Pusestes diante de vós a máscara de um Deus, espíritos «puros», e em vós o espírito mais horroroso dissimula-se sob a máscara de um Deus.

Na verdade, sois capazes de iludir, ó «contemplativos»! Zaratustra também foi outrora joguete das vossas carapaças divinas; não suspeitava que estavam habitadas por semelhante nó de víboras.

Nos vossos divertimentos julgava eu ver divertir-se a alma de um deus, adeptos do conhecimento «puro». Outrora não conhecia arte superior aos vossos artifícios.

A distância ocultava-me a imundície e o fedor da serpente, e a astúcia do lagarto que se esgueirava em busca do prazer.

Abeirei-me, porém, de vós, e fez-se a luz, como se faz agora para vós; então acabou o meu amor lunar.

Vede o ar envergonhado e enfiado que toma a lua ante a aurora!

Porque já surge ardente a aurora; vem plena de amor pela terra. O amor do sol é sempre inocência e desejo criador.

Vede-o que acorre impaciente para além dos mares. Não sentis a sede e o cálido alento do seu amor?

Quer aspirar o mar e fazer subir até ele todas as profundezas, e o desejo do mar eleva para ele os seus mil seios.

Porque o mar *quer* ser beijado e aspirado pela sede do sol; *quer* tornar-se brisa e altura e senda de luz, e luz também.

Na verdade, amo a vida e todos os mares profundos.

E eis em que consiste para mim o Conhecimento: em fazer subir toda a profundidade — até à minha própria altura.»

Assim falava Zaratustra

16. Dos Doutos

«Estando eu adormecido, pôs-se uma ovelha tasquinhar a coroa de hera da minha cabeça, enquanto tasquinhava, dizia:

«Zaratustra já não um sábio».

Tendo assim falado retirou-se altiva e desdenhosa. Assim me contou um rapazito.

Gosto muito de me deitar aqui onde as crianças brincam, encostado à parede rachada, no meio dos cardos e das papoilas vermelhas.

Para as crianças e também para os cardos e as papoilas vermelhas, ainda sou um sábio. São completamente inocentes, até na sua maldade.

Mas para os carneiros, deixei de ser um sábio; é o meu destino e bendigo-o.

Porque a verdade é que fui eu próprio que deixei a casa dos sábios, atirando com a porta.

Demasiado tempo esteve a minha alma faminta sentada à sua mesa; eu não sou feito como eles para petiscar o Conhecimento como se partem nozes.

Amo a liberdade e o vento que corre sobre a gleba fresca; gosto ainda mais de dormir em cima de peles de bois do que em cima das suas honrarias e das suas dignidades.

Sou demasiado ardente, demasiado consumido pelos meus próprios pensamentos, falta-me amiúde a respiração. Então preciso de sair para o ar livre, longe de todos os compartimentos empoeirados.

Mas eles estão também sentados à fresca sob a sombra fresca; em parte alguma querem passar de espetadores e defendem-se de ir sentar-se nos degraus caldeados pelo sol.

À semelhança dos que param na rua a olhar de boca aberta para quem passa, assim eles esperam e aguardam, de boca aberta, os pensamentos que outros inventaram.

Logo que se lhes toca, deixam escapar, involuntariamente, uma nuvem de pó, como sacos de farinha; mas como reconhecer nesta poeira o grão e a glória dourada dos campos estivais?

Logo que se julgam sábios, fico horrorizado com as suas sentenças mesquinhas, as suas pequenas verdades; a sua sabedoria cheira

muitas vezes a pântano; e na verdade, aí discerni mais de uma vez o coaxar das rãs.

São hábeis e têm dedos destros; que pode a minha simplicidade contra a sua complexidade? Os seus dedos entendem à maravilha tudo quanto seja fiar, ajuntar e tecer; tanto assim que fazem as meias do espírito.

São bons relógios, desde que haja o cuidado de lhes dar corda. Indicam então a hora sem se enganar, ao mesmo tempo que deixam ouvir um modesto ronronar.

Trabalham como moinhos e pilões; confiai-lhes o vosso grão, sabê-lo-ão moer miudamente e reduzi-lo a branca farinha.

Vigiam-se mutuamente e não têm confiança uns nos outros. Inventivos em pequenas astúcias, espreitam aqueles cuja ciência coxeia; são como aranhas à espreita.

Sempre os vi preparar o veneno com cuidado, calçando para isso luvas de cristal.

Também sabem jogar com dados falseados; e vi-os jogar com tal entusiasmo que estavam banhados de suor.

Não tenho nada de comum com eles; as suas virtudes repugnam-me ainda mais do que as suas falsidades e os seus dados falseados.

E quando andava entre eles, mantinha-me sempre no andar por cima deles; e é por isso que me olham de soslaio.

Querem desconhecer que há alguém que anda por cima das suas cabeças; por isso acumularam, entre mim e as suas cabeças, madeira, terra e lixo.

Desse modo abafaram o ruído dos meus passos; e até agora ninguém me ouviu tão mal como os doutos.

Entre mim e eles interpuseram todas as fraquezas e todas as faltas dos homens — é a isso que chamam, nas suas casas, um «falso soalho».

Mas, apesar de tudo, os meus pensamentos movem-se *por cima* das suas cabeças, e mesmo que quisesse andar com os meus próprios defeitos, ainda assim me encontraria por cima das suas cabeças.

Porque os homens não são iguais. E o que eu quero, esses não têm o direito de o querer.»

Assim falava Zaratustra.

17. Dos Poetas

«Desde que conheço melhor o corpo, dizia Zaratustra a um dos seus discípulos, o espírito não é para mim senão uma metáfora; e de uma maneira geral, o «eterno» não passa de símbolo.»

«Já te ouvi falar assim — respondeu o Discípulo — e nesse tempo acrescentavas: «Os poetas, porém, mentem demais». Por que dizias então que os poetas mentem demais?»

«Porquê?, — disse Zaratustra. — Perguntas porquê? Eu não pertenço ao número daqueles a quem é lícito interrogar sobre as suas razões.

Será de ontem, acaso, a minha experiência? Há muito tempo que experimentei os fundamentos das minhas opiniões.

Precisaria de arrastar atrás de mim uma memória cheia como um tonel, a fim de ter sempre à mão todas as minhas razões?

Bastante me custa já conservar todas as minhas opiniões e mais de um pássaro me foge.

E de vez em quando acontece-me encontrar também no meu pombal um pássaro refugiado que me é estranho e que estremece quando lhe pouso a mão em cima.

No entanto, que te dizia um dia Zaratustra? Que os poetas mentem demais? Zaratustra, contudo, também é poeta.

Julgas então que ele disse aqui a verdade? Por que julgas assim?»

O discípulo respondeu:

«Eu creio em Zaratustra».

Mas Zaratustra meneou a cabeça, sorrindo.

«Não conheço a fé que salva, respondeu, e sobretudo se a fé deve ser em mim mesmo.

Mas supondo que alguém dissesse seriamente que os poetas mentem demais, esse alguém teria razão: nós mentimos demasiado.

Sabemos muito pouco e somos incapazes de aprender; por conseguinte, somos forçados a mentir.

E qual de entre nós, poetas, nunca terá adulterado o seu vinho? Preparou-se nas nossas adegas mais de uma mistura venenosa; e nelas se perpetraram coisas que não podem ser nomeadas.

E como a nossa ciência é curta, nós prezamos os pobres de espírito, sobretudo quando são mulherzinhas novas.

E sentimos curiosidade até pelas coisas que as velhas contam entre si à noite. É o que em nós mesmo chamamos o eterno feminino.

E como se existisse um caminho secreto e particular para o saber, um caminho que desaba sobre aqueles que o aprendem, acreditamos no povo e naquilo a que chamamos a «sabedoria» popular.

Ora todos os poetas acreditam que basta deitar-se na erva na vertente de um cerro solitário, com o ouvido à escuta, para aprender alguma coisa do que se passa entre céu e terra..

E logo que experimentam ternas emoções, os poetas pensam que a própria natureza está apaixonada por eles: e que se lhes acerca ao ouvido a sussurrar segredos e palavras carinhosas: é disso que se gabam e gloriam, perante todos os mortais.

Ai! Existem tantas coisas entre o céu e a terra, que os poetas são os únicos a terem sonhado!

E mormente *por cima* do céu; porque os deuses são todos torres poéticas, torres de poetas.

Na verdade, sonhamos sempre com as alturas, isto é com o reino das nuvens; aí instalamos os nossos manequins coloridos a que chamamos deuses e super-homens.

São de substância bastante leve para ocupar semelhantes lugares, todos esses deuses e super-homens!

Oh! Como estou farto de toda esta insuficiência que se empenha em ser um acontecimento, seja, como for! Oh! Como estou farto dos poetas!»

Ouvindo Zaratustra exprimir-se assim, o Discípulo indignou-se, mas ficou calado. E Zaratustra calou-se igualmente, e o seu olhar parecia ter-se volvido para o íntimo como se distinguisse perspectivas distantes. Por fim suspirou e recobrou alento.

«Eu sou de hoje e de antes, — disse. — Mas há em mim qualquer coisa que é de amanhã e de depois de amanhã e de mais tarde.

Estou enfasiado dos poetas, tanto dos antigos como dos modernos; para mim são todos superficiais, são todos mares sem profundidade.

O seu pensamento não mergulhou o suficiente, por isso o seu sentimento não desceu até aos abismos.

Um pouco de voluptuosidade e um pouco de tédio, é ainda o que há de melhor nas suas meditações.

A melopeia das suas liras não tem mais realidade do que à passagem furtiva dos fantasmas sussurrantes; que sabem eles do fervor até hoje?

Também os acho pouco asseados; todos sujam as suas águas para as fazer parecer profundas.

Gostam de se fazer passar por conciliadores; mas, para mim, continuam a ser alcoviteiros, burlões e indecentes criadores de compromissos.

Ai! É verdade que lancei um dia as minhas redes no seu mar, esperando apanhar belos peixes; mas só pesquei a cabeça de um qualquer deus antigo.

Assim deu o mar uma pedra ao faminto. E talvez os próprios poetas tenham nascido do mar.

Certo neles encontram-se pérolas; e por isso são ainda mais parecidos com ostras de dura casca.

E em vez de alma tenho muitas vezes encontrado neles um pouco de espuma salgada.

Também com o mar aprenderam a sua vaidade; não é o mar o primeiro dos pavões reais?

Até diante do mais feio búfalo abre a sua cauda; nunca se cansa de brincar com a prata e a seda do seu leque de rendas.

O búfalo contempla-o com ar amuado, a sua alma assemelha-se à areia, mais ainda ao matagal, mais ainda ao pântano.

Que lhe importa a beleza do mar e as suas graças de pavão real? Esta parábola dedico-a aos poetas.

Na verdade, o seu espírito é o rei dos pavões reais e um autêntico oceano de vaidade.

O espírito do poeta precisa de espetadores, mesmo que sejam búfalos.

Eu, porém, enfastiei-me desse espírito, e prevejo que há-de acabar por se enfastiar de si mesmo.

Já vi os poetas transformarem-se, já os vi virar contra eles próprios o seu próprio olhar.

Vi chegar os redentores do espírito: tinham nascido entre os poetas.»

Assim falava Zaratustra.

18. Dos Grandes Acontecimentos

«Há uma ilha no mar, perto das ilhas Afortunadas de Zaratustra — onde fumeja constantemente uma montanha incandescente, e o povo, mormente as velhas, dizem que a ilha está assente como um penhasco diante da porta do Inferno, mas que o próprio apertado atalho que leva a essa porta do Inferno atravessa a montanha de fogo.

Sucedeu, pois, que na época em que Zaratustra vivia nas ilhas Afortunadas, um navio ancorou na ilha onde se acha a montanha de fogo, e a tripulação saltou a terra para caçar coelhos. Mas pelo meio-dia, como o capitão e a sua gente estivessem outra vez reunidos, viram de súbito um homem atravessar o ar dirigindo-se para eles, e uma voz pronunciou nitidamente estas palavras:

«Já é tempo!

Não há um instante a perder!»

E quando a visão chegou muito perto deles — mas ela afastou-se muito depressa, como uma sombra, em direção ao vulcão — reconheceram com a maior consternação que era Zaratustra em pessoa; porque todos o tinham já encontrado, exceto o capitão; e amavam-no como o povo sabe amar, misturando em partes iguais o amor e o receio.

«Olhem!, disse o velho piloto, é Zaratustra que vai para o Inferno!»

Pela mesma época em que estes marinheiros arribaram à ilha de fogo, corra o rumor de que Zaratustra tinha desaparecido; e quando os seus amigos foram interrogados, responderam que durante a noite partira num barco sem dizer para onde.

Houve, por conseguinte, certa inquietação; mas ao fim de três dias essa inquietação agravou-se com a narrativa dos marinheiros, e todas as pessoas do povo diziam que o demónio levara Zaratustra.

É verdade que os seus discípulos se limitavam a rir-se destes rumores, e um deles foi ao ponto de dizer:

«Antes acreditaria que foi Zaratustra quem levou o Diabo.»

Mas no fundo da alma: todos estavam cheios de angústia e de sobressalto; por isso foi grande o seu alvoroço quando ao fim de cinco dias, Zaratustra voltou a aparecer no meio deles.

E eis a descrição da conversa que Zaratustra teve com o cão de fogo:

«A terra, disse ele, tem pele, e essa pele tem doenças. Uma dessas doenças, por exemplo, chama-se «homem».

E outra dessas doenças chama-se «cão de fogo»; acerca dele têm os homens repetido e deixado repetir muitas mentiras.

Foi para profundar este segredo que cruzei o mar e vi a verdade nua, por minha fé, nua dos pés à cabeça.

Sei agora a que me hei-de ater quanto ao cão de fogo, assim como sobre todos os outros demónios da revolta e da escória, de que nem só as velhas têm medo.

«Sai do teu antro, cão de fogo, gritei, e confessa qual é a profundidade do teu abismo. Donde tiras o que eructas com furor?

Bebes copiosamente água do mar; é daí que vem o sal da tua facúndia. Na verdade, para um cão das profundidades, alimentas-te de uma água deveras superficial.

Olho-te, em suma, como o ventríloquo da terra, e sempre que ouvi falar em demónios da revolta e da escória, achei-os parecidos contigo, salgados, mentirosos e triviais.

Vós sabeis mugir e deitar poeira nos olhos. Sois as maiores bocarras que existem, e conheceis a fundo a arte de fazer ferver o lodo.

Onde quer que estejais, há sempre lodo, e muitas coisas esponjosas, cavernosas, comprimidas que procuram libertar-se.

«Liberdade», é o vosso grito predileto, mas eu perdi a fé nos «grandes acontecimentos» que são acompanhados por muitos uivos e muita fumarada.

E acredita-me, peço-te, querido ruído do inferno, os acontecimentos maiores surpreendem-nos não nas horas mais barulhentas, mas nas horas mais silenciosas.

O mundo gira, não em redor dos inventores de estrondos novos, mas à roda dos inventores de valores novos: ele gravita *em silêncio*.

E confessa: quando o teu ruído e o teu fumo se dissipam, apercebemo-nos sempre de que não aconteceu grande coisa. Que importa que uma cidade tenha sido petrificada ou que uma estátua jaza derrubada no lodo?

E quanto aos demolidores de estátuas, eis o que direi deles: não há pior loucura do que deitar sal no mar e estátuas no lodo.

A estátua jaz no lodo do vosso desprezo; mas a sua lei quer justamente que surja do vosso desprezo com nova vida e nova beleza.

Ela se elevará mais divina, mais sedutora, por ter sofrido; e na verdade vos dará graças por a terdes deitado por terra, destruidores de estátuas!

Mas eis o conselho que dou aos Reis, às Igrejas e a tudo quanto fraqueja pela idade e é pobre de virtude: deixai-vos derribar para volverdes à vida e que de vós se assenhoreie a virtude!»

Assim falei diante do cão de fogo; mas ele interrompeu-me rosnando e perguntou-me «Igreja? O que é isso?»

«A Igreja, respondi, é uma espécie de Estado, e a mais enganosa de todas. Cala-te, porém, cão hipócrita. Tu conheces a tua espécie melhor do que ninguém.

O Estado é um cão hipócrita como tu; como tu prodigaliza uivos e fumo a fim de fazer crer, como tu, que a sua voz sai das próprias entranhas das coisas.

Porque o Estado quer ser a todo o custo o animal mais importante da terra; e consegue fazê-lo acreditar.»

Quando disse isto, o cão de fogo agitou-se como louco de ciúme: «O quê!, exclamou, o animal mais importante da terra? E conseguiu fazê-lo acreditar?» E da sua goela saíram vozes tão terríveis que eu supus o asfixiariam a cólera e a inveja.

Por fim acalmou-se e deixou de ofegar; mas quando se acalmou, disse-lhe eu rindo:

«Encolerizas-te, cão de fogo! Por conseguinte, tenho razão contra ti.

E para eu conservar esta vantagem sobre ti, deixa-me falar-te de outro cão de fogo, cuja linguagem nasce verdadeiramente no coração da terra.

O seu hálito é de oiro, é uma chuva de oiro: assim o quer o seu coração. Que lhe importam a tua cinza e o teu fumo e a tua saliva ardente?

O riso anda à sua volta como uma nuvem colorida; desdenha os teus murmúrios, as tuas erupções e o estrondo das tuas entranhas.

O seu ouro e o seu riso, porém, tira-os do próprio coração da terra; porque, fica sabendo, *o coração da terra é de ouro.*»

Ao ouvir isto o cão de fogo não conseguiu escutar mais. Completamente envergonhado meteu o rabo entre as pernas e disse com ar confuso: «Guão! Guão!» E depois foi agachar-se no seu antro.»

Assim contava Zaratustra; mas os discípulos quase o não ouviam, tanta era a sua vontade de lhe falar dos marinheiros, dos coelhos e do homem voador.

«Que hei-de eu pensar dessa história? — disse Zaratustra. — Acaso serei um fantasma?

Era decerto a minha Sombra. Já ouviste falar do Viajante e da sua Sombra?

Uma coisa é certa. Tenho de pensar em prendê-la melhor, ou acabará por me estragar a reputação.»

E Zaratustra tornou a menear a cabeça, deveras espantado.

«Que devo pensar de tudo isso?» — repetiu.

Por que gritaria o fantasma: «Já é tempo! Não há um instante a perder!» Mas, para que é que já é tempo?»

Assim falava Zaratustra.

19. O Profeta

«... E vi uma grande tristeza espalhar-se sobre todos os homens. Os melhores cansaram-se das suas obras.

Espalhou-se uma doutrina, e com ela circulou uma crença: «Tudo é vão, tudo é igual, tudo passou!» E de todas as colinas o eco repetia: «tudo é vão, tudo é igual, tudo passou.»

É verdade que temos colhido: mas por que apodreceram e amareleceram os nossos frutos? Que influência é esta que caiu na noite passada de uma lua má?

O nosso labor foi inútil, o nosso vinho tornou-se veneno, o mau olhado queimou e calcinou os nossos campos e os nossos corações.

Estamos todos ressequidos; e se o fogo cair sobre nós, as nossas cinzas voarão em pó; sim, cansámos o próprio fogo.

Todas as nossas fontes secaram, o próprio mar retirou-se. Furta-se o chão, mas o mar recusa-se a tragar-nos!

«Ai! Onde haverá ainda um mar em que nos possamos afogar? Tal é a nossa lamentação ao longo dos pântanos planos.

Na verdade, já nos fatigámos demais para morrer; continuamos a velar e a viver — nas nossas câmaras funerárias!»

Assim ouviu Zaratustra falar um adivinho; e esta lamentação chegou-lhe diretamente à alma e alterou o seu humor. Vagueou triste e fatigado, e tornou-se semelhante àqueles de que falara o Profeta.

«Na verdade, disse ele aos discípulos, pouco falta para chegar esse grande crepúsculo. Ai! Como chegarei a salvar a minha luz até amanhã?!

Oxalá não se extinga na tristeza do ambiente! Está destinada a iluminar mundos mais longínquos, e noites ainda mais longínquas!»

Zaratustra virava e tornava a virar estas preocupações no seu coração, e durante três luas não comeu nem bebeu, nem descansou e perdeu a palavra.

Por fim caiu num sono profundo. Mas os seus discípulos velaram-no durante longas noites e aguardaram com desassossego que ele despertasse e lhes voltasse a falar e se curasse da sua melancolia.

Ora eis o discurso que Zaratustra pronunciou ao despertar; parecia aos seus discípulos que a sua voz vinha de muito longe:

«Ouvi o sonho que tive, amigos, e ajudai-me a adivinhar-lhe a significação!

Para mim este sonho é ainda um enigma; continua a reter um sentido oculto em vez de o deixar pairar livremente por cima dele.

Sonhei que tinha renunciado à vida. Convertera-me em guarda noturno dos túmulos na montanha, no Castelo da Morte.

Velava lá em cima os seus ataúdes; os sombrios subterrâneos estavam atulhados de semelhantes troféus.

Do fundo desses ataúdes de vidro fitavam-me as vidas vencidas.

Eu respirava a atmosfera de eternidades poeirentas, a minha alma jazia sufocada e pulverulenta. E quem, em semelhante lugar, poderia arejar a alma?

Rodeava-me a lucidez da meia-noite, e a seu lado acaçapava-se a solidão e, terceiro companheiro, o silêncio de estertor da Morte, a pior das amigas.

Eu levava as minhas chaves, o mais ferrugentas que podiam ser; sabia servir-me delas para abrir uma porta, a mais rangente de todas as portas.

Quando se abriam os batentes da porta, um coaxar lúgubre e sinistro repercutia-se ao longo das galerias — ave gritando com repugnância, porque não gostava de ser acordada.

Mas mais horroroso ainda e mais opressivo era o silêncio que se voltava a formar logo que este grito se calava e eu me tornava a ver só no meio daquele silêncio traiçoeiro.

Assim sentia eu o tempo passar e arrastar-se, se é que ainda se podia falar de tempo; que podia eu saber de tal? Mas afinal sobreveio uma coisa que me despertou.

Por três vezes soaram pancadas na porta com um estrondo de trovoada, as abóbadas tremeram da porta. Alpa!, Exclamei, quem leva as suas cinzas para a montanha? Alpa! Alpa! Quem leva as suas cinzas para a montanha?

E girei a chave e empurrei a porta, com grande esforço. Mas não se abriu nem sequer a frincha de um dedo.

Então um vento uivante, sibilante, estridente, cortante, abriu de súbito os batentes e lançou sobre mim um negro ataúde.

E no meio dos uivos, dos silvos e dos gritos agudos, o ataúde despedaçou-se e despediu mil gargalhadas.

E vi mil rostos de crianças, de anjos, de corujas, de loucos e de borboletas de tamanho de crianças, que riam, troçavam e zombavam de mim.

Eu tinha um medo horrível: caí no chão e gritei de pavor como nunca tinha gritado.

O meu próprio grito despertou-me, e voltei a mim.»

Assim contou Zaratustra o seu sonho, depois do que se calou, porque ainda não sabia como interpretar este sonho; mas o discípulo que amava entre todos levantou-se vivamente, pegou na mão de Zaratustra e disse-lhe:

«A tua própria vida nos explica esse sonho, Zaratustra.

Não serás tu o vento áspero que sibila e arranca as portas do Castelo da Morte?

Não serás tu o ataúde cheio de malignidades coloridas e de angélicas caretas da vida?

Na verdade, com mil gargalhadas infantis penetra Zaratustra em todas as câmaras mortuárias, rindo-se de todos esses vigias noturnos, dos guardas dos túmulos e de todos os que agitam as suas sinistras chaves.

Tu os espantarás, tu os derribarás a todos com o teu riso; o desmaio e o despertar testemunharam o poder que tens sobre eles.

E mesmo quando chegarem o longo crepúsculo e a mortal lassidão, tu não desaparecerás do nosso céu, patrocinador da vida!

Mostraste-nos novas estrelas e novos esplendores noturnos. Na verdade estendeste sobre as nossas cabeças o próprio riso como um toldo ricamente matizado.

Agora um riso infantil brotará sempre dos túmulos; agora um vento forte sacudirá qualquer mortal lassidão; disso nos és tu mesmo fiador e profeta.

Na verdade, sonhaste com os teus próprios inimigos — e foi esse o teu mais doloroso sonho, Mas assim como tu te despertaste deles e tornaste a ti, assim eles devem despertar-se de si próprios... e tornar a ti!»

Assim falou o discípulo, e todos os outros que se apinhavam à roda de Zaratustra, lhe pegavam nas mãos e quiseram induzi-lo a largar o leito e a tristeza para tornar para eles. Zaratustra, porém, continuava rigidamente sentado no seu leito, e o seu olhar parecia ausente. Contemplava os seus discípulos como se regressasse de longa ausência e observava-lhes os semblantes; e ainda assim não conseguia reconhecê-los. Mas quando o ergueram e puseram de pé,

eis que os seus olhos mudaram; compreendeu tudo quanto sucedera e, cofiando a barba, disse com voz firme:

«Vamos, tudo isso pertence agora ao passado; mas fazei de modo que tenhamos um bom repasto e o mais depressa possível, meus discípulos. Eis como entendo penitenciar-me dos meus maus sonhos.

Mas o Profeta deve comer e beber ao meu lado; e estou bem certo de que lhe poderei indicar um mar onde se possa afogar.»

Assim falava Zaratustra; mas depois olhou demoradamente o discípulo que tinha interpretado o seu sonho; e meneou a cabeça ao fazê-lo.

20. Da Redenção

Um dia, passando Zaratustra pela ponte grande, viu-se rodeado de aleijados e mendigos, e um corcunda assim lhe falou:

«Olha, Zaratustra: também o povo aprende a ouvir-te, e começa a acreditar nas tuas palavras; mas para te acreditarem totalmente ainda falta uma coisa: tens de nos convencer também a nós, aleijados.

E tens muito por onde escolher, e decerto é uma ocasião que se pode agarrar por mais de um cabelo. Podes curar os cegos

e fazer andar os paralíticos; e aliviar um pouco o que leva às costas uma carga demasiado pesada. Será este, a meu ver, o melhor modo de fazer com que os enfermos creiam em Zaratustra.»

Mas Zaratustra respondeu assim ao que falara:

«Tirar ao corcunda a sua corcova, é tirar-lhe ao mesmo tempo o seu espírito, assim diz o povo. E quando se restitui a vista ao cego, ele vê na terra demasiadas coisas mas maldiz aquele que o curou.

Mas o que faz andar um paralítico faz-lhe ainda mais mal; porque apenas se apanha a correr desenvolvem-se-lhe os vícios. Eis a opinião do povo a respeito dos aleijados. E por que razão não aprenderia Zaratustra com o povo, já que o povo se deixa instruir por Zaratustra?

Desde que vivo entre os homens, porém, o que menos me importa é ver que a este falta um olho, àquele um ouvido, a um terceiro a perna, ou que outros tivessem perdido a língua, o nariz ou a cabeça.

Vejo e já vi horrores piores, e há alguns acerca dos quais preferiria não falar, e outros que não consigo sequer deixar em silêncio; vi homens que carecem de tudo, conquanto tenham um único membro excessivamente desenvolvido, homens que são unicamente um

grande olho ou uma grande bocarra ou uma grande barriga ou qualquer outra disformidade; a esses chamo eu aleijados às avessas.

Quando, ao sair da minha soledade, atravesssei pela primeira vez esta ponte, não conseguia acreditar nos meus olhos, olhava para cá e para lá e acabei por dizer: «Mas é uma orelha! Uma orelha do tamanho de um homem!» Acercava-me mais, e por detrás da orelha movia-se o que quer que fosse de lastimavelmente miúdo, miserável e débil. Na verdade, a monstruosa orelha apoiava-se numa haste frágil e curta, e esta haste era um homem! Olhando através de uma luneta, podiam-se até reconhecer uma carita invejosa e uma almazinha enfática que se agitavam no remate da haste. O povo, contudo, garantiu-me que aquela orelha não era somente um homem, mas um grande homem, um génio. Todavia, nunca acreditei no povo quando ele me fala nos grandes homens e sustento a minha ideia de que era um aleijado às avessas, que tinha pouquíssimo de tudo, e uma coisa em demasia.»

Logo que Zaratustra assim falou ao corcunda e àqueles de quem era intérprete e representante, voltou-se para os discípulos com grande descontentamento e disse-lhes:

«Na verdade, meus amigos, quando passo pelo meio dos homens, só vejo fragmentos e troncos de homens.

Para os meus olhos o mais horrível é ver o homem destroçado e esparso como em campo de carnificina ou de matança.

E por mais que os meus olhos fujam do presente para o passado, sempre encontram o mesmo: destroços, troncos, acasos horríveis... e homens em parte alguma.

O presente e o passado desta terra — ai!, meus amigos, não conheço nada mais intolerável; e eu não poderia viver se não fosse também o vidente do que há-de vir.

O vidente, o desejante, o criador, o futuro e a ponte que leva a esse futuro — e também, ai!, o aleijado que está à entrada dessa ponte — Zaratustra é tudo isso.

E vós também vos interrogais amiúde: «O que é Zaratustra para nós? Como o poderemos designar?» E como eu, só vos respondeis fazendo-vos perguntas novas.

Será ele promessa ou realização? Usurpador ou herdeiro? Outono ou relha do arado? Médico ou convalescente?

É poeta ou diz a verdade? Libertador ou domador? Bom ou mau?

Passo pelo meio dos homens como pelo meio dos fragmentos do futuro: desse futuro cuja visão possuo.

E todos os meus sonhos e todos os meus esforços se concentram em reunir e conjugar num todo o que não passa de fragmentos, enigmas e horríveis acasos.

E como havia eu de suportar ser homem, se o homem não fosse também poeta e adivinho de enigmas e redentor do acaso?

Redimir os homens passados e que em vez de dizer: «Pertence ao passado, é um facto», se diga: «assim o quis» — eis aquilo a que chamarei redenção.

Vontade, tal é o nome do redentor, do mensageiro de alegria; eis o que vos ensino, meus amigos.

Mas aprendei também isto: a própria vontade é ainda escrava.

Vontade é libertação; mas como se chama aquele que aprisiona o próprio libertador?

«Pertence ao passado, é um facto», frase que enche de contrição e de dor a vontade na sua solidão.

Impotente contra tudo o que está acabado, olha com hostilidade para o passado todo.

A vontade não tem nenhum poder sobre o que está para trás dela. Não poder destruir o tempo nem a avidez devoradora do tempo, tal é a mais solitária aflição da vontade.

O querer liberta; o que é que o querer inventa para se libertar da sua aflição e zombar do seu cárcere?

Ai! Todo o preso enlouquece! Também loucamente se liberta a vontade cativa.

O seu gravame é que o tempo não possa retroceder. «O que foi» é a rocha que a vontade não pode remover.

E por isso, por despeito e raiva, remove pedras e vinga-se de tudo o que não sente como ela raiva e despeito.

É assim que a vontade libertadora se torna maléfica, e sobre tudo o que é capaz de sofrer vinga-se de não poder voltar para trás.

Porque isso é a própria *vingança*; o ressentimento da vontade contra o tempo e o irrevogável passado.

Na verdade, há uma grande loucura na nossa vontade, e a maldição de todo o humano é que essa loucura tenha aprendido a tornar-se espírito.

O espírito de vingança, tal é, ó meus amigos, a forma superior da reflexão no homem até hoje; e onde havia sofrimento, exigiu-se que este sofrimento fosse castigo.

«Castigo» — tal é o nome que a vingança se dá, palavra enganadora que lhe serve para fingir uma consciência limpa.

E como naquele mesmo que quer há sofrimento, porque não pode voltar ao passado, tornou-se necessário que a própria vontade e a vida inteira aparecessem como um castigo.

E desde então foram-se acumulando no espírito nuvens sobre nuvens, até ao dia em que a loucura acabou por proclamar: «Tudo passa, por conseguinte é que tudo mereceu passar.

E aquela lei do tempo que o obriga a devorar os seus próprios filhos, é a própria justiça», — assim pregou a loucura.

«Todas as coisas são reguladas conforme uma ordem moral de legalidade e de castigo. Como nos libertamos do fluxo incessante das coisas e do castigo que é a existência? — assim pregou a loucura.

«Poderá haver redenção, se existe um direito eterno? Ai! Ninguém poderá nunca remover a pedra do que «foi»; é mister que todos os castigos sejam eternos.» Assim pregou a loucura.

«Nenhum facto pode ser eliminado. Como poderia ser abolido pelo castigo? Eis realmente o carácter eterno do castigo da existência; a existência só pode ser uma eterna sequência de atos e de erros.

A não ser que a vontade acabe por se libertar e o querer se mude em não-querer» — mas vós conheceis, meus irmãos, este estribilho da loucura.

Eu vos afastei deste estribilho quando vos ensinei: «o querer é criador».

Todo o «foi» é fragmento, enigma e espantoso acaso, até ao dia em que a vontade criadora declare: «Mas eu assim o quis».

Até ao dia em que a vontade criadora declare: «Mas eu assim o quero. Assim o hei-de querer».

Mas algumas vezes disse estas palavras? E quando sucederá isso? Acaso a vontade depôs já o arnês da sua própria loucura?

Porventura se tornou a vontade redentora de si própria, mensageira da alegria? Acaso esqueceu o espírito de vingança e qualquer espécie de ranger de dentes?

Então quem lhe ensinou a reconciliar-se com o tempo e a fazer o que é mais alto do que qualquer reconciliação?

O que deve querer a vontade que é vontade de poder ultrapassar qualquer reconciliação — mas como se chega lá? Quem lhe ensinou a querer até o regresso de tudo o que foi?»

Mas chegado a este ponto do seu discurso, aconteceu que Zaratustra se calou bruscamente e pareceu dominado pelo terror. Pôs nos discípulos um olhar espantado, que trespassava como setas os seus pensamentos e os seus esboços de pensamentos. Mas decorrido um curto instante, tornou-se a rir e acrescentou com serenidade:

«Se é difícil viver entre os homens, é porque é difícil calarmo-nos! Sobretudo quando somos faladores.»

Assim falava Zaratustra. O corcunda, entretanto, escutara a conversa velando a face; todavia, quando ouviu rir Zaratustra, ergueu os olhos com curiosidade e disse lentamente:

«Por que é que Zaratustra nos fala de uma maneira, e doutra aos seus discípulos?»

Zaratustra respondeu: «Que há nisso de estranho?

Aos corcundas pode-se muito bem falar uma linguagem corcunda!»

«É verdade, admitiu o corcunda; e aos alunos é permitido trair os segredos da escola.

Mas por que é que Zaratustra fala de uma maneira aos seus discípulos, e doutra a si próprio?»

21. Da Prudência Humana

«Não é a altura, é o declive que me aterroriza! O declive donde o olhar se precipita para o fundo, enquanto a mão se estende para o cume. E o coração é dominado pela vertigem desta dupla vontade.

Ai! Meus amigos, adivinhastes a dupla vontade do meu coração?

Porque, para mim, o declive e o perigo, consistem em que o meu olhar se precipita para o cume, enquanto a minha mão procura fincar-se e agarrar-se... ao abismo!

A minha vontade aferra-se ao homem, ao homem me prendo com cadeias, porque me sinto atraído pelo Super-homem: porque para ele tende a minha outra vontade.

E se vivo como cego no meio dos homens, como se não os conhecesse, é para que a minha mão não perca inteiramente a confiança num apoio firme.

Homens, não vos conheço, é com essas trevas e essa consolação que amiúde me envolvo.

Demoro-me sentado debaixo do portal, oferecido a todos os pérfidos, e pergunto: quem me quer enganar?

A minha primeira prudência humana, é deixar-me enganar e não desconfiar dos enganadores.

Ai! Se eu desconfiasse do homem, como poderia o homem servir-me de âncora para reter o meu balão?

Muito facilmente me deixaria arrastar para muito alto, para muito longe.

A primeira precaução que rege o meu destino, é ser necessariamente sem precaução.

E aquele que não quiser morrer de sede no meio dos homens, tem de aprender a beber em todos os vasos; e o que quiser permanecer puro no meio dos homens, deve aprender a lavar-se até com água suja.

E eis a exortação que me dirigi a mim mesmo: «Vamos! Coragem, velho coração! Feriu-te um infortúnio; tira disso proveito como de uma ventura!»

Mas eis aqui a minha segunda prudência humana: pouco mais os vaidosos do que os orgulhosos.

Não é a vaidade ferida mãe de todas as tragédias? Mas onde há orgulho ferido, nasce qualquer coisa de melhor ainda do que o orgulho.

Para que a vida seja um espetáculo agradável é preciso que seja bem representado; mas para isso são necessários bons atores.

Todos os vaidosos me têm parecido bons atores; desempenham o seu papel e querem que os espetadores se divirtam a vê-los; empenham todo o seu espírito neste desejo.

Põem-se em cena, e inventam-se a eles próprios; diante deles gosto de assistir ao espetáculo da vida; é uma cura de melancolia.

Por isso poupo os vaidosos, porque são os médicos da minha tristeza e me apegam ao homem como a um espetáculo.

E ainda por cima, quem poderá medir em toda a sua profundidade, a modéstia do vaidoso? Eu estimo-o e lamento-o pela sua modéstia.

Precisa de vós para aprender a ter fé em si mesmo; alimenta-se dos vossos olhares, vem comer o elogio nas vossas mãos.

Acredita até nas vossas mentiras, quando lhe mentis bem; porque no fundo do seu coração suspira: «Quem sou eu?»

E se a verdadeira virtude é a que nada sabe de si mesma, pois bem! O vaidoso ignora totalmente a sua modéstia.

Mas eis aqui a terceira prudência humana: não quero privar-me do espetáculo dos *maus* por uma timidez igual à vossa.

Contemplo com encanto as maravilhas que faz brotar um sol ardente: tigres e palmeiras e cobras de cascavel.

Também entre os homens se veem lindos produtos de um sol ardente, e muitas coisas maravilhosas entre os maus.

Decerto, da mesma maneira que os vossos sábios insignes não me pareciam muito sábios, assim encontrei também a maldade humana inferior à sua reputação.

E muitas vezes perguntei a mim mesmo, meneando a cabeça: Por que fazeis ressoar assim as vossas campainhas, cobras de cascavel?

Na verdade, até para o mal há perspectivas de futuro. E ainda não se descobriu a zona mais ardente da humanidade.

Quantas coisas passam já hoje por serem as piores maldades, e que só têm doze pés de largura e três meses de existência! Um dia, porém, virão ao mundo dragões maiores.

Porque, para que o Super-homem tenha também o seu dragão, o superdragão digno dele, será necessário que muito sol ardente flameje sobre a humidade das florestas virgens!

Será primeiro necessário que os vossos gatos bravos se transformem em tigres, e os vossos sapos venenosos em crocodilos; porque ao bom caçador convém boa caça!

E na verdade, justos e bons, há em vós outros muitas coisas que se prestam ao riso, e principalmente o vosso temor pelo que até hoje se tem chamado «diabo»!

E a vossa alma é tão estranha a qualquer grandeza que o Super-homem vos *espantaria* com a sua bondade!

E vós outros, sábios e ilustrados, fugireis ante a ardência solar da Sabedoria em que o Super-homem banha voluptuosamente a sua nudez!

Vós, homens superiores em que tem tropeçado o meu olhar, a minha dúvida a vosso respeito, o meu secreto sorriso, é que, como adivinho chamaríeis demónio ao meu Super-homem!

Ai! Enfastiei-me desses homens superiores, desses melhores. Do alto da sua «altura» aspirei a subir mais alto, a sair, a afastar-me para me ir reunir ao Super-homem.

Deu-me um calafrio quando vi nus esses melhores; e nasceram-me asas para me transportarem a remotos futuros.

A futuros mais remotos, a meios-dias mais meridionais do que aqueles que jamais pode sonhar nenhum escultor, lugares onde os deuses teriam vergonha de qualquer vestuário.

Mas a vós, quero ver-vos vestidos, vós meus próximos, meus congéneres; quero ver-vos enfeitados, cheios de vaidade e de dignidade no vosso papel de «bons e de justos».

E disfarçado me irei sentar entre vós — a fim de estarmos certos de nos *desconhecemos*, vós e eu — eis a minha última prudência humana.

Assim falava Zaratustra.

22. A Hora do Supremo Silêncio

«Que me sucedeu, meus amigos? Vedes-me confuso, arrastado contra a vontade, obedecendo contrafeito, disposto a afastar-me... ai! A afastar-me de vós!

Sim, uma vez mais, é necessário que Zaratustra regresse à solidão; mas é sem alegria que o urso regressa agora ao seu antro.

Que me sucedeu? Que é que me obriga a isto? Ai! É a minha dama irritada que assim o exige; falou-me; já alguma vez vos disse o seu nome?

Ontem, pela noite, falou-me *a hora do supremo silêncio*; tal é o nome da minha terrível soberana.

E vede o que se passou, pois tenho que vos dizer tudo, para que o vosso coração se não endureça contra quem se ausenta precipitadamente.

Conheceis o terror daquele que adormece?

Treme dos pés à cabeça, porque sente o chão faltar-lhe os pés, e o sonho começa.

Digo-vos isto em parábola: ontem, à hora do supremo silêncio, faltou-me o chão debaixo dos pés; começava o meu sonho.

Avançaram os ponteiros, o relógio da minha vida pareceu suspender o movimento... nunca ouvi tal silêncio à minha volta, e o meu coração foi dominado pelo assombro.

Porque ouvi uma espécie de sussurro que me falava sem voz, dizendo:

«Tu sabe-lo, Zaratustra!»

E este sussurro arrancou-me um grito de terror, e o sangue fugiu-me da face, mas calei-me.

E qualquer coisa em mim voltou a sussurrar sem voz:

«Tu sabe-lo, Zaratustra, mas não o dizes!»

E eu respondi enfim como por bravata: «Sim, sei-o, mas não o quero dizer!»

E outra vez ouvi este sussurro inarticulado:

«*Não queres, Zaratustra? Deveras? Não te envolvas no teu desafio*».

E desatei a tremer e a chorar como uma criança, e disse; «Ai! Bem quisera, mas como hei-de fazer? Por favor, poupa-me! É coisa superior às minhas forças!»

E tornei a ouvir esse sussurro inarticulado:

«Que me importa a tua pessoa, Zaratustra? Diz a palavra que trazes contigo e morre!»

Eu respondi: «Ai! Será realmente *minha* a palavra? Quem sou *eu*? Espero um mais digno; eu nem sequer sou digno de ser destruído por ti».

E outra vez se fez ouvir a mesma voz inarticulada:

«Que importa o que te espera? Ainda não te acho bastante humilde. Nada há mais coriáceo do que a pele da humildade».

E eu respondi: «O que não suportou já esta pele da minha humildade? Habito junto do meu próprio cimo. Até onde se elevam os meus píncaros?»

Ainda ninguém mo disse. E, porém, conheço bem as minhas depressões».

E outra vez se fez ouvir a voz inarticulada:

«Ó Zaratustra, quando se é feito para remover montanhas, também se podem remover vales e profundidades.»

E eu repliquei: «A minha palavra ainda não removeu montanhas, e o que eu tenho dito em nada atingiu os homens. Por mais que me tenha esforçado por ir ao encontro dos homens, ainda não consegui alcançá-los.»

E outra vez a voz inarticulada insistiu:

«Que é que sabes a esse *respeito*? O orvalho cai sobre a erva no mais profundo silêncio da noite.»

E eu retorqui: «Zombaram de mim quando descobri e segui a minha própria via; e, na verdade, tremeram-me então as pernas sob o peso do corpo.»

E falaram-me assim:

«Tinhas-te esquecido do caminho, e eis que agora te esqueceste também de caminhar.»

E outra vez a voz inarticulada me disse:

«Que te importam os seus motejos? Tu deixaste de saber obedecer; deves agora mandar.

Não sabes o que precisa o mundo? Do homem que ordena grandes coisas.

Realizar grandes coisas é difícil, mas mais difícil ainda é ordenar grandes coisas.

O teu erro mais imperdoável é teres o poder e recusares-te a reinar.»

E eu respondi: «Falta-me, para mandar, a voz do leão.»

E outra vez foi como um murmúrio que me alcançou:

«São as palavras mais silenciosas que trazem a tempestade. Os pensamentos que vêm com pés de lã dirigem o mundo.

Ó Zaratustra, apresenta-te como a Sombra daquele que há-de vir; então mandarás, e avançarás como senhor.»

E eu respondi: «Tenho vergonha.»

E então outra vez ouvi o murmúrio sem voz:

«É preciso primeiro tornares-te criança e perderes essa vergonha.

Ainda tens o orgulho da mocidade, fizeste-te moço muito tarde; mas para voltares a ser criança é-te ainda necessário vencer a tua mocidade.»

E eu refleti demoradamente, tremendo. Por fim repeti o que dissera a princípio: «Não quero!»

Ouviu-se então uma gargalhada em torno de mim. Ai! Como aquele riso me rasgava as entranhas e me cortava o coração!

E pela última vez me disseram:

«Ó Zaratustra, os teus frutos estão maduros, mas tu não estás maduro para os teus frutos.

Regressa portanto à tua solidão, a fim de te mortificares.»

E ouviu-se outra espécie de risada e um rocegar de fuga; depois tudo ficou em silêncio, um dobrado silêncio. Mas eu jazia no chão, e o suor corria-me por todos os membros.

Agora sabeis tudo, e por que tenho de voltar para a minha solidão. Não vos escondi nada, ó meus amigos.

Mas também aprendestes comigo qual é apesar de tudo o homem mais secreto entre todos — e que o quer ser.

Ai meus amigos! Há ainda uma coisa que vos quereria dizer, uma coisa ainda que vos quereria dar.

Por que vo-la não dou? Será por ser avarento?

Ditas estas palavras, Zaratustra foi de repente dominado pela violência da sua dor; ao pensamento de que ia deixar imediatamente os seus amigos desatou a soluçar muito alto e ninguém o podia consolar. Mas à noite, afastou-se sozinho, deixando os seus amigos.

¹ Jogo de palavras intraduzível: *gerecht*, justo; *gerächt*, vingados.

TERCEIRA PARTE

O Eterno Retorno e a Criação de Novas Tábuas

Esta é a parte filosoficamente mais profunda e decisiva. Zaratustra regressa à solidão, enfrenta o “pensamento do abismo” e confronta-se com o eterno retorno. Surgem a visão e o enigma, o espírito de gravidade, as antigas e novas tábuas, o convalescente, a grande nostalgia e os sete selos.

*O eixo já não é apenas superar os antigos valores, mas ser capaz de **afirmar integralmente a vida**, incluindo a dor, a repetição e tudo o que foi:*

abismo → eterno retorno → convalescença → afirmação da vida → novas tábuas

A expressão “novas tábuas” é particularmente importante porque concentra a função criadora desta parte: não basta destruir os valores antigos; é necessário gravar outros.

Vós olhais para cima, porque aspirais a elevar-vos.

*E eu, como estou no alto, olho para
baixo. Qual de vós sabe ainda rir, mesmo
depois de ter atingido o alto?*

*O que escala os mais elevados montes
ri-se das cenas trágicas do palco como da
gravidade trágica da vida.*

Assim falava Zaratustra, 1ª parte

(Ler e escrever.)

1. O Viajante

Era meia-noite quando Zaratustra se pôs a caminho para vencer o cume da ilha e para chegar de madrugada à outra margem; porque era lá que queria embarcar. Aí havia, com efeito, uma boa enseada onde os navios estrangeiros gostavam de ancorar; os quais recebiam a bordo aqueles que queriam deixar as Ilhas Afortunadas e atravessar o mar. Enquanto subia a montanha, pensava Zaratustra nas muitas viagens solitárias que fizera desde a sua mocidade, em todos os montes, cristas e cumieiras que tinha já escalado.

«Eu sou um viajante, um escalador de montanhas — dizia de si para si — não me agradam as planícies e parece que não posso estar muito tempo no mesmo sítio.

E sejam quais forem os meus destinos e as minhas aventuras, sempre implicarão uma viagem ou uma ascensão de montanha; nunca se repete senão a nossa própria experiência.

Passou o tempo em que me podia ainda ver a contas com o acaso; o que é que me poderia suceder que não seja já minha pertença?

O que volta para mim, o que encontra em mim a sua pátria, é o meu próprio Eu, e a parte desse Eu que durante muito tempo tinha andado por terras estranhas, disperso entre todas as coisas e todas as contingências!

E sei mais alguma coisa: estou agora diante do meu pico supremo e que me foi evitado durante muito tempo. Ai! Tenho de subir o caminho mais rigoroso! Ai! Comecei a minha ascensão mais solitária.

Quando se é, porém, da minha espécie, não se pode escapar a semelhante hora, da hora que nos diz: «Vais finalmente seguir o caminho para a tua grandeza! O cume e o abismo confundem-se agora numa única resolução!

Estás a caminho da tua grandeza; o teu supremo refúgio é agora o que foi até hoje o teu maior perigo.

Segues o caminho da tua grandeza; a tua melhor coragem será que atrás de ti não existam mais caminhos!

Segues o caminho da tua grandeza: e ninguém se arrasta atrás de ti! Atrás de ti os teus passos apagaram o seu rasto, nesse caminho está escrita a palavra: Impossível.

E se mais adiante te faltarem todas as escadas, será preciso aprenderes a trepar sobre a sua própria cabeça; como poderias fazer de outro modo?

Sobre a tua própria cabeça, pisando aos pés o teu próprio coração. Agora é preciso que o que há em ti de ternura se endureça ao máximo.

Aquele que sempre cuidou muito de si, acaba por se tornar enfermiço à força de cuidados. Bendito seja o que endurece! Não louvarei, quanto a mim, o país onde correm a manteiga e o mel!

Para ver *muitas coisas* precisamos aprender a olhar para longe de nós; é a dureza necessária a qualquer escalador de montanhas.

Mas aquele que procura o Conhecimento com olhos demasiado ávidos, que pode ele ver das coisas para além dos seus primeiros planos?

Mas tu, Zaratustra, quiseste ver o fundo e o ante-fundo de todas as coisas; é preciso portanto que te eleves mais alto do que a ti mesmo

— mais adiante, mais alto, até ver *abaixo de ti* mesmo as tuas próprias estrelas».

Sim, dominar-me com o olhar a mim mesmo e às minhas próprias estrelas, eis ao que chamarei o meu cume, eis o que me está ainda reservado, eis o meu cume *derradeiro*.

Assim falava consigo Zaratustra enquanto subia, consolando o seu coração com duras máximas; porque tinha o coração mais ferido do que nunca. E chegado ao alto da crista, viu estender-se na sua frente o segundo mar; e ficou muito tempo em silêncio. Mas a noite naquela altitude estava fria e clara de estrelas.

«Reconheço a minha sorte — disse afinal com tristeza. — Seja! Estou pronto! Entrei agora na minha última soledade.

Ai! Mar triste e negro a meus pés! Ai! Pesar negro e sombrio! Ai! Destino e mar! É para vós que tenho de *descer*!

Estou em frente da minha mais alta montanha e da minha peregrinação mais longa; por isso tenho de descer mais baixo do que nunca descí, mais fundo na dor do que nunca descí. Até às suas águas mais escuras. Assim o decidiu a minha sorte. Seja! Estou pronto!

De onde vêm as mais elevadas montanhas?, perguntava a mim próprio noutro tempo. Soube então que vêm do mar.

Este testemunho está escrito nas suas pedras e nas paredes das suas cristas. É das profunduras supremas que as alturas supremas se lançam para a sua altitude.»

Assim falava Zaratustra no píncaro da montanha, onde reinava o frio. Mas quando, chegado perto do mar, acabou por se encontrar sozinho entre os recifes, sentiu-se cansado do caminho e ainda mais atormentado do que dantes pela nostalgia.

«Tudo dorme ainda — disse — o próprio mar também está adormecido; dirige-me um olhar bêbedo de sono e como ausente.

O seu hálito é quente, bem o sinto. E sinto ao mesmo tempo que está a sonhar. Agita-se, sonhando, sobre duras almofadas.

Ouvi! Ouvi! Quantos gemidos lhe arrancam as más recordações! Ou serão talvez maus presságios?

Ai! Estou triste contigo, monstro obscuro, e aborrecido comigo mesmo por tua causa.

Ai! Por que não terá a minha mão força bastante? Na verdade, queria livrar-te dos teus sonhos maus.»

Falando desta forma, Zaratustra ria-se de si mesmo, com melancolia e amargura.

«O quê, Zaratustra? — disse —, tu queres consolar o próprio mar com a tua canção?

Ó Zaratustra, louco de coração terno, sempre ébrio de confiança! Mas assim foste sempre, sempre te abeiraste familiarmente de todas as coisas terríveis.

Quiseste acariciar todos os monstros. Um Sopro de hálito quente, um pouco de pele elástica à volta das garras — e imediatamente estavas disposto a amar o monstro e a atraí-lo a ti com carícias.

O amor é o perigo dos mais solitários, o amor por todos os vivos, desde que vivam. Há decerto razão para rir vendo a que ponto sou louco e modesto no amor!»

Assim falava Zaratustra, rindo outra vez; mas então pensou nos amigos que deixara, e como se os tivesse ofendido com os seus pensamentos enfadou-se consigo mesmo dos seus pensamentos. E não tardou que o riso se mudasse em pranto: Zaratustra chorava amargamente de cólera e de nostalgia.

2. Da Visão e do Enigma

1

Quando os marinheiros souberam que Zaratustra estava a bordo — porque, ao mesmo tempo que ele, subira para bordo outro homem vindo das Ilhas Afortunadas — houve grande curiosidade e grande expectativa. Zaratustra, porém, conservou-se em silêncio durante dois dias, frio e surdo na sua tristeza, não respondendo nem aos olhares nem às perguntas.

Na noite do segundo dia, contudo, voltou a abrir os ouvidos, conquanto permanecesse calado; porque naquele barco, que vinha de longe e que ia para mais longe ainda, não faltavam coisas estranhas e perigosas para ouvir. Ora Zaratustra era amigo de todos os que fazem grandes viagens e não gostam de viver sem perigo. E eis que, enfim, à força de ouvir, sentiu a língua desatar-se também, e fundir-se o gelo do seu coração — e pôs-se a falar nestes termos:

«A vós, procuradores ousados, exploradores, e a todos quantos alguma vez embarcaram com velas astutas para vencer os mares terríveis, a vós, ébrios de enigmas, amigos das penumbras, cuja alma cede ao apelo de flauta de todos os dédalos do abismo, — porque vos recusais a seguir com mão medrosa um fio condutor, e o que podeis *adivinhar*, detestais ter de o *deduzir* — somente a vós contarei o enigma que vi, a visão do solitário entre os solitários.

Atravessei ultimamente, muito triste, pelo meio de um crepúsculo lívido — sombrio e duro, com os lábios contraídos. Para mim mais de um sol se pusera.

Um atalho que subia obstinadamente por entre o entulho, um atalho perverso e solitário, desertado pela erva e pelas brenhas, um atalho de montanha rangia sob o desafio dos meus pés.

Progredindo, mudos, por entre o ranger trocista dos calhaus calcando a pedra que os fazia resvalar, os meus pés subiam pouco a pouco.

Subiam — a despeito do espírito que os arrastava para o precipício, o espírito da Gravidade, meu demónio e mortal inimigo.

Subiam — se bem que o demónio me cavalgasse, entre gnomo e toupeira; paralisado e paralisador; instilando no meu cérebro chumbo pelos ouvidos, pensamentos parecidos com chumbo derretido.

«Ó Zaratustra — sussurrava ele em tom chocarreiro, separando as sílabas — pedra de sabedoria! Atiras-te muito alto, mas toda a pedra atirada acaba por... voltar a cair!

Ó Zaratustra, pedra da sabedoria, pedra atirada por uma funda, destruidor de estrelas! Foi a ti mesmo que atiraste tão alto, mas toda a pedra atirada acaba por... voltar a cair.

Condenado a ti mesmo e à tua própria lapidação, ó Zaratustra, atiraste muito longe a tua pedra... mas será sobre ti que ela voltará a cair.»

Aqui se calou o anão; e muito tempo decorreu. Mas o seu silêncio oprimia-me, e num semelhante colóquio, na verdade, está-se mais só do que quando se está só.

Eu subia, subia, sonhando, pensando — mas tudo me oprimia. Assemelhava-me a um enfermo cansado do seu duro martírio, e a quem um sonho pior desperta do seu sono.

Eu, porém, tenho em mim essa coisa a que chamo a minha coragem; até agora consegui destruir todos os meus desencorajamentos. Essa coragem forçou-me por fim a fazer alto e a dizer: «Gnomo! Ou tu ou eu!»

Com efeito não há melhor assassino do que a coragem — a coragem que *ataca*, porque quem diz ataque diz fanfarra.

Ora o homem é o animal mais corajoso. Foi por essa razão que venceu todos os outros animais. Ao som da fanfarra superou além disso todas as dores; e a dor humana é a pior das dores.

A coragem destrói também a vertigem que assombra a margem dos abismos! E onde haverá lugar onde o homem não se encontre à beira dos abismos? Não basta olhar para nos darmos conta desses abismos?

A coragem é o mais hábil dos matadores; a coragem mata até a compaixão. Ora a compaixão é o abismo mais profundo; quando o homem mergulha o olhar na vida é na compaixão que o mergulha.

Mas a coragem é o mais hábil dos matadores — a coragem que ataca. Matará até a morte, porque diz: «Era então isto a vida? Então vamos recomeçar!»

Mas semelhante máxima, é uma fanfarra. Quem tiver ouvidos que oiça.

2

«Detém-te, gnomo! — disse. — Ou eu ou tu! Eu, porém, sou o mais forte dos dois. Tu não conheces o meu pensamento de abismo; não serias capaz de o suportar.»

Nisto senti que se me aliviava a carga, porque o anão, curioso como era, me saltou dos ombros. E acaçapou-se numa pedra diante de mim. Mas no sítio onde tínhamos parado encontrava-se justamente uma poterna.

«Olha para esta poterna, gnomo — prossegui. — Tem duas saídas. Aqui se reúnem dois caminhos; ainda ninguém os seguiu até ao fim.

Este longo caminho que se estende atrás de nós dura uma eternidade. E o longo caminho que se estende diante de nós, é outra eternidade.

Estes caminhos são contrários, opõem-se frontalmente, e é aqui, sob esta poterna, que se encontram. O nome da poterna está escrito no frontão: esse nome é «instante».

Se alguém, todavia, seguisse por um destes caminhos, sem parar e até ao fim, julgas, gnomo, que estes caminhos se oporiam sempre?»

«Tudo quanto é reto mente — murmurou o anão com desdém. — Toda a verdade é sinuosa, o próprio tempo é um círculo.»

«Espírito de Gravidade, disse eu irado — não tomes as coisas tão ao de leve, ou te deixo onde estás acaçapado, coxo — e olha que fui eu que te trouxe cá *acima!*

Olha para este instante — continuei. — A partir desta poterna do Instante um longo caminho, um caminho eterno, estende-se *para trás de nós*; há uma eternidade atrás de nós.

Tudo quanto é *capaz* de correr não deve, necessariamente, ter já percorrido este caminho ao menos uma vez? Tudo o que pode suceder, entre todas as coisas, não deve ter já acontecido, ocorrido, ter passado?

E se tudo o que é já foi, que pensas deste instante, então? Esta poterna não deve também ter já estado?

E não estão todas as coisas tão solidamente imbricadas que este instante arrasta após si *todas* as coisas futuras? E também a ele próprio, por consequência?

Porque tudo quanto é capaz de correr deverá sem nenhuma dúvida percorrer mais uma vez este longo caminho que se afasta daqui!

E aquela lenta aranha que rasteja ao luar, e este luar e tu e eu debaixo desta poterna, falando em voz baixa de coisas eternas, — não é necessariamente obrigatório que uns e outros tenhamos já existido?

Não nos será necessário regressar e percorrer estoutro caminho que se afasta diante de nós, este caminho longo e temível — não será necessário que todos regressemos?»

Assim falava eu, em voz cada vez mais baixa, porque tinha medo dos meus próprios pensamentos e da sua oculta intenção. Então de súbito ouvi muito perto de mim uivar um cão.

Já alguma vez tinha ouvido uivar um cão daquela maneira? O meu pensamento percorreu rapidamente o curso do tempo. Sim, quando era criança, na minha mais distante meninice, ouvi um cão uivar assim.

E vi-o também, com o pêlo eriçado, a cabeça levantada, trémulo, à hora silenciosa da meia-noite, quando até os próprios cães acreditam em fantasmas, de modo que me enchi de pena. A lua cheia subia precisamente num silêncio de morte por cima da casa; depois deteve-se semelhante a um disco incandescente por cima do telhado liso, como se se instalasse na propriedade alheia.

Foi isso que aterrou o cão: os cães acreditam nos ladrões e nos fantasmas. E quando ouvi outra vez aquele uivo, senti-me como outrora dominado pela piedade.

Para onde fora o gnomo? E a poterna? E a aranha? E aquela voz sussurrante? Teria sonhado? Estaria a acordar? Voltei a encontrar-me no meio dos rochedos agrestes, sozinho de repente, abandonado ao luar mais desolado que existia.

Mas ali jazia um homem! E o cão, a saltar e a gemer, de pêlo ouriçado, viu-me caminhar então, e começou a uivar outra vez e pôs-se a *gritar*. Já alguma vez tinha ouvido um cão gritar por socorro daquela maneira?

E vi, na verdade, aquilo de que nada, anteriormente, me tinha dado ideia. Vi um moço pastor a contorcer-se anelante e convulso, o semblante desfigurado, porque uma pesada serpente lhe pendia da boca.

Quando vira eu tamanha repugnância e pálido terror pintado no mesmo rosto? Tinha adormecido, decerto. E a serpente tinha-se-lhe introduzido na garganta, ali se aferrando com as suas presas.

A minha mão começou a puxar a serpente, puxou... mas em vão! Não conseguia extirpar da garganta aquela serpente. Então uma voz gritou pela minha boca: «Morde! Morde!

Morde! Arranca-lhe a cabeça!», gritava a voz. Espanto, ódio, nojo, piedade, tudo o que trazia de melhor e de pior em mim jorravam de mim num único grito.

Valentes que me rodeais, exploradores, aventureiros, e vós outros que nunca embarcastes sob velas astuciosas, por mares nunca explorados, amadores de enigmas, decifrai-me o enigma que vi então, interpretaí um pouco a visão do mais solitário!

Porque era ao mesmo tempo visão e previsão. Que vi então em imagem? E qual é o que deve chegar um dia?

Quem é o pastor, quem é a serpente que se lhe introduziu na garganta? Quem é o homem em cuja garganta se introduzirá assim o que há de mais negro e de mais pesado no mundo?

— O pastor, porém, começou a morder, como o meu grito lhe tinha aconselhado; mordeu de maneira firme! Cuspiu para longe de si a cabeça da serpente e levantou-se com um salto.

— Já não era pastor, já não era homem — transformado, transfigurado, ria! Nunca houve homem nesta terra que se risse como ele.

Ó meus irmãos! Ouvei uma risada que não era um riso humano, e agora devora-me uma sede, uma ânsia que nada aplacará.

Devora-me a ânsia daquele riso; oh!, como posso tolerar ainda a vida! E como tolerar agora a morte!

Assim falava Zaratustra.

3. Da Beatitude Involuntária

O coração repleto de tais enigmas e de tais amarguras, passou Zaratustra o mar. Quando estava, porém, a quatro dias de viagem das Ilhas Afortunadas e dos seus amigos, vencera completamente a sua dor: vitorioso e com passo firme dominava outra vez o seu destino. Então Zaratustra falou assim, com a consciência radiante de alegria:

«Estou novamente só, e assim quero estar. Só com o céu sereno e o mar livre; e novamente reina a tarde à minha volta.

Foi à tarde que encontrei outrora pela primeira vez os meus amigos; à tarde também pela segunda vez, à hora em que toda a luz se torna mais suave.

Porque tudo o que tem ainda ventura errando entre céu e terra procura um refúgio em qualquer alma luminosa; é à força de ventura que a luz agora se torna mais suave.

Oh! Tarde da minha vida! Também a minha ventura desceu um dia ao vale para ali procurar um asilo; e encontrou então aquelas almas francas e hospitaleiras.

Oh! Tarde da minha vida! Quanto não dei em troca deste único bem: esta viva plantação dos meus pensamentos e esta luz matinal das minhas mais altas esperanças!

O criador, um dia, procurou companheiros que fossem filhos da sua própria esperança; e eis que surgiu que não os podia encontrar a menos que ele próprio os criasse primeiro.

Eu estou, portanto, a meio caminho da minha obra, indo para os meus filhos e regressando de ao pé deles; por amor dos seus filhos Zaratustra completa-se a si mesmo.

Porque ninguém ama de todo o coração senão o seu filho e a sua obra. Um grande amor de si mesmo é presságio de maternidade; pelo menos é o que tenho observado.

Os meus filhos, árvores do meu jardim e do meu melhor terraço, verdejam ainda na sua primeira primavera, plantadas lado a lado, ondulando aos mesmos ventos.

E na verdade, onde crescem juntas tais árvores, é ali que são as Ilhas Afortunadas.

Mas hei-de um dia transplantá-los, separadamente, a fim de aprenderem a soledade, a tenacidade e a prudência!

Nodosos, torcidos, duros mas flexíveis, assim os quero ver levantados ao pé do mar, faróis vivos da vida invencível.

No mesmo ponto onde se precipitam no mar as tempestades, onde a falda da montanha se banha na água, nesse sítio deverá cada um por sua vez passar as noites de vela, a fim de ser também experimentado e sondado a fundo.

É mister que seja experimentado e conhecido a fundo, para se saber se é da minha raça e da minha linhagem, se é dono de uma grande vontade, taciturno mesmo quando fale, e condescendente a ponto de não saber dar sem *aceitar*, a fim de chegar a ser um dia meu

companheiro, associado aos trabalhos e aos lazeres de Zaratustra, um dos que gravem nas minhas próprias tábuas a minha própria vontade: dar a todas as coisas uma mais plena perfeição.

E por causa dele e dos seus semelhantes tenho de me completar a mim mesmo; por isso agora fujo à minha ventura, oferecendo-me a todos os infortúnios, a fim de sofrer eu próprio esta suprema prova pela qual me conhecerei.

E, na verdade, já era tempo de partir; e a Sombra do Viajante e o Instante mais prolongado e a Hora do supremo silêncio, todos estes me disseram: «Não há um instante a perder.»

O vento, pelo buraco da fechadura, soprou-me: «Vem!» A porta abriu-se sorrateiramente diante de mim e disse-me: «Anda!»

Mas eu continuava acorrentado pelo amor aos meus filhos, o meu desejo prendia-me nessas redes, o meu desejo de amor, a necessidade de me oferecer como presa aos meus filhos e de me perder por amor deles.

O desejo — esta palavra por si só significa a minha perdição. — *Porque vos tenho, ó meus filhos!* Nesta posse, tudo deve ser certeza, nada deve ser desejo.

Mas o sol do meu amor flamejava ardentemente por cima da minha alma. Zaratustra sentia-se abrasar no seu próprio suco. Nisto passaram por cima de mim sombras e dúvidas.

Já desejava o frio e o inverno: «Oh! Tornem o frio e o inverno a gretar a pele a fazer-me tiritar e a bater os dentes!» — suspirava eu. Então nevoeiros gelados elevaram-se sob os meus passos.

O meu passado destruiu a sua sepultura, mais de uma dor enterrada viva despertou; não fizera mais do que adormecer envolto em sudários.

Assim tudo me gritava em sinais: «É já tempo!» Mas eu não ouvia. Até que afinal o meu abismo estremeceu e me mordeu o pensamento.

Pensamento de abismo, ó meu pensamento, quando encontrarei forças para te ouvir lavar sem tremer?

Chegam-me à garganta os baques do coração quando te ouço cavar. O teu próprio silêncio me afoga, taciturno pensamento de abismo.

Nunca me atrevi a chamar-te à *superfície*, bastava-me trazer-te comigo! Ainda nunca fui suficientemente forte para a suprema audácia e o supremo desafio do leão.

O teu peso sempre me pareceu bastante terrível em si, mas hei-de encontrar um dia, para te chamar à superfície, a força e a voz do leão!

Então somente, tendo-me assim vencido a mim mesmo, exigirei de mim ainda mais, e uma *vitória* será a marcha da minha plenitude.

Entretanto vagueio ainda por mares incertos, o acaso acaricia-me com a sua língua enjoativa; bem posso olhar para trás e para diante, em nenhuma parte descubro fim.

Ainda não chegou a hora da minha última luta — não será ela que acabou de soar? Na verdade, que beleza pérfida neste mar e nesta vida que me olham de todos os lados!

Tarde da minha vida! Ó felicidade de antes do crepúsculo! Ó porto em pleno mar! Ó paz na incerteza! Como desconfio de todos vós!

Na verdade, desconfio da vossa pérfida beleza, como o apaixonado desconfia de um sorriso meigo demais.

Assim como ele repele a amada para longe de si, mesmo a mais cara, terno até na sua dureza, esse ciumento, assim eu repilo para longe de mim esta hora de felicidade.

Para longe de mim, hora venturosa! Trouxeste-me uma felicidade que não tinha querido! Estou pronto para atingir o máximo da dor — chegaste fora de tempo.

Para longe de mim, hora venturosa! Busca antes asilo além — junto dos meus filhos. Corre a levar-lhes antes do crepúsculo a bênção da minha felicidade!

Já se aproxima a noite. O sol declina. O que ao longe se afasta, é a minha ventura.»

Assim falava Zaratustra. E toda a noite esperou a sua desventura, mas esperou em vão. A noite permaneceu clara e tranquila, e foi a felicidade que veio vaguear à sua volta, aproximando-se cada vez mais. Mas pela manhã Zaratustra pôs-se a rir intimamente, dizendo em tom irónico:

«A felicidade corre atrás de mim? Deve-se isso a eu não correr atrás das mulheres. Ora a felicidade — a Fortuna — é mulher.»

4. Antes da Aurora

Ó céu por cima de mim, ó pureza, ó profundidade! Ao contemplar-te estremeço de desejos divinos.

Elevar-me à tua altura — eis para *mim* a profundidade! Ocultar-me no coração da tua pureza — eis a minha inocência.

O deus está-nos oculto pela sua própria beleza; assim tu nos ocultas as tuas estrelas. Ficas em silêncio — assim me ensinas a tua sabedoria.

Mudo sobre o fervente mar — tal me apareceste hoje; o teu amor e o teu pudor revelam-se à minha alma fervente.

Se vieste a mim, resplandecente mas velado pela tua própria beleza, se me falas com palavras mudas, pela evidência mesma da tua sabedoria, oh:, como não havia eu de adivinhar os púdicos segredos da tua alma! Antes que o sol aparecesse, vieste até mim, solitário entre os solitários.

Somos amigos desde sempre. Tristeza, terror e profundidade são-nos comuns. Também o sol nos é comum!

Não nos dizemos nada, porque sabemos demais — fitamo-nos sem nada dizer, um sorriso basta para dizer o que sabemos.

Não és tu a luz do meu fogo? Não é a tua alma irmã do meu pensamento?

Tudo aprendemos juntos. Juntos aprendemos a elevar-nos acima de nós mesmos, até nós e a sorrir com um sorriso sem nuvens, a fazer brilhar esse sorriso sem nuvens, bem alto, do fundo de remotas paragens, quando a nossos pés fumegam, como vapor que se segue à chuva, a imposição, a finalidade e o erro.

E nas minhas peregrinações solitárias, de que tinha a minha alma fome durante as noites e pelos caminhos de acaso? E quando eu escalava montes, a quem procurei sempre nessas montanhas, senão a ti?

E todas essas peregrinações, e todas essas ascensões de montanha, que eram senão um expediente e uma maneira de iludir a minha impotência? O que eu queria era voar, *voar em ti*.

E que odiava eu mais do que as nuvens vagabundas e tudo o que macula a tua pureza? E odiei até esse mesmo ódio, porque empanava a tua pureza.

Tenho aversão às nuvens vagabundas, a esses gatos ladravazes, que se arrastam até ao cimo; tiram-nos, a ti e a mim, o que nos é comum: a afirmação imensa, ilimitada, que diz a tudo sim e amen.

Esses indiscretos que misturam e confundem tudo! Nós temos aversão às nuvens vagabundas, aos corações partilhados que não sabem nem bendizer nem maldizer com todo o seu coração.

Preferia viver sem horizonte, num tonel, ou no fundo de um abismo privado de céu, de preferência a ver-te empanado pelas nuvens errantes, céu luminoso!

E muitas vezes tenho sentido desejos de as deixar ali cosidas com os ziguezagueantes fios de oiro do relâmpago, a fim de poder, como o trovão, tocar timbales nas suas panças de caldeiras, como timbaleiro furioso, porque me roubam a tua claridade que a tudo diz sim e amen, ó céu sobre a minha cabeça, céu puro, luminoso, abismo de claridade, e porque te roubam também o meu impulso que diz sim e amen.

Porque eu preferiria ainda o estrondo e o trovejar e as maldições da tempestade a esta suavidade felina, prudente e hesitante. E também entre os homens, odeio acima de todos os que caminham na ponta dos pés, que não sabem dizer nem sim nem não, que são outras tantas nuvens errantes, hesitantes e esmiuçadoras.

E «quando não se sabe bendizer, é necessário *aprender a maldizer!*» — esta máxima luminosa caiu-me do alto de um céu luminoso, é uma estrela que brilha no meu céu, mesmo no coração das noites mais escuras.

Mas eu sou apenas bênção e afirmação, contanto que me rodeies, céu puro, luminoso abismo de luz! Levo então ao fundo de todos os abismos a minha afirmação que bendiz.

Aprendi a bendizer e a afirmar foi-me para isso necessário lutar durante muito tempo e transformar-me num lutador, a fim de um dia ter as mãos livres para abençoar.

Mas a minha maneira de abençoar consiste em estar por cima de todas as coisas como o céu que lhes é próprio, como a sua cúpula arredondada, a sua abóbada cerúlea e a sua eterna serenidade; e bem-aventurado aquele que assim abençoa!

Porque todas as coisas foram batizadas na fonte da eternidade, e além do bem e do mal; e o bem e o mal não passam de sombras passageiras, húmidas aflições, nuvens passageiras.

Na verdade o que ensino é bênção e não blasfémia quando predico: «Sobre todas as coisas estende-se o céu da Contingência, o céu da Inocência, o céu do Acaso, o céu do Capricho.»

«Por acaso» — é a mais antiga nobreza do mundo, e restituí-a a todas as coisas, libertei-as da servidão da finalidade.

Como uma abóbada cerúlea, pus sobre todas as coisas essa liberdade, essa serenidade celeste, no dia em que ensinei que por cima delas e por elas não há «vontade eterna» que possa agir.

Pus no lugar desta vontade, o capricho e a loucura, no dia em que ensinei que em todas as coisas o que é impossível é que elas sejam «razoáveis».

Decerto *um pouco* de razão, um grão de sagesa, disperso de estrela em estrela, é o fermento indubitavelmente misturado a todas as coisas; é para serem mais loucas que um pouco de sagesa foi incorporada em todas as coisas;

Pode haver um pouco de sagesa, é verdade; mas eis a certeza divina que encontrei em todas as coisas; é sobre as pernas do acaso que elas preferem — *dançar!*

O céu por cima da minha cabeça, céu puro, céu alto! A meus olhos a pureza consiste agora em que não haja nenhuma eterna aranha da razão, nenhuma eterna teia de aranha da razão.

É que tu me apareces como um salão de baile para os acasos divinos, como uma divina mesa de jogo para os dados divinos e para os divinos jogadores de dados.

Mas coras? Teria eu dito o indizível? Terei eu blasfemado querendo abençoar-te?

Ou foi realmente o pudor do colóquio a dois que te fez corar? Mandas-me calar e ir-me embora porque chega agora o dia?

O mundo é profundo, e mais profundo do que jamais pensou o dia. Nem todas as coisas têm o direito de se exprimir durante o dia. Mas, chega o dia: separemo-nos.

Ó céu por cima da minha cabeça, ó céu púdico, ó céu ardente! Ó minha felicidade antes da aurora! Chega o dia: separemo-nos!

Assim falava Zaratustra.

5. Da Virtude Amesquinhadora

1

Quando Zaratustra regressou à terra firme, em vez de se dirigir direito à sua montanha e à sua caverna, seguiu por todas as espécies de caminhos, fez todas as espécies de perguntas, informando-se de uma porção de coisas, de tal modo que dizia dele mesmo, gracejando:

«Eis aqui um rio que por numerosos meandros retrocede para a sua nascente.» Porque queria saber o que tinha acontecido ao *homem* durante a sua ausência: se se tornara maior ou mais pequeno. E divisando um dia uma fileira de casas novas, ficou admirado e disse:

«Que significam aquelas casas? Na verdade, não foi nenhuma grande alma que as edificou para lhe servirem de símbolos.

Teria sido uma criança idiota que as tirou da sua caixa de brinquedos? Oxalá outra criança as meta muito depressa na sua caixa!

E aqueles quartos e aquelas salas! Como poderão viver ali homens? Parecem-me feitos apenas para bonecas vestidas de seda ou para gatos gulosos que também gostam de se deixar lamber.»

E Zaratustra deteve-se para refletir. Por fim disse com tristeza:

«*Todas as coisas se tornaram mais pequenas.*

Por toda a parte vejo portas mais baixas; os que são da *minha* espécie ainda podem passar por elas, mas curvando-se.

Oh! Quando me voltarei a encontrar na minha pátria onde não serei obrigado a curvar-me, ou não voltarei a ser obrigado a curvar-me ante os pequenos?»

E Zaratustra suspirou e olhou para longe. Mas nesse mesmo dia pronunciou o seu discurso sobre a virtude que amesquinha.

«Passo pelo meio deste povo, de olhos bem abertos; não me perdoam o facto de não ter a mínima inveja das suas virtudes.

Querem morder-me, por eu lhes dizer: as pessoas pequenas necessitam de pequenas virtudes, e porque tenho dificuldade em admitir que seja necessária a existência de pessoas pequenas.

Estou aqui como galo em capoeira estranha, e a quem até as galinhas picam; mas nem por isso conservo rancor a tais galinhas.

Uso de cortesia com elas, como se faz com todos os pequenos aborrecimentos; mostrar os espinhos aos miúdos aborrecimentos, é na minha opinião uma sabedoria de ouriço cacheiro.

Todos falam de mim, à noite, à roda da lareira; falam de mim, mas ninguém pensa em mim.

E uma nova forma de silêncio que aprendi a conhecer: o rumor que fazem a meu respeito, estende-se como um manto sobre os meus pensamentos.

Vociferam entre si: «Que nos quer esta sombria nuvem? Andemos com cautela, não nos traga uma epidemia.»

E recentemente uma mulher puxou violentamente para si o filho que se queria aproximar de mim, e gritou: «Afastai as crianças! Aqueles olhos consomem a alma das crianças!»

Tossem quando começo a falar. Pensam que a tosse pode criar obstáculos às correntes de ar; nada conjeturam quanto ao sussurro da minha felicidade.

«Ainda não temos tempo para pensar em Zaratustra»: é a sua objeção. Mas qual é este tempo em que «não se tem tempo» para pensar em Zaratustra?

E mesmo quando me elogiam, como poderia adormecer sob os seus louvores? O seu elogio é para mim um cinturão de puas de aço; sinto a comichão que provoca mesmo depois de o tirar.

E eis ainda o que aprendi entre eles: o que elogia finge fazer uma dádiva, mas na realidade deseja receber mais.

Perguntai ao meu pé se lhe agrada a melancolia dos seus louvores e das suas lisonjas! Na verdade, ele não gosta nem de dançar nem de estar quieto a esse som e compasso.

Eles quereriam à força de elogios converter-me à sua modesta virtude; quereriam persuadir o meu pé a acompanhar o compasso da sua modesta felicidade.

Eu passo pelo meio deste povo, de olhos bem abertos: tornaram-se todos mais pequenos e tornam-se cada vez mais pequenos: é a consequência da sua noção da felicidade e da virtude.

Até na sua virtude são modestos, porque querem ter as suas conveniências; ora só a virtude modesta é compatível com as conveniências.

Aprendem, sem dúvida, a caminhar e a avançar a seu modo: a isto chamo eu ir coxeando. São por isso um obstáculo a todos os que andam depressa.

E mais de um deles caminha para a frente, a olhar para trás com o pescoço estendido; é com eles que gosto de me esbarrar na minha marcha.

Não é preciso que os pés e os olhos mintam ou se desmintam uns aos outros. Mas há grande número de mentiras nas pessoas pequenas.

Alguns deles querem, mas na maioria são apenas queridos. Alguns são sinceros, mas os mais deles são maus comediantes.

Há entre eles comediantes sem o saber e comediantes sem querer; os sinceros são sempre raros, sobretudo os comediantes sinceros.

Não são nada viris; por isso as mulheres se virilizam. Porque só aquele que é bastante viril pode *libertar a feminilidade* na mulher.

Eis a pior das hipocrisias que jamais encontrei entre os homens: até os que mandam fingem as virtudes dos que obedecem.

«Eu sirvo, tu serves, nós servimos» — assim salmodia também aqui a hipocrisia dos governantes — e é uma felicidade quando o primeiro dos senhores não é mais do que o primeiro servidor!

Ai! O meu olhar curioso deteve-se também nas suas hipocrisias, e adivinhei a totalidade da sua felicidade de moscas que zumbem à roda das vidraças ensolaradas.

Onde vejo a bondade, vejo também fraqueza. Onde vejo justiça e piedade, vejo outra tanta fraqueza.

Corretos, equânimes e benévolos uns para com os outros; corretos, equânimes e benévolos como os grãos de areia são para os outros grãos de areia.

Abraçar modestamente uma pequena felicidade — é o que chamam resignar-se; e ao mesmo tempo olham modestamente de soslaio para qualquer outra pequena felicidade.

O que eles querem no fundo, é uma coisa muito simples: é que ninguém lhes faça mal. Por isso procuram ser amáveis com todos fazendo-lhes bem.

Isto, porém, é *cobardia* — se bem que use o nome de «virtude».

E quando a esses mesquinhos lhes sucede falar com rudeza, só compreendo uma coisa, é que estão roucos, porque a menor corrente de ar os enrouquece.

São prudentes, a sua virtude tem dedos prudentes. Mas faltam-lhe os punhos, os seus dedos não sabem dobrar-se ao abrigo dos punhos.

A virtude, para eles, é o que modera e domestica; assim fazem do lobo um cão, e do homem o melhor animal doméstico do homem.

«Nós colocamos a nossa cadeira precisamente no meio» — eis o que me diz o seu sorriso satisfeito — «a igual distância do gladiador moribundo e do cerdo refocilando no seu prazer.»

Isto, porém, é *mediocridade*, mesmo se lhe chamam «precisamente no meio».

Passo pelo meio do povo, deixando cair de passagem muita sentença; mas eles não sabem nem receber nem reter.

Assombram-se por não me verem anatematizar os apetites e os vícios; e na verdade também não vim para os pôr de sobreaviso contra os carteiristas.

Assombram-se por eu não me mostrar disposto a afirmar e a aguçar-lhes a esperteza; como se não houvesse entre eles bastantes espertalhões cuja voz range aos meus ouvidos como o lápis sobre a ardósia.

E quando exclamo: «Amaldiçoi todos os demónios cobardes que trazeis em vós, esses demónios sempre prontos a gemer, pôr as mãos e adorar!» — eles clamam: «Zaratustra é ímpio!»

São sobretudo os seus pregadores de resignação que dizem tais coisas, e é justamente a esses que me apraz gritar ao ouvido: «Sim, eu sou Zaratustra o ímpio!»

Os pregadores de resignação! Em todos os cantos onde se anicham a mesquinhez, a doença, a tinha, insinuam-se como piolhos, e só o nojo me impede de os esmagar entre dois dedos.

Pois bem! Eis o sermão que dedico aos seus ouvidos: eu sou Zaratustra o ímpio que diz: «Quem é mais ímpio do que eu, para me matricular na sua escola?»

Eu sou Zaratustra, o ímpio; onde encontrarei o meu semelhante? Os meus semelhantes são todos os que fixam por si próprios a sua vontade e se desprendem de qualquer resignação.

Eu sou Zaratustra, o ímpio. Ponho todos os acasos a cozer na minha própria panela. E quando estão bem cozidos, declaro que são excelentes, porque são pratos da minha cozinha.

E na verdade, mais de um acaso me abordou com arrogância, mas a minha vontade respondeu-lhe com mais arrogância ainda, e depressa o vi derrubar-se suplicante a meus pés, — suplicando-me que lhe concedesse asilo e afeição, assaltando-me com palavras lisonjeiras: «Olha, Zaratustra, é um amigo que se aproxima de ti como amigo.»

Mas para que estar a dizer estas palavras se ninguém tem, para me ouvir, os ouvidos necessários? Por isso gritarei a todos os ventos:

— Estais a encolher a olhos vistos, vós humildes! Estais-vos a desagregar, gente acomodática! — e acabareis por ir a pique com a vossa infinidade de pequenas virtudes, à força de pequenas maldades, à força de minguada resignação!

Poupar demasiado e ceder demasiado, é disso que é feito o solo onde viveis; mas para que uma árvore *cresça*, é necessário que com as suas duras raízes abrace a dura rocha.

As vossas próprias lacunas se incorporam na teia do futuro dos homens; até o vosso nada é uma teia de aranha, uma aranha que se nutre do sangue do futuro.

E o que aceitais assemelha-se a um roubo, virtuosos mesquinhos; mas até os próprios ratoneiros conhecem esta máxima de *honra*: «Só se deve roubar com astúcia onde não se pode arrancar pela violência.»

«Tudo se arranja» — eis mais uma máxima de resignação. Mas eu vo-lo digo, almas delicadas: «Tudo se desarranja, e tudo vos perturbará cada vez mais.»

Ah! Não serdes capazes de renunciar de uma vez às vossas vontades! Não serdes capazes de querer tanto à vossa indolência como aos vossos atos!

Ah! Não compreenderdes as minhas palavras: «Fazei tudo o que quiserdes, mas sede primeiro capazes de querer!»

Amai o vosso próximo como a vós mesmos, se tal vos aprouver; mas sabei primeiro *amar-vos a vós mesmos*, — amar-vos com grande

amor, amar-vos com grande desdém!» Assim falava Zaratustra, o ímpio.

Mas para que falar quando ninguém tem ouvidos para me entender? Ainda é muito cedo para mim.

Eu sou entre esta gente o meu próprio precursor, o canto do galo que anuncia a minha chegada pelas ruelas obscuras.

Mas a sua hora soará. E a minha também. De hora a hora se tornam mais mesquinhos, mais miseráveis, mais estéreis — pobre vegetação, miserável terra!

Breve os verei parecidos com a erva seca da estepe, e verdadeiramente cansados de si mesmos, aspirando mais ao fogo do que à água.

Oh! Bendita a hora do raio! Oh! Mistério de antes do meio-dia! Um dia farei deles um incêndio que se propague, e precursores de línguas de chamas.

Anunciarão um dia, com línguas de chamas: «Já vem, já se aproxima, o grande Meio-dia!»

Assim falava Zaratustra.

6. No Monte das Oliveiras

O inverno, mau conviva, instalou-se em minha casa; as minhas mãos arroxearam sob a sua pressão amistosa.

Honro este hóspede maligno, mas prefiro deixá-lo só no quarto. Gosto de lhe escapar, e podemos escapar nós dele, desde que corramos bem.

Quentes os pés e o pensamento, corro para o lugar onde o vento emudece — para o rincão ensolarado do meu olival.

E lá me rio do meu rigoroso hóspede, enquanto lhe fico agradecido por se deixar ficar em casa a apanhar as moscas e a fazer calar muitos ruídos miúdos.

Porque ele não suporta ouvir zumbir uma mosca, nem sobretudo duas; faz o vácuo, mesmo nas ruas, de tal modo que o luar tem medo, à noite.

É um hóspede rigoroso — mas honro-o, porque não o adoro, como fazem os efeminados, ao deus do fogo, com a sua grande pança.

Vale mais bater um pouco os dentes do que adorar ídolos — tal é a minha condição. E eu detesto acima de tudo estes ídolos da Terra do Fogo, que só sabem arder, fumar e teimar.

Meus amigos, amo-vos mais de Inverno do que de Verão; zombo agora melhor e mais animosamente dos meus inimigos, desde que tenho o Inverno em casa.

Animosamente na verdade, mesmo quando estou reduzido a ir-me *encolher* rastejando na minha cama; a minha felicidade enovelada sobre ela mesma ainda ri e graceja, e nem sequer o meu sonho enganador deixa de rir também.

Arrastar-me? Eu? Nunca na minha vida me arrastei ante os poderosos. E se alguma vez menti, foi por amor. Por isso fico satisfeito até na minha cama de Inverno.

Um leito humilde aquece-me mais do que um leito faustoso, porque eu sou zeloso da minha pobreza.

E é no Inverno que ela me é mais fiel. Começo todos os dias com uma maldade, zombo do Inverno com um banho frio; o que faz resmungar o meu hóspede rigoroso!

Gosto também de o cocegar com uma velazita, até à hora em que se digna enfim deixar-me ver o céu, emergindo da alva pardacenta.

Sou particularmente mau de madrugada muito cedo, quando se ouve o balde chiar no poço e os cavalos lançar tépidos relinchos pelas ruas gris.

Então espero impacientemente voltar a ver o céu límpido, o céu hibernal de barba encanecida, ancião de cabeça branca, — o céu de Inverno, o céu taciturno que muitas vezes até sobre o seu sol guarda silêncio.

Aprenderia eu com ele o amplo silêncio luminoso? Ou foi ele que o aprendeu comigo? Ou tê-lo-íamos inventado, cada um para si?

Todas as coisas boas têm origens múltiplas, todas as coisas boas de humor folgazão saltam de prazer na existência; como não o haviam de fazer só uma vez?

Também o longo silêncio é uma coisa boa de humor folgazão, e a arte de fazer brilhar olhos redondos numa face clara, semelhante ao céu hibernal, — a arte de calar, como ele faz, o seu sol e a sua inflexível vontade solar, na verdade, é uma arte e uma alegria de Inverno que aprendi muito bem.

A minha maldade favorita, a minha partida preferida, é ter ensinado o meu silêncio a não se delatar pelo silêncio.

Com um rumor de palavras e de dados, engano os meus graves guardiões; tenho de furtar a minha vontade e o meu desígnio a estes inquisidores severos.

Foi para que ninguém me sondasse até ao fundo da minha última vontade, que inventei este longo silêncio luminoso.

Encontrei mais de um maligno que velava o semblante e turvava a sua água a fim de que ninguém pudesse olhar através deles, nem os sondasse a fundo.

Era contudo a eles que se dirigiam os desconfiados mais manhosos, os decifradores de enigmas; era a eles que tomavam os peixes mais escondidos!

Mas os claros, os bravos, os límpidos, eis na minha opinião os que melhor sabem calar: porque o seu fundo é tão profundo que nem sequer a água mais límpida os poderia— trair.

Céu invernal de barba nívea, céu taciturno, branca cabeça de olhos redondos, lá no alto por cima de mim! Ó celeste símbolo da minha alma e da sua travessa alegria!

E não será mister, com efeito, que me esconda, como quem tragou oiro, com medo que me queiram esventrar a alma?

Não será mister que eu use andas, para lhes dissimular as minhas pernas compridas — a todos esses invejosos, a esses melancólicos que me rodeiam?

Todas essas almas enfumaçadas, tépidas das baforadas dos quartos, gastas, aborrecidas, azedadas — como poderia a sua inveja tolerar a minha felicidade?

Por isso lhes mostrarei apenas o gelo e o Inverno dos meus píncaros — e não todas as zonas ensolaradas que ainda cingem a minha montanha.

Só ouvirão sibilar as minhas tempestades de Inverno; não me ouvirão correr à superfície dos mares quentes, tal os ventos do Sul, lânguidos, pesados e ardentes.

Apiedar-se-ão dos riscos e dos acasos que corro — mas a minha divisa é «Deixai vir a mim o acaso; é inocente como uma criança».

Como poderiam supor a minha ventura, se eu não a rodeasse de acidentes e misérias invernais, de barretes de pele de urso e mantos de céu de neve, se eu próprio não tivesse dó da sua compaixão desses invejosos, desses melancólicos! — se não me empenhasse em suspirar e em tiritar na sua presença, deixando-me envolver pacientemente na sua compaixão!

Tal é a sábia obstinação e a benevolência da minha alma, que não esconde nem o seu Inverno, nem os seus ventos gelados; nem sequer oculta as suas frieiras.

A soledade, para uns, é o refúgio do doente; para outros, é um refúgio *ao abrigo* dos doentes.

Ainda que me tenham ouvido tiritar e gemer de frio, todos esses pobres diabos de olhos torvos que me rodeiam, tais gemidos, tais tremores são para mim o meio de fugir dos seus quartos aquecidos.

Por mais que me lastimem e lancem suspiros pensando nas minhas frieiras, e me lamentem dizendo: «Acabará por se *congelar* nos gelos do conhecimento», ao mesmo tempo, percorro em todos os sentidos, com os pés quentes, os caminhos do meu olival; no canto ensolarado deste monte das Oliveiras canto e escarneço de toda a compaixão.

Assim cantava Zaratustra.

7. De Passagem

Atravessando assim lentamente muitos povos e cidades, tornava Zaratustra para a sua montanha e para a sua caverna por caminhos desviados. E eis que chegou de improviso à porta da Grande Cidade; mas aí caiu sobre ele, de braços estendidos, barrando-lhe a passagem, um louco furioso. Ora era o mesmo louco a quem o povo chamava o «macaco de Zaratustra!» porque tinha furtado a Zaratustra alguma coisa do tom e do ritmo da sua frase, e gostava

também de explorar o tesouro da sua sabedoria. Mas o louco falou a Zaratustra nestes termos:

«Oh! Zaratustra, é esta a Grande Cidade; aqui nada tens que procurar, mas tudo a perder.

Por que havias de querer chafurdar neste lodaçal? Tem piedade dos teus pés! Cospe antes à porta da cidade, e segue o teu caminho.

Aqui é o inferno para os pensamentos dos solitários; aqui os grandes pensamentos são cozidos vivos e reduzidos a papa.

Aqui apodrecem todos os grandes sentimentos; aqui apenas são autorizados os crepitações dos miúdos sentimentos já completamente ressequidos. Não exala esta cidade um vapor de espírito trucidado?

Não vês as almas pender como farrapos moles e sujos? E desses farrapos ainda fazem jornais!

Não ouves como o espírito não passa aqui de jogo de palavras? Vomita uma repugnante lavagem de palavras. E desse vômito ainda fazem jornais!

Provocam-se mutuamente sem saber porquê. Excitam-se uns contra os outros sem saber porquê. Chocalham as suas lâminas de lata, fazem ressoar o seu ouro.

Sentem frio e procuram aquecer-se com aguardente. Têm calor e procuram o contato fresco dos espíritos gelados; estão todos doentes, estão todos contaminados pela opinião pública.

É aqui a pátria de todas as concupiscências e de todos os vícios, mas mesmo aqui há homens virtuosos; há mesmo aqui muita virtude oficiosa e oficial, muita virtude oficiosa, munida com dedos expeditos para escrever, com um poder infinito de paciência e de espera, cumulada de condecorações sem valor e raparigas enchumaçadas e sem nádegas.

Também há aqui muita devoção e servilidade beata, uma cozinha completa servida em glória do Deus dos exércitos.

É «de cima» que chovem as estrelas e as comendas conferidas pelo mestre; é «para cima» que vão os desejos de todos os peitos ainda virgens de qualquer estrela.

A lua tem um halo que lhe forma uma corte; a corte está povoada de imbecis; mas tudo o que vem da corte é adorado pelo povo mendicante, pela virtude mendicante e oficiosa.

«Eu sirvo, tu serves, nós servimos» — é a litania que a virtude oficiosa dirige ao Príncipe, na esperança de que a estrela bem merecida se prenda afinal em qualquer peito esqualido.

Mas a lua gravita também em torno de todas as coisas terrestres; assim também o Príncipe gravita em torno do que há de mais terrestre no mundo, quero dizer em torno do ouro dos lojistas.

O Deus dos exércitos não é o Deus das barras de ouro; o Príncipe propõe — o lojista dispõe.

Em nome de tudo o que é claro e forte e bom em ti, ó Zaratustra, cospe sobre esta cidade de lojistas e segue o teu caminho.

Aqui corre sangue pútrido, tépido e espumoso em todas as veias; cospe sobre a Grande Cidade, sobre este grande vazadouro onde fermentam todas as lias.

Cospe sobre esta cidade das almas deprimidas e dos peitos estreitos, dos olhos penetrantes, dos dedos viscosos — sobre esta cidade dos importunos, dos impudentes, dos escritorecos e dos palradores, dos ambiciosos exasperados, — onde fermenta uma única purulência tudo o que é cariado, desconsiderado, lascivo, sombrio, sorvado, purulento,

subversivo — cospe nesta Grande Cidade e torna sobre os teus passos!»

Neste ponto, porém, Zaratustra interrompeu o louco furioso tapando-lhe a boca com a mão:

«Não acabarás por te calar? — exclamou Zaratustra — há muito tempo que os teus discursos e as tuas maneiras me aborrecem!

Por que tens vivido tanto tempo à beira do pântano a ponto de tu mesmo te converteres em rã ou sapo?

Não terás nas tuas próprias veias o sangue pútrido e espumoso dos pântanos, para tão bem teres aprendido a coaxar e a blasfemar?

Por que não te retiraste para a floresta? Por que não foste lavar a terra? E não está o mar coberto de ilhas verdejantes?

Desprezo o teu desdém; e já que me prevines, porque não te preveniste a ti mesmo?

O meu desprezo, e a pequena ave que me serve de presságio, é do fundo do meu amor e não do pântano que tomam impulso.

Chamam-te o meu macaco, doido raivoso; mas eu chamo-te o meu porco grunhidor; o teu grunhido estraga-me até o elogio que fiz da loucura.

O que é que a princípio te fez grunhir? Foi porque não te lisonjearam bastante; por isso te sentaste ao lado dessas imundícies, a fim de teres razões para grunhir muito — a fim de teres razões para te vingar desses grunhidos. A vingança, louco raivoso, é que te faz espumar. Vai-te embora, adivinhei-te completamente!

Mas as tuas considerações de louco prejudicam-me, mesmo quando tens razão. E ainda que Zaratustra tivesse mil vezes razão em palavras, tu, servindo-te das minhas próprias palavras, conseguirias ter sem-razão.

Assim falava Zaratustra; e olhando a Grande Cidade, suspirou e ficou muito tempo calado. Por fim disse assim:

Também eu sinto repugnância por esta Grande Cidade, e não apenas este louco. Não há nada que ainda se possa melhorar ou piorar neste ou naquele.

Ai desta Grande Cidade! Queria ver já a coluna de fogo que a há-de consumir, porque tais colunas de fogo hão-de preceder o grande Meio-dia. Mas isto há-de vir a seu tempo, conformemente o destino.

Quanto a ti, louco, eis o preceito que te dou à guisa de adeus:
«Onde já não há nada para amar — segue o teu caminho».

Assim falava Zaratustra, e afastou-se, deixando atrás de si o louco da Grande Cidade.

8. Dos Trânsfugas

1

«Será necessário, ai de mim! que tudo o que ainda recentemente cobria de verdura e de flores a planura esteja já murcho e cinzento? E quanto mel de esperança eu daqui levei para encher as minhas colmeias ?

Todos estes corações juvenis se tornaram já velhos? Nem sequer velhos, mas cansados, vulgares, indolentes — é a isso que chamam voltarem a ser piedosos.

Ainda ontem os via pôr-se a caminho com passo decidido, desde o nascer do sol, mas os pés do seu Conhecimento fatigaram-se e ei-los que caluniam, ainda por cima, a sua decisão matinal.

Na verdade, mais de um mexia as pernas como um bailarino, ao apelo do riso que está encerrado na minha sabedoria; mas depois refletiu. Acabo de o ver, curvado, rastejar aos pés da Cruz.

Dantes cingiam com o seu voo a luz e a liberdade, como fazem as falenas e os jovens poetas. Envelheceram, arrefeceram, e ei-los já amigos das trevas, resmungadores e caseiros.

Desfaleceram porque a solidão me engoliu, como uma baleia? Prestaram ouvidos durante muito tempo e ardentemente, em vão, às minhas trombetas e aos meus clamores de arauto?

Ai! Nunca foram numerosos aqueles cujo coração estava pleno de grande coragem, de grande audácia; e nesses o próprio espírito se mantém paciente. O resto é covarde.

O resto é sempre a maioria, a banalidade, o excesso, os supérfluos — todos esses são cobardes.

Aquele que for da minha raça tropeçará no seu caminho com aquilo em que tropeçam os da minha raça; e terá por primeiros companheiros cadáveres e saltimbancos.

Mas os companheiros que aparecem em segundo lugar, chamar-se-ão seus fiéis: enxame turbulento, muito amor, muita loucura, muita veneração ainda imberbe.

Não ligará o seu coração a estes fiéis, se for da minha raça; não acreditará nestas primaveras e nestes prados esmaltados de flores, se conhece a raça fugidia e cobarde dos homens.

Se pudessem fazer de outra maneira, quereriam também fazer de outro modo. Os que não são nem carne nem peixe estragam tudo o que é puro. As folhas murcham? Por que havemos de o deplorar?

Deixa-as ir, deixa-as cair, ó Zaratustra, sem te lamentar. Faz antes com que sobre elas soprem ventos crestantes, sopra sobre essas folhas, ó Zaratustra, e que tudo o que está *murcho* voe para muito longe de ti!»

2

«Voltamos a ser piedosos» — eis o que confessam estes trânsfugas; e alguns são até demasiado cobardes para o confessar.

Esses, leio-o nos seus olhos, digo-lho na cara, em pleno rubor das suas faces: «Vós sois os que voltam a *rezar*!

Rezar, todavia, é uma vergonha! Não para toda a gente, mas para ti e para mim, e para quantos têm a sua consciência no cérebro. Para ti é uma vergonha rezar!

Bem no sabes: o covarde demónio que está em ti, o que se compraz em pôr as mãos e em cruzar os braços e que tem uma vida mais fácil, é o covarde demónio que te sussurra que existe, apesar de tudo, um Deus.

Por isso, tu pertences aos que receiam a luz, a quem a luz impede de dormir; de ora em diante vai-te ser necessário meter cada vez mais, todos os dias, a cabeça na noite e no nevoeiro.

E, na verdade, escolheste bem a tua hora; porque as aves noturnas acabam de levantar voo novamente.

Chegou a hora de quantos temem a luz, a hora vespéral em que o trabalho descansa — mas eles não *descansam* de modo nenhum.

Oiço-o e sinto-o: é para eles a hora da caçada, em que se põem à procura, não a hora de uma caçada desenfreada, mas de uma caçada muito prudente, um pouco tolhida e fungadora que se faz a passos furtivos, enquanto se resmungam preces. Uma caçada aos poltrões sentimentais. Todas as ratoeiras para apanhar corações estão nos seus lugares. E logo que afasto uma cortina, sai precipitadamente alguma pequena falena noturna.

Estaria ali acaçapada com outra pequena falena? Que eu por toda a parte pressinto pequenas comunidades clandestinas; e basta a

existência de compartimentos de grande pé direito para encontrarmos novas confrarias beatas, com o seu fedor de confrarias beatas.

Passam reunidas longas noites, repetindo: «Tornemo-nos semelhantes às criancinhas e aprendamos a dizer outra vez: «Meu bom Deus». E deixam estragar o gosto e o estômago pelos seus piedosos confeitores.

Ou passam noites inteiras a observar uma aranha da cruz, uma aranha astuta que espreita e prega a astúcia às próprias aranhas, declarando que é bom tecer debaixo da Cruz.

Ou passam dias inteiros sentados na margem dos pântanos, com a cana de pesca na mão — e julgam que aquilo é ser *profundo*! Mas pescar onde não há peixe é, declaro-o, mostrar-se ainda menos do que superficial.

Ou vão a casa de qualquer poeta aprender a tocar harpa de maneira alegre e piedosa ao mesmo tempo, — a casa de um desses poetas que cantam com a sua harpa para lhes abrir o acesso para o coração das jovens, porque estão cansados das velhas e dos seus elogios.

Ou vão aprender o grande arrepio com algum sábio meio louco que espera em quartos obscuros que apareçam os espíritos — e lhe tirem o espírito.

Ou vão escutar um velho tocador de flauta ou de gaita de foles a quem os ventos tristes ensinaram toadas lúgubres; e precisam de uma música ritmada, pelo vento que sopra e lhes prega com voz lúgubre uma doutrina lúgubre.

E alguns até se tornam guardas noturnos; sabem agora tocar buzina, rondar de noite e despertar antigas coisas há muito tempo adormecidas.

Ontem à noite, ao lado da parede do jardim, ouvi cinco frases a propósito dessas coisas velhas; foram ditadas por alguns desses velhos e tristes guardas noturnos mumificados.

«Sendo Pai, não trata suficientemente dos filhos: os pais humanos fazem-no melhor do que ele.

«E demasiado velho. Deixou completamente de tratar dos filhos», respondia o outro guarda noturno.

«Mas, verdadeiramente, terá ele filhos? Ninguém o pode provar a não ser que eles forneçam a prova. Há muito tempo que eu gostaria de o ver prová-lo irrefutavelmente.

«Provar? Como se alguma vez tivesse dado uma prova qualquer! É-lhe difícil provar; gosta mais de ser *acreditado*».

«Sim, sim! Salva-o a fé, a fé que se tem nele. Os velhos também são assim feitos. Somos muito parecidos com ele».

Assim conversavam os dois velhos guardas noturnos, esses espantalhos da luz, e depois tocavam melancolicamente nas suas pequenas buzinas; eis o que se passou ontem à noite, ao lado da parede do jardim.

Entretanto o meu coração contorcia-se de riso, a ponto que parecia ir estalar, e não sabendo onde se meter pesava sobre o diafragma.

Na verdade, acabarei por morrer de riso, vendo asnos embriagados e ouvindo guardas noturnos duvidarem assim de Deus.

Não passou *há muito* o tempo de duvidar desta maneira? Quem, nesse caso, se permitiria acordar estas velhas coisas adormecidas que receiam a luz?

Há muito tempo que os deuses antigos estão mortos; e na verdade morreram com uma boa e festiva morte, como convém aos deuses.

Não passaram pelo «crepúsculo» — é uma mentira dizê-lo! Pelo contrário, um belo dia morreram — de riso, no dia em que um deus

proferiu a mais ímpia das frases: «Só há um Deus. Não terás outro Deus a par de mim!

Este deus barbaças, este velho colérico, este velho ciumento deixou-se arrastar até este ponto.

E todos os deuses desataram a rir e a vacilar nos seus assentos e exclamaram: «Não se baseia precisamente o que é divino na existência de deuses, e não de um Deus?»

Quem tiver ouvidos para ouvir que oiça.»

Assim falava Zaratustra na cidade que amava e que se chama a Vaca Malhada. Daí tinha ainda dois dias de caminho para chegar à sua caverna e aos seus animais, mas a sua alma exultava sem cessar com a ideia do próximo regresso.

9. O Regresso

«Ó solidão, solidão minha pátria! Muito tempo vivi no estrangeiro, como estrangeiro, para não regressar a ti com lágrimas.

Ameaça-me agora com o dedo, como fazem as mães: sorri-me como fazem as mães, e diz somente: «Ei-lo finalmente, aquele que um dia fugiu de mim como um furacão, e que ao deixar-me exclamou:

«Vivi durante muito tempo em companhia da minha soledade, por isso deixei de saber calar-me». Foi isso sem dúvida o que ora aprendeste?

Ó Zaratustra, sei tudo, e que te sentiste *mais abandonado*, sozinho, entre a multidão, do que jamais o estiveste junto de mim. Uma coisa é o abandono, e outra a solidão; eis o que aprendeste agora, e que entre os homens te sentirás sempre um estranho, um bárbaro, estranho e bárbaro mesmo que te amem; porque, primeiro que tudo, querem que se lhes *guarde consideração*.

Mas aqui estás em tua casa, no teu lar, na tua casa; aqui podes dizer tudo e espriar-te à tua vontade; aqui nada se envergonha de sentimentos ocultos e tenazes.

Aqui todas as coisas se aproximam acariciadoramente do teu apelo, e amimam-te; porque te querem subir para o ombro. Todos os símbolos são bons para te levar à conquista de todas as verdades.

Aqui podes falar a todas as coisas, com retidão e franqueza, e na verdade falar-lhes com retidão é uma lisonja para os seus ouvidos.

Mas outra coisa é o abandono. Recordas-te, Zaratustra do dia em que a tua ave se pôs a gritar por cima de ti estando tu na floresta, indeciso, sem saber para onde ir, frente a frente com um cadáver? — tu dizias então: «guiem-me os meus animais! Constatei que é mais

perigoso viver entre os homens do que entre os animais:» — Isso, era o abandono!

E lembras-te, Zaratustra, do tempo em que vivias na tua ilha, fonte de vinho entre baldes vazios; dando, esvaziando-te sem cessar, vertendo, vertendo-te, entre os que tinham sede, até ao dia em que acabaste por ser o único sequioso no meio de pessoas bêbedas, e te puseste a gemer de noite: «Não haverá mais felicidade em aceitar do que em dar? E mais felicidade em roubar do que em aceitar?» E isso era abandono.

E lembras-te, Zaratustra, da Hora do supremo silêncio, que te arrancou a ti próprio segredando-te com voz maliciosa: «Diz o que tens a dizer, e depois sucumbe! — essa hora que te desgostou da tua espera e do teu silêncio, e que desencorajou o teu humilde silêncio — isso era abandono».

Ó solidão, solidão da minha pátria! Como é divina e terna, a tua voz que me fala!

Nós não nos interrogamos, não trocamos queixas, passamos muitas vezes lado a lado pelas portas abertas.

Porque em ti tudo está franco e claro, e as próprias horas correm aqui com passo mais leve. Nas trevas, com efeito, o tempo pesa-nos mais do que na luz.

Aqui todas as palavras do ser e os seus compartimentos mais secretos se abrem para mim; aqui todo o ser deseja fazer-se verbo, todo o devir reclama que lhe ensinem a falar.

Além, pelo contrário, todo o discurso é vão. Além, a melhor sabedoria consiste em esquecer, em seguir o seu caminho — eis o que aprendi agora.

Para compreender tudo do homem seria necessário aprender tudo o que há nele: mas para isso tenho as mãos limpas demais.

Até o seu hálito, que não gosto nada de respirar. Ai! Por que vivi tanto tempo entre o seu ruído, no seu hálito viciado?

Ó silêncio bem-aventurado que me cerca! Ó puros aromas à minha volta! Ó silêncio que arranca do fundo do meu peito um sopro puro! Oh! Como este bendito silêncio escuta!

Além, pelo contrário, tudo fala e nada se ouve. Bem pode uma pessoa anunciar o seu saber a toques de campainha, os mercadores do lugar abafarão o som do apelo com o retinir das suas pesadas moedas.

Entre eles todos falam e ninguém sabe compreender. Tudo cai à água mas nada cai em fontes profundas.

Entre eles tudo fala e nada resulta nem alcança a maturidade.

Todos cacarejam, mas não haverá um para ficar no ninho a chocar os ovos.

Entre eles tudo fala, tudo transita em palavras. E o que ainda ontem parecia demasiado coriáceo para o tempo e para o dente do tempo, pende hoje gasto e roído das maxilas dos homens de hoje.

Entre eles, tudo fala, tudo se divulga. E o que antigamente se chamava mistério e segredo das almas profundas pertence hoje aos pregoeiros e outros tagarelas.

Ó singular natureza humana! Estrondo das ruelas obscuras! Agora que vos deixei atrás de mim, o meu maior perigo já passou.

Poupar os homens, ter piedade deles — tal foi sempre para mim o maior perigo; porque tudo o que é humano pede para ser poupado e tolerado.

Pleno de verdades dissimuladas, com mão dúplice e coração dúplice, rico em miúdas mentiras piedosas, tal vivi sempre entre os homens.

Usava entre eles um disfarce, sempre pronto a fazer-me mal para melhor os suportar, e comprazendo-me em dizer: «És um louco, não conheces os homens!»

Esquece-se o que os homens são vivendo entre os homens; entre eles há demasiado primeiro plano bem à vista; para que servem então os olhos perfurantes, apaixonados pelas distâncias?

E quando eles me desconheciam, era bastante estúpido para os poupar ainda mais, e mais do que a mim mesmo, pois estava habituado a mostrar-me rigoroso para mim próprio e a vingar-me em mim, ainda por cima, dessas indulgências.

Assim vivia entre eles, crivado de picadelas de moscas venenosas, roído como a pedra por inúmeras gotículas de maldades e persuadi-me ainda de que toda a pequenez é inocente da sua pequenez.

Os que se dizem bons pareceram-me ser as moscas mais venenosas entre todas; picam com toda a inocência, mentem com toda a inocência. Como poderiam eles mostrar-se justos para comigo?

A piedade ensina a mentir aos que vivem entre os bons. A piedade torna a atmosfera carregada para todas as almas livres. Ora a estupidez dos bons é insondável.

Ocultar-me, encobrir a minha riqueza, eis o que além aprendi; porque os encontrei pobres de espírito a todos, ainda por cima.

A mentira da minha compaixão foi discernir em cada um deles, em cada um deles vi e senti a dose de espírito que ele podia suportar; e qual a dose que ele já não tolerava.

Aos seus rígidos sábios, chamei sábios, mas não rígidos; assim aprendi a engolir as palavras. Aos seus coveiros chamei pesquisadores, exploradores; assim aprendi a trocar palavras.

Os coveiros contraem doenças nas suas escavações. Sob os velhos escombros dormem exalações insalubres. Não é necessário remover os pântanos. É preciso viver na montanha.

As minhas narinas deleitavam-se em respirar de novo a liberdade montanhesa! O meu nariz libertou-se afinal de todos os mofos das coisas humanas.

Cocegada por ásperas nortadas semelhantes a vinhos espumosos, a minha alma espirra — espirra e diz alegremente a ela própria: «À tua saúde!»

Assim falava Zaratustra.

10. Dos Três Males

1

«Em sonho, no meu último sonho de madrugada, encontrava-me hoje de pé num promontório, para além do mundo, e com uma balança na mão, pesava o mundo.

Oh! Porque seria necessário que a aurora me surpreendesse demasiado cedo! Despertou-me com o seu ardente reflexo, a invejosa! Que ela é sempre invejosa do ardor do meu sonho matinal.

Mensurável para o que tem tempo, pesável para um bom pecador, acessível às asas vigorosas, decifrável pelos adivinhos decifradores de enigmas: tal me apareceu o mundo em sonho.

O meu sonho, ousado navegante, feito de navio e de furacão, mudo como uma borboleta, impaciente como um falcão de raça — como soube ter paciência e gastar o seu tempo para pesar o mundo esta manhã!

Teria sido a minha sabedoria que lhe falava em segredo, a minha sabedoria diurna, risonha e desperta, que se ri de todos os «mundos infinitos»? Porque, diz ela, onde há energia o número é soberano, é ele que acaba por vencer.

Com que olhar seguro o meu sonho dominava este mundo acabado! Com um olhar onde não havia nem desejo de novidade, nem lamento do passado, nem temor, nem súplica.

Semelhante a uma grande maçã que se tivesse oferecido à minha mão, uma maçã de ouro muito madura, de pele suave, fresca e aveludada assim se me oferecia o mundo.

Semelhante a uma árvore que me acenasse, uma árvore de grandes ramos, de vontade firme, curvada como para oferecer um encosto ou um escabelo ao viajante — assim se levantava o mundo no meu promontório.

Como se graciosas mãos me tivessem estendido uma caixinha aberta, para encanto dos meus olhares tímidos e respeitosos — assim me apareceu o mundo nessa manhã.

Nem suficientemente enigmático para afugentar a ternura humana, nem bastante categórico para adormecer a sabedoria humana — uma coisa boa, uma coisa humana: tal me parecia o mundo nessa manhã, esse mundo de que tanto mal se diz.

Quantas graças tenho de dar ao meu sonho de antes da aurora que, a partir da alva desta manhã, me permitiu pesar o mundo! Veio a mim como uma coisa boa, uma coisa humana, esse sonho consolador.

E para hoje o igualar e para aprender pouco e pouco a conhecê-lo e a imitá-lo no que ela tem de melhor, vou pesar na minha balança os três males maiores, e vou pesá-los com toda a bondade humana.

O mestre que ensinou a abençoar ensinou também a amaldiçoar. Quais são as três coisas mais amaldiçoadas neste mundo? Vou pô-las nas minhas balanças.

A voluptuosidade, o desejo de dominar, o egoísmo, eis as três coisas mais amaldiçoadas, mais cruelmente vilipendiadas e caluniadas, vou pesá-las às três com toda a bondade humana.

Coragem! Eis aqui o meu promontório, e eis o mar que vem rolar a meus pés, luzidio, lisonjeador, velho monstro fiel de cem cabeças, velho cão a quem amo.

Coragem! Vou levantar as minhas balanças por cima do mar ondulante, e vou escolher uma testemunha que nos fiscalizará. Serás tu, árvore solitária de poderosos aromas, de amplas frondações — árvore solitária a quem amo!

Qual é a ponte que leva do outrora para agora? Qual é a força que compele o que é alto a abaixar-se? E como se pode obrigar a subir ainda mais o que há de mais elevado?

Eis que a balança em equilíbrio se imobiliza. Lancei nela três pesados problemas; o outro prato sustém três pesadas respostas.»

2

«Voluptuosidade: agulhão, espinho na carne de todos os detratores do corpo, sob os seus cilícios; murchos como «profanos» por todos os que acreditam no Outro mundo, porque ri e moteja de todos os senhores da desordem do erro.

Voluptuosidade: para os infames um fogo lento em que são consumidos, para toda a madeira carcomida, para todos os farrapos hediondos o forno e a fornalha completamente preparados.

Voluptuosidade: para os corações livres, inocente e livre, paraíso terrestre, efusão reconhecida do futuro pelo presente.

Voluptuosidade: veneno adocicado, mas apenas para o homem murcho; para as vontades leoninas o maior cordial, o vinho dos vinhos respeitosamente poupado.

Voluptuosidade: a grande felicidade que serve de símbolo a toda a felicidade superior, a toda a esperança superior. A tantas coisas, com efeito, é permitido o casamento, e mais do que o casamento, a tantas coisas mais estranhas uma à outra do que o homem e a mulher — e

quem alguma vez compreendeu até que ponto o homem e a mulher são estranhos um para o outro?

Voluptuosidade: mas tenho de limitar a velocidade dos meus pensamentos e até as minhas palavras com medo de que os meus jardins sejam invadidos pelos sórdidos e pelos exaltados.

Desejo de dominar: verdascas ardentes reservadas aos corações mais endurecidos; cruel martírio reservado ao mais cruel; sombria chama das fogueiras onde rechina a carne viva.

Desejo de dominar: tabão cruel imposto aos povos mais orgulhosos; insulto a toda a virtude incerta; cavaleiro que cavalga todas as montanhas e todos os orgulhos.

Desejo de dominar: tremor de terra que quebra e despedaça tudo o que é oco ou carcomido: avalanche destruidora que rola roncando e castiga os sepulcros caiados; relâmpago interrogador que surge ao lado das respostas prematuras.

Desejo de dominar: ante cujo olhar o homem rasteja e se torna mais humilde e mais servil e mais baixo do que a serpente ou o porco — até à hora em que nele acorda o grito do seu grande Desprezo.

Desejo de dominar: mestre temível do grande Desprezo, que prega abertamente às cidades e aos reinos: «Desaparecei!» até que uma voz acorda neles, que exclama: «*Desapareçamos!*»

Desejo de dominar: mas como chamar vício a essa grandeza que condescende com o poder? Na verdade, não há nada de mórbido, nada de cúpido em semelhantes desejos, e semelhantes condescendências.

Que a grandeza solitária não queira ficar eternamente solitária a nutrir-se de si mesma, que a montanha se incline para o vale e que os ventos das alturas desçam para as depressões, oh! quem pudesse dizer o verdadeiro nome, o nome de virtude que convém a semelhante aspiração? «Virtude dadivosa», tal é o nome que Zaratustra deu um dia a esse indizível sentimento.

E aconteceu também então — e na verdade foi pela primeira vez que sucedeu — que celebrou o *egoísmo*, o egoísmo intacto e são que tem a sua origem numa alma poderosa, na alma poderosa à qual pertence um corpo realizado, belo, vitorioso, agradável aos olhos, do qual todas as coisas desejam ser o espelho, um corpo flexível e sedutor, um dançarino que tem como símbolo e como expressão a alma que se compraz consigo mesma.

O prazer espontâneo que tais corpos e tais almas encontram neles mesmos a si mesmo se dá o nome de «virtude».

Este amor por si protege-se por meio das fórmulas do Bem e do Mal como se se rodeasse de florestas sagradas; os nomes que dá à sua ventura afastam para longe de si como um feitiço tudo o que é desprezível.

Desterra para longe de si qualquer cobardia. E diz: o mal é ser covarde! Despreza os corações inquietos, gemedores, lastimosos, e os que arrebanham até o mais ínfimo lucro.

Despreza a sabedoria lamurienta — porque, na verdade, há também uma sabedoria que floresce na obscuridade, uma sabedoria de sombra noturna que suspira continuamente: «Tudo é vão!»

Não tem nenhuma estima pela desconfiança medrosa, nem pelos que exigem juramentos em vez de olhares e de apertos de mãos, nem pela sabedoria demasiado circunspecta que é própria das almas covardes.

Ainda estima menos a servilidade solícita, os cães rastejantes que imediatamente se deitam humildemente de costas; porque existe também uma sabedoria humilde e servil, dócil e solícita.

O que ele odeia acima de tudo, o que lhe repugna até, é o homem que nunca se defende, o que engole o veneno das más palavras e dos maus olhares, o homem passivo e paciente, que tudo suporta, que com tudo se contenta; porque se trata de maneiras servis.

Quer a servilidade se dirija aos deuses e às suas divinas cotoveladas, ou aos homens e às suas estúpidas opiniões humanas, o egoísmo divino cospe com desprezo em qualquer servilismo, seja qual for.

Chama mau a tudo o que é curvado, servil, avaro, aos olhos vessos e submissos, aos corações contritos, e à maneira hipócrita e complacente de prodigalizar os beijos de grossos lábios moles.

E em todas as raciocinações de escravos, dos velhos, dos esgotados, só vê uma sabedoria sopesada, nomeadamente nas loucas absurdidades, supersticiosas e cheias de encaixes que os padres recitam.

Mas todos esses sábios senis, todos esses padres, todos esses seres cansados da vida, todas essas almas de mulheres e de escravos, oh! como sempre causaram embaraços ao jogo do egoísmo!

E seria essa a virtude, e chamar-se-ia virtude a tudo o que causa embaraços ao jogo do egoísmo! E todos esses cobardes aborrecidos da vida, todas essas aranhas que carregam a cruz desejariam viver sem egoísmo?

Para todos eles, porém, há-de chegar o dia, a metamorfose, o gládio da justiça, o Grande Meio-dia em que tantas coisas serão reveladas.

É aquele que proclama que o Eu é são e sagrado, e o egoísmo desejável, aquele que é profeta do grande Meio-dia, diz também porque o sabe: Vede: aí vem, aproxima-se já o Grande Meio-dia!»

Assim falava Zaratustra.

11. Do Espírito de Gravidade

1

«A minha linguagem — é a do povo; linguagem muito forte e muito franca para os delicados. E a minha palavra parece ainda mais insólita aos escritorzecos e aos rabiscadores de todas as qualidades.

A minha mão — é a de um louco. Pobres de todas as mesas, de todas as paredes, de quanto oferece ainda um campo livre para loucos arabescos, para rabiscos de louco.

O meu pé — é casco de cavalo. Trota e galopa a despeito de todos os obstáculos, para a esquerda e para a direita, e as suas carreiras rápidas dão-me um prazer do diabo.

O meu estômago — não será antes um estômago de águia? O que ele prefere é carne de cordeiro. É em todo o caso um estômago de ave.

Sustentado com uma carne inocente, satisfeito com pouco, sempre pronto para o voo, impaciente por voar, ganhar voo, eis como sou. Como não havia de ter alguma coisa da ave?

E é sobretudo por odiar o espírito de Gravidade que tenho alguma coisa da ave; na verdade, sou seu inimigo mortal, abonado, jurado. Para onde, então, não voou já o meu ódio, desencaminhado?

A este respeito poderia fazer uma canção — e cantá-la-ia, se bem que, sozinho na sala vazia, só possa cantar para os meus próprios ouvidos.

Outros cantores precisam de uma sala cheia para sentir a garganta harmoniosa, a mão eloquente, o coração alerta, o olhar expressivo — mas não me pareço com eles.»

2

«Aquele que um dia ensinar os homens a voar deslocará todas as barreiras; fará saltar todas as barreiras, dará à terra um nome novo, chamar-lhe-á «a Leve».

O avestruz vence na carreira o cavalo mais rápido, mas enterra pesadamente a cabeça na terra pesada; tal o homem que ainda não aprendeu a voar.

A terra e a vida pesam-lhe, e é isso que quer o espírito de Gravidade. Mas aquele que quer tornar-se leve como uma ave deve amar-se a si mesmo; assim ensino eu: — não com o amor dos doentes e dos febris — porque nesses o mesmo amor próprio cheira mal.

É preciso aprender a amar-se a si próprio, tal é a minha doutrina, com um amor total e são, a fim de ficar preso a si mesmo em vez de vagabundear em todos os sentidos.

Esta vagabundagem intitula-se «amor ao próximo»; não há palavra que tenha servido para cobrir mais mentiras e hipocrisias, sobretudo por parte daqueles que se tornavam insuportáveis para toda a gente.

E na verdade, *aprender* a amar-se, não é uma máxima aplicável a partir de hoje ou de amanhã. É, pelo contrário, de todas as artes, a mais subtil, a mais astuta, a arte suprema, e aquela que requer mais paciência.

O que possuímos está-nos sempre escondido; e de todos os tesouros é o seu próprio que todos desenterram em último lugar. Assim o quis o espírito de Gravidade.

É quase que desde o berço que nos dotam com palavras pesadas, com valores pesados chamados «bem» e «mal», porque tal é o nome

deste património. Pelo preço desses valores, desculpam-nos o facto de viver.

E se os homens deixam vir a si as criancinhas, é para as impedir a tempo que se amem a si próprias; tal é a obra do espírito de Gravidade.

Quanto a nós, arrastamos conscienciosamente aquilo com que nos carregaram, nos nossos duros ombros, para além de rudes montanhas. E quando estamos encharcados em suor, dizem-nos: «Sim, a vida é difícil de levar!»

Mas é apenas o homem que tem dificuldade em levar-se a si próprio. Porque arrasta às costas demasiadas coisas heteróclitas. Como o camelo, ajoelha-se para se deixar carregar bem.

Mormente o homem vigoroso, resistente, cheio de respeito; carrega às costas muitas palavras pesadas, pesados valores que lhe são estranhos — e a vida parece-lhe então um deserto.

E na verdade, os nossos próprios bens são muitas vezes já difíceis de levar. E o homem, dentro de si, é apenas muito parecido com a ostra — repugnante, viscosa e difícil de apanhar, de tal forma que precisa de uma bela concha decorada com belos desenhos para falar a seu favor. Mas esta própria arte deve ser aprendida, quero dizer a arte de fazer uma concha para nós, com bela aparência e uma sábia cegueira.

E ainda por cima o que muitas vezes dá possibilidades, é ser esta concha frequentemente humilde e triste e ter em excesso o aspeto de uma concha. Ninguém adivinha a profusão de bondade e de força que ela dissimula; os manjares mais delicados não encontram amadores.

Sabem-no as mulheres, pelo menos as mais delicadas: uma suspeita de gordura a mais ou a menos, oh! quanta fatalidade se liga a coisa tão pouca!

O homem é difícil de descobrir, sobretudo quando se trata de se descobrir a ele mesmo. Muitas vezes o espírito mente a respeito da alma. Eis a obra do espírito de Gravidade.

Mas aquele que soube descobrir-se a si mesmo proclama: «Este é o meu bem, este é o meu mal.» Com isso tapou a boca à toupeira, ao anão que diz: «Um único bem para todos, um único mal para todos.»

Na verdade, também não me agradam aqueles que declaram que todas as coisas são boas e este mundo o melhor dos mundos. Digo que têm a satisfação fácil.

A satisfação fácil, que se acomoda com qualquer coisa, não é dos melhores gostos. Louvo as línguas e os estômagos recalcitrantes e difíceis que sabem dizer «Eu» e «Sim» e «Não».

Mastigar e digerir tudo, porém — é bom para os porcos, na verdade. Berrar a torto e a direito sim e amen, é o que aprendem os burros e aqueles que se parecem com eles.

Um amarelo torrado, um vermelho ardente — eis o meu gosto, que mistura sangue com todas as cores. Mas aquele que caia a casa de branco revela-me uma alma caiada de branco.

Uns estão apaixonados por múmias, outros por fantasmas, todos igualmente inimigos da carne e do sangue: oh! como me repugnam todos! Porque eu gosto do sangue.

E recuso-me a morar ou a demorar-me em lugares onde todos cospem e vomitam o que beberam; tal é o meu gosto. Preferiria muito mais viver no meio dos ladrões e dos perjuros. Ninguém traz o seu ouro na boca.

Mas ainda me repugnam mais os lambedores de escarros, e ao animal humano mais repugnante que conheço, chamei-lhe parasita, pois não quer amar, mas viver do amor que têm por ele.

Desgraçados, na minha opinião, são todos aqueles que só podem escolher entre duas coisas: ou tornarem-se animais ferozes ou ferozes domadores. Não construirei entre eles a minha tenda.

Desgraçados são também aqueles cujo destino é *esperar*; repugnam-me todos esses guardas-fiscais, tendeiros, reis, e outros mandriões ou monos.

Na verdade, também eu aprendi a esperar, mas a esperar-me a mim mesmo. E sobretudo aprendi a estar de pé, a andar, a correr, a saltar, a trepar, a dançar. Porque tal é a minha doutrina; se quisermos aprender um dia a voar, é preciso começar por aprender a estar de pé, a caminhar, a correr, a saltar, a trepar, a dançar.

Para aprender a voar não basta um único golpe de asa.

Aprendi a escalar mais de uma janela com escadas de corda; subi a mastros elevados com pernas ágeis; escarranchado nos elevados mastros do Conhecimento, experimentei uma felicidade muito apreciável.

As chamas errantes que se acendem no alto dos mastros não passam de um pequeno clarão, mas que grande consolo para todos os navegadores perdidos ou naufragados.

Tomei por muitos caminhos e servi-me de muitos meios para chegar à minha verdade, servi-me demais de uma escada para chegar à altura de onde o meu olhar percorre os longínquos espaços.

E foi sempre contrariado que perguntei o meu caminho, sempre isso me repugnou. Prefiro interrogar os próprios caminhos e experimentá-los.

Experimentar e interrogar é a minha maneira de avançar, e na verdade é também necessário *aprender* a responder a semelhantes perguntas. É esse o meu gosto.

Esse gosto não é bom nem mau, é o *meu* gosto; não tenho vergonha dele e dele não faço mistério.

«Eis o meu caminho; e vós, onde está o vosso?» É o que respondo aos que me perguntam o «caminho». O caminho, com efeito, não existe».

Assim falava Zaratustra.

12. Das Antigas e das Novas Tábuas

1

«Eis-me aqui rodeado de tábuas quebradas somente meio gravadas. Aqui estou, aguardando. Quando chegará a minha hora, a hora de voltar a descer e de perecer, porque uma vez ainda tornarei a descer para o lado dos homens?»

Eis o que espero agora; porque é necessário que apareçam primeiro os sinais anunciadores da minha hora: o leão risonho e cercado por um voo de pombas.

Enquanto espero, entretenho-me contigo mesmo, pois tenho tempo. Ninguém me conta coisas novas, por isso conto-me a mim mesmo.»

2

«Quando vim para o lado dos homens, achei-os bem estabelecidos numa antiga presunção. Todos julgavam saber há mais tempo o que para o homem é bem e mal.

Toda a discussão a respeito da virtude lhes parecia gasta e ultrapassada; e quando se queria dormir bem, antes de ir para a cama falava-se um pouco do bem e do mal.

Sacudi esta sonolência, quando ensinei: *Ninguém sabe ainda o que são o bem e o mal, a não ser o criador.*

Mas o criador, é aquele que cria um fim para os homens e fixa à terra o seu sentido e o seu futuro. Só dele depende que uma coisa seja boa ou má.

E prescrevi-lhes que se rissem dos seus sábios austeros e de todas as suas antigas cátedras e de todos os lugares que tinham sido ocupados por esta antiga presunção, e ordenei-lhes que se rissem de todos os seus grandes mestres de virtude, dos seus santos, dos seus poetas e dos seus redentores.

Prescrevi-lhes que se rissem dos seus sábios austeros e de todos os negros espantalhos que alguma vez se empoleiraram como uma ameaça na árvore da vida.

Sentei-me à beira da sua grande avenida funerária, com os cadáveres e os abutres, e ria-me do seu passado de esplendor carcomido e em ruínas.

À semelhança dos pregadores de quaresma e dos loucos, lancei o anátema sobre todos os seus bens grandes e pequenos. E ria-me: É preciso que o que eles têm de melhor seja tão pequeno! É preciso que o que eles têm de pior seja tão pequeno!

A minha sagesa abrasada de desejo exalava-se nesses gritos e nesses risos, um desejo nascido nos montes, uma sagesa bravia em verdade, o meu grande desejo de asas numerosas.

E muitas vezes o meu desejo arrastava-me para muito longe, para muito alto, e levava-me em pleno riso; eu então voava, vibrando como uma flecha, num êxtase embriagado de sol,

para remotos futuros que nenhum sonho viu, para meios-dias mais cálidos como nunca nenhum escultor sonhou, para os países onde os deuses na sua dança teriam vergonha do menor vestuário,

(e eis que falo em parábolas, e que balbucio como fazem os poetas, e na verdade tenho vergonha, de ter ainda de falar como poeta) —

sonho em que todo o devir me parecia dança divina e jogo divino, em que o mundo libertado e impetuoso se vinha refugiar em si mesmo;

e dir-se-iam deuses inumeráveis que fogem de si e se procuram, e encontram prazer em contradizer-se, depois em entender-se e em pertencer-se outra vez —

sonho onde o próprio tempo me parecia uma ironia divina para com o instante, em que a necessidade era a própria liberdade, brincando como deusa com o aguilhão da liberdade,

— sonho em que tornava a encontrar também o meu antigo demónio, o meu inimigo jurado, o espírito de Gravidade e tudo o que foi criado por ele: coação, leis, necessidade, efeito e fim e vontade, e bem e mal.

Não é necessário, com efeito, que haja coisas *para além* das quais se dança e que se passam dançando? Por amor mesmo dos seres leves, mais leves do que um sopro, não é necessário que haja também toupeiras e pesados anões?»

3

«Foi também lá que apanhei no meu caminho esta palavra: o «Super-homem», e este pensamento: o homem é uma coisa que deve ser superada.

Quer dizer que o homem é uma ponte, e não um fim, e que deve abençoar as horas do meio-dia e da tarde, que são o caminho de novas autoras.

Foi lá que encontrei o verbo zaratustriano do grande Meio-dia e tudo o que fiz luzir por cima da cabeça dos homens, como a púrpura de novos poentes.

Na verdade, fiz-lhes ver também novas estrelas, e noites novas, e estendi o meu riso com mais de mil cores sobre as nuvens, os dias e as noites.

Ensinei-lhes a fazer tudo o que quero e imagino; a fundir e a unir num todo o que no homem é fragmentário, enigma e horrível acaso.

Poeta, decifrador de enigmas e redentor do acaso, ensinei-lhes a serem criadores de futuro e a libertar com a sua atividade criadora tudo o que foi.

Salvar o passado no homem e transmutar tudo o que foi, até que a vontade declare: «Mas eu queria que fosse assim! E é o que quererei de ora em diante!»

Eis aquilo a que chamei a rude redenção, eis o que lhes ensinei a chamar a redenção.

Agora espero a minha própria redenção, a fim de poder voltar a descer pela última vez para o lado deles.

Porque pela última vez voltarei para junto dos Homens, e será no meio deles que desaparecerei; quero, ao morrer, oferecer-lhes o meu presente mais faustoso.

Quero nisso imitar o sol no poente, o astro de riqueza transbordante que derrama no mar o ouro da sua riqueza inesgotável,

de modo que o mais pobre pescador rema então com um remo de *ouro*. Vi-o com os meus olhos, uma vez, e não pude reter as lágrimas.

Será de maneira semelhante ao sol que Zaratustra perecerá; agora está ainda à espera, com antigas tábuas quebradas à sua volta, e outras também, tábuas novas, meio escritas.»

4

«Vede: eis aqui uma nova tábua. Mas onde estão os meus irmãos que me ajudarão a levá-la para os vales e a gravá-la nos corações de carne?

Eis o que o meu grande amor exigirá aos homens distantes: *Não poupes o teu próximo*. O homem é o que deve ser superado.

Há uma multidão de caminhos e de meios pelos quais uma pessoa se pode superar. A ti cabe pensar neles. Mas só um bufão pensa: «Quanto ao homem, basta *saltar-lhe por cima*.»

Vence-te a ti mesmo até na pessoa do teu próximo; e não aceites que te concedam um direito que estás em condições de conseguir à força.

O que tu fazes, ninguém to poderá devolver. Aqui está, não há retribuição.

O que não se sabe mandar a si mesmo só tem que obedecer. E há muita gente capaz de se mandar, mas é preciso que ele saiba obedecer.»

5

«Tal é a condição das almas nobres: não querem ter nada à custa de nada, e a vida menos do que qualquer outra coisa.

O homem vulgar quer viver sem nada dar em troca, mas nós, a quem a vida se deu, pensamos sempre no que lhe poderíamos oferecer em troca.

E, na verdade, eis aqui uma nobre frase: «As promessas que a vida nos fez, cabe a nós — mantê-las.»

Não devemos procurar o prazer a não ser que tenhamos prazer a oferecer em troca. E não é necessário, regra geral, *procurar o prazer*.

O prazer e a inocência são tudo o que há de pudico no mundo, e devemos defender-nos de os procurar. É preciso *possuí-los*. Mais vale ainda *procurar* a culpa e a dor.»

6

«Ó meus irmãos, todo o recém-nascido está destinado a ser sacrificado. E nós somos recém-nascidos.

Todos sangramos em altares secretos, ardemos e todos nos consumimos em honra de velhos ídolos.

O que temos de melhor e ainda jovem; isso excita o paladar dos anciãos. Temos a carne tenra, a nossa pelagem é uma pele de cordeiro — como não havíamos de excitar o apetite dos velhos sacerdotes idólatras?

É em nós que o trazemos ainda, o velho sacerdote idólatra que assa para se regalar a parte melhor da nossa carne. Ai! meus irmãos, como não haviam de ser sacrificados os recém-nascidos?

Mas tal é a nossa condição; e amo os que se não querem preservar. Amo de todo o meu coração os que perecem; porque vencem a ponte.

7

Verídicas: poucas pessoas sabem sê-lo. E aqueles que o sabem estão ainda longe de o querer. E menos do que ninguém, os bons.

Oh! esses bons! *Os bons nunca dizem a verdade*. Ser bom desta maneira, é uma doença do espírito.

Estão sempre prontos a ceder, esses bons, a render-se; o seu coração aprova, obedecem com toda a sua alma; mas aquele que ouve toda a gente deixa de se ouvir a si próprio.

É preciso reunir tudo a que os bons chamam mau para produzir uma única verdade; ó meus irmãos, sois bastante maldosos para produzir semelhante verdade?

Audácia temerária, prolongada desconfiança, recusa cruel, aversão, ferro que corta o que é vivo — como é raro encontrar tudo isto reunido! Mas é desta semente que nasce a verdade.

Foi na proximidade da má consciência que nasceu e se desenvolveu até agora toda a ciência. Quebrai, discípulos do Conhecimento, oh!, quebrai as antigas tábuas!

8

Enquanto houver madeiros estendidos sobre a água, enquanto houver pontezinhas e parapeitos vencendo o rio, na verdade não se dá crédito aos que pretendem que «tudo corre».

Até os próprios imbecis o contestam. «O quê?, dizem os imbecis, tudo corre? Contudo, os madeiros e os parapeitos mantêm-se firmes *por cima* do rio.»

«Tudo o que está *por cima* do rio é sólido, todos os valores das coisas, as pontes, as noções, o bem e o mal, tudo isso se mantém.»

Chega o rude inverno, o domador do rio, e os mais maliciosos aprendem a desconfiar; e na verdade apenas os imbecis são então capazes de dizer: «Não será verdade que tudo está — imóvel?»

«No fundo tudo permanece imóvel; eis um verdadeiro ensinamento do inverno, uma boa coisa para os tempos de esterilidade, um reconforto para os hibernantes e para os sedentários.

«No fundo tudo permanece imóvel»; mas é contra este facto que prega o vento do degelo, o degelo, touro que nada tem de boi de trabalho, touro furioso e destruidor, que rompe o gelo com cornadas. Ora o gelo, por sua vez, — *quebra as pontes*.

Ó meus irmãos, não é verdade que agora tudo corre? Não caíram à água todos os parapeitos, todas as pontes? Quem poderia ainda agarrar-se ao bem e ao mal?

«Ó infelicidade! Ó felicidade! Eis o vento do degelo!» Ide pregar esta verdade por todas as ruas, ó meus irmãos.»

«Existe uma velha quimera cujo nome é bem e mal. Foi em torno dos adivinhos e dos astrólogos que girou até agora a roda desta loucura.

Antigamente acreditava-se efetivamente nos adivinhos e nos astrólogos, e *era por isso* que se acreditava que tudo é fatal: «É tua obrigação porque é necessário».

Mais tarde troçou-se de todos os adivinhos e astrólogos e *foi por isso* que se acreditou que tudo é liberdade. «Podes o que quiseres.»

Ó meus irmãos, tudo o que se acreditou a respeito dos astros e do futuro nunca passou de ilusão, pois nunca se soube nada; é por isso que tudo o que se acreditou a respeito do bem e do mal nunca passou de ilusão, pois nunca se soube nada.»

10

«Não roubarás. Não matarás.» Estas palavras passavam outrora por sagradas; dobrava-se o joelho diante delas, curvava-se a cabeça e tiravam-se as sandálias.

Mas pergunto-vos, onde houve alguma vez piores salteadores, piores assassinos do que estas santas palavras?

Não implica a própria vida roubo e assassínio? E se tais palavras foram declaradas santas, não foi a *verdade* que se encontrou de repente — assassinada?

Ou declarar sagrado tudo o que contradiz e desaconselha a vida não era pregar a morte? Ó meus irmãos, quebrai, eu vos conjuro, quebrai as antigas tábuas!»

11

«O que me faz pena no passado, é vê-lo entregue sem defesa ao arbítrio, ao espírito e à loucura de todas as gerações a vir, que interpretarão tudo o que foi como uma ponte levando até elas.

Um grande déspota poderia sobrevir, um demónio pleno de astúcia que por bem ou por mal domasse o passado, e o forçasse a servir-lhe de ponte, de presságio, de arauto, de canto do galo.

Mas conheço outro perigo e outra razão de pena: a memória do homem comum ascende até ao seu avô, mas para além desse avô o tempo acaba.

Por isso o passado inteiro fica sem defesa, porque poderia um dia suceder que a população arrastasse e afogasse o tempo nas suas águas sem profundidade.

É por isso, ó meus irmãos, que precisamos de uma *nova nobreza*, inimiga de toda a população e de todo o despotismo, e que grave novamente em novas tábuas, a palavra «nobre».

Porque são necessários muitos nobres, e de essência diversa, para formar uma nobreza. Por outras palavras, como o disse em parábola: «o que é divino, é que haja deuses, mas não Deus.»

Ó meus irmãos, consagro e edifico em vós uma nobreza nova. Vós sereis, assim o quero, os pais, os educadores, os educadores e os semeadores do futuro.

Na verdade, não será uma nobreza que possais adquirir como os lojistas com ouro mercantil; porque tudo quanto tem preço, não tem nenhum valor.

De ora em diante poreis a vossa honra não nas vossas origens mas no termo que está diante de vós. Porque a vossa vontade, a vossa decisão de ir para além de vós mesmos constituem a vossa honra nova.

Na verdade, a vossa honra não será ter servido um príncipe — que importam os príncipes? — nem ter servido de amparo ao existente, a fim de o tornar mais sólido.

Não será porque a vossa linhagem tenha adquirido nas cortes maneiras cortesãs, e em terdes aprendido, coloridos como flamingos, a estar de pé durante horas em pântanos sem profundidade.

— porque é um mérito nos cortesãos saber estar muito tempo de pé, e todos os cortesãos pensam que depois da porta a beatitude comportará a autorização de se sentarem.

Não é que um espírito, chamado Espírito Santo, tenha conduzido os vossos avós para esta Terra Prometida que não me promete nada de bom; o país onde cresceu a pior das árvores, a árvore da Cruz, não tem nada de bom a prometer-me.

E na verdade, onde quer que esse «Espírito Santo» tenha conduzido os seus paladinos, via-se marchar na *primeira fila* desses exércitos cabras, gansos, cruzados e desmiolados.

Ó meus irmãos, que a vossa nobreza olhe não para trás mas *para longe diante de vós!* Vós sereis proscritos de todos os países dos vossos pais e bisavós.

O que deveis amar é o *pai dos vossos filhos*, e esse amor será a vossa nobreza nova, país ainda a descobrir, o mar mais distante. É ele que ordena às vossas velas que procurem sem descanso.

Tereis de *redimir* na pessoa dos vossos filhos o facto de serdes filhos dos vossos pais; será assim que vos libertareis de todo o passado. Tal é a tábua nova que ponho por cima das vossas cabeças.»

13

«Para que serve viver? Tudo é vão! Viver é trilhar palha. Viver, é consumir-se sem se aquecer.»

Estas cantilenas gastas passam ainda por sabedoria; quanto mais velha mais cheira a bafio, mais honrada é. A podridão é também um título de nobreza.

Para as crianças é que é bom falar assim! *Receiam* o lume porque nele se queimaram. Há muita infantilidade nos antigos livros da sabedoria.

E o que trilha eternamente palha, com que direito troça de quantos manejam o mangal? Seria preciso amordaçar tais loucos, os que se sentam à mesa sem levar nada, nem sequer um bom apetite, e que blasfemam em seguida: «Tudo é vão.»

Mas comer bem e beber bem, ó meus irmãos, é uma arte que não tem nada de vão. Quebrai, eu vos conjuro, quebrai as tábuas desses eternos descontentes!»

14

«Para os puros tudo é puro — é um ditado popular, mas eu vos digo: «Tudo é porco para os porcos.»

É por isso que os espíritos exaltados e desgostosos, os que têm o coração sempre inclinado, pregam: «O mundo não passa de um monstro lamacento.»

Porque todos esses são espíritos manchados, sobretudo aqueles que não têm paz nem sossego enquanto não virem o mundo por detrás — os ultramundanos.

A esses direi na cara, se bem que não seja agradável de ouvir: O mundo parece-se com o homem nisto, por ter também traseiro — é verdade.

Há muita lama no mundo — é verdade. Mas nem por isso o mundo é um monstro lamacento.

É por uma sábia distribuição que muitas coisas neste mundo cheiram mal; o próprio asco dá asas e forças para pressentir fontes por toda a parte.

O melhor de todos traz em si com que nos inspirar asco, e o melhor de todos é o que devemos superar.

Ó meus irmãos, é a própria sabedoria que pede tanta lama neste mundo!»

15

«Ouvi piedosos visionários do além ensinar à sua consciência máximas como estas, sem nelas pôr intenção de mentira ou de malícia, se bem que não haja nada no mundo mais falso nem mais pernicioso:

«Deixa o mundo continuar como está. Não lhe toques sequer com a ponta do dedo.

Deixa agir os que querem estrangular, apunhalar, degolar e esfolar os outros; não movais sequer o dedo mendinho para o impedir. Isso lhes ensinará a renunciar ao mundo.

E quanto à tua própria razão, agarra-a pela garganta, estrangula-a tu mesmo, porque é uma razão daqui em baixo. Isso te ensinará a renunciar ao mundo cá de baixo.»

Quebrai, eu vos conjuro, ó meus irmãos, quebrai as velhas tábuas desses devotos. Quebrai as máximas desses caluniadores da vida.»

16

«Aquele que aprende muito desaprende todos os desejos violentos» — eis o que hoje se murmura na obscuridade das ruelas.

«A sabedoria cansa — nada vale a pena — tu não cobiçarás» — encontrei esta *nova tábua* exposta até na praça pública.

Quebrai, eu vos conjuro, ó meus irmãos, quebrai também esta nova tábua! Os que a levantaram são pessoas que estão enfastiadas da vida, predicadores da morte, ou até carcereiros. Porque é uma predicação de servidão.

Eles não souberam aprender, não aprenderam bem, aprenderam muito cedo e muito depressa e por isso estragaram o estômago; não sabendo comer, estragaram o estômago — o seu espírito não passa de estômago doente, é ele que lhes aconselha a morte! Porque na verdade, meus irmãos, o espírito é efetivamente um estômago.

A vida é uma fonte de alegria; mas para o homem que deixa falar o estômago doente, pai de todas as aflições, todas as fontes parecem envenenadas.

Conhecer é uma *alegria* para as vontades leoninas. Mas quando se está cansado, é-se apenas «querido», é-se o brinquedo de todas as vagas.

E assim fazem todos os débeis, perdem-se no caminho. E para acabar, o seu cansaço pergunta ainda: «Por que é que nos pusemos alguma vez a caminho? Tudo é vão.»

Esses gostam de ouvir pregar: «Nada vale a pena. É preciso não querer nada.» Mas é uma pregação de servidão,

Ó meus irmãos, Zaratustra chega como uma rajada de vento fresco para todos os que estão cansados do caminho; há-de fazer espirrar muitos narizes.

O meu hálito livre até sopra através das muralhas e penetra até no interior das prisões e dos espíritos prisioneiros.

Querer liberta, porque querer, é criar; tal é a minha doutrina. É para aprender a criar que precisais de vos instruir.

E é de mim que *aprendereis* primeiro a aprender, a aprender bem. Quem tiver ouvidos que oiça!»

17

«Eis a barca — conduz talvez em pleno nada. Mas quem quererá embarcar para semelhante «Talvez»?

Nenhum de vós sobe de boa vontade para o esquife da morte. E pretendeis estar *cansados deste mundo*?

Cansados deste mundo! E nem sequer estais despegados da terra! Sempre vos encontrei desejosos da terra, enamorados do vosso próprio cansaço terrestre.

Não é em vão que fazeis beicinho; conservastes no lábio um restozinho de desejo terrestre. E nos vossos olhos, não ficou uma nuvenzinha de prazer terrestre ainda não esquecido?

Há na terra muitas e excelentes invenções, umas úteis, outras agradáveis; é por causa delas que a terra é amada.

Há invenções tão engenhosas que se parecem com o seio das mulheres: úteis e agradáveis ao mesmo tempo.

Mas vós que estais cansados deste mundo e demasiado preguiçosos para a terra, devíeis ser espancados com vergastas. Com vergastadas vos ensinariam a servir-vos das pernas.

Porque, a não ser que sejais doentes, desses seres gastos de que a terra se cansa, não passais de arganazes cheios de astúcia ou gatos gulosos e delicados, acaçapados nos cantos. E se não quereis tornar a *correr* alegremente, então ide para o diabo!

Não é preciso transformar-nos em médico dos incuráveis, assim ensina Zaratustra; por consequência, ide para o diabo!

Mas é preciso mais *coragem* para concluir do que para acrescentar uma estrofe; todos os médicos o sabem, e todos os poetas.»

18

«Ó meus irmãos, algumas tábuas foram criadas pela fadiga, outras pela preguiça, pela podridão; conquanto se exprimam da mesma forma, não é preciso ouvi-las da mesma forma.

Olhai este homem a morrer de sede. Falta-lhe apenas um passo para chegar ao fim, mas deitou-se desesperado na poeira, este valente!

Boceja de fadiga, boceja para o caminho, para a terra, para o seu objetivo e para ele mesmo, não dará mais nenhum passo, este valente!

E o sol queima-o, e os cães aparecem para lhe lambe o suor; mas ali jaz obstinadamente e prefere deixar-se morrer, morrer a um passo do fim! Na verdade, ser-vos-á necessário puxá-lo pelos cabelos para o elevar até ao seu céu, a esse herói!

Mais vale ainda deixá-lo onde se deitou, e que o sonho venha reconfortá-lo, com um rumor de chuva refrescante.

Deixa-o jazer até que acorde por si mesmo, e por si mesmo renegue qualquer cansaço e tudo o que, nele, demonstrava cansaço.

Tende somente cuidado, ó meus irmãos, em afastar dele os cães, os animais dissimulados e rastejantes e toda esta vermina buliçosa, esta vermina buliçosa das pessoas «ilustradas» que se regala com o suor dos heróis.»

19

«Traço em torno de mim círculos e cercas sagradas; tornam-se cada vez mais raros os que sobem comigo montanhas cada vez mais altas. Construo um maciço formado por cimos cada vez mais santos.

Mas onde quer que subais comigo, meus irmãos, olhai para não levardes *parasitas* convosco.

Um parasita é uma bicharia rastejante, insinuante, que quer engordar à custa dos vossos membros doentes e torturados.

A sua arte consiste em adivinhar quais são, entre as almas que iniciaram a ascensão, as que estão cansadas; é na vossa tristeza e no

vosso rancor, no vosso delicado pudor que ele constrói o seu ninho repugnante.

No ponto preciso onde o forte é fraco, onde o nobre é demasiado conciliante, é ali que constrói o seu ninho repugnante; o parasita aloja-se nas menores pisaduras dos grandes.

Qual é, entre os seres vivos, a espécie superior e a espécie inferior? O parasita é a espécie inferior, mas o ser superior é o que alimenta mais parasitas.

Como não havia de ser a alma que está munida com a escada mais comprida e que pode descer mais abaixo, também habitada pelo maior número de parasitas?

A alma mais espaçosa, a que traz em si maior espaço onde correr, extraviar-se e vagabundear, a alma que traz em si mais necessidade, e tem prazer em precipitar-se no acaso,

a alma repleta de ser e que mergulha no devir, a alma que possui tudo e todavia se lança voluntariamente no querer e no desejo,

a alma que foge de si mesma a fim de se encontrar outra vez consigo no círculo mais vasto, a alma mais sensata e a que tem mais prazer em ouvir a loucura,

a alma que melhor se ama a si mesma e em quem todas as coisas misturam as suas correntes e as suas contracorrentes, o seu fluxo e o seu refluxo, oh! como não há-de ter esta alma superior os parasitas mais perniciosos?»

20

«Ó meus irmãos, acaso serei cruel? Mas eu vos digo: ao que cai, é ainda necessário empurrá-lo.

Tudo o que é de hoje cai e sucumbe; quem quereria retê-lo? Mas eu quero ainda empurrá-lo.

Conheceis o prazer de lançar pedras nos precipícios abruptos? Essas pessoas de hoje, vede-as rolar nos meus precipícios.

Eu sou o prólogo que anuncia a entrada dos melhores atores, ó meus irmãos. Eu sou um exemplo. Segui o meu exemplo.

E aqueles a quem não ensinardes a voar, ensinai-lhes — *a cair mais depressa!*»

21

«Gosto dos valentes; mas não basta bater a torto e a direito; é preciso saber ainda no que se bate.

E muitas vezes há mais coragem em se conter e passar adiante, a fim de se reservar para um adversário mais digno.

Tende apenas inimigos dignos de ódio, e não inimigos desprezíveis; é necessário que possais estar orgulhosos dos vossos inimigos; já vos ensinei isso.

É necessário reservardes-vos para um adversário mais digno, meus amigos; por isso tereis de passar por cima de muitas ofensas, passar por cima de muita canalha que vos apedrejará os ouvidos com as palavras povo e nação.

Livrai o vosso olhar de se misturar às suas contestações. É um matagal de direitos e de abusos. Ter de considerá-los irrita.

Lançar aí os olhos — atirar-se para a confusão — é a mesma coisa; ide-vos pois para os bosques e deixai dormir a vossa espada.

Segui os caminhos que vos pertencem. E deixai povos e nações seguirem os seus caminhos escuros, na verdade, nos quais não brilha uma única esperança.

Deixai reinar os lojistas onde apenas há ouro dos lojistas. Já passaram os tempos dos reis; o que nos nossos dias traz o nome de povo não merece reis.

Vede estes povos, como eles imitam os lojistas; remexem até o lixo para extrair o mais sórdido lucro.

Estão à espreita uns dos outros, esmeram-se em se roubar uns aos outros — é a isso que chamam relações de «boa vizinhança». Ó tempos felizes e distantes em que um povo dizia: «Quero reinar sobre as nações».

Porque, meus irmãos, o que há de melhor deve reinar, o que há de melhor *quer* reinar. E quando se ensina outra coisa — é que *falta* esse melhor.»

22

«A esses, se lhes fosse dado o pão gratuitamente, infelicidade!, que reclamariam ainda? Na sua manutenção, eis no que se entretêm; é necessário tornar-lhes a vida dura.

É preciso que se tornem animais rapaces mais aperfeiçoados, mais subtis, mais astuciosos, mais *humanos* numa palavra. Porque o homem é o melhor animal carniceiro.

O homem já arrebatou aos animais todas as suas virtudes; é por isso que o homem é entre todos os animais aquele a quem a vida tem sido mais dura.

Só as aves lhe são superiores. E se o homem aprendesse também a voar, infelicidade!, *até onde* não subiria a sua rapacidade!»

23

«Eis como quero o homem e a mulher: ele apto para a guerra, ela para a maternidade, mas ambos aptos para a dança, tanto pela cabeça como pelas pernas.

E que se considere perdido todos os dias em que não tiver dançado ao menos uma vez; e que se considere falsa qualquer verdade que não seja acompanhada de risos!»

24

«Os casamentos que concluí, tomai cuidado para que não sejam falsas *conclusões*. Ligastes-vos com demasiada pressa; daí resulta uma pronta rotura.

E ainda vale mais romper abertamente do que sujeitar-se, mentir. Uma mulher disse-me uma vez: «É verdade que quebrei os laços conjugais, mas o meu casamento tinha-me quebrado antes.»

Sempre encontrei nos esposos mal irmanados os mais venenosos, os mais rancorosos dos seres. Obrigam o mundo inteiro a pagar o facto de já não terem liberdade de irem para onde muito bem lhes apetece.

Por isso quero que se diga com toda a lealdade: «amamo-nos; vejamos se nos continuaremos a amar, de preferência a assentar uma promessa num equívoco.

Concedei-nos um prazo, uma breve união que nos dirá se estamos aptos para a demorada. É uma grave coisa encontrarmo-nos sempre frente a frente.

Eis o conselho que dou aos que estão de boa fé; e a que se reduziria o meu amor ao Super-homem e a tudo o que deve vir, se vos desse outros conselhos ou outras palavras?

O importante não é somente propagar a vossa espécie; é também necessário levá-la mais acima. Possa, ó meus irmãos, o jardim do matrimónio ajudar-vos nesse esforço!»

25

«Aquele que está plenamente instruído quanto às antigas origens acabará por procurar também as fontes do futuro e das novas origens.

Ó meus irmãos, mais algum tempo e veremos nascer *povos novos*, e fontes novas lançar-se-ão rumorosas para novas profundidades.

O tremor de terra devora muitas fontes, causa muitas mortes; mas traz também para a luz energias íntimas, mistérios escondidos.

O tremor de terra revela fontes novas. O sismo que abala os povos antigos revela novas fontes.

E quando um homem clama: «Olhai, aqui está uma fonte que dessedentará muitos sedentos, um coração que baterá por muitos corações nostálgicos, uma vontade que encontrará muitos instrumentos», vemos reunir-se à sua volta um *povo*, quer dizer, uma multidão que tenha uma experiência.

Essa experiência dirá quem pode comandar, quem deve obedecer. Ai!, à custa de quantas demoradas pesquisas, de deliberações, de falhanços, de aprendizagens e de recomeços!

A sociedade humana é uma experiência, eis a minha doutrina; é uma longa pesquisa, mas o que se procura, é aquele que deve mandar.

É uma experiência, ó meus irmãos, e não um contrato. Quebrai, eu vos conjuro, essa fórmula dos corações cobardes e das vontades partilhadas!»

26

«Ó meus irmãos, onde reside o maior perigo de todo o futuro humano? Não é nos bons e nos justos, nos que dizem e sentem no seu coração: «nós sabemos desde já o que é bom e justo, e possuímo-lo também; desgraçados dos que procuram ainda!»

E qualquer que seja o mal que os maus possam fazer, o mal feito pelos bons é o pior dos males.

E qualquer que seja o mal que possam fazer os detratores da vida, o mal feito pelos bons é o pior dos males.

Ó meus irmãos, o homem que sondou até ao fundo dos corações dos bons e dos justos foi o que disse: «São fariseus». Mas não foi compreendido.

Os bons e os justos mesmo não o podiam compreender; a sua inteligência está cativa da sua boa consciência. A estupidez dos bons é de uma insondável inteligência.

Mas na verdade os bons são necessariamente fariseus — não têm escolha.

Os bons crucificam necessariamente o que inventa para seu próprio uso a sua própria virtude. Eis a verdade.

Mas o segundo que explorou este país — o país, o coração e o domínio dos bons e dos justos, — foi aquele que disse: «quem é que eles odeiam mais?»

Aquele que eles odeiam mais, é o criador, aquele que quebra as tábuas e os valores antigos; chamam criminoso a este destruidor.

Os bons, com efeito, são incapazes de criar; são sempre o princípio do fim.

Crucificam aquele que vem gravar valores novos em tábuas novas, sacrificam a eles mesmos o futuro, crucificam o futuro inteiro dos homens! Os bons sempre foram o começo do fim.»

27

«Ó meus irmãos, compreendestes também estoutras palavras, o que disse um dia a respeito do Último Homem.

Em que reside o pior perigo para a totalidade do futuro humano? Não será nos bons e nos justos?

Quebrai, eu vos conjuro, quebrai os bons e os justos! — Ó meus irmãos, compreendestes estas palavras?»

28

«Fugis de mim? Tendes medo? Tremeis ante estas palavras?

Ó meus irmãos, no dia em que vos disse para quebrar os bons e as tábuas dos bons, foi nesse dia que lancei a humanidade no altar-mor.

Foi somente então que ela conheceu o grande terror, a grande circunspeção, a grande enfermidade, a grande náusea, o grande enjoo.

Os bons indicaram-vos falsas margens e falsas seguranças; vós nascestes nas mentiras dos bons e nelas vos abrigastes.

Tudo foi falsificado e torcido pelos bons.

Mas o que descobriu esse país chamado «homem» descobriu também o país do «futuro humano». Quero que sejais de ora em diante navegadores ousados e pacientes.

Endireitai-vos a tempo, ó meus irmãos, aprendei a andar direito. O mar está agitado, mais de uma pessoa se tenta agarrar a vós.

O mar está agitado, tudo está no mar. Vamos, coragem, velhos lobos do mar!

Que importa o país dos nossos pais? Foi para o *país dos nossos filhos* que estabelecemos a rota. É para ele que se lança o nosso impetuoso desejo, o nosso desejo imenso, mais tempestuoso do que o mar.»

«Por que és tão duro? — perguntou um dia o carvão ao diamante.
— Não somos parentes chegados?»

«Por que tão moles? Ó meus irmãos, eis a pergunta que vos faço.
Pois não sois meus irmãos?»

Por que sois tão moles, tão brandos, tão indolentes? Por que existe tanta negação, tanta renúncia, nos vossos corações? Tão pouca fatalidade nos vossos olhares?

E se não quereis ser fatalidade e destino inexorável, como podereis ser um dia *vencedores*, como eu?

E se a vossa dureza se recusa a cintilar, a cortar, a talhar, como podereis ser um dia *criadores*, como eu?

Porque os criadores são duros, e é preciso que sintais a felicidade de imprimir a vossa mão sobre os milénios como sobre cera, a felicidade de gravar a vossa marca no querer dos milénios como num metal semelhante ao bronze — mais duro que o bronze, mais nobre que o bronze. O metal mais nobre é também o mais duro.

Eis a tábua nova que ponho agora por cima das vossas cabeças, ó meus irmãos: tornai-vos duros!»

«Ó minha vontade, esquina de todas as necessidades, necessidade inteiramente minha, preserva-me das vitórias mesquinhas!

Ó destino da minha alma, a quem chamo Destino, tu que estás em mim, acima de mim, preserva-me, reserva-me para um grande destino!

E a tua grandeza suprema, ó minha vontade, reserva-a para a tua proeza suprema — mostra-te inexorável na vitória. Ai!, quem é que não sucumbe à sua vitória?

Ai!, que olhos não se turvaram no crepúsculo dessa embriaguez? Ai!, que pé não tropeçou e não desaprendeu a firmeza, na vitória?

Faz com que esteja um dia pronto e preparado para o grande Meio-dia; pronto e preparado como o bronze em fusão, como a nuvem que carrega o raio, como o úbere inchado de leite,

preparado para mim próprio e para a minha vontade mais secreta — arco que aspira à flecha, flecha que aspira à estrela,

estrela pronta e madura no seu meio-dia, ardente e trespassada por uma flecha, desmaiada sob as flechas destruidoras do sol, ela mesma, sol e vontade solar inexorável, pronta a tudo destruir na sua vitória.

Ó vontade, esquina de qualquer necessidade, ó necessidade toda minha, reserva-me para uma grande e única vitória!»

Assim falava Zaratustra.

13. O Convalescente

1

Uma manhã, pouco depois do regresso à sua caverna, Zaratustra saltou da cama como um louco, gritando com voz terrível e gesticulando como se houvesse na sua cama outro homem que não se quisesse levantar; os seus animais acorreram espantados pelo som terrível da sua voz, e de todos os buracos e de todos os esconderijos próximos da caverna se escapou um formigamento de animais voando, adejando, rastejando ou saltando, cada um à sua maneira, conforme tinham patas ou asas. Mas Zaratustra pronunciou estas palavras:

«A pé, pensamento do abismo, surgido do fundo de mim mesmo!
Eu sou o teu canto do galo, o teu estremecimento matinal, monstro adormecido! A pé, a pé! A minha voz há-de acabar por te despertar.

Tira os tampões dos ouvidos, escuta! Porque te quero ouvir. A pé, a pé! Há aqui trovoadas bastantes para que os próprios túmulos ouçam.

Esfrega os olhos para varrer o sono e qualquer vestígio de estupidez e de cegueira!

Ouçam-me também os teus olhos! A minha voz cura os nado-cegos.

E uma vez acordado, quero que fiques acordado para sempre. Não costumo tirar avós do seu sono para lhes ordenar em seguida — que tornem a adormecer.

Mexes-te? Espreguiças-te? Suspiras? A pé, a pé! Não quero um resmungo, quero uma palavra. É Zaratustra, o ímpio!

Eu, Zaratustra, o advogado da vida, o advogado da dor, o advogado do Ciclo eterno — sou eu que te chamo, meu pensamento de abismo.

Ó felicidade!, aproximas-te, oiço a tua voz. O meu abismo *falou*, trouxe para a luz a minha última profundidade.

Ó felicidade! Vem! Dá-me a tua mão — ah!, deixa-me! Ah, ah! — Horror, horror, horror! Infeliz de mim!»

Apenas ditas estas palavras, Zaratustra desabou como morto e ficou como morto durante muito tempo. E quando voltou a si estava pálido e trémulo, e continuou caído sem nada querer comer nem beber durante muito tempo. Ficou sete dias nesse estado, mas os seus animais não o deixavam nem de dia nem de noite, a não ser quando a águia percorria às vezes os ares em busca de alimento. E o que encontrava e conseguia apanhar, depositava-o no leito de Zaratustra; de tal modo que Zaratustra acabou por estar deitado num leito de bagas amarelas e vermelhas, de uvas, de maçãs, de ervas aromáticas e de pinhas. A seus pés, contudo, estavam estendidas duas ovelhas que a águia roubara a muito custo aos seus pastores.

Enfim, decorridos sete dias, Zaratustra endireitou-se na cama, pegou numa maçã, cheirou-a e gostou do seu perfume. E os seus animais julgaram chegado o momento de lhe falar:

«Ó Zaratustra — disseram eles — há sete dias que aí jazes, com os olhos cerrados; não queres voltar a pôr-te de pé?

Sai da tua caverna. O mundo aguarda-te como um vergel. O vento brinca com os fortes perfumes que querem vir ao teu encontro. E todos os regatos desejam seguir o teu caminho.

Todas as coisas suspiram por ti, ao verem que estiveste afastado durante sete dias. Sai da tua caverna. Todas as coisas querem ser teus médicos.

Será alguma nova certeza que te surpreendeu, amarga e pesada? Jazias semelhante a uma massa que fermenta e a tua alma inchava e transbordava por todos os lados.»

— Ó meus animais — respondeu Zaratustra — continuai a vossa conversa e deixai-me dormir. A vossa conversa é para mim um tal reconforto! Desde que comecei a ouvir esta conversa, o mundo parece-me um vergel.

Que doces coisas são os sons e as palavras!

Não serão os sons e as palavras os arcos-íris as pontes ilusórias que estabelecem a ligação entre o que está eternamente separado?

Todas as almas têm um mundo seu; para cada uma delas, a alma de outrem é um mundo transcendente.

É entre aqueles que estão mais próximos que a ilusão faz cintilar as suas imagens mais belas; porque o abismo mais estreito é o mais difícil de transpor.

Como poderia haver para mim um não-eu? Não há mundo exterior. Mas esquecemo-lo quando vibram os sons; como é doce podermos esquecê-lo!

Não foram os nomes e os sons dados aos homens para tomarem prazer nas coisas? A linguagem é uma doce loucura; falando, o homem evade-se e lança para lá das coisas.

Como são doces, a linguagem e as mentiras das coisas! O nosso amor dança com os sons em arcos-íris matizados.

— Ó Zaratustra — replicaram os animais — para os que pensam como nós, as coisas dançam sozinhas; aproximam-se, dão a mão, riem e fogem, e depois regressam.

Tudo vai e tudo volta, roda eternamente a roda do ser. Tudo morre e tudo torna a florir; eternamente se desenrola o ciclo da existência.

Tudo se quebra, tudo se reajusta; eternamente se edifica a mesma habitação do ser. Tudo se separa, tudo volta a encontrar-se; o ciclo da existência conserva-se eternamente fiel a si mesmo.

A existência começa em todos os instantes; em volta de «aqui» gravita a esfera «acolá». O centro está em toda a parte. A senda da eternidade regressa pelo seu próprio caminho.

— Como sois espertos — respondeu Zaratustra tornando a sorrir — como sabeis bem o que se realizou durante estes sete dias,

e como esse monstro se introduziu na minha garganta para me abafar! Mas cortei-lhe a cabeça com uma dentada e cuspi-a para longe de mim!

E vós, vós fizestes já disto um estribilho? Mas agora eis-me estendido, cansado ainda do esforço que fiz para morder e para assim cuspir, ainda doente da minha própria libertação.

E vós fostes testemunhas de tudo isso! Ó meus animais, sereis acaso cruéis? Quisestes escolher para vosso espetáculo a minha imensa dor, como fazem os homens? Porque o homem é o mais cruel de todos os animais.

Nada no mundo lhe deu jamais tanto prazer como as tragédias, as corridas de touros e as crucificações; e no dia em que inventou o inferno, teve o seu paraíso na terra.

Logo que um grande homem lança um grito, chega imediatamente um pequeno homem, que deita a língua de fora, de cobiça. É a isso que chama a sua «compaixão».

O homem pequeno, sobretudo se é poeta, com que ardor vitupera a vida! Ouvi-o, mas experimentai também o prazer que ele põe em toda a acusação.

A vida triunfa de tais acusadores num abrir e fechar de olhos. «Amas-me? — pergunta ela com insolência — Espera um bocado, para eu ter tempo de me ocupar de ti.»

O homem é para consigo próprio o animal mais cruel que se pode desejar; e em todos aqueles que se designam como pecadores e penitentes, não esqueçais de discernir a voluptuosidade misturada às queixas e às invetivas.

E eu próprio? Será isto uma acusação que estou a fazer ao homem? Ah! meus animais, só sei uma coisa no mundo: é que o homem precisa do que nele existe de pior se quiser chegar ao que tem de melhor;

é que o pior é o melhor da sua força e a pedra mais dura que se oferece ao mais alto construtor, e é necessário que o homem se torne ao mesmo tempo melhor e pior.

A cruz a que estou ligado, não é saber que o homem é mau, mas eis o que proclamei como ninguém o tinha proclamado ainda:

«Ah!, será necessário que o que há de pior no homem seja ainda tão mesquinho! Ai!, será necessário que o que há de melhor seja ainda tão mesquinho!

O enfado que tenho do homem — eis o animal que me abafava depois de se ter introduzido na minha garganta; e estas palavras do Profeta: «Tudo é igual, nada vale a pena, o saber abafa-nos.»

Na minha frente arrastava-se um longo crepúsculo, uma tristeza aborrecida de morrer, ébria de morte, e que falava bocejando.

«Há-de voltar sempre, aquele de que estás cansado, o homem mesquinho» — assim dizia a minha tristeza, enquanto bocejava, arrastando os pés sem poder adormecer.

Vi a terra dos homens tornar-se cavernosa, o seu peito abateu-se, tudo quanto vive me apareceu como uma podridão humana, feita de ossos humanos e de um passado carcomido.

Os meus suspiros demoravam-se em todas as sepulturas humanas e não podiam mais abandoná-las. Os meus gemidos e as minhas interrogações coaxavam incessantemente, abafavam-me e consumiam-me e lamentavam-se dia e noite:

«Ai!, o homem há-de voltar eternamente! O homem mesquinho há-de voltar eternamente!»

Vi-os nus aos dois, noutro tempo, o maior e o mais pequeno dos homens, muito parecidos um com o outro, o maior ainda demasiado humano, o maior demasiado pequeno ainda! Eis o que me aborreceu

dos homens, e do Eterno Regresso do mais pequeno deles. Eis o que me aborreceu da existência inteira.

Ah!, tédio, tédio, tédio!»

— Assim falava Zaratustra, suspirando e estremecendo; porque se lembrava da sua doença. Mas os seus animais não o deixaram prosseguir:

«Deixa de falar assim, convalescente, responderam-lhe os animais. É melhor saíres, vai ver o mundo que te espera, como um vergel.

Sai!, vai ver as rosas, as abelhas, os voos das pombas! Mas sobretudo as aves que cantam, a fim de que te ensinem a cantar!

Porque cantar convém ao convalescente; ao homem de saúde cabe falar. Até o homem de boa saúde deseja cantos, mas quer outros que não os do convalescente.»

— Ó brincalhões, criadores de estribilhos, calai-vos então, — respondeu Zaratustra, sorrindo-se do que lhe diziam os seus animais. — Pois conheceis bem o reconforto que inventei para meu uso no decurso destes sete dias!

Tenho de voltar a cantar: eis o reconforto e o remédio que inventei para meu uso; também quereis fazer já disto um estribilho?

«Nem mais uma palavra! — voltaram a responder-lhe os seus animais — prepara antes uma lira, ó convalescente, uma nova lira.

Pois aqui está, Zaratustra, para os teus cantos novos são precisas liras novas.

Canta, distrai-te, ó Zaratustra, cura a tua alma com esses cantos novos, afim de poderes suportar o teu grande destino, que ainda não foi o destino de nenhum homem.

Porque os teus animais bem sabem, ó Zaratustra, quem tu és e quem deves vir a ser: tu és o profeta do *Eterno Regresso*. É esse o teu destino.

É preciso que sejas o primeiro a ensinar esta doutrina — como não havia de ser este grande destino também o teu pior perigo, a tua pior enfermidade?

Olha, sabemos o que vais ensinar: que todas as coisas regressam eternamente e nós com elas, e que já existimos um número infinito de vezes, e todas as coisas connosco.

Ensinarás que há um grande Ano do devir, um Ano desmesurado que deve como um relógio de areia voltar sempre a virar-se, para que tudo recomece a correr e de novo se escoe,

de forma que todos esses anos são idênticos entre si no que têm de maior e de mais ínfimo, de modo que nós próprios no decurso desses grandes Anos continuamos iguais a nós mesmos no que temos de maior e de mais ínfimo.

E se quisesses morrer agora, ó Zaratustra, sabemos também o que dirias a ti mesmo; mas os teus animais pedem-te que não morras ainda.

Falarias sem tremer, o peito dilatado pela beatitude, porque te seriam tirados um grande peso e uma pesada opressão, ó modelo de toda a paciência!

«Agora vou morrer e desaparecer — dirias — e dentro de um instante serei apenas nada. As almas são mortais como os corpos.

Mas esta rede de causas nas quais me enredei voltará, tornará a criar-me outra vez. Eu próprio faço parte das causas do eterno Retorno.

Regressarei com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente — não para uma vida nova, para uma vida melhor nem para uma vida parecida:

regressarei eternamente para esta mesma e idêntica vida com todas as suas grandezas e todas as suas misérias, para voltar a ensinar o Regresso eterno de todas as coisas,

para voltar a anunciar o grande Meio-dia da terra e dos homens, para voltar a anunciar aos homens o Super-homem.

Libertei-me da minha mensagem, a minha mensagem quebra-me, tal é a minha sorte eterna, morro proclamando-a.

Chegou entretanto a hora, em que aquele que vai morrer se dá a si mesmo a sua própria bênção. Assim — *acabará* o declínio de Zaratustra.»

Depois de pronunciarem estas palavras, os animais calaram-se e esperaram que Zaratustra lhes respondesse; mas Zaratustra já não dava atenção ao seu silêncio. Jazia de olhos fechados, como se estivesse a dormir, se bem que não dormisse de maneira nenhuma, porque conversava com a sua alma. E a águia e a serpente, vendo-o tão taciturno, respeitaram o grande silêncio que o rodeava e retiraram-se sem rumor.

14. Da Grande Nostalgia

«Ó minha alma, ensinei-te a dizer «hoje» como se diz «um dia» ou «antigamente», e a dançar a tua ronda para além de tudo o que se chamou «aqui», «acolá» ou «além».

Ó minha alma, lavei todos os teus recantos, varri para longe de ti o pó, as aranhas e a obscuridade.

Ó minha alma, lavei-te do teu pudor macilento e da tua virtude caseira e persuadi-te a ofereceres-te nua aos olhos do sol.

Fiz soprar a tormenta do espírito sobre o teu mar encapelado; dissipei todas as nuvens, estrangulei até esse estrangulador que se chama «pecado».

Ó minha alma, dei-te o direito de dizer não como a tempestade, de dizer sim como o céu límpido; tranquila como a luz, atravessas as tempestades negadoras.

Ó minha alma, restituí-te a liberdade em relação às coisas criadas ou por criar, e quem como tu conhece a voluptuosidade das coisas futuras?

Ó minha alma, ensinei-te o desprezo que não vem à sorrelfa como o caruncho, o grande desprezo amante que o que mais ama é o que mais despreza.

Ó minha alma, ensinei-te a arte de convencer até as próprias razões — assim o sol persuade o mar a subir até à sua altura.

Alma minha, libertei-te de qualquer obediência, dispensei-te de dobrar o joelho e de dizer: «Meu senhor»; foi a ti que dei os nomes de «trégua da necessidade» e de «destino».

Ó minha alma, dei-te nomes novos e brinquedos coloridos; chamei-te «destino» e «circunferência que encerra todas as mais», «umbigo do tempo» e «abóbada cerúlea».

Ó minha alma, obriguei o teu solo a beber toda a sabedoria, todos os vinhos novos e todos os vinhos fortes, os mais antigos vinhos da sabedoria.

Ó minha alma, derramei sobre ti todos os sóis e todas as noites, todos os silêncios e todos os desejos; e vi-te crescer como uma cepa de videira.

Ó minha alma, eis-te agora transbordante de riqueza e pesada como uma cepa carregada de mamas inchadas e de grainhas douradas e apertadas,

apertada e oprimida pela tua própria felicidade, transbordante e esperando envergonhada dessa própria espera.

Ó minha alma, em vão se procuraria uma alma mais amante, mais compreensiva e mais vasta. Onde se encontrariam tão apertados um contra o outro o passado e o futuro?

Ó minha alma, dei-te tudo, e todas as minhas mãos se esvaziaram por ti — e agora, agora dizes-me sorrindo com ar melancólico: «Qual de nós dois deve agradecer?»

O que dá não deve agradecer ao que aceita as suas dádivas? Dar, não será uma necessidade? Aceitar, não será — ter pena?

Ó minha alma, compreendo o sorriso da tua melancolia: é a tua riqueza superabundante que estende agora mãos ávidas!

É a tua plenitude que deixa errar o seu olhar pelos mares rugidores, à procura e na expectativa; vejo brilhar no céu sorridente dos teus olhos o desejo que nasce da excessiva profusão.

E na verdade, ó minha alma, quem poderia ver o teu sorriso sem se desfazer em lágrimas? Os próprios anjos choram diante do excesso de bondade que fala no teu olhar.

É a tua bondade, a tua excessiva bondade que recusa gemer e chorar; e contudo, o teu sorriso, ó minha alma, aspira às lágrimas e os teus lábios trémulos aspiram ao soluço.

Não será qualquer soluço uma queixa? E qualquer queixa uma acusação? Assim dizes contigo, e é por isso, ó minha alma, que preferes sorrir antes que deixar expandir a tua dor,

antes que expandir numa torrente de lágrimas toda a dor nascida da tua excessiva plenitude, dor da cepa que deseja o vindimador e o podão do vindimador.

Mas se não queres chorar, derramar em lágrimas a tua melancolia purpúrea, precisas *cantar*, ó minha alma. Já vês, sorrio ao predizer-te isto.

Irás cantar uma canção tonitruante a que todos os mares acabarão por dar atenção, fazendo silêncio para ouvir o teu desejo,

até que se aproxime, vindo do além dos mares calmos e lânguidos, a nave, a maravilha dourada em torno da qual pulam numa esteira de ouro todas as coisas maravilhosas, boas ou más;

e muitos animais grandes e pequenos, e todos os que têm patas leves e maravilhosas que lhes permitem caminhar pelos atalhos de jacinto,

acorrerão todos para a maravilha dourada, a nave libertada e o seu patrão; ora este, é o vindimador que te espera, armado com a sua podoa de diamante, é o teu grande libertador, ó minha alma,

O Inominado a quem os hinos futuros darão enfim um nome. E na verdade o teu hálito exala já o perfume dos futuros.

Eis-te já ardente e sonhadora, já bebes avidamente em todas as fontes profundas, em todas as fontes tagarelas do reconforto, já a tua tristeza repousa englobada na beatitude dos hinos futuros.

Ó minha alma, agora dei-te tudo, até o meu último bem, e por ti esvaziei todas as minhas mãos, *ordenei-te que cantasses*, eis o meu último dom.

Disse-te portanto que cantasses — diz-me agora, diz-me qual de nós deve agradecer ao outro. Mas canta antes, canta, ó minha alma. E deixa-me dar-te graças.»

Assim falava Zaratustra.

15. O Segundo Canto de Baile

«Mergulhei recentemente o meu olhar no fundo dos teus olhos, ó Vida; vi o ouro cintilar no fundo dos teus olhos tenebrosos — e o meu coração encantado parou de bater.

Vi cintilar uma barca de ouro em águas tenebrosas, uma barca de ouro movediça que mergulhava, enchia-se, depois voltava sempre a aparecer.

Baixaste um olhar para os meus pés de dançarino apaixonado, um olhar móvel, risonho, interrogador, acariciador.

Duas vezes apenas as tuas mãozinhas agitaram as castanholas, e já o meu pé se lançava, dominado pelo furor da dança.

Os meus calcanhares firmavam-se, os meus dedos dos pés esforçavam-se por te compreender — porque o dançarino traz as orelhas nos dedos dos pés.

Projetei-me para ti, mas tu furtas-te ao meu impulso, e as mechas dos teus cabelos flutuantes, na tua fuga, pareciam línguas dardejadas para mim.

Dei um salto para me afastar de ti e das tuas serpentes: já tinhas parado e desviado, com o olhar afogado de desejo.

O teu olhar oblíquo ensina-me os caminhos oblíquos; por esses caminhos oblíquos os meus pés aprendem todas as espécies de astúcias.

Receio-te, quando te aproximas — admiro-te, quando estás longe — fugindo, atrais-me — quando páras deixas-me gelado — sofro, mas o que não sofreria eu de boa vontade por ti?

Tu cuja frieza nos inflama, cujo ódio nos seduz, tu cuja fuga nos encadeia, cuja ironia nos comove, quem não te odiaria, grande enfeixadora, enlaçadora, tentadora, procuradora, inventora? Quem te não amaria, pecadora inocente, impaciente, rápida como o vento, com os teus olhos infantis?

Para onde me arrastas agora, pródiga, obstinada? E eis que agora me foges, gnomo delicioso, ingrata!

Sigo-te a dançar, sigo o teu menor vestígio: Onde estás? Dá-me a mão! Ou apenas um dedo!

Há aqui cavernas e bosques, vamo-nos perder. — Alto! Pára! Não vês redemoinhar as corujas e os morcegos?

Tu mesma coruja, morcego! Queres brincar comigo? Onde estamos? Foram decerto os cães que te ensinaram a uivar e a ladrar assim?

Fitas-me amavelmente arreganhando os teus dentinhos brancos, e os teus olhos maldosos fitam-se sobre mim do fundo da tua juba anelada.

É uma dança por montes e vales; eu sou o caçador — e tu o meu cão ou a camurça perseguida?

Agora, mantém-te a meu lado! E depressa, maldosa pecadora, sobe agora, e trepa lá para cima! — Desgraça! Eis que ao saltar, caí.

Olha para mim, ó caprichosa, olha para mim estendido, implorando socorro! Gostaria muito de seguir contigo — por caminhos mais agradáveis,

os caminhos do amor, debaixo de tranquilos bosquezinhos de flores. Ou marginando este lago onde nadam e dançam os ciprinos dourados.

Estás cansada? Há ali em baixo carneiros e poentes vermelhos; não é tão suave adormecer ao som das flautas pastoris? Estás cansada, muito cansada? Vou-te levar, deixa cair os braços. E tens sede? Decerto terei qualquer coisa que te dar de beber, mas os teus lábios não o hão-de querer.

— Oh!, maldita serpente ágil e elástica, feiticeira que sempre me escapas! Onde te meteste? Mas sinto arder no meu rosto, recebidas da tua mão, duas marcas, duas manchas vermelhas.

Estou realmente farto de ser sempre o teu estúpido pastor. Feiticeira, se até agora cantei para ti, agora vou-te fazer — gritar .

Irás dançar e gritar ao ritmo do meu chicote. Não me esqueci do chicote — Não!»

2

«E a vida respondeu-me tapando as suas encantadoras orelhas:

«Ó Zaratustra, não faças esse barulho horrível dando estalos com o chicote! Bem sabes que o barulho mata os pensamentos. E eis que me assaltam justamente tão ternos pensamentos!

Somos dois verdadeiros velhacos, que não prestam para nada, nem para o bem nem para o mal. Foi para lá do bem e do mal que descobrimos a nossa filha, o nosso verde prado — só nós os dois! É já uma razão para nos entendermos bem.

E se é verdade que não nos amamos de todo o coração, — será, necessário detestar-nos, porque não nos amamos de todo o coração?

Que tenho um fraco por ti, e amiúde demasiada fraqueza, bem o sabes; e a razão é que tenho ciúmes da tua sageza. Ah!, que velha louca é a sageza!

Se alguma vez a tua sageza te abandonasse, ah! também a minha ternura não levaria muito tempo a abandonar-te!»

Dito isto a vida lançou para trás e à sua volta um olhar pensativo e disse baixinho:

«Ó Zaratustra, não me és suficientemente fiel!

Estás longe de me amar tanto como dizes; bem o sei, tu pensas em deixar-me muito em breve.

Há um velho bordão tão pesado, tão pesado, cujo bramido sobe à noite até à tua caverna;

quando esse sino dá meia-noite, é nisso que pensas entre a primeira e a duodécima pancada;

pensas nisso, ó Zaratustra, bem o sei, pensas que me irás deixar muito em breve.»

«Assim é, respondi eu hesitante, mas também sabes» e disse-lhe umas palavras ao ouvido, através das loucas madeixas amarelas entrelaçadas.

«Tu sabes isso, ó Zaratustra? Isso que ninguém sabe...»

Olhámo-nos, depois orientámos os nossos olhares para o verde prado onde corria a frescura do crepúsculo, e chorámos ambos. Mas nesse instante a vida era-me mais cara do que alguma vez o foi a minha sagesa.»

Assim falava Zaratustra.

3

Um!

Homem, ouve!

Dois!

Que diz a Meia-noite com a sua voz grave?

Três!

«Eu estava mergulhada no sono;

Quatro!

De um profundo sono despertei.

Cinco!

O universo é profundo, profundo,

Seis!

Mais do que o Dia imagina.

Sete!

Profunda, decerto, é a sua dor,

Oito!

Mas mais profunda a sua alegria.

Nove!

A dor diz: «Passa e perece!»

Dez!

Mas a alegria quer a eternidade,

Onze!

Quer a profunda eternidade!»

Doze!

16. Os Sete Selos (ou: Sim e Amen)

1

Se eu sou profeta, e cheio do espírito profético que erra sobre a alta crista entre dois mares,

indo e vindo, como uma densa nuvem, entre o passado e o futuro, inimigo de todos os lugares baixos asfixiantes e de todos os seres extenuados que já não sabem nem morrer nem viver,

nuvem sempre disposta a largar do fundo do seu coração sombrio o relâmpago, o raio libertador, o raio que diz sim, cujo riso diz sim, o raio profético,

(ditoso todavia quem quer que traga semelhantes raios no seu seio, porque é necessário, na verdade, que esteja muito tempo

suspenso como uma pesada nuvem de tempestade no flanco da montanha, aquele que está destinado a acender o facho do futuro) —

Oh!, como não hei-de eu arder com o desejo da eternidade, o desejo do anel dos anéis, o anel nupcial do Regresso!

Ainda não encontrei a mulher de quem quisesse ter filhos, a não ser esta mulher a quem amo, porque te amo, ó Eternidade!

Porque te amo, ó Eternidade!

2

Se alguma vez a minha cólera profanou sepulturas, removeu barreiras e precipitou velhas tábuas partidas nos profundos abismos,

se alguma vez o meu sarcasmo dispersou ao vento palavras apodrecidas, se fui a vassoura que expulsa as aranhas que carregam a cruz, e o vento que purifica os antigos sepulcros cheios de ar viciado,

se alguma vez me pavoneei em triunfo sobre os túmulos dos deuses mortos, abençoando este mundo, amando este mundo, ao lado dos monumentos dos antigos detratores deste mundo,

— porque amo até as igrejas e os sepulcros dos deuses, contanto que o céu mergulhe o seu puro olhar através das suas abóbadas

destroçadas, gosto de repousar nas igrejas em ruínas como a erva e a papoila vermelha —

Oh!, como não hei-de arder com o desejo da eternidade, o desejo do anel dos anéis, o anel nupcial do Regresso?

Ainda não encontrei a mulher de quem quisesse ter filhos, a não ser esta mulher a quem amo, porque te amo, ó Eternidade!

Porque te amo, ó Eternidade!

3

Se alguma vez senti o sopro do espírito criador e desta necessidade celeste que obriga os próprios acasos a dançar rendas astrais,

se alguma vez ri como ri o raio criador que segue ribombante mas dócil ao longo da trovoadada da ação,

se alguma vez joguei aos dados com os deuses, na mesa divina da terra, de modo que a terra tremesse, se rasgasse e despedisse torrentes de fogo,

— porque a terra é a mesa dos deuses e treme quando recumbem palavras inovadoras e criadoras e os deuses lançam os dados; —

Oh!, como não hei-de eu arder com o desejo da eternidade, o desejo do anel dos anéis, o anel nupcial do Regresso!

Ainda não encontrei a mulher de quem quisesse ter filhos, a não ser a mulher a quem amo, porque te amo, ó Eternidade!

Porque te amo, ó Eternidade!

4

Se alguma vez bebi a longos haustos na cratera espumosa onde se casam todos os aromas e onde são misturadas todas as coisas,

se alguma vez a minha mão misturou as coisas mais remotas com as mais próximas, o fogo com o engenho, e o prazer com a dor, e o pior mal com o bem supremo,

se eu próprio sou um grão do dissolvente que permite que todas as coisas se misturem bem no interior da cratera,

— porque há um dissolvente que integra o bem no mal, e até o pior merece servir de condimento e fazer transbordar o vaso, —

Oh!, como não hei-de eu arder com o desejo da eternidade, o desejo do anel dos anéis, o anel nupcial do Regresso!

Ainda não encontrei a mulher de quem quisesse ter filhos, a não ser esta mulher a quem amo, porque te amo, ó Eternidade!

Porque te amo, ó Eternidade!

5

Se eu amo o mar e tudo quanto se lhe assemelha, se o amo sobretudo quando me contradiz com mais furor,

se trago em mim esse gosto investigador que impele as velas para terras desconhecidas, se existe no meu prazer alguma coisa do prazer do explorador,

se alguma vez a minha alegria exclamou «A terra desapareceu — caiu a minha última cadeia!

— o infinito rodeia-me com o seu mugido, o tempo e o espaço cercam-me com o seu imenso reflexo — vamos, coragem, velho coração!» —

Oh!, como não hei-de eu arder com o desejo da eternidade, o desejo do anel dos anéis, o anel nupcial do Regresso!

Ainda não encontrei a mulher de quem quisesse ter filhos, a não ser esta mulher a quem amo, porque te amo, ó Eternidade!

Porque te amo, ó Eternidade!

6

Se a minha virtude é virtude de dançarino e se muitas vezes me lancei a pés juntos para o coração de um êxtase de ouro e de esmeralda,

se a minha maldade é uma maldade risonha que assombra os valezinhos cheios de rosas e as sebes de lis,

— porque o riso reúne nele toda a maldade do mundo, mas santificada e libertada pela sua própria alegria —

e se o alfa e o ómega da minha sageza, é que tudo o que pesa se deve tornar leve, todo o corpo dançarino, todo o espírito ave — é essa realmente a consequência do alfa e do ómega da minha sageza —

Oh!, como não hei-de eu arder com o desejo da eternidade, o desejo do anel dos anéis, o anel nupcial do Regresso!

Ainda não encontrei a mulher de quem quisesse ter filhos, a não ser esta mulher a quem amo, porque te amo, ó eternidade!

Porque te amo, ó Eternidade!

7

Se alguma vez desdobrei por cima da minha cabeça céus tranquilos, e se levado pelas minhas próprias asas lancei o meu voo para os meus próprios céus,

se nadei, brincando, para os longes luminosos e se a minha liberdade conquistou uma sageza de ave,

— mas a sageza de ave, é aquela que diz: «Olha, não há alto nem baixo! Lança-te em todos os sentidos, para a frente, para trás, criatura leve! Canta, e não fales!

Não são as palavras feitas para os que são pesados? Não mentem as palavras aos que são leves? Canta! Não fales mais!» —

Oh!, como não hei-de eu arder com o desejo da eternidade, o desejo do anel dos anéis, o anel nupcial do Regresso!

Ainda não encontrei a mulher de quem quisesse ter filhos, a não ser esta mulher a quem amo, porque te amo, ó Eternidade!

Porque te amo, ó Eternidade!

QUARTA PARTE

Os Homens Superiores e a Última Provação de Zaratustra

A última parte reúne reis, sacerdotes, o homem mais hediondo, o mendigo voluntário, a sombra, o consciencioso do espírito e outras figuras que representam diferentes formas incompletas de superação. Zaratustra acolhe esses “homens superiores”, mas percebe que ainda não são aquilo que procura.

A sua grande prova é a compaixão: resistir à tentação de transformar-se em salvador, pastor ou novo objeto de veneração. A Festa do Burro mostra como até aqueles que rejeitaram os velhos deuses continuam vulneráveis à necessidade de adorar. O sinal final — o leão e as pombas — anuncia que Zaratustra está pronto para abandonar os homens superiores e aguardar os seus verdadeiros filhos.

homens superiores → velhas necessidades disfarçadas → tentação da compaixão → superação final → o sinal

*Ai! onde se praticam mais loucuras do
que entre os misericordiosos? E haverá
no mundo maior causa de sofrimento do
que as loucuras dos misericordiosos?
Pobres dos que amam, se não sabem
dominar a sua própria piedade!
O diabo falou-me assim um dia: «Deus
também tem o seu inferno; é o seu amor
pelos homens».
E recentemente ouvi-lhe dizer estas
palavras: «Deus morreu; foi a sua piedade
pelos homens que o matou».
Assim falava Zaratustra, 2ª parte
(Dos misericordiosos)*

1. A Oferta de Mel

E tornaram a passar os meses e os anos pela alma de Zaratustra sem ele dar por isso, mas os eus cabelos iam embranquecendo. Um dia que se sentou numa pedra à entrada da sua caverna ele olhava ao longe sem nada dizer, — ora via-se o mar lá de cima e dominava-se uma confusão de abismos — os seus animais giravam pensativos à sua volta, depois acabaram por se colocar diante dele.

«Ó Zaratustra — lhe disseram, — será a tua felicidade que procuras no horizonte?»

— Que importa a felicidade! — respondeu ele, — há muito tempo que já não aspiro à felicidade, aspiro à minha obra.

— Ó Zaratustra — replicaram eles, — dizes isso como se estivesses saturado de felicidade. Nadas, não é verdade, num lago de felicidade azulada?

— Não passais de uns velhaquetes, — respondeu Zaratustra, sorrindo, — e como sabeis escolher a vossa parábola! Mas sabeis também que a minha felicidade é pesada, e em nada semelhante à onda líquida; pesa sobre mim e obsidia-me e agarra-se a mim como pez derretido.»

Então os animais tornaram a girar em volta dele, pensativos, depois subitamente detiveram-se defronte dele.

«Ó Zaratustra, — disseram, — eis então por que é que a tua tez se torna cada vez mais escura e amarela, enquanto os teus cabelos que vão embranquecendo se tornam parecidos com o cânhamo. Toma cuidado, para não caíres no pez de que falaste!»

— «Que estais a dizer, meus animais? — disse Zaratustra, rindo. — Na verdade, blasfemei quando aludi a esse pez. Só me aconteceu o que acontece a todos os frutos que amadurecem. É o *mel* que me corre nas veias que me torna o sangue mais espesso e torna a minha alma mais taciturna.»

— «Sem dúvida, Zaratustra, — responderam os animais encostando-se a ele; — mas não queres subir hoje para

alguma alta montanha? O ar é diáfano e a vista mais bela do que nunca.»

— «Sim, meus animais — foi a sua resposta, — o vosso conselho é excelente e inteiramente conforme o meu coração; a partir de hoje subirei para qualquer alto cume. Mas procurai que eu tenha mel lá em cima, uma prateleira cheia de mel amarelo e branco, saboroso e gelado. Ficai sabendo que quero lá em cima fazer a oferenda do mel.»

Mas quando Zaratustra atingiu o cume, despediu os animais que o tinham acompanhado e voltou a encontrar-se só, riu-se então com toda a alma, deitou os olhos à sua volta e falou assim:

«Se falei de mel, e da oferenda do mel, era uma astúcia oratória, e na verdade uma útil loucura. Aqui, nesta altura, posso falar mais livremente do que diante das cavernas dos anacoretas e dos seus animais familiares.

Trata-se lá de oferendas! Se dissipo o que me dão, eu, o pródigo de mil mãos, poderei chamar a isso oferenda?

E se reclamei mel, era para fazer uma isca; se desejei essa doce e viscosa beberagem de que são gulosos os ursos mais descontentes e as estranhas aves de humor moroso e desagradável,

a isca mais apreciada pelos caçadores e pelos pescadores. Porque se é verdade que o mundo é uma floresta negra povoada de animais ferozes, o paraíso de todos os ferozes caçadores, parece-me assemelhar-se ainda mais a um mar rico e sem fundo,

um mar cheio de peixes e de caranguejos coloridos que tentariam os próprios deuses a fazerem-se pescadores e lançadores de redes, tão rico é este mar em monstros maravilhosos, grandes e pequenos,

sobretudo o mundo humano, o mar humano. É para apanhar o homem que lanço a minha linha dourada dizendo: «Abre-te, abismo humano!»

Abre-te, lança a meus pés os teus peixes e os teus caranguejos cintilantes. Peguei na minha melhor isca para pescar hoje os mais estranhos peixes humanos.

A isca que lanço aos quatro ventos, é a minha felicidade; arroj-a para perto e para longe, para o levante, para o meio-dia e para o poente, na esperança de que numerosos peixes virão morder e bulir na ponta da minha felicidade.

Depois quando tiverem mordido os meus anzóis agudos e bem dissimulados, puxá-los-ei até à minha própria altura, esses cadozes das

profundezas¹ de cores confundidas, pescados pelo mais malicioso de todos os pescadores de homem.

Porque é realmente isso que sou no fundo e por natureza: puxando, atraindo, levantando, elevando — arrastador, criador e educador — e não foi em vão que disse a mim próprio noutro tempo: «Torna-te no que és.»

Cabe aos homens, de ora em diante, subir até mim. Porque espero ainda o sinal que me virá advertir de que chegou a hora do meu declínio; não voltarei a descer de minha própria vontade para o meio dos homens; assim o quer o meu destino.

É por isso que continuo à espera nestes altos cumes, astucioso e trocista, sem impaciência nem paciência, como um homem que tivesse esquecido a paciência, e que já não sabe o que é «padecer».

O meu destino, com efeito, deixa-me tempo; decerto me esqueceu. Ou então foi-se sentar à sombra em cima de uma grande pedra e entretém-se a apanhar moscas.

E, na verdade, estou grato ao meu destino eterno, por não me fustigar nem me apressar, mas dá-me tempo para fazer farsas e pregar

¹ Jogo de palavras intraduzível: Gründling (cadoz); e Abgrund, abismo, profundidade.

partidas, tanto mais que hoje foi para pescar peixes que subi a esta alta montanha.

Já alguma vez se apanharam peixes no cimo das montanhas? E ainda que aquilo que procuro e aquilo que faço aqui fosse loucura, não é melhor que azedar-se à espera, e de amarelecer e de esverdear,

e de se tornar um furioso obstinado na sua espera, uma tempestade sagrada berrando do alto das montanhas, um impaciente que grita para os vales: «Ouvi ou sacudir-vos-ei com o azorrague de Deus!»

Não é que queira mal a tais coléricos — servem apenas para me fazer rir. É preciso que sejam realmente impacientes, esses enormes tambores ruidosos que querem por qualquer preço fazer-se ouvir, agora ou nunca.

Mas eu e o meu destino, não nos dirigimos ao presente — também nos não dirigimos ao «nunca» — temos a paciência necessária e o tempo que fizer falta, e mais do que isso, para esperar o momento de falar. Porque há-de chegar necessariamente e não passará sem se deter.

Quem é aquele que há-de chegar necessariamente e não passará sem se deter? É o nosso grande Acaso, o grande e remoto império do homem, o milénio de Zaratustra.

A que distância está esse remoto? Que me importa! Mas nem por isso me parece menos certo — é sobre esta base sólida que me firmo, sobre os meus dois pés,

sobre uma base eterna, sobre a dura rocha original, sobre este maciço antediluviano, mais alto e mais duro do que qualquer outro, onde se chocam todos os ventos como em cima de um limite meteorológico, perguntando cada um deles onde estão, de onde e em que direção devem soprar.

Ri então, ri, minha clara e saudável malícia. Do alto dos cimos lança a cintilação do teu riso trocista. E que a tua cintilação atraia para mim os mais belos peixes humanos.

E tudo o que me pertence em todos os mares, o *em mim* e o *para mim* de todas as coisas — pesca-mo, traz-mo aqui; eis o que espero, eu, o mais malicioso de todos os pescadores.

Vai para longe, minha linha! Mergulha, penetra, isca da minha felicidade! Distila o teu orvalho mais suave, mel do meu coração! Morde, meu anzol, morde no ventre de todas as negras aflições!

Vai para longe, vai para longe, ó meu olhar! Oh!, quantos mares em torno de mim, quantos futuros humanos começam a despontar! E por cima de mim, oh!, que paz de matizes rosados! Que silêncio sem nuvens!

2. O Grito de Angústia

No dia seguinte Zaratustra foi outra vez sentar-se na pedra, enquanto os seus animais erravam pelo mundo, em busca de aprovisionamento novo e também de mel novo; porque Zaratustra tinha empregado e prodigalizado o mel antigo até à última gota. Mas enquanto meditava, com o bastão na mão, com a sombra do seu corpo a desenhar-se no chão, sem pensar em si nem na sua sombra, — sentiu medo de repente e estremeceu, porque ao lado da sua sombra discernia uma outra. E ao levantar-se, lançando à sua volta um rápido olhar circular, eis que o Profeta estava a seu lado, o mesmo a quem uma vez dera de comer e de beber à sua mesa, o Profeta do grande cansaço, aquele que ensinava:

«Tudo é igual, nada vale a pena, o mundo não tem sentido, o saber abafa-nos.»

Mas tinha mudado desde então, e Zaratustra fitando-o com insistência sentiu o coração apertar-se-lhe, logo que viu passar naqueles traços maus presságios e fulgores pardilhos e acinzentados.

O Profeta, compreendendo o que se passava na alma de Zaratustra, correu uma mão pela cara como se quisesse apagar-lhe os traços: e Zaratustra fez o mesmo. E tendo-se tranquilizado e fortalecido em silêncio, deram-se as mãos, em sinal de que queriam voltar a fazer conhecimento.

— «Sê benvindo, — disse Zaratustra, — Profeta do grande cansaço. Não esqueci que foste antigamente meu conviva e meu hóspede. Volta a comer e a beber comigo hoje, e perdoa se é um homem velho e jovial que se senta a teu lado.»

— «Um homem velho e jovial? — respondeu o Profeta meneando a cabeça. — Mas quem quer que sejas ou pretendas ser, ó Zaratustra, já não desempenharás muito mais tempo este papel nestas alturas; depressa a tua barca deixará de estar em porto seguro.» —

«Estou então em porto seguro?», perguntou Zaratustra.

— «As vagas continuam a subir em torno da tua montanha, — respondeu o Profeta, — as vagas da tua grande miséria e da grande aflição; não tardam a levantar a tua barca e arrastarte com ela.»

Zaratustra calou-se, admirado.

— «Ainda não ouves nada? — prosseguiu o Profeta. — Não ouves este murmúrio e este rumor que sobe do abismo?»

Zaratustra voltou a calar-se, pondo-se à escuta; então ouviu um demorado, demorado grito que os abismos lançavam uns para os outros e devolviam uns aos outros, porque nenhum o queria guardar para si, de tal modo era discordante.

«Sinistro Profeta — disse afinal Zaratustra; — é um grito de angústia e um grito humano; ascende sem dúvida de algum negro oceano. Mas que me importa a angústia humana? Sabes como se chama o último pecado que me está reservado?»

— A compaixão, — respondeu o Profeta num tom patético, erguendo as mãos. — Ó Zaratustra, vim induzir-te a cometer o teu último pecado.»

E mal pronunciou estas palavras o grito voltou a ressoar, mais demorado, mais angustioso do que dantes, e já muito mais próximo.

«Estás a ouvir, estás a ouvir, ó Zaratustra — exclamou o Profeta. — É a ti que se dirige; e diz-te: anda, anda, anda, já são horas, já são mais do que horas!»

Ouvindo estas palavras Zaratustra calou-se, perturbado e alterado em si mesmo. Por fim perguntou como se duvidasse de si:

«E quem é que me chama lá de baixo?»

— Bem o sabes — respondeu o Profeta. — Porque havemos de fingir? É o Homem superior que clama por ti.

— «O Homem superior? — exclamou Zaratustra dominado pelo terror. — Que me quer ele, que me quer ele? O Homem superior? Que quer ele aqui?» — e o corpo cobriu-se-lhe de suor.

Mas o Profeta, sem responder à pergunta angustiada de Zaratustra, escutava o que subia das profundezas. Entretanto, como houvesse um silêncio prolongado, virou os olhos e viu Zaratustra de pé e a tremer diante dele.

«Ó Zaratustra, — declarou ele com uma voz triste — não tens ar de homem a quem a sua alegria dê volta à cabeça; vais precisar de dançar, com medo de cair de repente.

Mas mesmo que quisesses dançar e fazer todos os saltos diante de mim, ninguém afirmaria, vendo-te, que és o único homem no mundo que conhece a alegria.

Seria em vão que se procuraria esse homem neste cimo; encontrar-se-iam cavernas e grutas e esconderijos para aqueles que aí se querem esconder, mas não se encontrariam minas de felicidade, nem tesouros, nem filões virgens, cheios com o ouro da felicidade.

A felicidade! Como encontrar a felicidade nesses enterrados vivos, nesses solitários! Hei-de buscar ainda a felicidade nas Ilhas Afortunadas ou ao longe sobre mares esquecidos?

Aliás tudo é igual, nada vale a pena, é inútil procurar, já não há Ilhas Afortunadas!»

Assim gemia o Profeta; mas ouvindo o seu último gemido, Zaratustra recuperou a lucidez e a presença de espírito, como aquele que volta para a luz saindo de um profundo abismo.

«Não, não, não, e três vezes não! — exclamou ele com voz forte cofiando a barba. — Sei-o melhor do que tu. Ainda há lhas Afortunadas. Não és tu que deves falar disso, velho gemedor!»

Acaba com essa choradeira, nuvem chuvosa antes do meio-dia! Não vês que estou inundado de tristeza e encharcado como um cão de pêlo comprido.

Agora vou-me sacudir e fugir para longe de ti para me secar; não te admires. Achas-me indelicado? Mas a *minha* corte está aqui.

Quanto ao teu Homem superior, pois bem, vou-me pôr já a procurá-lo por essas florestas. Foi de lá que veio o seu grito. Talvez esteja ameaçado por algum animal feroz.

Está no meu domínio, não quero que lhe suceda nenhuma desgraça. E na verdade não faltam animais ferozes nos meus arredores.»

Dito isto, Zaratustra virou-se e quis afastar-se. Então o Profeta disse-lhe:

«Ó Zaratustra, és um velhaco.

Bem vejo que te queres desembaraçar de mim. Preferes até fugir para as florestas para lá perseguires animais ferozes.

Mas para que te servirá isso? Hás-de voltar a encontrar-me à noite; estarei na tua caverna, passivo e pesado como um madeiro — à tua espera.»

«Seja! — retrucou-lhe Zaratustra enquanto se afastava; e tudo o que me pertence na caverna é também teu, meu hóspede.

Mas se ainda lá encontrares mel, lambe o que resta, urso rabugento, e trata de adoçar o teu humor. Porque importa que esta noite estejamos ambos de bom humor,

de bom humor e felizes por este dia acabar. E tu mesmo dançarás ao som das minhas canções, como o meu urso amestrado.

Não acreditas? Abanas a cabeça? Vamos, coragem, velho urso! Porque eu também, — sou profeta!»

Assim falava Zaratustra.

3 Diálogo com os Reis

1

Zaratustra ainda não tinha percorrido uma hora de caminho nas suas montanhas e nas suas florestas, quando apercebeu de repente um estranho cortejo. Pela estrada que ia tomar para descer, adiantavam-se dois Reis adornados com coroas e com faixas de púrpura, pintalgados como flamingos; empurravam à sua frente um burro carregado.

«Que querem estes Reis nos meus domínios?» — disse consigo Zaratustra, surpreendido; e escondeu-se logo atrás de uma moita.

Mas quando os Reis se aproximaram, disse a meia-voz, como se falasse consigo mesmo:

«Ora aqui está uma coisa estranha, muito estranha! Como se pode compreender uma coisa destas? Vejo dois Reis — e um único burro!»

Nisto os dois Reis pararam, sorriram e olharam para o lado de onde provinha a voz, depois fitaram-se bem de frente:

«Eis as coisas que também se pensam em nossa casa — disse o Rei da direita, — mas não se dizem.»

Mas o Rei da esquerda encolheu os ombros e respondeu:

«É decerto algum cabreiro ou um solitário que viveu durante muito tempo apenas em companhia das brenhas e das árvores. A ausência de sociedade corrompe também os bons costumes.»

«Os bons costumes? — replicou o outro Rei com enfado e amargura. — A que procuramos nós subtrair-nos? Não é justamente aos «bons costumes»? À «boa sociedade»?

Mais vale, decerto, viver com eremitas e cabreiros do que com esta plebe dourada, falsa e ultrajantemente maquilhada, que se intitula a «boa sociedade», se bem que use o nome de «nobreza». Mas ali tudo é falso e corrompido, a começar pelo sangue, por causa das velhas doenças perniciosas e de curandeiros ainda mais perniciosos.

O que há de melhor, o que prefiro, nos nossos dias, é um camponês robusto, tosco, astuto, tenaz, resistente; não há hoje nada mais nobre.

O camponês é o que hoje temos de melhor, e a raça camponesa deveria dominar. Mas é a população que domina — não me deixarei enganar por isso. Ora quem diz população diz mestiçagem.

Mestiçagem populaceira; tudo está misturado com tudo, santos e bandidos, fidalgos e judeus, e todos os animais da arca de Noé.

Os «bons costumes»! Tudo é falso e corrupto entre nós! Já não se venera nada. Foi disso que fugimos. São sabujos adocicados e importunos; ocupam-se em dourar as palmas.

O que me enoja a ponto de me sufocar, é que até nós, os Reis, nos tenhamos tornado falsos, cobertos e disfarçados como estamos pelo esplendor vetusto dos nossos pais, parecidos com medalhas que se oferecem aos mais estúpidos e aos mais astutos e a quanto trafica hoje com o poder.

Não somos os primeiros — e somos forçados a *aparentá-lo*, é um embuste que acabou por nos inspirar saciedade e nojo.

Quisemos fugir da canalha, de todos esses choramingas, dessas varejeiras que utilizam a pena, desse mofo de lojistas, dessas ambições turbulentas, desse hábito pestilento — puf!, nada de viver no meio da canalha!

Ser os primeiros entre a canalha — puf!, Ah!, horror, horror, horror! Para que servimos ainda nós, os Reis?»

«Eis o teu antigo mal que te volta a afligir — comentou neste ponto o Rei da esquerda; — é o horror que te volta a afligir, meu pobre irmão. Mas já sabes que alguém está a ouvir.»

Zaratustra, que durante aquela conversa fora todo olhos e ouvidos, saiu então do seu esconderijo, dirigiu-se aos Reis e disse:

«Aquele que vos escuta, e que vos escuta com prazer, ó Reis, chama-se Zaratustra.

Eu sou Zaratustra, que outrora proclamou: «Para que servem os Reis?» Perdoai-me, mas senti-me feliz ao ouvir-vos dizer: «Para que servimos ainda, nós os Reis?»

Mas aqui estais no *meu* domínio e sob a minha lei. Que podeis realmente vir procurar no meu reino? Mas talvez tenhais *encontrado*, pelo caminho, o que eu procuro, o Homem superior?»

Ao ouvirem estas palavras, os Reis bateram no peito e exclamaram em uníssonos:

«Estamos desmascarados!

O gládio da tua palavra abre uma brecha nas trevas mais espessas dos nossos corações. Descobriste a nossa angústia, porque, olha, foi para descobrir o Homem superior que nos pusemos a caminho,

o homem que nos é superior, se bem que sejamos Reis. Para ele trazemos este burro. Porque o Homem superior deve ser também o senhor supremo sobre a Terra.

A mais cruel desgraça que pode atingir a humanidade, é que os poderosos da terra não sejam os primeiros em valor. Então tudo fica falseado, torcido, desfigurado.

E se acontece os mais vis de todos deterem o poder, aqueles que são mais animais do que homens, a população sobe de preço de dia para dia e finalmente a virtude populaceira proclama: «Vede, só eu sou a Virtude!»

«Mas que estou eu a ouvir — respondeu Zaratustra. — Quanta sabedoria em Reis! Estou encantado, na verdade, e apetece-me fazer uns versos a este respeito, mesmo se esses versos não agradarem a todos os ouvidos. Há muito tempo que esquecia a arte de poupar as orelhas compridas. Vamos! Coragem!

(Mas nesse momento aconteceu que o burro tomou também a palavra, e pronunciou distintamente e com humor estas palavras: I-A).

*Noutros tempos — e disseram-me que foi no Ano Um —
A Sibila dizia, ébria sem ter bebido:
«Tudo está mal aqui em baixo, tudo vai de mal a pior!
«Tudo degenera, ai!, o mundo caiu muito baixo.
«Roma não passa de um antro de devassidão.*

«O seu César é uma besta, e o próprio Deus — um Judeu!»

2

Os Reis apreciaram muito estes versos. Mas o Rei da direita disse:

«Como fizemos bem, ó Zaratustra, em nos pormos a caminho para te ver!

Porque os teus inimigos nos mostravam a tua imagem no seu espelho; e aí fazias uma careta tão diabólica e tão sardónica, que tivemos medo de ti.

Mas apesar de tudo, as tuas máximas ferviam-nos agradavelmente nos ouvidos e no coração. De forma que acabámos por dizer: Que nos importa a cara que tem!

Queremos ouvir falar aquele que ensina: «Haveis de amar a paz como meio de novas guerras, e a breve paz mais do que a prolongada!

Nunca ninguém pronunciou considerações tão belicosas. «O que é ser bom? É ser valente. A boa guerra santifica todas as coisas.»

Ó Zaratustra, ouvindo estas palavras ferveu em nós o sangue dos nossos pais; é assim que a primavera fala aos tonéis velhos.

Quando as espadas se cruzam, semelhantes a serpentes mosqueadas de sangue, então os nossos pais achavam a vida boa; o sol da paz parecia-lhes túbio e mole, a prolongada paz envergonhava-os.

Como os nossos pais suspiravam quando viam secar na inação as espadas cintilantes pendendo da parede! Como tinham sede de guerras! Porque a espada tem sede de sangue e cintila de desejo.»

Enquanto os Reis assim conversavam, falando com animação da felicidade de seus pais, ocorreu a Zaratustra um leve desejo de troçar do seu entusiasmo — porque eram visivelmente Reis muito pacíficos que tinha diante dele, com os seus velhos e finos semblantes. Mas conteve-se.

«Vamos! — disse ele — aqui está o caminho; é lá em cima que se encontra a caverna de Zaratustra; e vamos terminar este dia com uma grande noitada. Mas agora um apelo de angústia obriga-me a afastar-me de vós a toda a pressa.

É uma honra para a minha caverna que Reis se dignem sentar-se lá para me esperar — mas sem dúvida tereis de esperar muito tempo.

Todavia, que importa? Onde se está mais treinado para esperar, nos nossos dias, do que nas cortes? E toda a virtude dos Reis, a única que lhes deixaram, não é hoje saber esperar?»

Assim falava Zaratustra.

4. A Sanguessuga

E Zaratustra afastou-se pensativo, mergulhando cada vez mais nas florestas e passando ao longo das zonas pantanosas; mas como sucede quando se medita em coisas difíceis, pisou um homem por distração. E eis que de repente um grito de dor e duas pragas e vinte injúrias lhe foram atiradas à cara — de tal modo que, dominado pelo susto, ergueu o cordão e bateu outra vez naquele com quem tinha esbarrado. Mas imediatamente se dominou e desatou a rir, no seu íntimo, da loucura que perpetrara.

«Desculpa-me — disse ao homem com quem tinha chocado e que se levantara furioso para voltar a sentar-se imediatamente — desculpa-me e ouve antes de mais uma parábola.

Assim como um viandante que sonha com coisas longínquas pisa por distração, num caminho solitário, um cão adormecido ao sol,

e ambos estremecem e se invetivam, semelhantes a inimigos mortais, ambos dominados por um medo terrível, — assim nos sucedeu a nós.

E todavia, e todavia — como faltou pouco para que se abraçassem, esse cão e esse solitário! Não são — ambos — solitários?»

«Quem quer que sejas — respondeu o ofendido sempre furioso — a tua parábola ofende-me tanto como a tua pisadela.

Olha bem para mim, e vê se sou algum cão.»

E pondo-se de pé, tirou um braço nu para fora do pântano. Porque ao princípio estava estendido no chão, ao comprido, escondido e irreconhecível, como quem espreita caça dentro de água.

«Mas que estás tu aqui a fazer? — exclamou Zaratustra espantado, porque via o sangue correr em abundância pelo braço nu. — Que te aconteceu? Desgraçado, foi algum animal cruel que te mordeu?»

O homem ensanguentado ria-se apesar da sua zanga.

«Que te importa? — disse ele, querendo prosseguir o seu caminho. — Aqui estou em minha casa, no meu domínio. Por

mais perguntas que me façam, não há nenhuma possibilidade de eu responder a um néscio.»

«Estás enganado — disse Zaratustra com compaixão, retendo-o. — Estás enganado, não estás em tua casa, mas nos meus domínios, e não quero que aconteça nenhuma desgraça seja a quem for.

Chama-me como quiseres, mas eu sou como devo ser. O nome que me dou, é Zaratustra.

Coragem!, este caminho leva à caverna de Zaratustra. Não é longe. Não queres ir a minha casa pensar as feridas?

Não foste feliz neste mundo, desgraçado: primeiro mordeu-te um bicho, depois um homem pisou-te aos pés.»

Mas quando o homem que tinha sido pisado ouviu o nome de Zaratustra, transformou-se completamente.

«Que me sucedeu — exclamou. — Que existe no mundo que me importe senão esse único homem, Zaratustra, e o único animal que vive de sangue humano, a Sanguessuga?

Era por causa da Sanguessuga que eu estava ali estendido no pântano como um pescador, e já o meu braço estendido

mostrava dez mordeduras, quando uma Sanguessuga mais bonita, o próprio Zaratustra, apareceu a provar o meu sangue.

O ventura! ó milagre! Bendito seja o dia que me trouxe a este pântano! Bendita seja a melhor ventosa, a mais poderosa que hoje vive! Bendito seja Zaratustra, a grande Sanguessuga da consciência!»

Assim falava o homem pisado. E Zaratustra ganhava prazer nas suas palavras e nas suas maneiras respeitosas.

«Quem és? — perguntou-lhe estendendo-lhe a mão — Entre nós ficam muitos pontos a elucidar e a esclarecer, mas já me parece que o diabo está a nascer, claro e puro».

«Eu sou o *Espírito de escrúpulo intelectual* — respondeu o interlocutor — e no que se refere às coisas do espírito é difícil encontrar alguém que se mostre mais severo, mais rigoroso ou mais duro do que eu, a não ser aquele que nisso foi meu mestre, o próprio Zaratustra.

Mais vale nada saber do que saber muitas coisas por metade! Mais vale ser louco à minha vontade do que um sábio pelo gosto de outrem! Eu vou ao fundo das coisas.

Que importa que esse fundo seja grande ou pequeno, que se chame pântano ou céu? Basta-me um fundo tão grande

como a minha mão, desde que seja um fundo e uma base autênticas.

Um fundo do tamanho da minha mão basta-me para me ter de pé. Em matéria de consciência científica, nada é pequeno nem grande.»

«Talvez sejas o especialista da Sanguessuga? — perguntou Zaratustra. — E decerto estudas a fundo a Sanguessuga, espírito consciencioso?»

«Ó Zaratustra — replicou o ferido — seria um assunto imenso. Como poderia eu ter semelhantes pretensões?

Mas o domínio em que sou conhecedor e sou mestre, é o cérebro da Sanguessuga. É esse o meu universo!

E é verdadeiramente um universo. Mas desculpa se deixo falar o meu orgulho, porque neste domínio não tenho igual. É por isso que posso dizer que são «os meus domínios.»

Há quanto tempo me prendi a este único assunto, cérebro da Sanguessuga, receando sempre que a verdade escorregadia me fuja neste ponto preciso. São esses os meus domínios.

Foi por isso que pus de lado tudo o mais, foi por isso que todo o resto do mundo se me tornou indiferente; e a minha negra ignorância começa mesmo na fronteira do meu saber.

A minha consciência científica exige que eu saiba uma única coisa e nada mais. Estou farto de todos os meios-sábios, dos espíritos nebulosos, flutuantes, exaltados.

Onde cessa a minha probidade, sou cego e quero sê-lo. Mas onde quero saber, quero também ser probo, isto é, duro, severo, rigoroso, cruel, impiedoso.

O que tu próprio disseste um dia, Zaratustra, «que a inteligência, é a vida escarificando a sua própria carne», foi esta frase que me conduziu para a tua doutrina, foi ela que me seduziu. E na verdade, é à custa do meu próprio sangue que aumenta a minha própria ciência.»

«Como salta à vista», interrompeu Zaratustra. Porque o sangue continuava a correr do braço nu do Escrupuloso. Ali se tinham agarrado dez sanguessugas.

«Ó singular companheiro!, que de coisas me ensina esta evidência, quero dizer a tua pessoa! E não deveria talvez confiar tudo aos teus ouvidos austeros.

Vamos! Separemo-nos aqui! Mas gostaria de te voltar a ver. Aquele caminho ali em cima leva para a minha caverna. Teria prazer em lá te receber esta noite.

Queria também reparar no teu corpo o mal que te fiz pisando-te aos pés. É nisso que penso. Mas agora um grito de angústia chama-me a toda a pressa para longe de ti.»

Assim falava Zaratustra.

5. O Encantador

1

Mas quando Zaratustra dava a volta a um penedo, viu não longe de si, no mesmo caminho, um homem que agitava os membros como um demente e que acabou por se deitar de bruços no chão.

«Alto! — disse consigo Zaratustra — este deve ser o Homem superior, foi ele que lançou aquele grito de angústia, vou ver o que posso fazer por ele».

Mas tendo corrido para o sítio onde o homem jazia no chão, encontrou um velho trémulo com o olhar fixo, e todos os seus esforços para o pôr de pé foram vãos. O infeliz nem sequer parecia notar que estivesse alguém a seu lado; pelo contrário, continuava

a olhar para um lado e para outro com gestos comovedores, como se estivesse abandonado e isolado do mundo inteiro. Afinal, depois de muitas tremuras, sobressaltos e contorções sobre si próprio, começou a lamentar-se nestes termos:

«Quem me dará calor, quem me amará ainda?

Estendei-me as mãos quentes!

Dai-me braseiros para aquecer o coração!

Eis-me caído, a tremer,

como um moribundo, a quem aquecem os pés,

todo a tremer, ai! de febres desconhecidas,

tiritando sob as flechas agudas e geladas da geada

acossado por ti, Pensamento,

indizível, oculto, atroz.

caçador emboscado por detrás das nuvens;

abatido, fulminado por ti,

olho zombeteiro que me fixas do fundo das trevas,

assim estou eu jazendo,

convulso, torcido, torturado

por todos os martírios eternos,

ferido

por ti, caçador cruel,

por ti — Deus desconhecido!

Fere mais profundamente!

Fere outra vez!

Trespassa, rasga este coração!

Que tortura é esta

de flechas embotadas?

Por que me olhas ainda,
eterno esfomeado do sofrimento humano,
por que me fulminas com os teus olhos divinos e
cruéis?

Não queres a minha morte,
apenas o meu martírio!

Mas para que me martirizas,

ó Deus cruel, Deus desconhecido?

Ah! Eis que te aproximas rastejando

no coração desta noite profunda.

Que me queres? Fala!

Persegues-me, cercas-me,

ai! já de muito perto!

Vai-te embora, vai-te embora!

Ouves-me respirar?

Ouves bater o meu coração?

Ó invejoso!

invejoso de quê?

Vai-te embora, vai-te embora! Para que serve

essa escada?

Queres penetrar

no meu coração,

penetrar nos meus pensamentos,

nos meus mais secretos pensamentos?

Ladrão — descarado — desconhecido!

Que queres roubar?

Diz, que queres surpreender?

Que me queres extorquir à força de torturas?

Torturador!

Oh! — Deus verdugo!

Ou queres ver-me como um cão,

arrastar-me a teus pés,

e submisso, fora de mim, encantado,

adorar-te — abanando o rabo?

É em vão! Volta a ferir-me,

agulhão cruel! Não,

não sou o teu cão — apenas a tua presa,

caçador cruel,

a tua mais orgulhosa captura.

salteador oculto atrás das nuvens.

Fala de uma vez,

que me queres, ladrão de estradas,

oculto pelos relâmpagos, fala, Desconhecido!

Que me queres, — Deus desconhecido!

O quê? O meu resgate?

Mas por que queres um resgate?

Mas pede muito, assim te previne o meu orgulho!

e fala em poucas palavras — assim to aconselha

o meu orgulho.

Haha!

É a mim que tu queres? A mim?

A mim? A mim todo?

Haha!

E martirizas-me, louco como és.

Martirizas o meu orgulho!

Dá-me antes amor. Quem me aquecerá?

Quem me amará ainda?

Dá-me mãos ardentes!

Dá-me braseiros para aquecer o coração!

Dá-me, a mim solitário,

a quem o gelo sete vezes acumulado sobre o meu

coração

fez tão desejoso, ai!

desejoso — até de inimigos —

dá-me, — ou antes dá-te,

cruel inimigo,

dá-te — a mim!

Desaparecido!

Também ele fugiu,

o meu último, o meu único companheiro,

o meu grande inimigo,

o meu desconhecido,

o meu divino verdugo!

Não! Volta

com todos os teus suplícios,

volta para o último de todos os solitários!

Oh! volta!

Todos os regatos das minhas lágrimas

correm para ti,

a última chama do meu coração

flameja por ti.

Oh! volta,

tu, meu Deus desconhecido! Tu minha dor! Tu

minha última felicidade!»

2

Mas neste ponto Zaratustra não se pôde aguentar mais tempo, agarrou no seu bastão e deu com todas as forças no que chorava.

«Pára! — gritou-lhe com um riso colérico, — pára, comediante, moedeiro falso, refinado mentiroso! Bem te estou a conhecer!

Vá, hei-de aquecer-te bem essas pernas, sinistro encantador, sei muito bem obrigar a suar os que se parecem contigo!»

«Pára! — disse o velho, pondo-se de pé. — Não me batas mais, Zaratustra, estava a brincar.

Isto faz parte da minha arte. Queria pôr-te à prova dando-te esta prova da minha arte. E na verdade, desmascaraste-me bem.

Mas também tu me deste uma prova apreciável do que sabes fazer. És duro, sábio Zaratustra, bates forte com as tuas «verdades», eis a «verdade» que o teu cacete arrancou de mim.»

«Não me lisonjeies — replicou Zaratustra, ainda irritado e de semblante sombrio — pois não passas de um histrião. És falso — por que me falas de verdades?

Pavo dos pavões, mar de vaidade, que comédia estavas a representar, sinistro encantador? Que querias obrigar-me a reconhecer em ti ouvindo-te gemer e lamentar-te dessa maneira?»

«Eu desempenhava o papel do *Penitente do espírito* — disse o velho, — foste tu que noutro tempo inventaste a palavra — o poeta, o mágico que acaba por virar o seu espírito contra ele mesmo, o homem que tendo-se transformado interiormente se congela em contato com a sua má ciência, com a sua má consciência.

E, confessa, foi-te preciso tempo, ó Zaratustra, para descobrir o meu artifício e a minha mentira. *Acreditavas* de verdade na minha angústia quando me amparavas a cabeça com as mãos.

Ouvi-te gemer: «Amaram-no pouco, muito pouco.» A ideia de te ter tão bem ludibriado era o que fazia exultar a minha malícia dentro de mim.»

«Deves ter podido ganhar outros mais finos do que eu — respondeu duramente Zaratustra. — Não desconfio dos impostores, ignorar a prudência é para mim uma necessidade; assim o quer o meu destino.

Mas tu, tu mentes por absoluta necessidade; conheço-te de sobra para o saber. Tudo o que dizes tem duplo, triplo, quádruplo e quádruplo sentido. Até o que me confessaste não me parece suficientemente verdadeiro, nem bastante falso, na minha opinião.

Vil moedeiro falso, como poderias fazer de outra maneira? Até arrebicarias a tua doença se te apresentasses nu diante do teu médico.

Foi por isso que arrebicaste perante mim a tua mentira, dizendo-me: «Só fiz isto por *brincadeira*.» Também nisso tinhas posto *gravidade*, pois és, até certo ponto, o Penitente do espírito.

Bem vejo o que sucede: és para toda a gente um encantador, mas nenhuma das tuas mentiras, nenhuma das tuas astúcias age já sobre ti — estás desencantado a teus próprios olhos.

Recolheste o enfado como tua única verdade. Não há em ti uma palavra verdadeira, mas o teu lábio é verdadeiro — quero dizer o enfado pegado ao teu lábio.»

«Mas quem és tu, então — exclamou o velho Encantador com voz altaneira. — Quem tem o direito de me falar assim, a mim, que sou o maior dos vivos?»

E lançou a Zaratustra um olhar irado. Mas no mesmo instante mudou de expressão e disse tristemente:

«Ó Zaratustra, estou cansado de tudo isto — estou enfadado dos meus artifícios, não sou grande, para que hei-de fingir? Mas tu sabes que procuro a grandeza.

Quis agir como grande homem e seduzi muitas pessoas; mas era uma mentira superior às minhas forças, e por isso estou destroçado.

Ó Zaratustra, em mim tudo é mentira, mas estou realmente destroçado, é a única verdade que resta em mim.»

«Isso honra-te — respondeu Zaratustra com ar sombrio, baixando e desviando o olhar — Honra-te ter procurado a grandeza, mas também te deprime. Tu não és grande.

Velho Encantador sinistro, o que há de melhor e de mais honesto em ti, o que respeito em ti, é teres-te cansado de ti mesmo e haveres declarado: «Eu não sou grande».

E por isso te honro, pois nisso és muito realmente o Penitente do espírito, conquanto fosse apenas o instante de um sopro ou de um piscar de olho, nesse instante foste — verídico.

Mas, diz-me, que procuras aqui nestas florestas? E nestes rochedos que me pertencem? E a que provas querias submeter-me, atravessando-te no meu caminho?

Em que me querias tentar?»

Assim falava Zaratustra, de olhos faiscantes. O velho Encantador guardou a princípio silêncio, e disse depois:

«Acaso te tentei? experimentei somente encontrar-te.

Ó Zaratustra, eu procuro um homem sincero, reto, puro, simples, categórico, um homem de probidade absoluta, um vaso de sabedoria, um santo do Conhecimento, um grande homem.

Porventura o ignoras, ó Zaratustra? *Procuro Zaratustra.*»

Aqui fez-se um demorado silêncio entre eles. E Zaratustra absorvia-se profundamente em si mesmo, de olhos fechados. Depois, regressando ao seu interlocutor, pegou no Encantador pela mão e disse com infinita cortesia e astúcia:

«Vamos! O caminho que passa lá em cima leva à caverna de Zaratustra. Podes lá ir e procurar o que desejas encontrar.

E aconselha-te com os meus animais, a minha águia e a minha serpente; eles te ajudarão a procurar. Mas a minha caverna é grande.

Quanto a mim, é verdade, ainda não vi nenhum grande homem. Os olhos mais subtis são ainda demasiado grosseiros para ver a grandeza. Vivemos no reinado da população.

Já encontrei mais de um homem ocupado em esticar-se e em encolher-se, e o povo gritava: «Vede que grande homem!» Mas para que servem os foles das forjas? Nunca deixam sair senão vento.

A rã, à força de inchar, acaba por estourar; e então o ar foge. Furar a barriga de um inchado, é a isso que chamo uma boa partida. Ouvi isto, meus filhos!

O presente pertence à população; quem pode saber ainda o que é grande e o que é pequeno? Quem é que triunfou na procura da grandeza? Só os loucos. Os loucos triunfam em tal.

Estás à procura dos grandes homens, estranho louco? Mas quem te ensinou essa procura? Será o momento indicado? Por que havias de me vir tentar, entre todas as tuas tentativas, malvado?»

Assim falava Zaratustra, com o coração serenado, e prosseguiu, sorrindo, o seu caminho.

6. Na Disponibilidade

Pouco depois de se livrar do Encantador, Zaratustra viu outra vez um homem sentado à beira do caminho, um homem escuro e alto, de semblante pálido e descarnado; ficou tristemente impressionado.

«Ai — disse consigo — o que está ali sentado, é a tristeza mascarada, é uma figura de padre, ao que me parece; que querem, esses, nos meus domínios?»

Quê! Ainda mal me livreii desse Encantador— e logo outro nigromante se me atravessa no caminho,— algum desses taumaturgos que praticam a imposição das mãos, algum sombrio fazedor de milagres pela graça de Deus, que o diabo carregue!

O demónio, porém, nunca está onde devia estar, chega sempre tarde demais, esse maldito anão, o raio desse coxo!»

Assim praguejava Zaratustra cheio de impaciência no seu coração, decidido a passar rapidamente pelo homem olhando para outro lado, mas eis que sucedeu de maneira muito diferente. Com efeito, o homem sentado tinha dado por ele no mesmo instante; e como se tivesse encontrado de repente alguma felicidade imprevista, pôs-se a pé de um salto e avançou para Zaratustra.

«Quem quer que sejas, ó viandante — disse ele — auxilia um homem perdido que procura o seu caminho, um velho a quem poderia suceder alguma desgraça!

Este mundo é-me estranho e distante, e ouvi rugidos de animais selvagens; e aquele que me poderia proteger já não existe.

Andava à procura do último homem piedoso, um santo eremita que sozinho na sua floresta ainda não tinha ouvido dizer o que toda a gente sabe nos nossos dias.»

«O que é que toda a gente sabe dos nossos dias?» — perguntou Zaratustra. — Será talvez que o Deus antigo em que todo o mundo acreditava antigamente já não existe?

«Assim o dizes — respondeu tristemente o velho. — E servi esse Deus antigo até à sua última hora. Mas agora estou na disponibilidade, sem senhor, se bem que não esteja livre; já não tenho uma hora de felicidade, a não ser nas minhas recordações.

Por isso subi a esta montanha para aqui voltar a celebrar uma das festas que convêm a um antigo Papa e pai da Igreja — porque, fica sabendo, eu sou o último Papa — a festa das pias lembranças do culto divino.

Mas acontece que ele morreu também, esse homem pio entre todos, esse santo da floresta que continuamente louvava o seu Deus, com os seus cantos e os seus grunhidos.

Encontrei a sua cabana, mas já não o encontrei a ele; vi lá dois lobos que chamavam por ele uivando de morte — porque todos os animais o queriam. Ao ver aquilo, fugi.

Teria eu vindo em vão a estas florestas e a estas montanhas? Resolvi então no meu coração procurar outro, o mais piedoso de todos os que não acreditam em Deus — decidi-me a procurar Zaratustra».

Assim falou o velho, fixando um olhar penetrante no que estava de pé diante dele; mas Zaratustra apoderou-se da mão do antigo Papa e considerou-a demoradamente, cheio de admiração.

«Olha, então, Santo Padre — disse-lhe por fim —, que bela mão esguia; a mão de um homem que nunca fez outra coisa senão abençoar. Mas agora sou eu que a retém solidamente, eu a quem procuras, Zaratustra.

Eu sou Zaratustra, o ímpio, que diz: «Quem há mais ímpio do que eu, para ir frequentar a sua escola?»

Assim falava Zaratustra, e o seu olhar punha a descoberto os pensamentos e os pré-pensamentos do antigo Papa. Este acabou por dizer:

«O homem que melhor o amou, o que melhor o possuiu foi também aquele que mais o perdeu.

Olha: eu sou decerto, de nós os dois, o mais privado de Deus. Mas quem se poderia regozijar com isso?»

— «Serviste-o até ao fim? — perguntou Zaratustra com ar sonhador, depois de um longo silêncio.

— Sabes como morreu? É certo o que se diz, que foi a compaixão que o asfixiou?

Que tendo visto o homem suspenso na cruz ele não pôde continuar a suportar que o amor dos homens se tivesse tornado para ele um inferno e causasse por fim a sua morte?»

Mas o antigo Papa, sem responder, afastava o olhar com ar arisco, e o seu rosto exprimia dor e tristeza.

«Não te ocupes mais com ele — acrescentou Zaratustra depois de demorada reflexão, continuando sempre a fitar o velho na menina dos olhos.

Não te ocupes mais com ele, desapareceu. E se bem que te honre o facto de só dizeres bem desse desaparecido, sabes tão bem como eu quem ele era, e que seguia por caminhos singulares.»

«Para o dizer aqui entre três olhos — disse o antigo Papa um pouco regozijado (porque era cego de um olho) —, a respeito de Deus sei muito mais do que o próprio Zaratustra, e é justo.

A minha devoção serviu-o durante muitos anos, a minha vontade vergava-se em todas as circunstâncias à sua vontade. Mas um bom servidor sabe tudo, e muitas coisas que o seu senhor oculta a si próprio.

Era um Deus oculto, cheio de mistérios. Na verdade só soube alcançar um Filho por caminhos escusos. À entrada do seu credo encontra-se o adultério.

Celebrá-lo como um Deus de amor, é depreciar o amor. Não queria esse Deus ser também Juiz? Mas o apaixonado é alheio a qualquer ideia de recompensa ou de retribuição.

Na sua juventude, esse Deus vindo do Oriente, era duro e vingativo e criou um inferno para distrair os seus favoritos.

Mas acabou por se tornar velho e mole e flácido e compassivo, mais parecido com um avô do que com um pai, parecido sobretudo com uma velha avó completamente decrépita.

Para ali estava completamente murcho, sentado ao lume, lamentando-se com a fraqueza das pernas, cansado de viver, cansado de querer, e um dia acabou por perecer abafado pela sua excessiva piedade.»

«E tu, antigo Papa — interrompeu Zaratustra —, viste tudo isso com os teus próprios olhos? Foi talvez assim que tudo ocorreu — assim

ou de outra maneira, porque os deuses, quando morrem, morrem de diversas mortes.

Pouco importa! Desta ou doutra maneira, desta e da outra maneira, já não existe! Ofuscava-me os olhos e os ouvidos, é o pior que tenho a dizer dele.

Gosto de tudo o que tem o olhar límpido e a palavra clara. Mas ele — bem o sabes, antigo padre — tinha qualquer coisa das tuas maneiras, maneiras de padre — era ambíguo.

E tinha o espírito confuso. Quantas vezes se irritou contra nós, estalando de cólera porque o compreendíamos mal? Por que não se exprimia mais claramente?

E se a culpa era dos nossos ouvidos, por que nos tinha ele dado maus ouvidos? Se havia limo nos nossos ouvidos, quem é que o tinha lá metido?

Fracassou em muitas criações suas, esse oleiro noviço. Mas vingar-se nos seus potes e nas suas criaturas porque lhe tinham resultado mal, — foi um pecado *contra o bom gosto*,

Também em matéria de piedade existe um bom gosto; foi esse bom gosto que acabou por dizer: «Chega de semelhante Deus! Mais

vale não ter Deus, mais vale cada qual decidir o seu destino, mais vale ser louco, mais vale sermos nós mesmos deuses.»

— «Que estou eu a ouvir — disse neste ponto o antigo Papa, apurando o ouvido. — Ó Zaratustra, és mais piedoso do que pensas, com semelhante incredulidade. É algum Deus presente em ti que te inspira a tua impiedade.

Não é a tua própria piedade que te impede ainda de acreditar em Deus? E não é a tua excessiva probidade que te arrasta para além do bem e do mal?

Vê então tudo o que te foi poupado! Tens olhos, mãos e lábios feitos para abençoar toda a eternidade. Não se abençoa apenas com a mão.

A teu lado, se bem que pretendas ser o pior dos ímpios, distingo um secreto aroma de incenso e demoradas bênçãos; e vê-me feliz e dolorido.

Permite-me ser teu hóspede, ó Zaratustra, uma só noite. Em nenhuma parte do mundo me sentirei melhor do que em tua casa.»

— «Amen, assim seja! — replicou Zaratustra, muito surpreendido.

— Esse caminho que sobe, lá em cima, leva à caverna de Zaratustra.

Na verdade, gostaria de te lá levar eu próprio, Santo Padre, porque gosto de todos os homens piedosos. Mas agora um grito de angústia me chama à pressa para longe de ti.

Não quero que suceda infelicidade a ninguém nos meus domínios; a minha caverna é um porto seguro. E quereria colocar todos os aflitos em terra firme, e ajudá-los a aguentar-se de pé nas suas pernas.

Mas quem te poderá aliviar da tristeza que te pesa nos ombros? Eu sou muito fraco. Decerto, poderíamos esperar muito tempo antes que alguém conseguisse ressuscitar Deus.

Porque esse Deus já deixou de viver; está morto bem morto.»

Assim falava Zaratustra.

7. O Homem Mais Hediondo

E outra vez Zaratustra continuou por montes e por florestas, e os seus olhos, embora procurassem por toda a parte, em parte alguma encontravam aquele que procuravam, o miserável que tinha lançado aquele grande grito de angústia. Mas enquanto caminhava sentia-se cheio de alegria e de reconhecimento no seu coração.

«Que boas coisas me deu este dia — dizia consigo —, para me indemnizar de ter começado tão mal! Que singulares encontros!

Hei-de ruminar durante muito tempo as suas palavras, como se remoem os bons grãos, até que os meus dentes os tenham moído e reduzido a fina farinha e me corram como leite pela alma.»

Mas como o caminho voltasse a contornar um rochedo, a paisagem mudou repentinamente e Zaratustra voltou a entrar no domínio da Morte. Surgiram agulhas rochosas, vermelhas e pretas; nem um fio de erva, nem uma árvore, nem um grito de pássaro. Porque era um vale que todos os animais evitavam, mesmo as feras; só uma espécie de grandes e horríveis serpentes para lá iam estourar na sua velhice. Por isso os pastores chamavam àquele vale: a Morte das Serpentes.

Zaratustra contudo mergulhou em negras recordações; porque lhe parecia ter já estado uma vez naquele vale. E a sua alma estava oprimida, de tal modo que foi demorando cada vez mais o passo, acabando por parar. Mas então, levantando os olhos viu sentado à beira do caminho qualquer coisa que se assemelhava a um homem mas quase não tinha forma humana, um ser inominável. E de repente Zaratustra foi invadido pela grande vergonha de ter visto semelhante coisa; corando até à raiz dos cabelos brancos, afastou os olhos e deu um passo para se afastar daquele sítio nefasto. Mas então a pensativa solidão ganhou uma voz; do chão subia um gorgolejo e um estertor, como a água que à noite gorgoleja e

estertora nos canos obstruídos; finalmente foi uma voz humana e uma palavra humana que assim se exprimiam:

«Zaratustra, Zaratustra, adivinha o meu enigma! Fala, fala: qual é a *vingança contra a Testemunha*?

Volta para trás, peço-te, o gelo é escorregadio. Toma cuidado com o teu orgulho, não vás partir uma perna nele.

Julgas-te sábio, orgulhoso Zaratustra! Adivinha então este enigma, tu que partes as nozes mais duras. Adivinha o enigma que eu sou. Diz-me, quem sou eu?»

Mas depois de Zaratustra ouvir estas palavras, que julgais que se passou na sua alma? A compaixão assaltou-o e desabou como uma massa, como um carvalho que durante muito tempo resistiu a numerosos lenhadores e caiu com uma queda pesada, repentina, com espanto daqueles mesmos que o queriam abater. Mas já se levantava e os seus traços tornaram-se duros.

«Bem te conheço — declarou com voz de bronze — *és o assassino de Deus*. Deixa-me passar.

Não foste capaz de *suportar* que ele te visse, que ele te tivesse constantemente debaixo dos olhos e te adivinhasse, ó Homem mais hediondo. Vingaste-te dessa testemunha.»

Tendo assim falado, Zaratustra quis prosseguir o seu caminho, mas o ser inominável agarrou-o pelo fato e começou a gorgolejar e a procurar as palavras.

«Fica! — acabou por dizer. — Fica! Não te afastes! Adivinhei qual foi o machado que te derrubou. Mas glória a ti, Zaratustra, que te soubeste levantar outra vez.

Adivinhaste, bem sei, o que deve sentir aquele que o matou, o assassino de Deus. Fica! Senta-te a meu lado, não perderás nada com isso.

A quem queria eu encontrar, senão a ti? Fica! Senta-te. Mas não olhes para mim. Respeita também — a minha fealdade.

Perseguem-me; tu és o meu último refúgio. Não são o seu ódio nem os seus esbirros que me perseguem — oh!, havia de rir-me de semelhante perseguição, ficaria orgulhoso e contente.

Não está sempre o êxito do lado daqueles que foram muito perseguidos?² E na perseguição aprende-se a *seguir*, pois se marcha no rasto daquilo que se persegue. Mas aquilo de que fujo, é da sua *compaixão*.

² Jogo de palavras intraduzível baseando-se em Erfolg, êxito; verfolgen, perseguir; folgen, seguir.

É contra a sua compaixão que te venho pedir asilo, ó Zaratustra, protege-me, último refúgio meu, único ser que me adivinhou!

Porque adivinhaste o que deve sentir aquele que o matou. Fica! E se queres ir embora, ó impaciente, não vás pelo caminho que eu trilhei, É um mau caminho.

Estou a irritar-te há muito tempo com o meu palavreado? E por que já me permito dar-te conselhos? Mas fica sabendo que sou eu, o homem mais hediondo, que tenho os pés maiores e mais pesados. Por onde passo, o caminho torna-se mau; arruíno e estrago todos os caminhos.

Bem vi que ias passar por mim sem dizer nada, corando — e nisso reconheci que és Zaratustra.

Qualquer outro me teria atirado a sua esmola, a sua compaixão em olhares e palavras. Mas não sou bastante mendigo para a aceitar, como adivinhaste.

Sou demasiado rico, rico em coisas grandes e terríveis, horrorosas, inexprimíveis. A tua vergonha, ó Zaratustra, honra-me.

Difícilmente me libertei da multidão dos misericordiosos — a fim de descobrir o único homem que nos nossos dias ensina que a «compaixão é importuna»; para te descobrir a ti, ó Zaratustra!

Quer venha de um Deus ou dos homens, a compaixão ofusca o pudor. E a recusa de qualquer ajuda pode ser mais nobre do que a virtude mais oficiosa.

Ora, aquilo a que hoje se chama virtude na gente pequena, é a compaixão — tal gente não respeita uma grande desgraça, uma grande fealdade, um grande fracasso.

Domino-os a todos com o olhar, como o cão domina os dorsos buliçosos dos rebanhos de carneiros. São gentinhas pardas, lanças, bonachonas.

Tal uma graça real que, de cabeça derribada, domina desdenhosamente com o olhar os pântanos monótonos, o meu olhar dirige-se para além deste formigamento de pequenas vagas gris, de pequenas vontades gris, de pequenas almas gris.

Tempo demais se lhes deu razão, a esses humildes; foi assim que se acabou por lhes dar o poder. Agora ensinam: «Só é bem aquilo que os humildes acham bem.

E a verdade, na nossa época, foi o que disse o pregador saído do meio dessa gente, esse estranho santo, esse advogado dos pequenos, que dizia de si mesmo: «Eu sou a Verdade!»

É esse presunçoso que há muito tempo incha de orgulho as pessoas humildes, ele cujo erro não era diminuto, quando dizia: «Eu sou a Verdade!»

Acaso se deu alguma vez resposta mais cortês a um presunçoso? Todavia, tu, ó Zaratustra, passaste à sua frente sem parar, dizendo: «Não! Não! Mil vezes não!»

Tu assinalaste o seu erro, tu foste o primeiro a assinalar o perigo da compaixão — não para toda a gente nem para ninguém, mas para ti e para os que são da tua raça.

Envergonhas-te de ser a testemunha de uma grande dor. E na verdade, quando dizes: «A compaixão cobre-nos com a sua grande nuvem; tomai cuidado, ó homens!»

— quando ensinas que todos os criadores são duros, que todo o grande amor vence a sua própria compaixão — ó Zaratustra, penso que conheces muito bem os sinais dos tempos.

Mas tu mesmo, defende-te da tua própria compaixão. Porque um ror de gente se pôs a caminho para te vir encontrar, todos

os que sofrem, os doutores, os desesperados, os que estão em perigo de se afogar ou de morrer congelados.

Também te previno contra mim. Adivinhaste o melhor e o pior do enigma que eu represento. Adivinhaste o que sou e o que tenho feito. Conheço o machado que te pode abater.

Mas Ele — foi realmente necessário que morresse. Com os seus olhos que viam *tudo*, via o fundo e para além do fundo do homem, toda a sua oculta vergonha e ignomínia.

A sua compaixão não conhecia o pudor; insinuava-se nas pregas mais imundas, esse curioso, esse indiscreto, esse maníaco da compaixão; foi realmente necessário que morresse.

Fitava-me sem descanso; quis-me vingar dessa testemunha — ou deixar de viver.

O Deus que via tudo, e até o homem, foi necessário que morresse. O homem não suporta a vida de semelhante testemunha.»

Assim falava o Homem mais Hediondo. Mas Zaratustra levantou-se e preparou-se para seguir o seu caminho; porque se sentia gelado até à medula.

«Ser inominável — disse ele —, prevines-me contra o caminho que segues. Para te agradecer vou fazer o elogio do meu. Olha, lá em cima está a caverna de Zaratustra.

A minha caverna é grande e profunda, tem numerosos recantos; o mais escondido ainda lá encontra onde se esconder. E mesmo ao lado encontram-se esconderijos, com abrigos para animais rastejantes, saltadores e voadores.

Proscrito voluntário, não queres continuar a viver no meio dos homens e da compaixão humana? Seja, faz como eu. Assim aprenderás com o meu exemplo. É agindo que nos instruímos.

E consulta primeiro e antes de mais os meus animais — o animal mais altivo e o animal mais astuto. Devem poder dar-nos bons conselhos a ambos.»

Assim falava Zaratustra, e continuou o seu caminho, mais meditabundo, mais lento do que dantes. Porque se fazia muitas perguntas a que não sabia responder.

«Como o homem é miserável! — pensava consigo. — Como ele é feio, agonizante, cheio de secreta ignomínia!

Dizem-me que o homem gosta de si. Ai!, como esse amor próprio deve ser querido! Quanto desprezo lhe é necessário vencer!

Também esse gostava tanto de si que se desprezava — vejo nele o homem do grande amor e do grande desprezo.

Ainda nunca encontrei em ninguém semelhante desprezo por si. Também isso é grande. Seria ele talvez, o Homem superior cujo apelo ouvi?

Amo aqueles que estão repletos de grande desprezo. Mas o homem é o que deve ser superado.»

8. O Mendigo Voluntário

Quando Zaratustra se apartou do Homem mais hediondo, sentiu-se gelado pelo frio e pela solidão; porque lhe passavam pelo espírito muitos pensamentos solitários e gelados, e até os seus membros tinham arrefecido. Mas como continuasse a caminhar por montes e vales, ora passando ao lado de verdes prados, ora atravessando ravinas bravias e pedregosas onde noutros tempos algum ribeiro turbulento devia ter feito o seu leito, sentiu-se de repente aquecido e de coração mais confortado.

«Mas que me sucedeu? — perguntou a si mesmo. — De onde vem este sopro cálido e vivo que me reanima? Deve estar muito perto de mim.

Já me sinto menos só; rodam à minha volta companheiros, irmãos desconhecidos, o seu hálito quente comove a minha alma.»

Mas como lançasse olhares à sua volta, procurando saber de onde lhe vinha aquele reconforto na sua solidão, eis que se deu conta das vacas reunidas numa elevação; fora a proximidade e o bafo desses animais que lhe haviam reanimado o coração. Todavia elas pareciam ouvir com atenção alguém que lhes estava a falar, e não faziam caso de quem se aproximava. E quando Zaratustra chegou muito perto delas, ouviu distintamente uma voz que falava no meio do grupo de vacas, e todas viravam ostensivamente a cabeça para o orador.

Então Zaratustra correu para a elevação e afastou as vacas, porque receava houvesse sucedido alguma desgraça a alguém, que a compaixão das vacas não podia socorrer de maneira alguma. Mas enganava-se em tal. Eis que viu um homem sentado no chão, e que parecia exortar as vacas a não ter medo nenhum dele — um homem pacífico, parecido com um pregador da montanha e cujos olhos predicavam a amizade.

«Que vens tu fazer aqui? — perguntou Zaratustra estupefacto.

«O que venho procurar?» — respondeu ele. — O mesmo que tu, desmancha-prazeres, a felicidade na terra.

É por isso que procuro aprender com estas vacas. Fica sabendo que lhes estive a falar durante metade da manhã, e iam-me responder justamente agora. Por que nos vens perturbar?

Se não nos convertêssemos e não nos tornássemos iguais às vacas, não entraríamos no reino dos céus. Há uma coisa que devíamos aprender com elas: a ruminar.

E, na verdade, para que serviria a um homem alcançar o mundo inteiro, se não aprendesse a ruminar? Não conseguiria livrar-se da sua grande tristeza cujo nome é agora tédio.

Quem não terá hoje cheios de tédio o coração, a boca e os olhos? Até tu! Até tu! Mas olha um momento para estas vacas.»

Assim falou este pregador na montanha, depois virou os olhos para Zaratustra. Porque até então os tinha amorosamente fixados nas vacas. Mas imediatamente se lhe alterou o semblante:

«Quem é este homem com quem estou a falar? — exclamou, assustado, levantando-se de um salto.

É o homem que desconhece o tédio, é Zaratustra em pessoa, o que venceu o grande tédio. São realmente os seus olhos, são os seus lábios, é o coração de Zaratustra.»

E enquanto falava ia beijando as mãos daquele a quem falava, e comportava-se como se lhe tivesse caído do céu, imprevistamente, uma joia sem preço. Mas as vacas, vendo tudo isso, estavam maravilhadas.

«Não fales de mim, homem estranho e delicioso — dizia Zaratustra, defendendo-se da sua ternura — fala-me primeiro de ti! Não és tu o Mendigo voluntário que noutro tempo renunciou a uma grande riqueza —

o que tinha vergonha da sua riqueza e dos ricos, que se refugiou junto dos mais nobres para lhes fazer dom da sua abundância e do seu coração? Mas eles não aceitaram nada disso.»

«Mas eles não quiseram nada de mim — reconheceu o Mendigo voluntário — como sabes. Por isso acabei por vir para junto dos animais, e para junto destas vacas».

«E assim aprendeste — interrompeu Zaratustra —, quão mais difícil é dar o bem do que aceitar o bem, e que existe uma *arte* de dar o bem que é a suprema e mais subtil virtuosidade da bondade.»

«Especialmente nos nossos dias — replicou o Mendigo voluntário —, especialmente nos nossos dias em que tudo quanto é baixo está em estado de revolta, bravio e pleno de orgulho à sua maneira — à sua maneira populaceira.

Porque chegou a hora, como sabes, a hora da grande insurreição da população e dos escravos, a hora da grande, maligna, demorada e lenta insurreição que cresce continuamente.

Agora a menor benfeitoria, a menor largueza revoltam os humildes, e aqueles que são muito ricos devem dominar-se.

Àqueles que se pareciam com garrafas de gargalo estreito que só dão o seu conteúdo gota a gota, gostam nos nossos dias de lhes cortar o pescoço.

Avidez luxuriosa, inveja biliosa, rancor sombrio, orgulho plebeu — eis tudo o que me saltou aos olhos. Já não há razão para dizer: «Bem-aventurados os pobres! Mas o reino do céu existe — entre as vacas.»

«E por que não entre os ricos?» — perguntou Zaratustra para o experimentar, enquanto afastava as vacas que fungavam familiarmente sobre o rosto do bonacheirão.

«Por que me tentas? — respondeu o outro. — Sabe-lo melhor do que eu. O que foi que me impeliu para os pobres, Zaratustra? Não foi a aversão que sentia pelos ricos, por esses forçados da riqueza que procuram o seu lucro até no lixo, com olhos frios, pensamentos cúpidos,

— essa gentalha cujo fedor sobe até ao céu, essa população falsificada e dourada cujos pais eram ladrões, arranjadores de cadáveres ou trapeiros, essa gente com mulheres complacentes, lúbricas e esquecidas, — porque de facto em nada diferem das rameiras.

Populaça no alto da escada, populaça em baixo! Que importam hoje pobres ou ricos! Desaprendi de fazer esta diferença, — e acabei por fugir para mais longe, sempre para mais longe, até que me encontrei no meio destas vacas.»

Assim falou o pacífico, respirando ruidosamente e suando com o esforço das suas próprias palavras; de tal modo que as próprias vacas se voltaram a espantar. Mas Zaratustra fitava-o sem deixar de sorrir, enquanto o homem pronunciava tão duras considerações e abanava a cabeça sem nada dizer:

«Estás a violentar-te, pregador da montanha, ao empregares expressões tão duras. Nem os teus olhos nem os teus lábios são feitos para tamanha dureza: nem, ao que me parece, o teu próprio estômago reclama alimentos mais suaves. Não tens nada de carniceiro.

Pareces-me muito mais um homem para viver de plantas e de raízes, talvez moas grãos para te alimentares, mas seguramente te repugnam as alegrias da carne, e gostas de mel.»

«Adivinhaste-me perfeitamente — respondeu o Mendigo voluntário, com o coração aliviado. — Gosto de mel, moo os grãos, porque procuro o que tem um gosto bom e dá um hálito puro, e o que leva muito tempo, o que ocupa durante dias inteiros as maxilas dos doces preguiçosos, dos doces folgazões.

É verdade que estas vacas sabem ainda muito mais, pois inventaram o ruminar e o rebolar-se ao sol. E abstêm-se também de quaisquer pensamentos penosos que incham o coração.»

«É realmente bom — replicou Zaratustra. — Mas deverias ver os meus animais, a minha águia e a minha serpente; não têm rival na terra neste momento.

Olha, aquele caminho lá em cima leva à minha caverna, sê seu hóspede esta noite. E esta noite falarás com os meus animais a respeito da felicidade animal, até ao meu regresso. Porque agora um grito de angústia me chama à pressa para longe de ti. Também hás-de encontrar em minha casa mel novo, mel dourado em favos, fresco como gelo — come-o!

Mas agora despede-te rapidamente das tuas vacas, homem estranho e delicioso, por mais que te custe. Porque nelas tens as tuas melhores amigas e os teus melhores mestres.»

«Com exceção de um único a quem amo ainda mais — respondeu o Mendigo voluntário. — Tu és bom, melhor ainda do que uma vaca, ó Zaratustra.»

«Foge, foge depressa, vil adulator! — gritou Zaratustra, irritado. — Por que me queres corromper com o mel dos teus louvores e da tua lisonja?»

«Foge, foge para longe de mim», — gritou mais uma vez, ameaçando com o bordão o terno Mendigo; este afastou-se com a maior presteza.

9. A Sombra

Mas apenas o Mendigo voluntário se tinha afastado e Zaratustra se voltou a encontrar só, logo ouviu atrás dele outra voz que gritava:

«Pára, Zaratustra, espera por mim! Sou eu, Zaratustra, eu, a tua Sombra.» Mas Zaratustra não se deteve, porque o invadiu um súbito despeito, por causa desta multidão importuna que enchia a sua montanha.

«Que foi feito da minha solidão? — perguntava a si mesmo.

Finalmente, é demais. Esta montanha é buliçosa, o meu reino já não é *deste mundo*, vou precisar de outras montanhas.

É a minha Sombra que me chama? Que me importa a minha Sombra? Que corra atrás de mim, eu fujo dela.»

Assim dizia consigo Zaratustra enquanto corria. Mas o que estava atrás dele seguia-o e depressa foram três a correr um atrás do outro, o Mendigo voluntário, depois Zaratustra, e em terceiro e último lugar a sua Sombra. Ainda não corriam há muito tempo quando Zaratustra se arrependeu da sua loucura e expulsou para longe de si qualquer despeito e qualquer repugnância.

«Pois quê! — exclamou — Pois não é entre nós, velhos eremitas, velhos santos, que acontecem sempre as coisas mais risíveis?

Na verdade, a minha loucura prosperou na montanha. Agora oiço soar, umas atrás das outras, seis velhas pernas de loucos.

Mas terá Zaratustra o direito de ter medo de uma Sombra? E acabo também por acreditar que tem as pernas mais compridas do que eu.»

Assim falava Zaratustra, rindo abertamente com os olhos e as próprias entranhas. Deteve-se e deu vivamente meia volta e quase atirou ao chão a sua Sombra e o seu Duplo, tão agarrada seguia aos seus calcanhares e tão débil era. Com efeito, quando ele a

examinou, teve medo como perante a aparição repentina de um fantasma, tão fraca, escura, vazia, e extenuada parecia.

«Quem és? — perguntou Zaratustra com veemência. — Que fazes aqui? E por que dizes que és a minha Sombra? Não és nada a meu gosto.»

«Perdoa-me ser o que sou — respondeu a outra —, mas sou com efeito a tua Sombra e se te desagradar, felizmente, ó Zaratustra, eu aprovo-te e felicito-te pelo teu bom gosto.

Eu sou um viajante, há muito tempo agarrado aos teus calcanhares, sempre a caminhar, mas sem destino e sem lar; e pouco falta para que seja o terno Judeu errante, salvo não ser eterno, e também não ser judeu.

Pois quê? Havia de me ser necessário errar perpetuamente, agitado por todos os ventos, instável, perseguido? Ó Terra, és demasiado redonda para o meu gosto!

Já me sentei em todas as superfícies planas, já adormeci como uma poeira cansada nos espelhos e nas vidraças, tudo me corrói, nada me enriquece, vou diminuindo — pouco falta para que me pareça com uma sombra.

Mas, ó Zaratustra, é a ti que há mais tempo tenho seguido e perseguido; e conquanto me tenha escondido de ti, sempre

fui a tua Sombra mais devotada; onde quer que te tenhas fixado, me tenho eu detido; acompanhei-te nas regiões mais longínquas e nas mais glaciais, como um fantasma que se compraz em correr pela neve, pelos telhados embranquecidos pelo Inverno.

Contigo penetrei em tudo o que há de mais interdito no mundo, de pior e de mais longínquo; e se existe em mim alguma virtude, é a de não ter recuado diante de nenhuma proibição.

Contigo quebrei tudo o que o meu coração tinha adorado, derribei todas as barreiras e todas as estátuas, cedi aos desejos mais perigosos, — na verdade, passei ao menos uma vez por todos os crimes.

Contigo perdi a fé nas palavras, nos valores consagrados e nos grandes nomes. Quando o diabo muda de pele, não muda ao mesmo tempo de nome?

Porque o nome é uma espécie de epiderme. E o próprio diabo talvez não seja mais do que — uma epiderme, «Nada é verdade; tudo é permitido», assim um dia me consolei a mim mesmo. Mergulhei inteiramente, de cabeça e coração, nas águas mais glaciais.

Ah!, quantas vezes saí nu e vermelho como um caranguejo. Ai!, que fiz eu de tudo o que era bom em mim, do meu pudor e da minha fé nos bons? Ai!, para onde fugiu a candura mentirosa que possuí antigamente, a candura dos bons e as suas nobres mentiras?

Demasiadas vezes, na verdade, pisei a verdade; e ele então saltou-me à cara. Às vezes julguei mentir — e foi então que me encontrei em face — da verdade.

Muitas coisas se me tornaram claras; agora já nada me importa. Já não há nada no mundo que eu ame; como poderia amar-me ainda a mim mesmo?

«Levar a vida que me agrada, ou não viver de modo nenhum» — eis o que quero, o que quer também o mais santo. Mas ai!, ainda terei — desejo do quer que seja?

Acaso ainda tenho um objetivo? Um porto para onde encaminhar a minha vela?

Um vento favorável? Ai!, só o que sabe para onde vai sabe também qual é o vento favorável que para lá o levará.

Que me resta? Um coração cansado cheio de impiedade; uma vontade instável; asas que batem doidamente; uma espinha partida.

Esta perseguição da minha pátria, ó Zaratustra, bem o sabes, é o mal que me persegue; devora-me?³

«Onde está a minha pátria?» Informo-me e procuro-a sem conseguir encontrá-la. Ó eterno em toda a parte, é eterno em parte alguma, ó eterno — em vão!»

Assim falou a Sombra, e o rosto de Zaratustra dilatava-se ao ouvi-la.

«Sim, és a minha sombra», — disse afinal com tristeza.

— O perigo que corres não é para desprezar, espírito livre, vagabundo! A tua viagem foi má, toma cuidado para que a noite não seja pior.

Os inquietos como tu acabam por encontrar encanto até numa prisão. Já alguma vez viste dormir os criminosos a quem acabaram de prender? Dormem tranquilamente, fruem a sua nova segurança.

Toma cuidado não acabe por se apoderar de ti qualquer fé acanhada, qualquer dura e rígida ilusão. Porque de ora em diante serás seduzido e tentado por tudo o que é estreito e rígido.

³ Jogo de palavras intraduzível: Heim, pátria, casa; suchen, buscar, procurar; Heimsuchung, aflição, prova.

Perdeste o teu objetivo: ai!, como poderás tomar o teu partido? Como te irás consolar dessa perda? Ao mesmo tempo perdeste também o teu caminho!

Pobre errante, pobre transviado, borboleta fatigada!, queres apreciar esta noite um descanso e um ar? Então vai para a minha caverna!

É esse o caminho para a minha caverna. E agora vou-te deixar a toda a pressa. Já pesa sobre mim uma espécie de sombra.

Vou correr sozinho até me voltar a encontrar em plena claridade. Para isso vai-me ser necessário mover ainda desembaraçadamente as pernas durante muito tempo. Mas em minha casa, esta noite — vai-se dançar.»

Assim falava Zaratustra.

10. Meio-Dia

E Zaratustra desatou a correr sem voltar a encontrar ninguém; depressa se achou sozinho e se dominou, contente por poder alimentar-se e sustentar-se com a sua solidão e pensar em boas coisas durante horas. Mas por volta do meio-dia, como o sol se encontrasse no zénite por cima dele, passou perto de uma velha

árvore torcida e nodosa, que era enlaçada e envolvida por toda a parte pelo abraço de uma vinha amorosa; cachos dourados ofereciam-se ao viandante em abundância. Então sentiu desejo de acalmar uma sede leve e de colher um cacho; mas quando já estendia a mão, teve ainda desejo de outra coisa: de se estender debaixo da árvore e de dormir um pouco em pleno meio-dia.

Assim fez. E mal se tinha deitado no chão no silêncio e no mistério da erva florida, logo esqueceu a sede e adormeceu. Porque há um provérbio de Zaratustra que diz: «De duas coisas, uma é mais necessária do que outra». Todavia conservava os olhos abertos, porque não se cansava de ver e de celebrar a árvore e a vinha amorosa. E enquanto ia adormecendo, Zaratustra dizia no seu coração:

«Silêncio! Silêncio! Não é verdade que o mundo acaba de atingir a sua perfeição? Que é que me sucede?

Como uma brisa deliciosa dança, invisível, sobre o mar acalmado, leve, leve como a pena — assim o sono dança sobre o meu espírito.

Não me cerra os olhos, deixa a minha alma desperta. É leve, na verdade, leve como uma pena.

Persuade-me, não sei como. Aflora com a sua mão acariciadora a minha fibra mais íntima. Apodera-se de mim. Obriga a minha própria alma a dilatar-se também.

Como ela me parece extensa e cansada, essa alma estranha! Será já a noite do sétimo dia que a surpreende em pleno dia? Errou ela durante muito tempo com delícia por entre as coisas boas e maduras?

Ei-la deitada ao comprido — mais extensa ainda. Ei-la muda, à minha alma estranha. Saboreou demasiadas coisas boas, pesa-lhe esta embriaguez doirada, a sua boca contrai-se.

Como barca que entrou na baía mais calma do mundo, encosta-se agora a terra, cansada das demoradas viagens e dos mares incertos. A terra deixou de ser segura?

Como uma barca que procura o apoio, a carícia da terra: basta então que uma aranha estenda o seu fio entre ela e a terra; não há necessidade de cabo mais forte.

Como uma barca cansada na mais tranquila baía, repouso em contato com a terra, fiel, confiante, esperando, ligado à terra pelos fios mais ténues.

Ó felicidade! Ó felicidade! Decerto querias cantar, ó minha alma? Estás deitada na erva. Mas eis a hora secreta e solene em que nenhum pastor sopra na sua flauta.

Acautela-te! O meio-dia ardente dorme nos prados. Não cantes! Silêncio! O mundo atinge a sua perfeição!

Não cantes, ave dos prados, ó minha alma! Nem sequer murmures! Olha — silêncio! O antigo meio-dia adormeceu, mexe os lábios; não acaba de beber uma gota de felicidade?

Uma velha gota escura de uma felicidade doirada, de um vinho doirado? Um sopro passa sobre ele, a sua felicidade ri. Assim ri um deus. Silêncio!

«E feliz por ser necessário tão pouco para ser feliz!» Assim pensava eu antigamente, julgando-me sábio. Mas era uma blasfêmia; agora me dou conta disso. Os loucos, na sua sabedoria, falam melhor.

A mínima coisa, a menos barulhenta e a mais leve, o roçar de um lagarto, um sopro, um deslizar, um fechar de olhos — é com este pouco que se compõe a essência da felicidade mais singular. Silêncio!

— Que me aconteceu? Ouvi! Acaso voou o tempo? Será que caio, que caí — ouvi! — no poço da eternidade?

Que me sucede? Silêncio! Feriu-me uma flecha — ai! — no coração! No coração? Oh! quebra-te, coração, depois de semelhante felicidade, depois de semelhante ferida!

Como! Não acaba o mundo de atingir a sua perfeição? Não está redondo e maduro? Oh! este círculo de ouro, de uma redondeza perfeita, para onde vai voar, para correr atrás dele? Fugiu!

Silêncio.» (Aqui Zaratustra estirou-se e sentiu que estava a dormir). «A pé — disse para si mesmo, — a pé, dorminhoco, dorminhoco em pleno meio-dia!

Vamos, coragem!, minhas velhas pernas. Já são horas, mais do que horas. Ainda nos falta andar um bom pedaço de caminho.

E agora já dormiste que bastasse. Quanto tempo? Uma meia-ternidade pelo menos. Vamos, coragem, velho coração! Depois de tal sono, quanto tempo te será necessário — para voltar a ter sono outra vez?

(Mas imediatamente voltou a adormecer, e a sua alma defendia-se e resistia-lhe, e tornava a deitar-se ao comprido — «Deixa-me então! Silêncio! Não acaba o mundo de atingir a sua perfeição? Oh! a bela bola de ouro redonda!»

«Levanta-te — disse Zaratustra — pequena ladra, preguiçosa! O quê? sempre a espreguiçar-te, a bocejar, a suspirar, a deixar-te cair nos poços profundos ?

Quem és tu, então, minha alma? (e aqui estremeceu aterrado, porque um raio de sol caiu a direito do sol sobre o seu rosto).

Ó céu por cima da minha cabeça — disse suspirando e endireitando-se no seu lugar, estás a olhar cara mim? Estás a ouvir esta alma singular?

Quando beberás esta gota de orvalho caída sobre todas as coisas terrenas? Quando beberás esta alma estranha?

Quando pois, ó poço da eternidade, abismo luminoso e estremecente do meio-dia, quando absorverás em ti a minha alma?

Assim falava Zaratustra, e ergueu-se da sua cama debaixo da árvore, como se saísse de uma estranha embriaguez, e eis que o sol estava ainda no zénite exatamente por cima da sua cabeça. De onde se podia concluir que Zaratustra não tinha dormido muito nesse dia.

11. A Saudação

Ia já a tarde muito alta quando Zaratustra, depois de muitas correrias e pesquisas vãs, tornou à sua caverna. Mas quando chegou a apenas vinte passos da entrada, sucedeu o que ele menos esperava: voltou a ouvir o grande *grito de angústia*. E coisa assombrosa, esse grito saía daquela vez da sua caverna. Ora era um estranho grito, prolongado e múltiplo, e Zaratustra distinguia nitidamente que era produzido por diversas vozes, se bem que, de longe, fizesse o efeito de sair de uma única boca.

Então Zaratustra precipitou-se para a caverna. Que espetáculo o esperava depois desse concerto! Porque ali viu sentados, lado a lado, todos quantos tinha encontrado no caminho durante o dia: o Rei da direita e o Rei da esquerda, o velho Encantador, o Papa, o Mendigo voluntário, a Sombra, o Espírito de escrúpulo, o Profeta de mau augúrio e o Burro; mas o Homem mais hediondo tinha posto uma coroa e cingira-se com duas faixas de púrpura, porque gostava, como todos os que são feios, de se disfarçar e de se adornar. Mas no meio dessa triste sociedade estava a águia de Zaratustra, eriçada e inquieta, porque lhe faziam um ror de perguntas às quais o seu orgulho a proibia de responder, e a astuta serpente pendia enroscada ao seu pescoço.

Zaratustra ficou grandemente surpreendido, mas em seguida examinou cada um dos hóspedes com benévola curiosidade, e tendo lido as suas almas tornou a espantar-se. Entretanto todos se tinham levantado dos seus lugares e esperavam com respeito que Zaratustra tomasse a palavra. E Zaratustra falou-lhe nestes termos:

«Homens, Homens singulares, foi então o vosso grito de angústia que ouvi! E sei agora onde se encontra aquele que procurei inutilmente todo o dia, o *Homem superior*.

Ei-lo portanto na minha caverna, o Homem superior! Mas por que me hei-de admirar? Não fui eu próprio que o atraí aqui com o meu oferecimento de mel e os malignos chamarizes da minha felicidade?

Mas pareceis-me mal feitos para vos pordes de acordo, não cessais de vos irritar uns contra os outros, vós que estais sentados lado a lado, lançando apelos de angústia. Haveis de ter necessidade de que outro se junte a vós,

outro que vos ensine outra vez a rir, um bom bufão jovial, um dançarino, um furacão, um fogo fátuo, algum velho louco — que vos parece?

Perdoai-me, ó desesperados, que me sirva de palavras tão humildes, indignas na verdade de tais hóspedes. Mas não adivinhais o que me enche o coração de alegria.

Sois vós mesmos, é ver-vos aqui, desculpai-me. Com efeito, recupera-se coragem, quando se vê um desesperado, e para devolver coragem a um desesperado, toda a gente se julga bastante forte.

São aqui os meus domínios e o meu reino, mas esta tarde e esta noite tudo o que me pertence será vosso. Os meus animais vos servirão, a minha caverna será o vosso lugar de repouso!

É aqui o meu domínio e o meu reino, mas esta tarde e esta noite tudo o que me pertence será vosso. Os meus animais vos servirão, a minha caverna será o vosso lugar de repouso!

Não quero desesperados em minha casa, no meu lar; nos meus domínios entendo proteger cada um contra as suas próprias feras. E a primeira coisa que vos ofereço, é a minha segurança!

Mas a segunda é o meu dedo mínimo. E quando vo-lo estender, apoderaí-vos da mão toda, e, palavra de honra! do coração ao mesmo tempo. Sede benvindos aqui, muitíssimo benvindos, ó meus hóspedes!»

Assim falava Zaratustra, rindo com um ar de ternura e de malícia ao mesmo tempo. Depois desta alocução de boas-vindas os seus hóspedes voltaram a inclinar-se, guardando um silêncio respeitoso. Mas o Rei da direita respondeu em nome de todos:

«Pela maneira como nos estendeste a mão e nos desejastes as boas-vindas, reconhecemos que és Zaratustra. Humilhaste-te diante de nós; um pouco mais, e terias ferido a nossa deferência.

Mas quem, que não tu, se poderia humilhar com tanto orgulho? Isso mesmo nos endireita, reconforta os nossos olhos e os nossos corações.

Só para ver tal coisa, estaríamos prontos a subir montanhas ainda mais altas. Viemos com olhos ávidos, desejosos de ver o que tranquiliza os olhos contristados.

E eis que já esquecemos o nosso apelo de angústia. Já os nossos espíritos e os nossos corações estão abertos e extasiados. Pouco falta para que a nossa coragem se transforme em presunção.

Não há na terra nada mais tónico do que uma alta e forte vontade; é a planta mais bela que se pode desejar. Semelhante árvore anima uma paisagem inteira.

É com um pinheiro que eu compararia o que cresce como tu, ó Zaratustra, alto, silencioso, duro, solitário, feito da melhor madeira e da mais flexível, magnífico,

desdobrando no cume os seus fortes ramos verdes a fim de alargar o seu próprio domínio, fazendo perguntas vigorosas aos ventos, às tempestades e a tudo quanto é familiar às alturas,

e dando respostas mais vigorosas ainda, ordenando como senhor, como vencedor. Oh! quem não subiria altas montanhas para aí contemplar semelhantes plantas!

A tua árvore, ó Zaratustra, devolve a coragem aos próprios melancólicos, aos vencidos da vida; o seu aspeto tranquiliza os inquietos e cura a sua coragem.

E na verdade, muitos olhares, nos nossos dias, estão fixados na tua montanha e na árvore que nela vive; levantou-se uma

aspiração poderosa, e muitos homens aprenderam a dizer: quem é Zaratustra?

E todos aqueles em cujos ouvidos alguma vez instilastes o mel do teu canto, os homens secretos, aqueles que se afastam furtivamente, sozinhos ou aos pares, disseram de repente no seu coração:

«Zaratustra ainda está vivo? Não vale a pena viver, tudo é igual, tudo é vão, se não podemos viver com Zaratustra.

Por que não chega ele, depois de se ter anunciado há tanto tempo?» E mais de um pergunta: «Teria sido devorado pela solidão? Conseguiremos voltar a encontrá-lo?»

Ora revela-se agora que a solidão sazou, e que se fende como um sepulcro que já não pode reter os seus mortos. Só se veem ressuscitados por toda a parte.

As vagas sobem pouco a pouco em torno da tua montanha, ó Zaratustra. E por mais alto que seja o teu cume, conseguirão sem dúvida alcançar-te, a tua barca já não deve ficar muito tempo em seco.

E nós que desesperávamos, nós viemos à tua caverna, e já deixámos de desesperar; é esse apenas o sinal e o presságio

anunciando que outros, melhores do que nós, se puseram já a caminho para se virem encontrar contigo.

Porque aquilo que se pôs à tua procura, é o último resto do que existe de divino no homem, são todos os homens animados pela grande nostalgia, o grande tédio, a grande saciedade,

todos os que não querem viver a não ser que possam voltar a encontrar a *esperança*, a não ser que aprendam contigo, ó Zaratustra, a *grande esperança!*»

Tendo assim falado, o Rei da direita pegou na mão de Zaratustra para lha beijar; mas Zaratustra impediu esse gesto de adoração e retrocedeu assombrado, taciturno, como se mergulhasse de repente nos longínquos infinitos. Decorrido um pequeno instante, todavia, voltou para junto dos seus hóspedes, fixou neles um olhar lúcido e crítico e disse:

«Homens superiores, meus hóspedes, vou-vos falar claro, em bom alemão. Não era a vós que esperava nestas montanhas.»

— «Falar claro, em bom alemão? Deus tenha piedade de nós!
— disse aqui o Rei da esquerda à parte. — Bem se vê que este sábio do Oriente não conhece estes bons Alemães!

Mas ele quer dizer: grosseiramente, à maneira alemã: pois seja! Nos nossos dias, não é o pior dos gostos.»

«Pode ser que todos vós sejais Homens superiores, — prosseguiu Zaratustra, — mas, em minha opinião, não sois nem bastante altos nem bastante fortes.

Em minha opinião, quer dizer relativamente à exigência inflexível que calo mas que nem sempre calarei. E se bem que sejais dos meus, não vos considero como sendo o meu braço direito.

Porque aqueles que, como vós, caminham sobre pernas doentes e débeis, quer o saibam quer não, desejam ser *poupados*.

Ora eu não poupo nem os meus braços nem as minhas pernas, *eu não poupo em nada os meus guerreiros*. Como poderíeis ser bons para a *minha guerra*?

Estragaríeis todas as minhas vitórias. E o rufar ruidoso dos meus tambores havia de bastar muitas vezes para vos fazer cair de costas.

Também não vos acho suficientemente belos nem suficientemente bem nascidos. Para a minha doutrina são-me necessários espelhos puros e perfeitamente polidos. A minha própria imagem se deforma na vossa superfície.

Pesam sobre os vossos ombros demasiados fardos, demasiadas recordações. Escondem-se nos vossos recônditos demasiados

diabretes malévolos. Há em vós demasiados instintos plebeus que se dissimulam.

E embora sejais altos e de elevada extração, carregais em vós demasiadas disformidades e maus feitios. Não há ferreiro no mundo que conseguisse endireitar-vos e voltar a forjar-vos direitos.

Sois pontes: pudésseis servir de pontes a outros maiores do que vós. Sois degraus: não vos irriteis contra os que vos sobem a fim de atingir *a sua própria* altura.

Talvez a vossa semente possa um dia dar nascimento a um filho legítimo, a um herdeiro completo, mas tal dia está ainda longe. Não sois, quanto a vós, os que podem reivindicar a minha herança e o meu nome.

Não é a vós que espero nestas montanhas, não é convosco que voltarei a descer pela última vez para o meio dos homens. Não sois para mim senão um presságio dos que, maiores do que vós, se encaminham para mim;

não os Homens da grande nostalgia, do grande tédio, da grande saciedade, nem aqueles a quem chamais os vestígios de Deus sobre a terra, não, não, não, três vezes não! São outros homens que espero aqui nas montanhas e não me arredarei daqui senão em sua companhia;

outros mais altos, mais fortes, mais triunfantes, mais alegres, homens feitos a compasso e esquadro, de corpo e alma, — os *leões risonhos* que hão-de vir.

Ó meus singulares hóspedes, nunca ouvistes falar dos meus filhos? Não vos disseram que estão a caminho para virem ter comigo?

Falai-me dos meus jardins, das minhas ilhas Afortunadas, da minha raça bela e nova — por que não me falais disso?

O dom que reclamo da vossa afeição, é que me faleis dos meus filhos. É por eles que sou rico. Foi por eles que empobreci.

Quanto não dei, quanto não daria para possuir este único bem, estes filhos, este vivo viveiro, estas árvores vivas da minha vontade e da minha elevada esperança!»

Assim falava Zaratustra, e de súbito interrompeu o seu discurso, porque a nostalgia o dominou e a emoção do seu coração lhe cerrou os olhos e os lábios. E todos os hóspedes se calaram também e permaneceram imóveis e consternados, com exceção do velho Profeta, que fazia toda a espécie de sinais por gestos e contorções.

12. A Ceia

Nesse momento o Profeta interrompeu as saudações que trocavam Zaratustra e os seus hóspedes, adiantou-se como alguém que não tem tempo a perder, pegou na mão de Zaratustra e exclamou:

«Mas, Zaratustra!, tu mesmo o disseste, de duas coisas uma é mais necessária do que outra: pois bem, há agora uma coisa que me é mais necessária do que todas as outras no mundo.

A propósito: não me convidaste para um repasto? E olha, todos os que aqui estão deram longas caminhadas. Não vais, portanto, satisfazer-nos com discursos?

E todos vós falastes demasiado do perigo de morrer congelados, afogados, asfixiados ou de qualquer outro mal; nenhum de vós pensou no mal que me faz sofrer, quanto a mim, e que é a fome.»

(Assim falou o Profeta, mas ao ouvir estas palavras, os animais de Zaratustra fugiram assustados. Porque viam muito bem que aquilo que tinham acarretado durante o dia não bastaria para encher o estômago daquele único Profeta.

«Para não falar na sede — continuou o Profeta. — E se bem que ouça um marulhar de água que se parece com os

discursos da sabedoria, abundante e infatigável, como eles, o que eu quero, é — vinho!

Nem toda a gente é como Zaratustra, bebedor nato de água. A água não vale nada para as pessoas cansadas e gastas; para nós, é necessário vinho. Só o vinho opera súbitas curas e dá uma saúde sempre alerta.

Foi então, enquanto o Profeta reclamava vinho, que o Rei da esquerda, o taciturno, tomou por sua vez a palavra:

«Quanto ao vinho, nisso pensamos nós, eu e o meu irmão, o Rei da direita; temo-lo em abundância, a carga de um burro. Não teremos falta de nada, a não ser de pão.»

«Pão? — disse Zaratustra, rindo —, é justamente aquilo que falta aos eremitas. Todavia, nem só de pão vive o homem, mas também da carne suculenta dos anhos, como estes dois aqui.

É preciso abatê-los o mais depressa possível e prepará-los de maneira saborosa com salva; é assim que gosto deles. E também não faltam raízes nem frutos, capazes de agradar mesmo a gastrónomos e paladares delicados; para não falar das nozes e de outros miúdos enigmas.

Vamos, pois, fazer daqui a pouco uma boa refeição. Mas os que quiserem comer comigo devem pôr mãos à obra, todos sem exceção

dos Reis. Pois em casa de Zaratustra nem aos Reis é proibido ser cozinheiros.»

A proposta agradou a todos, exceto ao Mendigo solitário que protestou contra a carne, o vinho e as especiarias.

«Ouçam por um momento este glutão do Zaratustra! — exclamou em tom de zombaria. — É então para fazer semelhantes festins que se vem para as cavernas e para as altas montanhas?

Compreendo agora o que ele nos ensinou outrora: «Louvada seja uma modesta pobreza! — E a razão por que quer suprimir os mendigos.»

«Não te aborreças — respondeu-lhe Zaratustra — faz como eu. Conserva os teus hábitos, meu caro. Mói os teus grãos, bebe a tua água, elogia a tua cozinha, desde que te dê alegria.

Eu apenas quero fazer lei para os meus, não sou uma lei para toda a gente. Mas aqueles que pertencem à minha espécie devem ter ossos rijos e pés ligeiros.

É necessário que estejam sempre dispostos para a guerra e para os festins — nem melancólicos nem sonhadores, dispostos aos esforços mais penosos assim como a uma festa, são e robustos.

Pertence-nos o que há de melhor, a mim e aos meus, e o que não nos dão, tomamo-lo: a melhor carne, o céu mais puro, os pensamentos mais fortes, as mulheres mais formosas.»

Assim falava Zaratustra — mas o Rei da direita replicou:

«É singular! Já alguma vez se ouviram coisas tão razoáveis sair da boca de um sábio? E na verdade o que há de mais singular num sábio, é ele ser razoável e não ser burro.»

Assim falou o surpreendido Rei da direita. Mas o burro sublinhou este discurso com um I-A descontente. Não era todavia senão o começo de uma longa refeição a que as crónicas chamam «a Ceia». E nessa refeição só se falou do *Homem superior*.

13. Do Homem Superior

1

A primeira vez que estive em casa dos Homens, pratiquei a tolice que cometem todos os solitários, a grande tolice de me instalar na praça pública.

Dirigindo-me a todos, não me dirigia a ninguém. Mas à noite tive por companheiros saltimbancos e cadáveres; e pouco faltou para que eu próprio não fosse também um cadáver.

Mas na manhã seguinte vi brilhar uma certeza nova; aprendi a dizer: «Que me importam a praça pública e a população e a algazarra festiva e as orelhas compridas da população!»

Homens superiores, aprendei comigo esta verdade: na praça pública ninguém acredita nos Homens superiores. E se quereis falar na praça pública, fazei-o; mas a população dirá piscando os olhos: «Somos todos iguais.»

«Homens superiores — assim fala a população piscando os olhos — não há Homens superiores, somos todos iguais. O Homem é apenas um homem — diante de Deus somos todos iguais.»

Diante de Deus! Mas esse Deus morreu. Mas recusamo-nos a ser iguais diante da população. Homens superiores, conservai-vos afastados da praça pública.

2

Diante de Deus! Mas esse Deus morreu! Homens superiores, esse Deus era o vosso maior perigo.

Ressuscitastes depois de Ele jazer no sepulcro. É agora enfim que vai luzir o grande Meio-dia, que o Homem superior se vai tornar — o senhor.

Compreendeis esta palavra, ó meus irmãos? Estais assustados, o vosso coração está dominado pela vertigem? Vedes abrir-se um abismo? Ouvis ladrar o dogue do Inferno?

Vamos, coragem! Homens superiores. É agora que a montanha do futuro humano vai dar à luz. Deus morreu. Mas nós, nós queremos agora que viva o Super-homem.

3

Os mais preocupados perguntam hoje: «Como se há-de fazer para conservar o homem? Mas Zaratustra é o primeiro e único a perguntar: Como se há-de fazer para superar o homem?

É o Super-homem que me preocupa o coração. E a minha primeira, a minha única preocupação, ele e não o homem, nem o próximo, nem o mais pobre, nem o mais aflito, nem o melhor.

Ó meus irmãos, o que eu posso amar no homem, é o que nele é ao mesmo tempo transição e perdição.

Também vós tendes em vós muitas coisas que me inspiram ternura e esperança.

Desprezastes, Homens superiores: o que me dá esperança. Os mais desprezadores são também os mais respeitadores.

Desesperastes: o que merece muito respeito. Porque não aprendestes a resignar-vos, ignorastes as prudências mesquinhas.

Hoje, os pequenos tornaram-se os senhores, todos pregam a resignação, a acomodação, e a prudência e a aplicação, e as considerações, e todo o extenso *et coetera* das virtudes miúdas.

Os homens efeminados, os filhos dos escravos e sobretudo a população mestiçada, tudo isso quer agora assenhorear-se do destino humano — ó horror, horror, horror!

Eis os que procuram e se inquirem sem descanso: «Como conservar o homem o mais tempo possível, o melhor possível, com mais agrado? São assim os senhores da hora.

Será necessário subjugar estes senhores da hora, estes pequenos, ó meus irmãos. São para o Super-homem o pior dos perigos.

Superai, peço-vos, ó meus irmãos, estas miúdas virtudes, estas pequenas astúcias, estes escrúpulos do tamanho de um grão de areia, este bulício de formigas, esta miserável satisfação de si, esta felicidade do maior número

e desesperai de preferência a render-vos. Porque na verdade vos amo porque não sabeis viver no tempo em que estamos, Homens superiores. E sois aqueles que viveis melhor.

4

Tendes coragem, ó meus irmãos? Sois ousados? Não falo de uma coragem perante testemunhas, mas de uma coragem de solitário ou de águia, que nem sempre tem Deus como testemunha.

As almas frias, os machos, os cegos, os bêbedos não têm aquilo a que chamo coragem. Aquele que tem coragem, é o que conhece o medo, mas que domina o medo, que vê o abismo, mas com *arrogância*.

Aquele que vê o abismo, mas com olhos de águia, aquele que *abraça* o abismo, mas com garras de águia, esse tem coragem.

5

«O homem é mau» — foi o que me disseram os mais eminentes sábios para me consolar. Ai!, por que não há-de ser isto verdade nos nossos dias! Pôr no homem o mal é ainda a melhor energia.

É necessário que o homem se faça ao mesmo tempo melhor e pior: tal é a minha doutrina. O pior mal é indispensável ao bem do Super-homem.

Para este predicador dos humildes podia ser bom ter sofrido e carregado a sua parte do pecado dos homens! O grande pecado faz a minha alegria, é o meu melhor *reconforto*.

Mas isto não se destina às orelhas compridas. Nem todas as palavras ficam bem em todas as bocas. Trata-se aqui de coisas delicadas e distantes, nada que possa ser apanhado pelos cascos dos carneiros.

6

Homens superiores, pensais que estou aqui para reparar o que fizestes mal?

Ou para preparar uma cama mais elástica para as vossas dores? Ou para vos indicar atalhos mais fáceis, a vós os inquietos, os errantes, os extraviados na alta montanha?

Não, não, não, três vezes não! É preciso que um número cada vez maior de vós pereça, pois é preciso que a vida se vos torne cada vez mais dura e penosa. É assim somente,

é assim somente que o homem cresce, alcança as alturas em que o raio o atinge e o aniquila: quando subiu suficientemente alto para encontrar o raio.

O meu pensamento, o meu desejo estão ligados ao pequeno número, às coisas longínquas e de longo alcance. Que me importa a vossa pequena angústia múltipla e breve?

Para mim, ainda não sofreis bastante. Porque sofreis por vós mesmos, não é ainda pela *condição humana* que sofreis. Mentiríeis, se falásseis de outra maneira. Nenhum de vós sofre por aquilo que eu sofro.

7

Não me basta que se tenha tornado o raio inofensivo. Não quero desviá-lo, quero ensiná-lo a trabalhar para mim.

Há muito tempo que a minha sabedoria se acumula como uma nuvem, cada vez mais escura e silenciosa. É assim que procede toda a sabedoria que quer um dia dar à luz o *raio*.

Não quero ser uma *luz* para os homens de hoje, nem que eles me tomem por uma luz. A esses — quero cegá-los! Relâmpago da minha sabedoria, assombra-os!

8

Defendei-vos de querer o que está acima das vossas forças. Há uma falsidade perniciosa nos que querem o que está acima das suas forças.

Sobretudo se querem grandes coisas. Porque despertam a desconfiança pelas grandes coisas, esses astutos moedeiros falsos, esses cómicos subtis, até ao dia em que se disfarçam mesmo aos seus próprios olhos, com os seus olhares de revés, a sua maneira corroída coberta por um verniz, mascarado com palavras solenes, as suas virtudes aparatosas, as suas obras falsificadas, a sua farfalhada.

Muito cuidado com eles, homens superiores. Não há nada que hoje me pareça ser mais precioso nem mais raro do que a probidade.

A hora presente não é a hora da população? Ora a população ignora o que é grande ou pequeno, reto ou honesto; é tortuosa com inocência; mente sempre.

9

Sede sobretudo prudentes, Homens superiores, homens animosos, corações sinceros. E conservai as vossas razões secretas. Porque a hora presente é a da população.

O que a população aprendeu a crer sem razão, como o poderíamos destruir por meio de razões?

E na praça pública, é com gestos que se convencem as pessoas. Mas a população desconfia das razões.

E se alguma vez a verdade triunfa, perguntai a vós mesmos com salutar desconfiança: «Qual foi o erro robusto que combateu por ela?»

Defendei-vos também das pessoas cultas. Odeiam-vos, porque são estéreis. Têm olhos frios e secos, todas as aves lhe parecem depenadas.

Alguns gabam-se de não mentir em nada, mas é preciso que a incapacidade de mentir seja amor pela verdade. Desconfiai!

É preciso que a ausência de febre seja a lucidez do Conhecimento. Não acredito nos espíritos frios. Aquele que não sabe mentir ignora o que é a verdade.

10

Quereis subir mais alto? Servi-vos das vossas próprias pernas. Não vos façais *carregar* para o alto, não subais levados às costas ou à cabeça de outrem.

Mas tu, tu subiste a cavalo? E agora galopas alegremente para o teu objetivo? Está bem, meu amigo. Mas o teu pé coxo vai contigo, em cima do teu cavalo.

Quando chegares ao teu objetivo, quando desceres do cavalo, será no teu cume, Homem superior, — que tropeçarás.

11

Ó criadores, Homens superiores, nunca se carrega consigo senão o seu próprio filho.

Não vos deixeis doutrinar. Quem é pois o vosso próximo? Mesmo agindo «no interesse do próximo», não criais nada para ele.

Esquecei pois esse «para», criadores. É a vossa virtude que exige que não façais nada «para», «por causa de», nem «porque». Precisais cerrar os ouvidos a essas palavras falsas.

Agir «pelo próximo» é a virtude dos pequenos, dos que pensam: «diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és» e «uma mão lava a outra». Não têm direito ao vosso egoísmo; também não têm a vossa força.

No vosso egoísmo, ó criadores!, há a prudência, a previsão da futura mãe. O que ainda ninguém viu com os seus olhos, o vosso fruto, eis o que deveis proteger e conservar e alimentar com o vosso amor.

Onde está o vosso amor, quero dizer o vosso filho, também está toda a vossa virtude! A vossa obra, a vossa vontade, eis o que é *para vós* o «próximo». Não vos deixeis induzir a falsos valores!

12

Ó criadores, Homens superiores, o que vai dar à luz está doente. Mas o que acaba de dar à luz está impuro.

Perguntai às mulheres: não se dá à luz por gosto. É a dor que faz cacarejar as galinhas e os poetas.

Ó criadores, há muita impureza em vós. Foi por isso que vos foi necessário dar à luz.

Uma criança que nasce, oh!, que de impureza vem ao mundo com ela! Afastai-vos! E o que deu à luz deve lavar a sua alma e purificá-la.

13

Não queirais ser virtuosos para além do que consentem as vossas forças. E não exijais de vós próprios nada que não seja verosímil.

Segui o rasto das virtudes dos vossos pais. Como poderíeis subir mais alto se a vontade dos vossos pais não se elevasse também convosco?

Mas aquele que quer ser um precursor, tenha cuidado para não ser apenas um epígono. Não é nas coisas em que os vossos pais pecaram que poderíeis tornar-vos santos.

Como poderiam aqueles cujos pais amaram as mulheres, os vinhos fortes e a caça aos javalis, exigir de si a castidade?

Seria loucura! Na verdade, já será muito a meus olhos se se contentar em ser o esposo de uma, ou de duas ou três mulheres.

E ainda que fundasse conventos, e gravasse na sua porta estas palavras: «o Caminho da Santidade», eu diria ainda: «Para quê? É uma nova loucura.

Fundou para si mesmo uma prisão e um asilo — bom proveito lhe faça, mas não acredito em tal.»

O que cresce na solidão, é o que cada um para lá leva, incluindo a besta interior. É por isso que se torna necessário afastar muitos da solidão.

Terá havido até hoje na terra alguma coisa mais imunda do que os santos anacoretas? À sua volta não era somente o diabo que se desencadeava, — mas também o porco.

Tímidos, envergonhados, encolhidos, semelhantes ao tigre que falhou um salto, assim vos vi fugir amiúde, Homens superiores. Falhastes o vosso *golpe*.

Mas que importa, ó jogadores de dados? Ainda não sabeis jogar a gracejar como se deve jogar e gracejar. Não estamos constantemente sentados a uma grande mesa de jogo e de divertimento?

E se falhastes algum grande golpe, será que ficastes malogrados por isso? E se quanto a vós estais malogrados, será que o homem está malogrado por isso? E se é o homem que está malogrado — pois bem!, coragem, coragem!

15

Quanto mais uma coisa é rara na sua essência, mais raramente triunfa. Homens superiores, todos quantos estais aqui, não sois todos mais ou menos falhados?

Tomai o vosso partido, isso que importa! Quantas coisas restam em aberto! Aprendei a rir de vós próprios como é necessário saber rir.

Será maravilha que sejais falhados ou semifalhados, vós que estais semiquebrados? O que se agita e se choca em vós, não é o *futuro* do homem?

O que o homem tem de mais remoto, de mais profundo, de mais elevado — salta e choca na vossa marmita ?

Haverá alguma surpresa em que se quebrem tantas marmitas? Aprendei a rir-vos de vós próprios como é necessário saber rir. Homens superiores, quantas possibilidades restam abertas!

E na verdade, quantas coisas resultaram já! Como a terra é rica em miúdas perfeições, em felizes resultados!

Rodeai-vos de miúdas coisas boas e perfeitas, Homens superiores. A sua doirada maturidade cura o coração. O que é perfeito ensina-me a esperança.

16

Qual foi até agora na terra o maior pecado? Não será ter dito: «Pobres dos que riem!»

Não teria ele encontrado nenhum motivo de riso na terra, o que disse tais palavras? Foi por ter procurado mal. Até uma criança aqui encontra razões para tal.

E que tinha falta de amor — de outro modo ter-nos-ia amado também, a nós, risonhos! Mas odiava-nos, zombava de nós, prometia-nos choros e ranger de dentes.

Será necessário amaldiçoar tudo o que se não ama? Em minha opinião, é coisa de muito mau gosto. Mas foi o que fez aquele intransigente. Tinha saído da populaça.

E ele próprio não amava bastante — sem o que não se teria irritado tanto por não ser suficientemente amado. O que quer todo o grande amor, não é que o amem, é muito mais.

Afastai-vos de todos esses intransigentes!, é uma pobre raça doente, uma casta plebeia; olham maldosamente esta vida, dão mau olhado a esta terra.

Afastai-vos de todos esses intransigentes. Têm o pé pesado, o coração molesto. Como lhes há-de ser leve a terra?

17

As boas coisas chegam ao seu termo por vias tortuosas. Arredondam o lombo como os gatos, ronronam interiormente, sentindo que se aproxima a sua felicidade. Todas as coisas boas riem.

O ritmo da marcha revela se uma pessoa está no bom caminho; vede como eu caminho. Mas aquele que se aproxima do seu objetivo, dança.

E na verdade, não fui convertido em estátua, não me encontro aqui imobilizado, obtuso, petrificado, rígido como uma coluna; gosto de andar depressa.

E embora haja na terra atoleiros e muita e espessa tristeza, quando se tem os pés leves, atravessa-se a correr o próprio lodo, e dança-se como por cima do gelo liso.

Elevai os vossos corações, meus irmãos, levantai-os ainda mais alto. Levantai também as pernas, bons dançarinos, e melhor ainda, dançai um pouco de cabeça para baixo!

18

Esta coroa do risonho, esta grinalda de rosas, eu mesmo a pus sobre a minha cabeça; eu próprio proclamei que o meu riso era santo. Ainda não encontrei outro homem suficientemente forte capaz de fazer isso nos nossos dias.

Eu, Zaratustra, o dançarino, Zaratustra, o ligeiro, o que agita as suas asas, pronto a voar, cúmplice de todas as aves, alerta e ágil, na sua incúria bem-aventurada, eu, Zaratustra o profeta, Zaratustra o risonho profético, nem impaciente nem intransigente, gosto dos saltos e dos pulos, eu mesmo pus na minha cabeça esta coroa.

19

Elevai os vossos corações, levantai-os alto, mais alto ainda! E sobretudo não esqueçais as vossas pernas! Levantai a perna também, bons dançarinos, e, o que seria melhor, dançai um pouco de cabeça para baixo.

Há, mesmo na felicidade, animais pesados, há pés coxos de nascença. Fazem esforços bizarros, como um elefante que se esforça por se sustentar sobre a cabeça,

Mais vale estar louco de felicidade do que de tristeza, mais vale dançar pesadamente do que andar claudicando. Aprendei, pois, o que me ensina a minha sabedoria: a pior das coisas tem pelo menos dois lados bons.

A pior das coisas tem duas boas pernas para dançar com elas; aprendei pois, vós próprios, Homens superiores, a firmar-vos nas pernas.

Esquecei as lâmpadas da melancolia e da tristeza populaceira! Oh!, como me parecem tristes esses arlequins da população! Porque o presente pertence à população.

Imitai o vento que se precipita para fora das cavernas da montanha. Querem dançar ao som da sua própria flauta, os mares tremem e saltam sob os seus passos.

Louvido seja o génio que dá asas aos burros, que ordenha as leoas, o génio bom e indomável que chega como um furacão para soprar sobre tudo o que é presente, sobre toda a população,

o inimigo das cabeças de cardos e dos criadores de subtilezas, de todas as folhas mortas e de todas as ervas murchas, louvido seja este furacão, altivo e livre e bom, que dança por cima dos atoleiros e das melancolias, como sobre outros tantos prados, o inimigo dos tísicos plebeus e de todos os produtos tristes e mal nascidos, louvido seja este espírito de todos os livres espíritos, o furacão risonho que sopra a poeira dos olhos e todos os pessimistas, de todos os purulentos.

O vosso pior defeito, Homens superiores, é que nem sequer sabeis dançar como é preciso dançar: até para além de vós mesmos. Que importa que o não tenhais conseguido!

Quantas possibilidades restam ainda em aberto! *Aprendeis* então a rir para além de vós mesmos. Elevai os vossos corações, bons dançarinos, levantai-os bem alto, mais alto ainda! E não esqueçais também o riso bom!

Esta coroa do risonho, esta grinalda de rosas, é a vós que a lanço, irmãos! Proclamei que o riso é sagrado: Homens superiores, *aprendei* então a rir!

14. O Canto da Melancolia

1

Quando Zaratustra pronunciou estes discursos encontrava-se junto da entrada da sua caverna; mas às últimas palavras furtou-se aos seus hóspedes e fugiu um instante para o ar livre.

«Ó puros aromas que me cercais, exclamou, ó abençoado silêncio destas paragens! Mas onde estão os meus animais? Vinde, vinde, minha águia e minha serpente!

Dizei-me, meus animais: todos aqueles Homens superiores, será que cheiram bem? Ó puros aromas que me cercais! Sei agora, sinto enfim quanto vos amo, queridos animais!»

E Zaratustra repetiu:

«Quanto vos amo, queridos animais!»

Mas a águia e a serpente, ouvindo estas palavras, aninharam-se junto dele, levantando a cabeça para o fitar. Estavam assim reunidos os três, sem nada dizer, aspirando e saboreando todos juntos, o ar salubre. Porque o ar estava melhor ali fora do que junto dos Homens superiores.

2

Mas apenas Zaratustra saiu da sua caverna, o velho Encantador ergueu-se, olhou maliciosamente à sua volta e disse:

«Saiu!

E já, Homens superiores — também me é permitido lisonjear a vossa vaidade dando-vos este nome de elogio e lisonja — já começo a sofrer as agressões do meu mau espírito de impostura e de magia, do meu demónio melancólico

que é o adversário irreduzível de Zaratustra — temos de o desculpar. Deseja agora mostrar-vos alguns dos seus encantamentos, é a sua hora. Em vão luto contra este espírito mau.

A todos vós, quaisquer que sejam os nomes honrosos que vos dais — quer vos chameis os «espíritos livres», ou «os verídicos», ou os «penitentes do espírito», ou os «libertos», ou os «companheiros do grande anelo» —

todos vós que como eu estais atacados pelo *grande tédio*, vós para quem o Deus antigo está morto e que não tendes ainda novo Deus deitado no berço e envolto em faixas — a todos vós, o meu espírito mau, o meu demónio mágico vos ama.

Conheço-vos, Homens superiores, e conheço-o também — conheço igualmente este monstro a quem estimo a meu pesar, Zaratustra; parece-me muitas vezes que usa a bela máscara de um santo, parece-me reconhecer nele o novo e singular disfarce no qual se compraz o meu espírito mau, o meu diabo melancólico. Se estimo Zaratustra, parece-me que é muitas vezes por causa do meu espírito maligno.

Mas ei-lo que já me assalta e me subjuga, esse espírito de melancolia, esse demónio do crepúsculo, e na verdade, Homens superiores, aquilo que ambiciona —

— ides arregalar os olhos — aquilo que ambiciona, é mostrar *nu* a vossos olhos — macho ou fêmea, ainda não sei, mas aproxima-se, subjuga-me — olá!, tende todos os vossos sentidos despertos!

Extingue-se o rumor do dia, a noite chega para todas as coisas, até para as melhores; ouvide e vede, Homens superiores, que espécie de demónio macho ou fêmea é este espírito da melancolia vespéral.»

Tendo assim falado, o velho Encantador olhou maliciosamente ao derredor e pegou na harpa.

3

*Na atmosfera onde se extingue a claridade,
quando já ao orvalho, bálsamo consolador,
desce suavemente sobre a terra
sem ser visto nem ouvido
— porque o orvalho consolador
calça sandálias leves
como todos os suaves mensageiros da consolação —
recordas-te, ó coração ardente, recordas-te
da sede que tinhas antigamente
de lágrimas celestes e de gotas de orvalho,
quando ofegavas consumido, abrasado,
pelos caminhos de erva amarelecida
onde os raios cruéis do sol vespéral
te perseguiram por entre as árvores escuras,
os raios ardentes, ofuscantes de um sol malévolo?*

*Amante da verdade? Tu? — assim chasqueavam de ti—
Não! Apenas poeta!
Um animal astuto, e rapace, e rastejante,
obrigado a mentir, sabendo-o, querendo-o,
e sempre ávido de presa
sob as suas máscaras pintalgadas,
mascarando até os seus próprios olhos,
uma presa para si mesmo —*

*Isto, o amante da verdade?
Não, apenas louco, apenas poeta!
Fértil somente em discursos sarapintados,
berrando palavras pintalgadas sob as suas máscaras de louco
construindo pontes de palavras mentirosas
e arco-íris ilusórios,
entre falsos céus
e falsas terras,
errando, planando ao acaso.
Não, apenas louco! Apenas poeta!*

*Isto — o amante da verdade?
Nem taciturno nem rígido
nem frio nem polido, à imagem
da estátua de um deus,
nem levantado à entrada dos templos
para vigiar nos umbrais de um Deus.
Não! Inimigo destas estátuas da Verdade,
mais à vontade nos desertos do que nos templos,
e como um gato caprichoso,
saltando por todas as janelas,
zás!, para o coração de todos os acasos,
farejando todas as florestas virgens,
e fungando de inveja e de desejo.
E em todas as florestas virgens,
correste por entre as feras de pelagem pintalgada;
culpável e florescente, viam-te correr
cheio de cores, belo como o pecado,
e com os beijos estremecentes,*

*feliz por de tudo chasquear na tua felicidade infernal,
na tua felicidade sanguinária;
ou caindo sobre a tua presa, ou rastejando, à espreita, —
ou como a águia que durante muito tempo,
durante muito tempo fita os abismos
— os seus abismos
e os vê descer, cada vez mais baixo,
girando nas profundezas
sempre e sempre mais profundas —
Depois
de repente, em linha reta,
com um brusco impulso,
precipita-se sobre os cordeiros,
picando a direito, esfomeada,
ávido da carne dos cordeiras,
inimigo das almas de cordeirinhos,
enraivecido contra o que evidencia um ar de carneiro,
doces olhos de carneiro, pêlos encrespados,
cinzenta doçura lanosa dos cordeiros...*

*Tais,
semelhantes à águia, à pantera,
são os desejos do poeta
são os desejos de mil máscaras,
ó louco! ó poeta!*

Quando vês o homem,

*quer seja deus ou carneiro, que importa
fazer em bocados o deus no homem
e também o carneiro no homem,
e rir ao dilacerá-lo,
é esse, é realmente esse o teu prazer,
a tua felicidade de pantera ou de águia,
felicidade de poeta e de louco!*

*No ar onde morre a claridade,
quando já o crescente da lua,
verde entre os rubores purpurinos,
desliza invejosamente,
adversário do dia,
ceifando a cada passo, sorrateiramente,
as messes de rosas,
até as fazer cair,
desabar empalidecidas na noite,*

*assim caí eu mesmo
da minha loucura de verdade
do meu ardente desejo do dia,
e cansado do dia, doente de claridade,
caí para os baixos, a noite, as sombras,
queimado e sedento, aspirando apenas
a uma única verdade.
Recordas-te, coração abrasado, recordas-te,
como então estavas sedento?*

Cansado! É preciso que eu seja desterrado
de toda a verdade:
e nada mais do que louco,
nada mais do que poeta!

15. Da Ciência

Assim cantava o mágico; e como outros tantos pássaros, todos os que estavam ali reunidos deixaram-se apanhar sem dar por isso nas redes da sua voluptuosidade pérfida e melancólica. Só o Espírito do escrúpulo não se tinha deixado capturar; arrancou vivamente a harpa das mãos do Encantador e exclamou:

«Ar! Deixai entrar o ar puro! Deixai entrar Zaratustra! Tu infetas e envenenas o ar desta caverna, velho Encantador sinistro!

Pérfido e subtil, sugeres-nos desejos e densos bosques desconhecidos. E desgraçados de nós quando os teus semelhantes falam da verdade e dizem possuí-la !

Desgraçados dos espíritos livres e desprecauidos perante encantadores da tua espécie. Podem despedir-se da sua liberdade. Tu doutrina-los e obriga-los a regressar às prisões.

Velho demónio de melancolia, a tua lamentação é uma espécie de chamariz, assemelhas-te aos que cantando

louvores à castidade nos impelem secretamente para a voluptuosidade.»

Assim falou o Escrupuloso. Mas o velho Encantador, deitando os olhos à sua volta, gozava a sua vitória e suportava sem esforço o despeito que lhe causavam as palavras do Espírito de escrúpulo.

«Cala-te — disse ele a meia voz — as boas canções requerem bons ecos; depois de belos cantos fica bem guardar silêncio durante muito tempo.

É o que fazem todos os Homens superiores. Mas tu decerto não compreendeste grande coisa do meu canto. Não tens, de modo algum, o sentido da magia.»

«Estás a lisonjear-me — tornou o Escrupuloso — distinguindo-me dos mais que estão aqui. Pois seja!

Mas que vejo? Vós outros estais outra vez com os olhos cheios de olhares lúbricos!

Almas livres, onde está a vossa liberdade? Quase vos pareceis, ao que me parece, aos que durante muito tempo viram dançar nuas raparigas viciosas, as vossas almas dançam também.

Deve haver em vós, Homens superiores, muito mais do que em mim, aquilo a que o Encantador chama o seu maligno espírito de impostura e de magia: decerto somos diferentes.

E na verdade tínhamos conversado e meditado bastante em conjunto, antes de Zaratustra regressar à sua caverna, para saber que somos com efeito diferentes.

Até aquilo que procuramos aqui nestas alturas é diferente. O que eu procuro, é mais certeza, e foi por isso que vim procurar Zaratustra, porque é ele, depois de tudo considerado, a torre mais bem fortificada, a Vontade mais forte,

nestes tempos em que tudo vacila, em que toda a terra treme. Mas vós, a julgar pelos olhos que fazeis, quase me parece que viestes procurar *mais incerteza*,

Mais calafrios, mais perigo, mais tremor de terra. Quase me parece — desculpai a minha presunção, Homens superiores, —

parece-me que deveis ter inveja da vida mais lastimável, mais perigosa, a que a mim inspira mais temor, a vida dos animais selvagens. Vós sonhais com cavernas, com florestas, com montes escarpados e com autênticos dédalos de precipícios.

E os que vos agradam, não são os guias que melhor vos tirarão do perigo, mas os que vos arrastarão para longe de qualquer

caminho, os maus guias. Mas se bem que tendes *realmente* tais desejos em vós, não consigo acreditar em tal.

O medo é com efeito um sentimento hereditário e profundo no homem; o medo explica tudo, o pecado original e a virtude original. Foi do medo que nasceu a minha virtude, que se chama Ciência.

O medo dos animais selvagens é aquele que foi durante mais tempo inculcado ao homem, o medo de todos os animais, incluindo desse animal selvagem que carrega em si e de que tem medo. É a isso que Zaratustra chama «a besta interior».

É este medo muito grande e muito antigo, por fim requintado, espiritualizado, intelectualizado, que, ao que me parece, se chama Ciência.»

Assim falava o Escrupuloso; mas Zaratustra que tinha acabado de entrar na caverna e tinha ouvido ou adivinhado a última parte deste discurso, atirou ao Escrupuloso um punhado de rosas, e desatou a rir destas «verdades».

«O quê? — exclamou ele, — o que é que acabo de ouvir? Parece-me que és louco de verdade, ou então sou eu que o sou; e na verdade, vou já revirá-la num abrir e fechar de olhos e pô-la de pernas para o ar.

O *medo*, com efeito, é a exceção em nós. Mas a coragem e o espírito de aventura, o gosto pelo incerto e pelas proezas inéditas, a *coragem*, numa palavra, parecem-me resumir toda a pré-história do homem.

Invejou e arrebatou aos animais selvagens e mais corajosos todas as suas virtudes; foi assim que se fez homem.

Essa coragem, por fim afinada, espiritualizada, intelectualizada, essa coragem de homem com asas de águia e prudência de serpente, é aquilo a que se chama nos nossos dias, ao que me parece...

«*Zaratustra!*» exclamaram simultaneamente todos quantos ali estavam reunidos, enquanto desatavam às gargalhadas; mas parecia que a densa nuvem que sobre eles pesava se tinha dissipado. O próprio Encantador se ria e dizia com ar astuto:

«Vamos! Foi-se-me o espírito maligno!

E não fui eu próprio que vos preveni contra ele, dizendo-vos que é um impostor, um espírito de impostura e de mentira?

Sobretudo quando se mostra a nu. Mas que posso eu fazer contra tais ardis? Acaso fui eu que o fiz, que criei o mundo?

Vamos! Recuperemos o nosso bom humor e a nossa alegria. E se bem que Zaratustra tenha um ar enfurecido, — vede como

ele me detesta! — antes de chegar a noite voltará a amar-me e a louvar-me, não pode viver muito tempo sem fazer loucuras destas.

Ele gosta dos seus inimigos. De quantos tenho encontrado, nenhum pratica esta arte melhor do que ele. Mas em compensação vingá-se nos seus amigos.»

Assim falou o velho Encantador, e os Homens superiores aprovaram-no e Zaratustra deu uma volta pela sociedade, apertando as mãos dos seus amigos com ternura e malícia, como se tivesse alguma coisa a reparar e a fazer-se perdoar. Mas quando chegou à porta da caverna, eis que tornou a ser dominado pelo desejo de respirar o ar puro do exterior e de voltar a encontrar os seus animais, e estava a ponto de se esgueirar para fora.

16. Entre as Filhas do Deserto

1

Então o viajante que se dizia a Sombra de Zaratustra disse-lhe:

«Não te vás embora! Fica ao pé de nós, pois em caso contrário o peso da nossa antiga tristeza voltará a esmagar-nos outra vez.

Já o velho Encantador nos regalou com o que tem de pior, e olha ainda, este bom e velho Papa tão piedoso tem os olhos inundados de lágrimas e voltou a embarcar no mar da melancolia.

Estes Reis ainda mostram boa cara; de nós todos foram eles os que melhor compreenderam a lição de hoje. Mas se estivessem sozinhos e sem testemunhas, aposto que também voltaria a começar este mau jogo,

o mau jogo das nuvens passageiras, dos humores melancólicos, dos céus nublados, dos sóis ocultos, dos ventos uivantes do Outono,

o mau jogo dos nossos uivos, dos nossos gritos de angústia. Fica ao pé de nós, ó Zaratustra! Há aqui muita miséria escondida que gostaria de se exprimir, muita noite, nuvens e ar viciado!

Tu alimentaste-nos com a carne dos fortes e com preceitos enérgicos. Não permitas que à sobremesa sejamos outra vez assaltados pelos demónios da cobardia e da moleza.

Só tu sabes tornar a atmosfera forte e clara à tua volta. Onde encontrei já na terra um ar mais salubre do que aquele que respiro na tua caverna?

E vi contudo grande número de países, as minhas narinas aprenderam a examinar e apreciar o ar, mas é junto de ti que saboreiam o seu maior prazer,

a não ser — a não ser — perdoa uma velha recordação, — perdoa a uma velha canção de beber que compus entre as Filhas do Deserto.

Entre elas, com efeito, respirava-se este mesmo ar puro, luminoso, oriental. Foi lá que me senti mais longe desta velha Europa nebulosa, húmida e melancólica.

Nesse tempo amava as filhas do Oriente e aquele azul que nunca é desbotado nem por nuvens nem por pensamentos.

Não séreis capazes de acreditar na decência com que permaneciam sentadas logo que terminavam as suas danças — profundas, mas sem pensamentos,

como tantos pequenos segredos, mistérios engalanados, nozes que se partem à sobremesa; estranhas e coloridas, na verdade, mas sem nuvens; enigmas que se deixam adivinhar, foi para elas que compus o meu salmo de sobremesa.»

Assim falou o Viandante ou a Sombra, e antes que alguém lhe tivesse podido responder já se tinha apoderado da harpa do velho Encantador, e, com as pernas cruzadas, lançou à sua volta um olhar

tranquilo e sage — mas aspirava o ar pelas narinas, lentamente, com expressão inquisidora, como quem saboreia um ar estranho em países novos. Depois lançando uma espécie de rugido começou a cantar:

2

O Deserto cresce: ai daquele que oculta desertos!
Ah! solene,
verdadeiramente solene,
este digno exórdio;
de uma solenidade completamente africana!
Bem digno de um leão
ou de um macaco bramador, de um moralista
— mas nada que vos convenha,
minhas deliciosas amigas
aos pés de quem
pela primeira vez é dado
a um Europeu tomar lugar
debaixo das palmeiras — Sela!

Milagre, na verdade!
Eis-me então sentado
perto do Deserto, e já
tão longe do Deserto!
Nada devastado, quanto a mim,
mas devorado
por este oásis minúsculo.

*Como ela abrisse justamente bocejando
a sua boca esquisita,
a pequena boca mais perfumada do que todas as
bocas,
caí lá dentro,
rolando até ao fundo e mais longe,
para me vir a encontrar entre vós,
minhas deliciosas amigas — Sela!*

*Bendita, bendita a Baleia
se ela assim soube acarinhar o seu hóspede!
Estais a compreender
a minha douda alusão?
Bendito seja o ventre
se era como este,
um encantador ventre de oásis,
mas duvido —
tenho de vos confessar que chego da Europa,
e a Europa é mais desconfiada
do que todas as velhas esposas.
Que Deus a melhore!
Amen!*

*Eis-me pois aqui
neste minúsculo oásis,
como uma tâmara
ruiva, açucarada, repleta de ouro, e que sonha*

*com uma boca redonda de rapariga,
e sobretudo com dentes virginais,
gelados, alvíssimos e cortantes;
é com o que sonham, com efeito,
os corações de todas as tâmaras ardentes — Sela.*

*Semelhante a estes frutos do meio-dia,
e muito parecido com eles,
eis-me jazendo aqui,
cercado por um voo de minúsculos insetos
que me vêm farejar e brincar à minha volta,
assaltado por mil desejos e caprichos
mais pequenos ainda, mais loucos, mais culposos,
cercado por vós,
gatas mudas e reticentes,
Dudu e Suleika, —
esfingeado, se quero encerrar numa palavra
muitas impressões
(Deus me perdoe
semelhante pecado contra a língua!)
aqui estou então, aspirando este ar delicioso,
um verdadeiro ar de paraíso,
ar leve luminoso, raiado de ouro,
o melhor ar alguma vez
caído da lua.*

Seria bravata?

Seria acaso?

*como contam os poetas de outrora.
Mas eu, doutor, ponho-o
em dívida, porque chego
da Europa,
de uma Europa mais desconfiada
do que todas as velhas esposas.
Que Deus a melhore!
Amen!*

*Aspirando este ar esquisito,
as narinas dilatadas como taças,
sem futuro, sem recordações,
aqui estou encantadoras amigas,
contemplando esta palmeira
que como uma dançarina
se verga, se dobra e agita as ancas
— à força de a contemplar, acabaremos por imitá-la —
como uma bailarina que, a meu ver,
se susteve muito tempo, e mais do que é prudente,
sobre uma única perna,
até se esquecer, parece-me,
da sua outra perna.
É pelo menos em vão que procuro
essa joia gémea,
desaparecida —
quero dizer a sua outra perna —
na vizinhança sagrada
da sua deliciosa, da sua encantadora saia
de varas de leque, de asas e de palhetas.*

*E se me quereis acreditar,
belas amigas,
penso que a perdeu.
Desaparecida,
para sempre desaparecida,
a outra perna!
Que pena! a outra perna tão bonita,
onde é que a pode ter deixado, em que triste
abandono,
essa perna solitária?
Talvez prostrada pelo terror
de um leão feroz de juba de ouro,
e já mordida e roída,
que horror, ai! mordida e roída! — Sela.*

*Não choreis, peço-vos, não choreis
ternos corações,
não choreis,
corações de tâmaras, seios de leite,
coraçõezinhos
de alcaçuz!
Não chores mais,
pálida Duda;
sê um homem, Suleika, coragem, coragem!
— Ou talvez, quem sabe?
um tónico, um cordial,
teria aqui o seu lugar,
um sábio aviso cheio de unção,
uma exortação solene?*

Oh! levanta-te, dignidade!
A mim, virtude, dignidade do europeu!
Sopra, sopra outra vez,
fole de forja da virtude!
Ah!
Rugir mais uma vez,
rugir como moralista,
como um leão da moral,
rugir ante as Filhas do Deserto...
Porque o rugido da virtude,
deliciosas raparigas,
é mais poderoso do que todos
os ardores do europeu, do que a Fome do europeu.
E volto de repente a encontrar-me
europeu;
não posso agir de outra maneira, Deus me valha!
Amen!
O deserto cresce: ai daquele que oculta desertos!

17. O Despertar

1

No fim do canto do Viandante ou da Sombra, a caverna encheu-se subitamente de rumores e de risos; e como todos os hóspedes reunidos falassem ao mesmo tempo, e que o próprio burro, assim encorajado, não ficasse mudo, Zaratustra experimentou certo

despeito e alguma ironia contra as suas visitas, se bem que tivesse prazer na sua alegria. Porque nisso via um sinal de cura. Saiu pois furtivamente para ir falar com os seus animais.

«Que foi feito da sua angústia? — disse, e já se sentia liberto do seu leve movimento de humor. — Em minha casa deixaram de saber lançar os seus gritos de angústia, ao que me parece,

ainda que desgraçadamente não tenham perdido os seus hábitos de gritar.» E Zaratustra tapou os ouvidos, porque o I-A do burro se confundia estranhamente com o alegre clamor dos Homens superiores.

«Estão alegres — prosseguiu — e quem sabe?, talvez à custa do seu anfitrião; e se lhes ensinei a rir, nem por isso aprenderam a rir como eu.

Mas que importa! São velhos; é a sua maneira de se curarem, é a sua maneira de se rirem, os meus ouvidos já suportaram pior sem se irritarem.

Este dia é um dia de vitória. Ei-lo que cede já, que bate em retirada, o *espírito de gravidade*, meu velho inimigo, meu inimigo mortal. Como vai acabar bem, este dia que tão mal começou, tão pesadamente.

Vai acabar. Já se aproxima o crepúsculo, chega a cavalo do outro lado do mar, como bom cavaleiro. Como se balanceia na sua sela de púrpura, o crepúsculo bem-aventurado que regressa à sua morada!

O céu olha para ele, luminoso, o mundo jaz lá em baixo nas profundezas. Ó meus hóspedes singulares, que vos aproximastes de mim, decerto vale a pena viver ao pé de mim!»

Assim falava Zaratustra. E outra vez ressoaram os gritos e os risos dos Homens superiores, saindo da caverna. E ele continuou a falar.

«Eles mordem, a minha isca é eficaz; já o seu inimigo, o Espírito de Gravidade, foge também deles. Já aprenderam a rir de si mesmos; teria ouvido bem?

O alimento que destino aos fortes, os meus preceitos cheios de seiva e de força estão a agir sobre eles, e na verdade não os alimentei com legumes vazios mas com a carne que convém aos guerreiros, aos conquistadores; despertei neles novos apetites.

Despertam esperanças novas nos seus braços e nas suas pernas, o coração dilata-se-lhes. Descubrem palavras novas, não tardará que a sua alma respire a audácia.

Não é este, sem dúvida, o alimento que convém às crianças, nem às mulheres lânguidas, novas ou velhas. Há outras maneiras de convencer esses estômagos. Não sou nem seu médico nem seu professor.

O *tédio* desaparece desses Homens superiores; tanto melhor; é o meu triunfo. No meu domínio estão em segurança, desaparece qualquer falsa vergonha, expandem-se livremente.

Expandem os corações, voltam a ter bons momentos, aprendem outra vez a repousar e a ruminar — tornam-se *agradecidos*.

É a meus olhos o melhor sintoma possível; aprenderam o reconhecimento. Não tardará que inventem festas e levantem monumentos às suas antigas alegrias. São convalescentes!»

Assim falava Zaratustra com íntimo júbilo, os olhos perdidos na distância; mas os seus animais vieram encostar-se a ele, respeitando a sua felicidade e o seu silêncio.

2

De súbito, porém, os ouvidos de Zaratustra ficaram sobressaltados, porque a caverna, até ali cheia de tumulto e de risos se voltou a encher de silêncio mortal; mas as suas narinas

captavam um vapor odoríferante e um incenso que parecia provir da combustão de pinhas.

«Que sucederá? Que estarão a fazer?» — perguntou a si mesmo, aproximando-se furtivamente da entrada, de maneira a ver sem ser visto pelos seus hóspedes. Mas, oh! maravilha das maravilhas!, que viram então os seus olhos?

«Tornaram-se todos *piadosos*; eles *pedem*, estão doidos!» disse no cúmulo da surpresa. E com efeito, todos aqueles Homens superiores, os dois Reis, o Papa na disponibilidade, o maldoso Encantador, o Mendigo voluntário, o Viajante ou a Sombra o velho Profeta, o Espírito do escrúpulo o Homem Hediondo, estavam todos ajoelhados como crianças ou velhas devotas, e adoravam o burro! E precisamente o Homem Hediondo começava a gorgolejar e a soluçar como se coisas inefáveis quisessem brotar dele; mas quando conseguiu articular algumas palavras, eis que apareceu uma singular e piedosa ladainha em louvor do burro, adorado e incensado. E eis a ladainha:

Amen! Louvores, honra, sabedoria, reconhecimento, glória e força ao nosso Deus, de eternidade em eternidade!

— E o burro zurrava I-A.

Carrega os nossos fardos, tomou a forma de um servidor; tem o coração humilde e nunca diz que não; e aquele que ama bem o seu Deus também o castiga bem.

— E o burro zurrava I-A.

Não fala, a não ser para aprovar sempre o mundo que criou; é a sua maneira de louvar a sua criação. Se não fala, é por astúcia. Assim, raras vezes erra.

— E o burro zurrava I-A.

Passa despercebido no mundo. A cor favorita com que reveste a sua virtude é o cinzento. Se tem espírito, esconde-o; mas toda a gente acredita nas suas orelhas compridas.

— E o burro zurrava I-A.

Quanta recôndita sabedoria nas suas orelhas compridas e nesta decisão de dizer sempre sim e nunca não. Não criou ele o mundo à sua semelhança, o mais estúpido possível?

— E o burro zurrava I-A.

Quer sigas por caminhos direitos ou tortuosos, pouco te importa o que nos parece direito ou tortuoso, a nós homens. A tua candura está em não saber o que é a candura.

— E o burro zurrava I-A.

Eis que não repeles ninguém, nem mendigos nem reis. Deixas vir a ti as criancinhas e quando os velhacos te fazem propostas, respondes simplesmente I-A.

— E o burro zurrava I-A.

Gostas das burras e dos figos frescos, não desdenhas os bons petiscos. Um cardo te conforta quando tens fome. Há nisso uma sabedoria divina.

— E o burro zurrava IA.

18. A Festa do Burro

1

Neste ponto da ladainha, Zaratustra não se pôde conter mais, pôs-se também a gritar I-A, ainda com mais força do que o burro e irrompeu no meio dos seus hóspedes enlouquecidos.

«Mas que estais aí fazendo, filhos dos homens? — exclamou levantando bruscamente os devotos prosternados no chão. — Desgraçados de vós, se vos visse outro que não fosse Zaratustra!»

Com a vossa nova religião, toda a gente vos consideraria os piores blasfemadores ou as velhas mulherzinhas mais absurdas.

E tu, antigo Papa, como podes acomodar-te a adorar um burro e a tomá-lo como teu Deus?»

«Ó Zaratustra, — respondeu o Papa, — perdoa-me, mas no que se refere a Deus, eu sei ainda muito mais do que tu. E tudo isto é o mais natural possível.

Mais vale adorar Deus sob esta forma do que não o adorar de forma nenhuma. Pensa nesta máxima, meu nobre amigo, e depressa adivinharás que implica sabedoria.

Aquele que disse: «Deus é espírito» foi o que deu o maior passo, o salto maior para a incredulidade; não é fácil reparar o mal que tais palavras fizeram na terra!

O meu velho coração salta e rejubila com a ideia de que existe ainda na terra alguma coisa que se pode adorar. Perdoa a este velho coração de Papa, cheio de devoção.»

— «E tu, — disse Zaratustra ao Viandante ou à Sombra — dizes ser, e acreditas ser um espírito livre? E entregas-te aqui a estas práticas idólatras e a estas macaquices de padres?»

Na verdade, portas-te aqui pior do que as tuas raparigas mal comportadas de pele bronzeada, como mau neófito que és.»

«É coisa bastante triste — respondeu o Viandante ou a Sombra, — tens razão. Mas que posso eu fazer? O Deus antigo ressuscitou, ó Zaratustra, por mais que digas o contrário.»

É o mais Hediondo dos Homens que está em causa, foi ele que o despertou. E bem pode dizer que em tempos o matou, em matéria de deuses a morte é tão só um preconceito.»

— «E tu, — continuou Zaratustra — velho encantador sinistro, que fizeste? Quem poderá acreditar ainda em ti, nestes tempos de pensamento livre, se comesças a acreditar nestas burrices divinas?

Fizeste uma tolice; como pudestes, tão maligno como és, cometer semelhante tolice?»

«Ó Zaratustra, — respondeu o astuto Encantador, — tens razão, foi uma tolice — e bastante me custou fazê-la.»

— «E tu sobretudo — disse Zaratustra ao Espírito de escrúpulo — reflete um pouco, esfregando o nariz com o dedo. O que se está a passar aqui não te choca a consciência? Não é o teu espírito demasiado limpo para tais adorações e para o cheiro que se exala desta devota confraria?»

«Há alguma verdade no que se passa aqui — respondeu o Escrupuloso, esfregando o nariz com o dedo — ,há até neste espetáculo alguma coisa que me reconforta a consciência.

Pode ser que eu não tenha o direito de acreditar em Deus; mas uma coisa é certa, é sob esta forma que mais facilmente acreditarei nele.

Deus é eterno, se acreditarmos nas pessoas piedosas; quando se tem tanto tempo diante de si, fazem-se as coisas com tempo. Avançando tão lentamente, tão estupidamente quanto possível, um tal Deus pode ir longe.

E quando se tem demasiado espírito, é permitido ser doido com tanta estupidez e tanta loucura. Pensa em ti próprio, ó Zaratustra!

Tu próprio, na verdade, poderias bem, à força de riqueza e de sabedoria, ser transformado em burro.

Não gosta o sábio mais perfeito de seguir os caminhos mais tortuosos? É uma evidência que salta aos olhos, ó Zaratustra, podes vê-la com os teus próprios olhos.»

— «E tu, afinal — disse Zaratustra dirigindo-se ao mais Hediondo dos Homens, que continuava prosternado por terra, com os braços

estendidos para o burro (a quem oferecia vinho a beber), fala, Inominável, que foi que fizeste?

Pareces-me transformado, brilham-te os olhos, a tua fealdade envolve-se no manto do sublime, que fizeste então?

É verdade, como dizem os outros, que foste tu que o ressuscitaste? Não foi ele executado e liquidado com boas razões?

Tu próprio me pareces ressuscitado; que fizeste? Por que voltaste sobre os teus passos? Por que te converteste? Fala, Inominável!»

— «Ó Zaratustra — respondeu o mais Hediondo dos Homens— és apenas um maganão.

Quanto a saber se Ele ainda está vivo ou ressuscitado ou completamente morto, qual de nós o sabe melhor, pergunto eu?

Mas há uma coisa que sei, e foste tu que em tempos mo ensinaste, ó Zaratustra. Quando se quer matar radicalmente, as pessoas riem-se.

Não é a cólera, é o riso que mata. Eis o que dizias antigamente. Ó Zaratustra, homem manhoso, destruidor impassível, santo pernicioso — não passas de um maganão!»

2

Mas aconteceu então que Zaratustra, surpreendido com tantas respostas maliciosas, recuou com um salto até à entrada da sua caverna e exclamou com voz forte:

«Ó maganões tantos quantos sois, ó farsistas! Por que vos haveis de dissimular e de vos disfarçar diante de mim?»

Como os vossos corações todos estremeciam de alegria e de malícia ao sentir-vos ficar semelhantes a criancinhas, quero dizer piedosos,

porque voltáveis a fazer o que fazem as criancinhas, que rezam, pondo as mãos e dizem: «Deus misericordioso.»

Mas agora ides abalar deste quarto de crianças, da minha própria caverna onde hoje se exhibe tamanha infantilidade. Ides pôr ao fresco, lá fora, o ardor da vossa petulância infantil e do vosso tumulto sentimental.

É verdade que se não tornais a ser parecidos com as criancinhas, não podereis entrar no céu de maneira nenhuma, — e Zaratustra apontava o dedo para o céu —

mas quanto a nós, não queremos ir para o reino dos céus de maneira nenhuma, tornámo-nos Homens; o que queremos, *é o reino da Terra.*»

3

E Zaratustra tornou a usar da palavra dizendo:

«Ó meus novos amigos, homens singulares, Homens superiores, como me agradais presentemente,

desde que voltastes a encontrar a alegria! Estais todos desabrochados, na verdade; parece-me que a flores como vós são necessárias festas novas,

uma pequena absurdez corajosa uma forma de culto e de festa do burro, e um velho louco alegre como Zaratustra, e uma boa rajada de vento para vos varrer as almas.

Não esqueçais esta noite, nem esta Festa do burro, Homens superiores. Inventaste-la em minha casa, e vejo nisso um feliz presságio. Tais invenções, são invenções de convalescentes.

E quando voltardes a celebrar esta Festa do Burro, fazei-o por amor de vós, fazei-o também por amor de mim. E em memória de mim.

Assim falava Zaratustra.

19. O Canto da Embriaguez

1

Entretanto, todos haviam saído um após outro para a noite fresca e sonhadora; mas Zaratustra levava pela mão o mais Hediondo dos Homens para lhe mostrar o seu universo noturno, e a grande lua redonda, e as cascatas prateadas junto da caverna. Detiveram-se, silenciosas e lado a lado, todas aquelas pessoas velhas, mas de coração consolado e corajoso, surpreendidas por se sentirem tão felizes na terra; contudo o mistério da noite apertava-lhes cada vez mais os corações. E outra vez Zaratustra pensou consigo:

«oh! como me agradam agora estes Homens superiores!» — mas todavia não lho disse, por respeito pela sua felicidade e pelo seu silêncio.

Mas sucedeu então a mais surpreendente de todas as coisas no decurso deste dia longo e surpreendente: o mais Hediondo dos Homens recomeçou pela última vez a gorgolejar e a soluçar, e quando conseguiu falar, uma pergunta jorrou da sua boca, redonda e pura, uma boa, profunda e clara pergunta que comoveu o coração de quantos lha ouviram.

«Vós todos, meus amigos — começou o mais Hediondo dos Homens, — que vos parece? Por causa deste único dia, estou pela primeira vez disposto a aceitar ter vivido esta longa vida.

E ainda não disse o suficiente. Vale a pena ter vivido nesta terra; um único dia, uma única festa em casa de Zaratustra ensinaram-me a amar a vida.

«Era então isto a vida? — direi à morte. — Pois bem, voltemos ao princípio!»

Meus amigos, que vos parece? Não quereis dizer à morte, como eu: «Era então isto a vida? Pois seja, por amor de Zaratustra, voltemos ao princípio!»

Assim falou o mais Hediondo dos Homens, mas a Meia-noite aproximava-se. E que julgais que sucedeu? Logo que os Homens superiores ouviram a sua pergunta, sentiram-se transformados e curados e recordaram-se daquele a quem deviam essa cura. E precipitaram-se para Zaratustra, agradecendo-lhe, adorando-o, beijando-lhe as mãos, cada qual a seu modo, uns rindo, outros chorando. Mas o velho profeta dançava de alegria. E se é verdade, como pensam alguns autores, que ele estava então cheio de vinho doce, estava certamente ainda mais cheio da doçura de viver e tinha esquecido qualquer melancolia. Alguns contam até que o burro também dançou nesse dia; porque não fora de balde que o mais Hediondo dos Homens o tinha obrigado a beber vinho. Seja como for, se o burro não dançou nesse dia, viram-se dessa vez

prodígios mais singulares do que a dança de um burro. Enfim, como diz o provérbio de Zaratustra: «Que importa!»

2

Mas Zaratustra, vendo o que acontecia ao mais Hediondo dos Homens, ficou semelhante a um homem bêbedo; toldara-se-lhe o olhar, a língua tartamudeava-lhe, as pernas vacilavam-lhe. E quem poderia adivinhar os pensamentos que naquele instante lhe afloravam a alma? E o seu espírito, visivelmente, deixou-o para ir planar por cima de longínquas regiões «como sobre uma cordilheira levantando-se entre dois mares», tal como está escrito, «suspenso como uma pesada nuvem entre o passado e o futuro». E pouco a pouco, enquanto os Homens superiores o amparavam nos braços, voltou a si e repeliu com as mãos a insistência dos seus adoradores preocupados. Não dizia nada. Contudo, virou a cabeça de repente, com vivacidade, como se ouvisse algum som, pôs o dedo na boca e disse: «*Vinde!*»

E imediatamente tudo ficou em silêncio e misterioso à sua volta; mas um som de sino subia lentamente das profundezas. Zaratustra aplicou o ouvido, assim como os Homens superiores, depois voltou a pôr o dedo na boca e repetiu: «*Vinde!, Vinde! Aproxima-se a meia-noite!*» E a sua voz modificara-se, mas não se mexia do seu lugar. Então duplicaram o silêncio e o mistério e toda a gente prestava o ouvido, incluindo o burro e os animais heráldicos de Zaratustra, a águia e a serpente, e a caverna de Zaratustra, e a

grande lua fresca, e a própria noite. Mas Zaratustra pôs pela terceira vez o dedo na boca e disse:

«Vinde, vinde, vinde! Vamos partir. Está na hora, Caminhemos para a noite!»

3

«Homens superiores, aproxima-se a Meia-noite; então vos direi ao ouvido o que este velho sino me disse também ao ouvido — um segredo terrível e reconfortante como aquele que me disse este sino da Meia-noite, cuja experiência é mais extensa do que a de qualquer homem, e que já contou as palpitações do coração e as dores dos vossos pais.

Ai! ai! como suspira! como ri em sonhos esta antiga, esta profunda, oh! tão profunda treva da Meia-noite!

Silêncio! Silêncio! Distinguem-se agora muitas vozes que não se podem elevar durante o dia. Mas agora, no ar arrefecido, quando os vossos corações se calam,

agora falam, agora fazem-se ouvir, penetram nas almas noturnas e lúcidas. Ai! Ai! Como suspira, como ri em sonhos!

Não ouves como te fala em segredo, temível e cordial, a antiga, a profunda, oh! tão profunda treva da meia-noite?

Ó Homens, ouvi!

4

Desgraçado de mim! Para onde fugiu o tempo? Em que fundos poços caí? O mundo dorme.

Ai! Ai! o cão uiva, a lua brilha. Antes queria morrer, preferia morrer do que dizer-vos o que pensa agora o meu coração da Meia-noite.

Já estou morto. Tudo acabou. Aranha, por que vens tecer a tua teia à minha roda? Queres sangue? Ai, ai! cai o orvalho, aproxima-se a hora,

a hora que me fará tiritar e estremecer, perguntando-me e voltando-me a perguntar, sem descanso: «Onde está o coração suficientemente corajoso?

Quem será o senhor da terra? Quem ousará dizer: Eis o sentido em que deveis correr, grandes e pequenos rios!»

Aproxima-se a hora. Homem, Homem superior, toma cautela. Este discurso é para os ouvidos subtis, para os teus ouvidos. Que diz a meia-noite, com a sua voz profunda?

5

Sinto-me arrebatado, a minha alma dança. Ó minha tarefa! Ó minha tarefa! Quem será o senhor da Terra?

A lua é fresca, calou-se o vento. Ai, ai! Não voastes suficientemente alto? Dançastes, mas uma perna ainda não é uma asa.

Bons dançarinos, morreu o prazer todo, o vinho mudou-se em fel, as taças tornaram-se insulsas, sai um murmúrio das sepulturas.

Não voastes suficientemente alto; agora um murmúrio sai das sepulturas: «Mas salvai os mortos! Por que razão a noite é tão comprida? Não estamos completamente embriagados de luar?»

Homens superiores, libertai então as sepulturas, acordai os cadáveres. Ai!, o que é que o verme está ainda a roer? Aproxima-se a hora, aproxima-se a hora!

O sino ressoa, o coração ainda range, o verme ainda rói a madeira, rói ainda o coração, — Ai! ai! *O mundo é profundo!*

6

Doce lira, doce lira! Gosto da tua nota parecida com a nota embriagada do sapo. Do fundo de que passado, de que distância me chega a tua voz, vinda de tão longe, dos pântanos do amor?

Velho sino, doce lira! Todas as dores te atingem no coração — dor paterna, dor ancestral, dor dos avós recuados — o teu verbo sazonou,

sazonou como o Outono dourado e a tarde, como o meu coração de solitário. Agora falas, o próprio mundo sazonou, as uvas douram-se,

e agora deseja morrer, morrer de felicidade. Homens superiores, não sentis este perfume? Um perfume que sobe para vós, secretamente, um perfume, um odor de eternidade, o aroma de um vinho de curo arruivado, delicioso como um perfume de rosa, o perfume de uma felicidade muito antiga,

da inebriante felicidade de morrer à Meia-noite, a felicidade que canta: O mundo é profundo *mais do que o Dia pode imaginar*.

7

Deixa-me, deixa-me! Sou puro demais para ti. Não me toques! Não acaba o mundo de atingir a sua perfeição por mim?

A minha pele é demasiado lisa para as tuas mãos. Deixa-me, dia estúpido, bolónio, obscuro! Não é mais luminosa a Meia-noite?

Os mais puros serão os senhores da Terra, os mais ignorados, os mais fortes, as almas da Meia-noite, mais claros e profundos do que o dia.

Ó dia, ainda me procuras agarrar? Procuras a minha felicidade às apalpadelas? Julgas que sou rico, solitário, como uma mina de tesouros, uma câmara repleta de oiro?

Julgas-me profano? Julgas-me sagrado? Julgas-me divino? Mas dias e mundo, sois demasiado espessos!

Procurai então ter mãos mais expertas, apoderar-vos de uma felicidade mais profunda, apoderar-vos de um deus — mas não procureis apoderar-vos de mim!

A minha desdita, a minha dita são profundas, dia singular, mas não sou todavia um deus, nem o inferno de um deus: *Profunda é a sua dor.*

A dor de Deus é mais profunda, ó mundo singular. Apodera-te da dor de Deus e não de mim. Quem sou eu, com efeito? Uma doce lira embriagada, uma lira de Meia-noite, o apelo aflautado do sapo.

Ninguém me compreende mas tenho de falar a surdos, Homens superiores. Porque vós não me compreendeis em nada!

Passada, passada, ó minha juventude! Ó Meio-dia! Ó Tarde! Agora caiu o crepúsculo, a noite, Meia-noite — o vento uiva como um cão,

Não será o vento também um cão? Geme, ladra, uiva. Como suspira, como ri, como soluça e geme, a noite da Meia-noite.

Como fala com sabedoria, esta poetisa embriagada! Decerto afogou a sua embriaguez no vinho? Tornou-se extralúcida? Rumina?

Antiga e profunda treva da Meia-noite, rumina o seu mal em sonhos, e mais ainda do que o seu prazer. Porque se o mal é profundo, mais profunda é a alegria.

9

Por que me dispensas louvor, vinha? Podei-te. Sou cruel. Sangras. Que significam os louvores que dispensas à minha crueldade embriagada?

«Tudo o que alcança a sua perfeição, tudo o que está maduro quer morrer», dizes tu. Abençoada, abençoada seja a podoa do podador! Mas tudo o que está ainda verde quer viver — ai! para amadurecer, para conhecer a alegria e o desejo,

O mal diz: «Passa! Vai-te, dor!» Mas tudo o que sofre quer viver para amadurecer, para conhecer a alegria e o desejo,

— o desejo das coisas longínquas, mais altas, mais claras. «Quero herdeiros, diz tudo o que sofre, quero filhos, não é a mim que quero.»

Mas a alegria não quer filho; nem herdeiros — a alegria deseja-se a si mesma, quer a eternidade, o Regresso, e que tudo continue eternamente igual a si mesmo.

A dor diz: «Desfibra-te, sangra, ó coração! caminha, pernas! Voai, asas!» Para diante, sobe, ó dor! — Vamos, coragem, meu velho coração: *A dor diz: Passa e perece!*

10

Homens superiores, que vos parece, serei um profeta? um sonhador? um homem ébrio? um intérprete dos sonhos? o sino da Meia-noite?

Uma gota de orvalho? um pavor, um perfume de eternidade? Não ouvis, não sentis que o mundo, o meu, acaba de atingir a sua perfeição? A Meia-noite, é também o Meio-dia.

A dor é também alegria, a maldição é bênção, a noite é também sol. Ide-vos, ou aprendei que um sábio é também um louco.

Alguma vez dissestes sim a uma alegria? Ó meus amigos, então dissestes ao mesmo tempo sim a todas as dores. Todas as coisas estão encadeadas, misturadas, amorosamente enlaçadas.

Alguma vez desejastes que uma mesma coisa se repetisse? Alguma vez dissestes: «Agradas-me, felicidade, piscar de olhos, instante!» Então desejastes o Regresso de *todas as coisas*,

voltando todas de novo, todas eternas, encadeadas, misturadas, amorosamente enlaçadas; oh! Foi assim que amastes o mundo!

Vós próprios eternos, vós amai-lo eternamente e sempre; e à dor dizeis: «Passa — mas regressa!» *Porque a alegria quer eternidade!*

11

Toda a alegria quer a eternidade de todas as coisas, quer o mel, quer o fel, quer a embriaguez da Meia-noite, quer as sepulturas, quer

a consolação das lágrimas fúnebres, quer o esplendor dourado do poente,

Que não há-de querer a alegria! Ela é mais ávida, mais terna, mais esfomeada, mais terrível, mais secreta do que todos os males; quer-se a si mesma, morde-se na sua própria carne, nela confirma-se a vontade do ciclo eterno.

Ela quer o amor, quer o ódio, é de uma riqueza superabundante, dá, desperdiça, suplica que se aceitem as suas dádivas, agradece àqueles que aceitam, deseja que a odeiem.

A alegria é tão rica que tem sede de dor, de inferno, de ódio, de opróbrio, de enfermidade, de *mundo* — não a conheceis bem!

Homens superiores, tem sede de vós, essa alegria indomável e bem-aventurada — sede dos vossos males, sede de criaturas mal logradas.

Porque toda a alegria se estima a si mesma — quer também por isso a aflição. Ó felicidade, ó dor! Quebra-te, ó coração! Ficai sabendo, Homens superiores, que toda a alegria quer a eternidade.

A alegria quer a eternidade de todas as coisas, *quer uma profunda, profunda eternidade.*

12

E agora, aprendestes o meu canto? Adivinhastes o que quero dizer? Vamos, coragem! Homens superiores, cantai agora o meu canto.

Cantai a canção cujo título é: Mais uma vez!» e cujo sentido é: «Por toda a eternidade». Entoai, Homens superiores, o canto de Zaratustra:

Homem, ouve!
Que diz a Meia-noite com a sua voz grave?
«Eu estava mergulhado no sono,
Emergia de um sono profundo.
«O universo é profundo, profundo!
Mais do que o Dia pode imaginar.
Profundos são o seu mal e a sua dor,
Mais profunda ainda é a sua alegria.
A dor diz: «Passa e perece!»
Mas a alegria quer a eternidade,
Quer a profunda eternidade.»

20. O Sinal

Mas na manhã que se seguiu a esta noite, Zaratustra saltou abaixo da sua cama, cingiu os rins e saiu da caverna, ardente e

vigoroso como o sol matutino que se liberta das montanhas sombrias.

«Grande astro, — disse ele, como tinha dito antigamente, — olho profundo da felicidade, que seria da tua felicidade se não tivesses aqueles a quem iluminas,

ou se ficassem nos seus quartos quando estás já acordado, quando apareces para prodigalizar os teus dons e repartir-te! Como ficaria ferido o teu orgulhoso pudor!

Mas se estes Homens superiores ainda estão a dormir, quanto a mim estou acordado; não são os verdadeiros companheiros que me convêm. Não é a eles que espero aqui na minha montanha.

Quero principiar o meu labor, o meu dia; mas eles não compreendem os sinais que antecedem a minha aurora, o meu passo não os arranca do sono.

Ainda dormem na minha caverna, o seu sonho ainda se alimenta com os meus cantos de embriaguez. Mas o ouvido que me há-de ouvir, o ouvido que me há-de obedecer ainda não lhes foi dado.»

Zaratustra dizia estas coisas consigo, enquanto o sol ia subindo. Mas levantou os olhos com ar interrogador, porque ouvia por cima de si o grito penetrante da sua águia.

«Bem — gritou para o alto — assim me agrada e me convém! —
Os meus animais estão acordados porque eu estou acordado.

A minha águia acordou e adora o sol como eu. Com as suas garras de águia, procura apoderar-se do dia novo. Sim, sois meus, meus animais! Amo-vos. Mas ainda não encontrei os Homens que devem ser meus.»

Assim falava Zaratustra, mas aconteceu que foi de repente rodeado por um voo e um enxame de pássaros inumeráveis; e o ruflar de todas aquelas asas e o bulício à volta da sua cabeça eram tão intensos que fechou os olhos. E na verdade, ficou como cercado por uma nuvem, uma nuvem de setas abatendo-se sobre um novo inimigo. Mas era uma nuvem de ternura, que se abatia sobre um novo amigo.

«*Que me está a suceder?*» pensou Zaratustra consigo, muito surpreendido, e foi lentamente sentar-se numa grande pedra que estava à entrada da sua caverna. Mas como estendesse as mãos à volta dele, por cima dele e por baixo dele para afastar as ternas aves, eis que lhe sucedeu uma coisa ainda mais surpreendente: a sua mão mergulhou de repente num toão espesso e quente, enquanto um rugido ressoava diante dele — um demorado e doce rugido de leão.

«*O Sinal está próximo!* disse Zaratustra, desfalecendo. E quando voltou a si, viu uma fera poderosa deitada a seus pés, esfregando

a cabeça nos seus joelhos, tão cheia de amor que já não o quis deixar, como um cão que volta a encontrar o seu antigo dono. Mas as pombas na sua ternura não eram menos demonstrativas do que o leão; e sempre que uma pomba lhe roçava o focinho, o leão sacudia a cabeça com ar surpreso e ria-se.

A tudo isto, Zaratustra dava apenas uma resposta:

«Meus filhos, meus filhos, aproximai-vos!»

Depois do que emudeceu completamente. Mas tinha o coração aliviado, e as lágrimas caíam-lhe dos olhos gota a gota, inundando-lhe as mãos. E sem dar atenção a mais nada, continuou sentado, imóvel, sem mesmo se defender dos animais. Então as pombas começaram a adejar à sua volta, a pousar-lhe nos ombros e a bicar os seus cabelos brancos, infatigáveis na sua ternura e na sua alegria. Mas o poderoso leão lambia as lágrimas que caíam nas mãos de Zaratustra, rugindo e rosnando timidamente. Assim se comportavam estes animais.

Tudo isto durou um espaço demorado ou curto; porque, para dizer a verdade, para tais coisas, deixou de haver tempo na terra. Entrementes, os Homens superiores tinham acordado na caverna de Zaratustra para lhe oferecer a saudação matinal. Porque, ao acordarem, se tinham dado conta de que já não estava junto deles. Mas como chegassem à entrada da caverna, precedidos pelo rumor dos seus passos, o leão teve um sobressalto poderoso, afastou-se bruscamente de Zaratustra e precipitou-se para a caverna com um

rugido feroz. E ouvindo-o rugir, os Homens superiores berraram todos em unísono, fugiram e desapareceram num abrir e fechar de olhos.

Mas o próprio Zaratustra, aturdido e distraído, levantou-se do seu assento, olhou à sua volta, permaneceu estupefacto, interrogou o coração, recuperou o domínio de si — e achou-se sozinho.

«Mas que foi que ouvi? — disse afinal, lentamente. — Que me sucedeu agora mesmo?»

E já lhe voltava a memória, e compreendeu de repente tudo o que tinha sucedido desde o crepúsculo até à alvorada.

«Aqui está a pedra», disse cofiando a barba, «onde me sentei ontem de manhã. E foi aqui que me abordou o Profeta, e foi aqui que pela primeira vez ouvi o grito que voltei a ouvir novamente, o grande grito de angústia.

Homens superiores, era da vossa angústia que o velho Profeta me falava ontem de manhã.

Queria servir-se da vossa angústia para me seduzir e me persuadir.

«Ó Zaratuŕtra, dizia-me ele, venho induzir-te ao teu último pecado.»

«O meu último pecado?» exclamou Zaratuŕtra, rindo com cólera das suas próprias palavras. «Que perspectivas me restam ainda que não sejam as do meu último pecado?»

E outra vez Zaratuŕtra se absorveu em si próprio e voltou a sentar-se na grande pedra para refletir. Ergueu-se de repente.

«A compaixão! A compaixão pelo Homem superior!» — exclamou, e o seu semblante parecia vazado em bronze. «Seja! Já passou o tempo.

Quer eu padeça ou me compadeça — que importa? Acaso aspiro  felicidade? Aspiro  minha obra.

De p! Chegou o leão, os meus filhos não tardam, Zaratuŕtra está sazonado, chegou a minha hora.

Eis a minha alvorada, o meu dia que se levanta. *Aparece, sobe para o céu,  grande Meio-dia!*»

Assim falava Zaratuŕtra, e deixou a sua caverna, ardente e vigoroso como o som matinal que se liberta das sombrias montanhas.

